



# Contos Árabes

PandorgA

# Contos Árabes

PandorgA



1

# Contlos Arabes

Todos os direitos reservados  
Copyright © 2021 by Editora Pandorga

**Direção Editorial**  
Silvia Vasconcelos

**Produção Editorial**  
Equipe Editora Pandorga

**Tradução e Organização**  
Juliana Garcia

**Revisão**  
Carla Paludo

**Capa e Projeto Gráfico**  
Lumiari Design

**Formato Digital (eBook):**  
[Sergio Gzeschnik](#)

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

---

C763

Contos Árabes [recurso eletrônico] / vários autores ; organizado por Juliana Garcia ; traduzido por Juliana Garcia. – Cotia : Pandorga, 2021

Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5579-0887 (Ebook)

1. Literatura árabe. 2. Contos árabes. 2. Cultura árabe. I. Garcia, Juliana. II. Título.

2021-2101

CDD 892.7  
CDU 821.411.21

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura árabe 892.7
2. Literatura árabe 821.411.21

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À

**EDITORIA PANDORGA**

THE SQUARE GRANJA VIANNA

RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 22 – LAGEADINHO  
COTIA – SÃO PAULO – BRASIL – 06709-015

TEL. (11) 4612-6404

[www.editorapandorga.com.br](http://www.editorapandorga.com.br)

# *Sumário*

## **1 – Contos Árabes**

- Introdução
- As mil e uma noites
- O mercador e o gênio
  - A história do primeiro velho e dos hindus
  - A história do segundo velho e dos dois cães negros
- A caravana e a história da cegonha califa
- A aventura do viajante
- Ali Baba e os quarenta ladrões
- O cego Baba-Abdalla
- As duas irmãs que tinham ciúme de sua irmã mais nova
- A tumba de Noosheerwân
- O filho do rei
- Príncipe Beder e a princesa Giuhara
- Referências

## **2 – Contos Árabes**

- Introdução
- Aladim
- A casa mal-assombrada de Bagdá
- O astrólogo sapateiro
- O cavalo mágico
- As viagens e aventuras de Simbad, o Marujo
- O pequeno corcunda
- Ameen e o Ghoul

As duas gatas  
As três maçãs  
O homem que nunca riu  
Os pássaros que viraram amigos do rei  
Seres, animais e lugares mitológicos  
Referências

## *Introdução*

**M**odelos de autoridade política, administrativa e religiosa, estruturas econômicas e judiciais, sistemas de educação, arte e arquitetura, ciência, medicina e literatura são alguns dos traços que provavelmente virão à mente se pensarmos na palavra “árabe”. Contudo, definir exatamente o conceito da palavra é muito difícil: o mundo árabe moderno e sua memória coletiva não podem ser entendidos nem definidos sem que levemos em consideração todos os séculos de história por trás.

Quando falamos em Árabes, estamos falando, na verdade, de um complexo mosaico cultural, religioso e étnico que influenciou e enriqueceu diferentes regiões no passado e ajudou a mapear o mundo moderno.

Dada a extensão territorial das conquistas árabes e a quanto tempo elas remontam, é fácil de se imaginar a quantidade de culturas e etnias que tiveram contato com o antigo mundo. Persas, turcos, curdos, berberes, mongóis, muçulmanos, cristãos e judeus, todos construíram e contribuíram para diferentes partes do desenvolvimento dessa civilização.



Fonte disponível em:  
<https://mybrainsociety.wordpress.com/2017/09/11/islao/>. Nota: o mapa retrata os países e fronteiras atuais, não os da época.

Os persas desempenharam um grande papel no surgimento das ciências e artes islâmicas, filosofia e teologia, e a influência da cultura persa está, inclusive, muito presente nos contos das *Mil e uma noites*. Ainda que se trate de povos de origens e línguas diferentes, muitas histórias desta coletânea se passam na antiga Pérsia, ou fazem alusão à região.

A tradição da literatura árabe remonta a cerca de dezesseis séculos na Península Arábica. Em certos pontos do desenvolvimento da civilização europeia, a cultura literária do Islã e seu meio de expressão árabe passaram a ser considerados não apenas modelos a serem copiados, mas muitas vezes também fontes diretas de inspiração para as comunidades intelectuais da Europa. Curiosamente, a palavra árabe usada para literatura é “Adab”, que

deriva de um significado de etiqueta e que implica educação, cultura e enriquecimento.

Ao falarmos em literatura popular árabe, é impossível não pensar nas *Mil e uma noites*, a famosa coleção de contos populares do Oriente Médio compilados em árabe durante a Idade de Ouro islâmica.

A obra foi coletada ao longo de muitos séculos por vários autores, tradutores e estudiosos da Ásia e do norte da África. Alguns contos têm suas raízes no folclore e literatura árabes, medievais, egípcios, indianos, persas e mesopotâmicos.

Trata-se de uma coletânea de contos independentes, unidos por um ponto em comum: a narrativa inicial em torno do comandante Shahryar e Sheherazade. Conta-se que Shahryar fora casado com uma mulher por quem tinha o mais profundo amor. Contudo, ao descobrir que sua esposa havia sido infiel durante suas ausências, ordena que a matem junto àqueles com quem ela o traiu. Decepcionado com as mulheres em geral e imaginando que todas fossem iguais a sua ex-esposa, ele decide se casar e mandar matar uma nova esposa a cada dia até que nenhuma outra candidata pudesse ser encontrada.

Sheherazade, a filha de seu vizir, fica sabendo dos planos do sultão e pede ao pai que a ofereça em casamento, alegando que tinha um plano para salvar a si mesma e às outras mulheres. Após o casamento, Sheherazade começa a contar ao marido uma história, mas a deixa incompleta e promete terminá-la no dia seguinte. As histórias são tão divertidas e o sultão fica tão ansioso para saber o fim delas, que ele adia a execução de Sheherazade dia após dia e finalmente abandona seu plano cruel.

Por volta do século XX, estudiosos ocidentais concordaram que as *Mil e uma noites* é uma coletânea de histórias populares transmitidas inicialmente de forma oral e que foram desenvolvidas durante vários séculos. Trata-se de

uma obra de várias camadas, cujo material foi adicionado aleatoriamente em diferentes períodos e lugares.

A primeira tradução europeia das *Noites* foi feita por Antoine Galland (*Les Mille et Une Nuits, contes arabes traduits en français*). O texto principal de Galland era um manuscrito sírio de quatro volumes, mas as edições posteriores contêm muitas histórias de tradição oral que ele havia ouvido ao longo de sua vida e resolveu acrescentá-las. Algumas das histórias comumente associadas a *Mil e uma noites* como “Aladim” e “Ali Baba e os quarenta ladrões”, não faziam parte da coleção em suas versões originais em árabe, mas foram adicionadas por Galland depois que ele as ouviu de um contador de histórias sírio.

É claro que a expressão *Mil e uma noites* se destinava meramente a indicar um grande número e as palavras só foram tomadas literalmente mais tarde, quando mais histórias foram somadas para compor o número.

Neste livro, tentamos trazer a você, leitor, um pouco da experiência mágica e extremamente rica da literatura árabe, seja através das lindas histórias selecionadas das *Mil e uma noites* ou de outros curiosos contos de autores árabes.



يَرِكَ كُلَّ الْشَّرِبِ شَدِيدٍ  
سَقَارَ مُجِدًا لِرَبَّاصَةَ بَذِيرَ خَسِيلَسَ الْمُلَاقِينَ  
فَلَا يَوْجِدُ فِي خَلَقِهِ مَا تَبَرَّعَ



## *As mil e uma noites*

Nas crônicas da antiga dinastia dos Sassanidae, que reinaram por cerca de quatrocentos anos – da Pérsia às fronteiras da China, além do próprio grande rio Ganges –, lemos os louvores de um de seus reis que foi eleito o melhor monarca de seu tempo. Seus súditos o amavam e seus vizinhos o temiam e, quando ele morreu, deixou seu reino em uma condição mais próspera e poderosa do que qualquer rei havia feito antes dele.

Seus dois filhos se amavam ternamente, e foi uma verdadeira tristeza para o mais velho, Schahriar, que as leis do império o proibissem de compartilhar seus domínios com seu irmão Schahzeman. Depois de dez anos, Schahriar isolou o país da Grande Tartária do Império Persa e fez seu irmão rei.

Agora o sultão Schahriar tinha uma esposa a quem amava mais do que todo o mundo e sua maior felicidade era cercá-la de esplendor e dar-lhe os melhores vestidos e as mais belas joias. Foi, portanto, com a mais profunda vergonha e tristeza que ele accidentalmente descobriu, depois de vários anos, que ela o havia enganado completamente, e toda a sua conduta acabou sendo tão ruim que ele se sentiu obrigado a cumprir a lei do país e ordenar ao grão-vizir que a matasse. A decepção foi tão forte que sua mente quase cedeu e ele declarou que tinha certeza de que, no fundo, todas as mulheres eram tão más quanto a sultana, se você pudesse desmascará-las, e que, quanto menos mulheres no mundo, melhor. Assim, todas as noites ele se casava com uma nova esposa e fazia com que ela fosse estrangulada na manhã seguinte diante do grão-vizir, cujo dever era fornecer essas noivas

infelizes para o sultão. O pobre cumpria sua tarefa com relutância, mas não havia como escapar, e todos os dias via uma jovem casar e uma esposa ser morta.

Esse comportamento causou o maior horror na cidade, onde nada se ouvia além de gritos e lamentações. Em uma casa, havia um pai chorando pela perda de sua filha, em outra, uma mãe temendo pelo destino de sua filha; e, em vez das bênçãos que antes haviam sido acumuladas sobre a cabeça do sultão, o ar agora estava cheio de maldições.

O próprio grão-vizir era pai de duas filhas: a mais velha se chamava Sherazade e a mais nova, Dinarzade. Dinarzade não tinha dons especiais que a distinguissem das outras garotas, mas sua irmã era inteligente e corajosa no mais alto grau. Seu pai lhe dera os melhores professores em filosofia, medicina, história e artes plásticas e, além de tudo isso, sua beleza superava a de qualquer garota do reino da Pérsia.

Um dia, quando o grão-vizir estava conversando com sua filha mais velha, que era seu deleite e orgulho, Sherazade disse-lhe:

- Pai, tenho um favor a lhe pedir. Você me concederá?
- Não posso recusar nada – respondeu ele – que seja justo e razoável.
- Então ouça – disse Sherazade. – Estou determinada a impedir essa prática bárbara do sultão e a livrar as moças e mães do terrível destino que pesa sobre elas.
- Seria excelente – respondeu o grão-vizir –, mas como você pretende conseguir isso?
- Meu pai – respondeu Sherazade –, é você que deve dar ao sultão uma nova esposa todos os dias, e eu lhe imploro, por todo o carinho que tem por mim, que permita que a honra recaia sobre mim.

– Você está louca? – gritou o grão-vizir, recuando horrorizado. – O que colocou tal coisa em sua cabeça? Você já devia saber o que significa ser a noiva do sultão!

– Sim, meu pai, eu sei – respondeu ela – e não tenho medo de pensar nisso. Se eu falhar, minha morte será gloriosa e, se eu tiver sucesso, terei prestado um grande serviço a meu país.

– Não adianta – disse o grão-vizir –, jamais consentirei. Se o sultão quisesse que eu enfiasse uma adaga em seu coração, eu teria de obedecer. Que tarefa para um pai! Ah, se você não teme a morte, tema de qualquer maneira a angústia que você me causaria.

– Mais uma vez, meu pai – disse Sherazade –, você me concederá o que peço?

– O quê, você ainda está pensando nisso? – exclamou o grão-vizir. – Por que você está tão determinada a decretar sua própria ruína?

Mas a donzela se recusou terminantemente a atender às palavras do pai e, por fim, em desespero, o grão-vizir foi obrigado a ceder e, triste, foi ao palácio dizer ao sultão que na noite seguinte ele o traria Sherazade.

O sultão recebeu a notícia com grande espanto.

– Como você se decidiu – perguntou ele – a sacrificar sua própria filha a mim?

– Senhor – respondeu o grão-vizir –, é o desejo dela. Mesmo o triste destino que a aguarda não conseguiu fazê-la mudar de ideia.

– Que não haja engano, vizir – disse o sultão. – Lembre-se de que você mesmo terá de tirar a vida dela. Se recusar, juro que sua cabeça pagará pela pena.

– Senhor – respondeu o vizir –, custe o que custar, vou obedecê-lo. Embora seja um pai, também sou seu súdito.

Então o sultão disse ao grão-vizir que ele poderia trazer sua filha assim que quisesse.

O vizir levou a notícia a Sherazade, que a recebeu como se fosse a coisa mais agradável do mundo. Ela agradeceu calorosamente ao pai por ceder aos seus desejos e, ao vê-lo ainda curvado pela dor, disse-lhe que esperava que ele nunca se arrependesse de ter permitido que ela se casasse com o sultão. Então ela foi se preparar para o casamento e implorou que sua irmã Dinarzade fosse chamada para falar com ela.

Quando elas ficaram sozinhas, Sherazade se dirigiu a ela assim:

– Minha querida irmã, quero sua ajuda em um assunto muito importante. Meu pai vai me levar ao palácio para celebrar meu casamento com o sultão. Quando sua alteza me receber, eu lhe implorarei, como um último favor, que deixe você dormir em nosso quarto, para que eu possa ter sua companhia durante a última noite em que estarei viva. Se, como espero, ele me conceder meu desejo, certifique-se de me acordar uma hora antes do amanhecer e falar comigo nestas palavras: “Minha irmã, se você não está dormindo, eu imploro, antes do nascer do sol, que me conte uma de suas histórias encantadoras”. Então começarei e espero, dessa forma, livrar o povo do terror que reina sobre ele.

Dinarzade respondeu que faria com prazer o que sua irmã desejasse.

Quando chegou a hora habitual, o grão-vizir conduziu Sherazade ao palácio e deixou-a sozinha com o sultão, que a mandou levantar o véu e ficou maravilhado com a sua beleza, mas, vendo os olhos dela cheios de lágrimas, ele perguntou o que estava acontecendo.

– Senhor – respondeu Sherazade –, tenho uma irmã que me ama tanto quanto eu a amo. Conceda-me o favor de deixá-la dormir esta noite no mesmo quarto, pois é a última vez que ficaremos juntas.

Schahriar consentiu com o pedido de Sherazade e Dinarzade foi chamada.

Uma hora antes do amanhecer, Dinarzade acordou e exclamou, como havia prometido: “Minha irmã, se você não está dormindo, eu imploro, antes do nascer do sol, que me conte uma de suas histórias encantadoras. É a última vez que eu terei o prazer de ouvi-la”.

Sherazade não respondeu à irmã, mas voltou-se para o sultão.

– Sua alteza permitirá que eu faça o que minha irmã pede?

– De boa vontade – respondeu ele.

Então Sherazade começou.



Por muitas noites, Sheherazade seguiu maravilhando o sultão com suas histórias, sempre interrompendo-as antes do fim para que ela pudesse terminá-las no dia seguinte e, assim, lhe fosse concedido mais um dia de vida. Após tanto tempo, prorrogando sua decisão, o sultão acaba desistindo de seu plano original e a vida de Sherazade é poupada.







## *O mercador e o gênio*

(de *As mil e uma noites*. Andrew Lang, 1898)

*Nas Mil e uma noites, o sultão, descobrindo uma traição de sua mulher, desaponta-se com todas as mulheres do reino e decide, em vingança, casar-se diariamente com uma e mandar executá-la no dia seguinte. Sherazade é a filha do grão-vizir e arquiteta um plano para dar um fim a essa situação. Para isso, ela conta suas histórias para o sultão dia após dia, até que ele desista de seu plano.*

*A primeira história narrada por Sherazade começa assim:*

**S**enhore, era uma vez um comerciante que possuía grande riqueza em terras e mercadorias, bem como em dinheiro disponível. De vez em quando, era obrigado a fazer viagens para organizar seus negócios. Um dia, tendo que percorrer um longo caminho até muito longe de casa, montou em seu cavalo, levando consigo uma pequena carteira na qual havia colocado alguns biscoitos e tâmaras, porque teria que passar pelo deserto, onde não havia comida. Ele chegou sem nenhum contratempo e, tendo encerrado seus negócios, partiu em sua viagem de retorno. No quarto dia de viagem, com o calor do sol muito forte, o mercador saiu da estrada para descansar sob algumas árvores. Ele encontrou ao pé de uma grande nogueira uma fonte de água límpida e corrente. Amarrando seu cavalo a um galho de árvore, o homem sentou-se perto da fonte, depois de ter tirado de

sua carteira algumas de suas tâmaras e biscoitos. Quando terminou de comer, lavou o rosto e as mãos na fonte.

Enquanto estava ocupado tentando comer, o mercador viu um gênio enorme, vermelho de raiva, vindo em sua direção, com uma cimitarra na mão.

– Levante-se – gritou ele com uma voz terrível – e deixe-me matá-lo como você matou meu filho!

Ao proferir essas palavras, o gênio deu um grito forte. O comerciante, apavorado tanto com a face horrenda do monstro quanto com suas palavras, respondeu-lhe trêmulo:

– Ai de mim, meu bom senhor, o que posso ter feito para merecer a morte?

– Eu irei matá-lo – repetiu o gênio – como você matou meu filho.

– Mas – disse o comerciante – como posso ter matado o seu filho? Não o conheço e nem mesmo o vi.

– Quando você chegou aqui, você não se sentou no chão? Você não tirou algumas tâmaras da carteira e, enquanto comia, não atirou os caroços por aí?

– Sim – disse o comerciante –, certamente fiz isso.

– Então – disse o gênio – eu lhe digo que você matou meu filho, pois, enquanto você estava atirando os caroços nas pedras, meu filho passou e um deles o atingiu no olho e o matou. Então, eu o matarei.

– Ah, senhor, me perdoe! – gritou o comerciante.

– Não terei piedade de você – respondeu o gênio.

– Mas eu matei seu filho sem querer, então imploro que poupe minha vida.

– Não – disse o gênio –, vou matá-lo como você matou meu filho. – E, assim dizendo, agarrou o comerciante pelo braço, jogou-o no chão e ergueu seu sabre para decepar sua cabeça.

O comerciante, protestando sua inocência, lamentou o que seria de sua esposa e filhos e tentou lamentavelmente evitar seu destino. O gênio, com sua cimitarra erguida, esperou até que ele terminasse, mas não foi nem um pouco tocado.

Sherazade, a essa altura, vendo que já era dia e sabendo que o sultão sempre se levantava muito cedo para comparecer ao conselho, parou de falar.

– Realmente, irmã – disse Dinarzade –, esta é uma história maravilhosa.

– O resto é ainda mais maravilhoso – respondeu Sherazade. – E vocês veriam isso se o sultão me permitisse viver mais um dia e me desse permissão para contar a vocês na próxima noite.

Schahriar, que ouvia Sherazade com prazer, disse a si mesmo: “Esperarei até amanhã, posso mandar matá-la quando ouvir o final de sua história”.

Todo esse tempo o grão-vizir estava desesperado, mas ele ficou muito feliz quando viu o sultão entrar na câmara do conselho sem dar a terrível ordem que esperava.

Na manhã seguinte, antes do raiar do dia, Dinarzade disse à irmã:

– Querida irmã, se você está acordada, rogo que continue com sua história.

O sultão não esperou que Sherazade pedisse sua licença.

– Termine – disse ele – a história do gênio e do comerciante. Estou curioso para saber o final.

Então Sherazade continuou com a história. Isso acontecia todas as manhãs. A sultana contava uma história, e o sultão a deixava viver para terminá-la. E

assim foi naquela manhã.

Quando o comerciante viu que o gênio estava decidido a cortar sua cabeça, ele disse:

– Mais uma palavra, eu imploro. Conceda-me mais algum tempo, apenas para que eu vá para casa e possa me despedir de minha esposa e filho. Quando eu tiver feito isso, voltarei aqui, e você poderá me matar.

– Mas – disse o gênio – se eu conceder o tempo que você pede, temo que você não volte.

– Dou-lhe minha palavra de honra – respondeu o comerciante – que voltarei sem falta.

– Quanto tempo você precisa? – perguntou o gênio.

– Peço-lhe um ano de graça – respondeu o comerciante. – Eu prometo que daqui a doze meses estarei esperando sob estas árvores para me entregar a você.

Com isso, o gênio o deixou perto da fonte e desapareceu.

O mercador, recuperado do susto, montou em seu cavalo e seguiu seu caminho.

Quando ele voltou para casa, sua esposa e seus filhos o receberam com grande alegria, mas, em vez de abraçá-los, ele começou a chorar tão amargamente que eles logo adivinharam que algo terrível estava acontecendo.

– Diga-nos, eu lhe peço – disse sua esposa –, o que aconteceu.

– Ai de mim! – respondeu o marido. – Tenho apenas um ano de vida.

Então ele contou o que havia acontecido entre ele e o gênio e como ele havia dado sua palavra sobre voltar no final de um ano para ser morto. Quando ouviram essa triste notícia, todos ficaram desesperados e choraram muito.

No dia seguinte, o comerciante começou a resolver seus negócios e, antes de tudo, a pagar suas dívidas. Ele deu presentes aos seus amigos e grandes esmolas aos pobres, colocou seus escravos em liberdade e proveu para sua esposa e filhos. O ano logo passou e ele foi obrigado a partir. Quando tentou se despedir, foi dominado pela tristeza e com dificuldade se afastou. Por fim, ele alcançou o lugar onde vira o gênio pela primeira vez, no mesmo dia em que ele havia indicado. Ele sentou-se à beira da fonte, onde aguardou o gênio em terrível suspense.

Enquanto esperava, um velho conduzindo uma corça veio em sua direção. Eles se cumprimentaram, e então o velho disse a ele:

– Posso perguntar, irmão, o que o trouxe a este lugar deserto, onde existem tantos gênios do mal? Alguém poderia imaginar que era para ver essas belas árvores, mas é um lugar perigoso para ficar parado por muito tempo.

O comerciante contou ao velho por que ele fora obrigado a ir até lá, que o ouviu com espanto.

– Que extraordinário. Eu gostaria de ser uma testemunha de seu encontro com o gênio – dizendo isso, sentou-se ao lado do comerciante.

Enquanto conversavam, outro velho apareceu, seguido por dois cachorros pretos. Ele cumprimentou-os e perguntou o que estavam fazendo naquele lugar. O velho que guiava a corça contou-lhe a aventura do mercador e do gênio. Mal ouvira a história e o segundo velho também decidiu ficar lá para ver o que aconteceria. Ele sentou-se ao lado dos outros e estavam conversando quando um terceiro velho chegou. Este perguntou por que o

comerciante que estava com eles parecia tão triste. Eles lhe contaram a história, e ele também resolveu ver o que aconteceria entre o gênio e o comerciante, então esperou com o resto.

Eles logo viram ao longe uma fumaça densa, como uma nuvem de poeira. Essa fumaça se aproximava cada vez mais e então, de repente, sumiu. Logo apareceu o gênio, que, sem falar com eles, aproximou-se do comerciante com a espada na mão e, segurando-o pelo braço, disse:

– Levante-se e deixe-me matá-lo como você matou meu filho.

O comerciante e os três velhos começaram a chorar.

Então o velho que guiava a corça atirou-se aos pés do gênio e disse:

– Ó príncipe dos gênios, imploro que contenha sua fúria e me escute. Vou lhe contar minha história e a da corça que eu tenho comigo e, se você a achar mais maravilhosa do que a do comerciante que você está prestes a matar, espero que me conceda um terço de sua punição.

O gênio pensou por algum tempo e então disse:

– Muito bem, estou de acordo.

## A história do primeiro velho e dos hindus

Vou agora começar a minha história, disse o velho. Por favor, venham aqui.

Essa corça que você vê comigo é minha esposa. Não temos filhos, portanto, adotei o filho de uma serva favorita e me determinei a torná-lo meu herdeiro.

Minha esposa, porém, tinha grande antipatia tanto pela mãe quanto pelo filho, o que ela escondeu de mim até tarde demais. Quando meu filho adotivo tinha cerca de dez anos, fui obrigado a fazer uma viagem. Antes de

ir, confiei à minha esposa sua guarda e implorei que ela cuidasse dele durante minha ausência, que durou um ano inteiro. Durante esse tempo, ela estudou magia a fim de realizar um plano perverso. Quando ela havia aprendido o suficiente, ela levou meu filho para um lugar distante e o transformou em um bezerro. Então ela o deu a um de meus homens e disse-lhe para cuidar do bezerro que ela havia comprado. Ela também transformou a serva em uma vaca, que ela também enviou aos meus homens.

Quando voltei, perguntei sobre a minha serva e a criança.

– Sua serva está morta – disse ela – e, quanto ao seu filho, não o vejo há dois meses e não sei onde está.

Fiquei triste ao saber da morte da minha ajudante, mas, como meu filho havia apenas desaparecido, achei que logo deveria encontrá-lo. Oito meses, entretanto, passaram-se e não obtive nenhuma notícia dele. Veio, então, a festa de Bairam.

Para comemorar, ordenei ao meu administrador que me trouxesse uma vaca muito gorda para ser sacrificada no ritual. A vaca que ele trouxe era minha infeliz serva. Eu a amarrei, mas, quando estava prestes a matá-la, ela começou a se mexer de forma lamentável, e vi que seus olhos estavam marejados. Aquilo me pareceu extraordinário e, sentindo um pouco de pena, ordenei ao administrador que a levasse embora e trouxesse outro animal no lugar. Minha esposa, que estava presente, zombou de minha compaixão, o que tornou sua malícia inútil.

– O que você está fazendo? Mate essa vaca. É a melhor que temos para sacrificar.

Para agradá-la, tentei novamente, mas, mais uma vez, as lágrimas do animal me desarmaram.

– Leve-a embora – disse ao administrador – e mate-a. Eu não consigo fazer isso.

O meu administrador a matou, mas, ao esfolá-la, descobriu que ela não passava de ossos, embora parecesse muito gorda. Eu fiquei, obviamente, chateado.

– Fique com ela para você – disse ao administrador – e, se você tiver um bezerro gordo, traga-o no lugar dela.

Em pouco tempo, ele trouxe um bezerro muito gordo, que, embora eu não soubesse, era meu filho. Ele se jogou aos meus pés, com a cabeça no chão, como se quisesse me provocar pena e me implorar para não tirar sua vida.

Fiquei ainda mais surpreso e comovido com essa ação do que com as lágrimas da vaca.

– Vá – disse ao administrador – e leve de volta este bezerro, tome muito cuidado com ele e traga-me outro em seu lugar imediatamente.

Assim que minha esposa me ouviu falar isso, ela imediatamente gritou:

– O que você está fazendo, marido? Não sacrifique nenhum bezerro senão este.

– Esposa – respondi –, não vou sacrificar este bezerro. Apesar de todas as objeções que ela fez, permaneci firme.

Mandei matar outro bezerro e aquele foi levado embora. No dia seguinte, o administrador pediu para falar comigo em particular.

– Eu vim – disse ele – para lhe dar uma notícia que acho que você vai gostar de ouvir. Tenho uma filha que conhece magia. Ontem, quando estava trazendo de volta o bezerro que você se recusou a sacrificar, percebi que ela sorriu e, logo em seguida, começou a chorar. Eu perguntei por que ela fazia

isso. Ela disse: “Pai, este bezerro é filho de nosso mestre. Sorrio de alegria ao vê-lo ainda vivo e choro ao pensar em sua mãe, que foi sacrificada ontem na forma de uma vaca. Essas mudanças foram feitas pela esposa do nosso mestre, que odiava a mãe e o filho”.

Deixo-vos imaginar o meu espanto ao ouvir isso. Fui imediatamente com o administrador falar com sua filha. Primeiro fui ao estábulo ver o meu filho, e ele respondeu com seu jeito bobo a todos os meus carinhos. Quando a filha do administrador veio, perguntei-lhe se ela poderia trazer meu filho de volta à sua forma adequada.

– Sim, posso – respondeu ela –, com duas condições: uma é que ele se case comigo e a outra é que me deixe punir a mulher que o transformou em bezerro.

– À primeira condição – respondi –, concordo com todo o meu coração e darei a você um amplo dote. À segunda também concordo, apenas imploro que poupe a vida dela.

– Sim, farei isso – respondeu ela. – Vou tratá-la como ela tratou seu filho.

Então ela pegou um vaso de água e pronunciou sobre ele algumas palavras que eu não entendi. Ao jogar a água sobre meu filho, ele se tornou imediatamente um jovem mais uma vez.

– Meu filho, meu filho querido! – exclamei, abraçando-o. – Esta gentil donzela salvou você de um terrível encantamento, e estou certo de que, por gratidão, você se casará com ela.

Ele consentiu com alegria, mas, antes de se casarem, a jovem transformou minha esposa em uma corça, e é ela que você vê na sua frente. Queria que ela tivesse esta forma, em vez de uma diferente, para que pudéssemos vê-la na família sem repugnância.

Desde então, meu filho ficou viúvo e foi viajar. Agora vou em busca dele e, não querendo confiar minha esposa aos cuidados de outras pessoas, vou levá-la comigo. Não é um conto maravilhoso?

– É verdade – disse o gênio – e por isso eu concedo a você um terço da punição deste comerciante.

Quando o primeiro velho terminou sua história, o segundo, que conduzia os dois cachorros negros, disse ao gênio:

– Vou lhe contar o que aconteceu comigo e tenho certeza de que você vai achá-la ainda mais surpreendente do que aquela que você acabou de ouvir. Mas, quando eu contar, você vai me conceder também um terço da punição do comerciante?

– Sim – respondeu o gênio –, desde que sua história ultrapasse a da corça.

Com este acordo, o segundo velho começou sua história.

## A história do segundo velho e dos dois cães negros

Grande príncipe dos gênios, você deve saber que somos três irmãos – esses dois cães negros e eu. Nosso pai morreu, deixando a cada um de nós mil moedas de ouro. Com essa soma, todos os três assumimos a mesma profissão e nos tornamos comerciantes. Pouco tempo depois de abrirmos nossas lojas, meu irmão mais velho, um desses dois cães, resolveu viajar para o exterior por causa de mercadorias. Com essa intenção, vendeu tudo o que tinha e comprou mercadorias adequadas às viagens que estava prestes a fazer. Ele partiu e ficou fora um ano inteiro. No final desse tempo, um mendigo veio à minha loja.

– Bom dia – disse eu.

– Bom dia – respondeu ele. – É possível que você não me reconheça?

Então eu olhei para ele de perto e vi que ele era meu irmão. Fiz com que ele entrasse em minha casa e perguntei-lhe como havia se saído em seu empreendimento.

– Não me questione, apenas olhe para mim: isso é tudo o que tenho. Falar sobre isso seria apenas renovar minha dificuldade em contar todos os infortúnios que se abateram sobre mim em um ano e me trouxeram a este estado.

Fechei minha loja e o levei ao banho, dando-lhe minhas vestes mais lindas. Examinei minhas contas e descobri que havia dobrado meu capital, isto é, que agora possuía duas mil moedas de ouro. Dei metade ao meu irmão, dizendo:

– Agora, irmão, pode esquecer suas perdas.

Ele as aceitou com alegria e vivemos juntos como antes.

Algum tempo depois, meu segundo irmão desejou também vender seu negócio e viajar. Meu irmão mais velho e eu fizemos tudo o que podíamos para dissuadi-lo, mas foi inútil. Ele se juntou a uma caravana e partiu. Voltou no final de um ano no mesmo estado de nosso irmão mais velho. Eu cuidei dele e, como tinha mil moedas de ouro sobrando, dei-as para que reabrisse sua loja.

Um dia, meus dois irmãos vieram até mim para propor que fizéssemos uma viagem e comércio. No início, recusei-me a ir.

– Vocês viajaram e o que conseguiram com isso? – retruquei.

Mas eles me procuraram várias vezes e, após ter resistido por cinco anos, finalmente cedi. Quando eles fizeram sua preparação e começaram a comprar as mercadorias de que precisávamos, descobriram que haviam gasto todas as mil moedas de ouro que eu lhes havia dado. Eu não os

repreendi. Dividi minhas seis mil moedas de ouro com eles, dando mil para cada um e ficando com mil para mim, e as outras três mil moedas enterrei em um canto de minha casa. Compramos mercadorias, carregamos um navio com elas e partimos com vento favorável.

Após dois meses de navegação, chegamos a um porto, onde desembarcamos e fizemos uma grande venda. Então compramos a mercadoria do país e estávamos prestes a navegar mais uma vez quando fui parado na praia por uma mulher bonita, embora mal vestida. Ela veio até mim, beijou minha mão e implorou que eu me casasse com ela e a levasse a bordo. A princípio recusei, mas ela implorou tanto e prometeu ser uma esposa tão boa para mim que finalmente consenti. Comprei vestidos lindos para ela e, depois de nos casarmos, embarcamos e zarpamos. Durante a viagem, descobri tantas qualidades boas em minha esposa que comecei a amá-la cada vez mais, mas meus irmãos começaram a ter ciúmes de minha prosperidade e começaram a conspirar contra minha vida. Uma noite, quando estávamos dormindo, eles jogaram minha esposa e eu no mar. Minha esposa, porém, era uma fada, por isso, não deixou eu me afogar, mas me transportou para uma ilha. Quando o dia amanheceu, ela me disse:

– Quando te vi na beira-mar, gostei muito de ti e quis experimentar a tua boa índole, por isso, apresentei-me com o disfarce que viste. Agora te recompensei salvando a tua vida. Mas estou muito zangada com seus irmãos e não descansarei enquanto não tirar suas vidas.

Agradeci à fada por tudo o que ela fez por mim, mas implorei que não matasse meus irmãos.

Acalmei sua ira e, em um instante, ela me transportou da ilha onde estávamos para o telhado de minha casa, desaparecendo logo depois. Desci, abri as portas e desenterrei as três mil moedas de ouro que havia enterrado. Fui até o local onde ficava minha loja, abri-a e recebi de meus

companheiros comerciantes os parabéns pela minha volta. Quando retornoi para casa, vi dois cachorros negros que vieram ao meu encontro com rostos tristes. Fiquei muito surpreso, mas a fada reapareceu e me disse:

– Não se surpreenda ao ver esses cães; eles são seus dois irmãos. Eu os condenei a permanecer por dez anos nessas formas.

Depois de me dizer onde eu poderia ter notícias dela, ela desapareceu.

Os dez anos quase se passaram e estou no caminho para encontrá-la. Durante minha passagem, encontrei este mercador e o velho com a corça e fiquei com eles.

Esta é minha história, ó príncipe dos gênios! Você não achou maravilhosa?

– Sim, de fato – respondeu o gênio. – E eu lhe darei um terço da punição do comerciante.

Então o terceiro velho fez ao gênio o mesmo pedido que os outros dois haviam feito, e o gênio lhe prometeu o último terço da punição do comerciante se sua história ultrapassasse as outras.

Então ele contou sua história ao gênio, mas eu não posso contar o que foi, porque eu não sei.

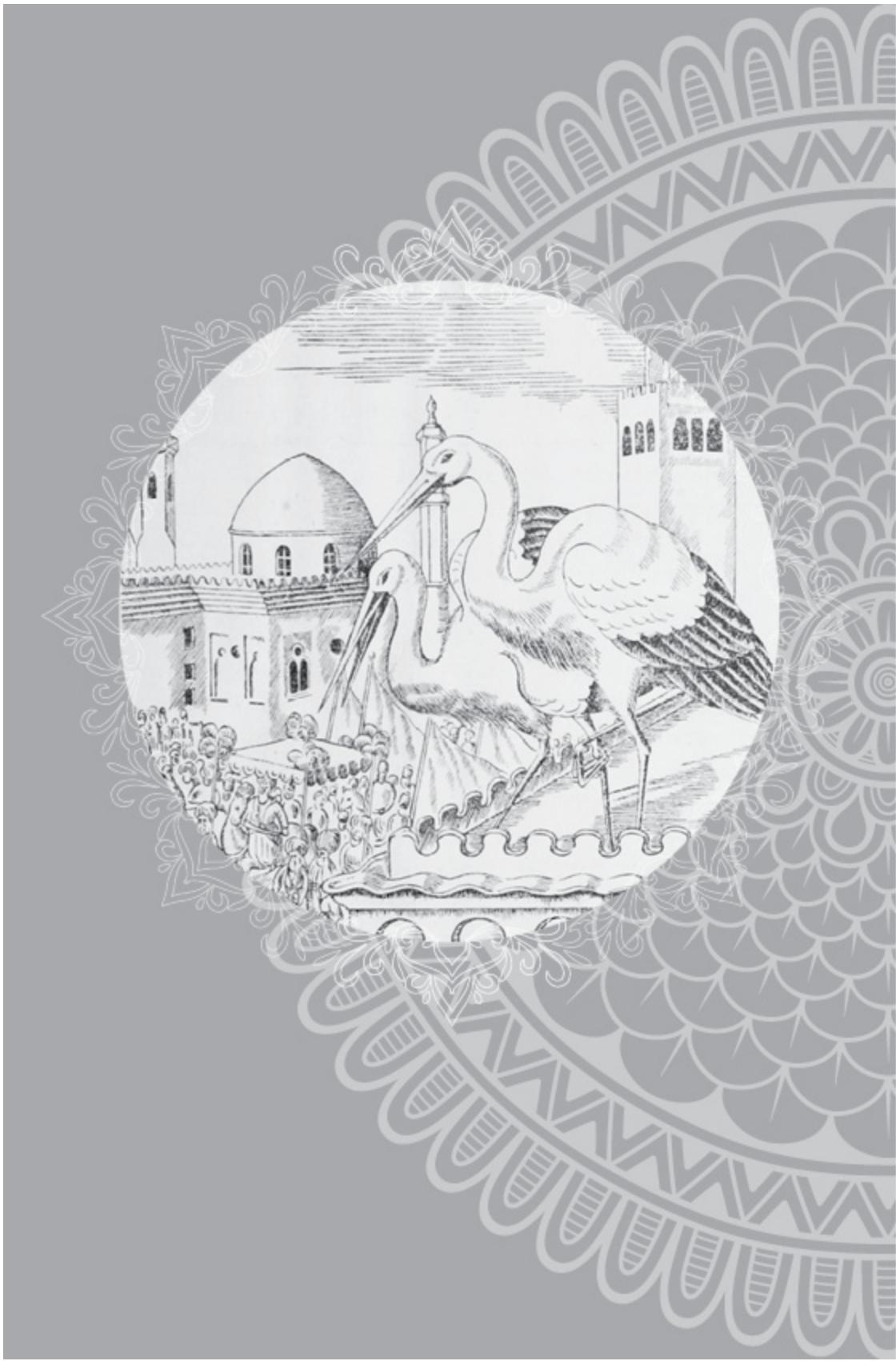
Mas sei que foi ainda mais maravilhosa do que qualquer uma das outras, de modo que o gênio se espantou e disse ao terceiro velho:

– Vou conceder a você um terço do castigo do comerciante. Ele deve agradecer a vocês três por terem se interessado em ajudá-lo. Se não fosse por vocês, ele não estaria mais aqui.

Dizendo isso, ele desapareceu, para grande alegria de todos. O comerciante não deixou de agradecer aos amigos e cada um seguiu seu caminho. O

comerciante voltou para sua esposa e filhos e passou o resto de seus dias feliz com eles.





# *A caravana e a história da cegonha califa*

(Wilhelm Hauff, 1826)

*Outrora, a cidade de Bagdá era governada por um jovem califa que era amado por todo o seu povo. Seu melhor amigo era o grão-vizir. Um dia, um misterioso comerciante chegou ao palácio e eles mal podiam imaginar o que estava por vir.*

## A caravana

**E**ra uma vez, uma grande caravana que marchava pelo deserto. Na vasta planície, onde não se via nada além de areia e o céu, já se ouviam, ao longe, os sininhos dos camelos. Uma espessa nuvem de poeira que os precedia anunciava sua aproximação, e uma rajada de vento abria caminho entre as nuvens, mostrando seus belos trajes.

Foi assim que a caravana se revelou a um homem que caminhava pelo deserto. Ele estava montado em um belo corcel árabe, coberto com uma pele de tigre; sinos de prata estavam suspensos na faixa vermelho-escura, e na cabeça do cavalo ondulava uma pluma de penas de garça. O homem tinha uma aparência majestosa, e o seu traje correspondia ao esplendor de seu cavalo: um turbante branco, ricamente decorado com ouro, adornava sua cabeça, seu hábito e calças largas eram de um vermelho brilhante, e uma espada curva com um cabo magnífico pendurado do lado dele. O

turbante, junto com os olhos escuros que brilhavam por baixo de suas sobrancelhas espessas e a longa barba que caía sob seu nariz arqueado, dava-lhe uma expressão selvagem e ousada.

O homem seguiu avançando até ficar próximo da linha da frente da caravana. Era tão incomum ver um homem solitário viajando pelo deserto que o guarda, temendo um ataque, levantou suas lanças.

– O que você quer? – exclamou o cavaleiro, ao se ver recebido de maneira tão hostil. – Você imagina que um único homem atacaria sua caravana?

Envergonhados de sua precipitação, os guardas baixaram suas lanças, e seu líder cavalgou até o estranho e pediu para saber seu nome.

– Quem é o senhor desta caravana? – perguntou o homem.

– Ela não pertence a nenhum senhor – respondeu o interrogado –, mas a vários mercadores, que marcham de Meca para seu país natal, e a quem escoltamos através do deserto, pois, muitas vezes, canalhas de todo tipo ameaçam aqueles que viajam aqui.

– Então leve-me aos mercadores – respondeu o estranho.

– Isso não será possível agora – replicou o outro –, pois devemos prosseguir sem demora, e os mercadores estão, pelo menos, quatrocentos metros atrás. Se, no entanto, você quiser cavalgar comigo até que paremos para fazer nosso descanso, farei o que deseja.

O estranho não disse mais nada. Ele puxou um longo cachimbo que prendeu à sela e começou a fumar com baforadas lentas, enquanto cavalgava com o líder da caravana. Este último não sabia o que fazer com o estranho e se aventurou a não perguntar seu nome com tantas palavras, mas, quando ele se esforçou para tecer uma conversa com comentários como “Você fuma

um bom tabaco“ ou “Seu cavalo tem um passo firme“, o homem constantemente respondia com apenas um breve “sim, sim!”.

Por fim, chegaram ao local onde deveriam fazer uma pausa para o descanso: o chefe mandou o seu povo para vigiar, enquanto ele permanecia com o estrangeiro para receber a caravana. Primeiro, trinta camelos passaram, carregados, conduzidos por homens armados. Depois disso, em belos cavalos, vieram os cinco mercadores aos quais a caravana pertencia. Eram, em sua maioria, homens de idade avançada, de aspecto sério. Um, porém, parecia muito mais jovem, bem como mais alegre e animado do que os outros. Um grande número de camelos e cavalos de carga encerrava a procissão.

Tendas foram armadas, e os camelos e cavalos amarrados ao redor. No meio, havia um grande pavilhão de seda azul, ao qual o chefe da escolta conduziu o estranho. Quando chegaram à entrada, viram os cinco mercadores sentados em almofadas bordadas a ouro, e escravos carregavam comida e bebida.

– Quem trazes aqui para nós? – exclamou o jovem comerciante ao líder.

Antes, porém, que este pudesse responder, o estranho falou.

– Chamo-me Selim Baruch e sou de Bagdá. Fui capturado por uma horda de ladrões em um passeio a Meca, mas três dias atrás consegui me libertar do confinamento. O poderoso Profeta permitiu-me ouvir, ao longe, os pequenos sinos de sua caravana e então eu vim até você.

“Permita-me cavalgar em sua companhia, você não concederá sua proteção a nenhuma pessoa indigna. Quando chegarmos a Bagdá, recompensarei sua bondade ricamente, pois sou sobrinho do grão-vizir.”

O mais velho dos mercadores retomou o discurso:

– Selim Baruch – disse ele –, bem-vindo à nossa proteção! É uma alegria para nós ajudá-lo. Mas, antes de tudo, sente-se, coma e beba conosco.

Selim Baruch sentou-se entre os mercadores, comeu e bebeu com eles. Após a refeição, os escravos retiraram a mesa e trouxeram longos cachimbos. Os mercadores permaneceram sentados em silêncio por algum tempo, enquanto expeliam diante deles as nuvens de fumaça azuladas, observando como se formavam círculo após círculo e, por fim, dissipavam-se no ar ambiente. O jovem comerciante finalmente quebrou o silêncio.

– Ficamos aqui sentados três dias – disse ele – a cavalo e à mesa, sem fazer nada para passar o tempo. Sinto muito tédio, pois estou acostumado, depois do jantar, a ver dançarinhas ou a ouvir cantos e música. Não sabem de nada, meus amigos, que podemos fazer para passar o tempo?

Os quatro mercadores mais velhos fumavam e pareciam refletir seriamente, mas o estranho falou:

– Se me for permitido, farei uma proposta a você. Acho que um de nós, neste local de descanso, poderia relatar algo para o divertimento dos demais: isso, certamente, serviria para passar o tempo.

– Selim Baruch, falaste bem – disse Achmet, o mais velho dos mercadores.

– Vamos aceitar a proposta.

– Estou feliz pela ideia o agradar – respondeu Selim. – E, para que você possa ver que não desejo nada irracional, eu mesmo começarei.

Os cinco mercadores, muito felizes, aproximaram-se e colocaram o estranho no meio deles. Os escravos reabasteceram suas xícaras, encheram os cachimbos de seus senhores novamente e trouxeram brasas acesas para acendê-los. Selim limpou a voz com um forte gole de bebida, alisou a longa barba de sua boca e disse:

– Ouçam então a história da cegonha califa.

## Capítulo I

Certa vez, em uma bela tarde, o califa Chasid estava sentado em seu sofá em Bagdá: havia dormido um pouco (pois era um dia quente) e agora, depois de seu cochilo, parecia muito feliz. Fumava um longo cachimbo de jacarandá, bebia de vez em quando um pouco de café que um escravo lhe servia e acariciava a barba, satisfeito, porque o sabor lhe agradava. Em suma, era evidente que o califa estava de bom humor. Nessa parte do dia, podia-se facilmente falar com ele, pois sempre era muito sereno e, por esse motivo, seu grão-vizir, Mansor, procurava-o a essa hora, todos os dias.

Na tarde em questão, ele também apareceu, mas parecia muito sério, ao contrário de seu costume. O califa tirou o cachimbo da boca por um momento e disse:

– Por que, grão-vizir, tem um rosto tão sério?

O grão-vizir cruzou os braços sobre o peito, fez uma reverência ao seu senhor e respondeu:

– Senhor, se eu pareço pensativo, não sei, mas lá, abaixo do palácio, está um comerciante que tem produtos tão finos que me aborrece não ter dinheiro de sobra para comprá-los.

O califa, que antes disso muitas vezes satisfazia com alegria seu vizir, mandou seu escravo trazer o comerciante e, em um momento, eles entraram juntos. Ele era um homem baixo e gordo, vestido em farrapos e carregava uma arca na qual havia todos os tipos de mercadorias – pérolas e anéis, pistolas ricamente trabalhadas, taças e pentes. O califa e seu vizir examinaram todos eles, e o primeiro comprou pistolas finas para si e Mansor, além de um pente para a esposa do vizir. Quando o mascate estava

para fechar o baú, o califa espiou uma pequena gaveta e perguntou se havia mercadorias nela também. O comerciante puxou a gaveta e apontou nela uma caixa de pólvora negra e um papel com caracteres estranhos, que nem o califa nem Mansor sabiam ler.

– Consegi esses dois artigos, há algum tempo, de um comerciante, que os encontrou na rua de Meca – disse o vendedor. – Eu não sei o que eles contêm. Eles estão ao seu serviço por um preço moderado, porque não posso fazer nada com eles.

O califa, que de bom grado guardava manuscritos antigos em sua biblioteca, embora não pudesse lê-los, comprou a escrita e a caixa e dispensou o comerciante. Entretanto, ele achou que gostaria de saber o que continha a escrita e perguntou ao vizir se conhecia alguém que pudesse decifrá-la.

– Muito digno, senhor e mestre – respondeu ele –, perto da grande mesquita, vive um homem chamado de Selim, o Culto, que entende todas as línguas. Talvez ele conheça esses personagens misteriosos.

O erudito Selim logo foi trazido.

– Selim – disse o califa a ele –, dizem que és muito sábio. Dê uma olhada neste manuscrito e veja se consegue lê-lo. Se você puder, você receberá de mim uma nova veste festiva; se não, receberás doze pancadas na bochecha e vinte e cinco na planta dos pés, visto que, nesse caso, és injustamente chamado de Selim, o Culto.

Selim se curvou e disse:

– Senhor, seja feita a tua vontade!

Por um longo tempo, ele estudou atentamente o manuscrito, mas, de repente, exclamou:

– Isto é latim, senhor, que eu seja enforcado se estiver errado.

– Se é latim, diga-nos o que há nele – ordenou o califa.

Selim começou a traduzir:

“Homem, seja quem for que encontre isso, louvai a Alá pela sua bondade! Quem cheirar deste pó e, ao mesmo tempo, disser “Mutabor”, se transformará em qualquer animal que quiser e poderá entender o que eles falam. Se desejar retornar à forma humana, então deixe-o se curvar três vezes para o Leste e repita a mesma palavra. Mas cuidado, se for transformado, para não rir; caso contrário, a palavra mágica desaparecerá totalmente de sua lembrança, e você permanecerá um animal!”

O califa ficou muito feliz quando Selim, o Culto, leu aquilo. Ele fez o tradutor jurar que não contaria a ninguém o segredo deles, deu-lhe uma linda vestimenta e dispensou-o. Ao grão-vizir, porém, disse:

– Isso que eu chamo de boa compra, Mansor! Mal posso esperar para me tornar um animal! De manhã cedo, venha até mim. Então iremos juntos para o campo, tiraremos um rapé da minha caixa e ouviremos o que se diz no ar e na água, na floresta e no campo.

## Capítulo II

Na manhã seguinte, o califa Chasid mal havia tomado o desjejum e se vestido quando o grão-vizir apareceu para acompanhá-lo, como ele havia ordenado, em sua caminhada. O califa colocou a caixa com o pó mágico no cinto e, tendo ordenado que seu séquito ficasse para trás, partiu, sozinho com Mansor, para a expedição. A princípio, percorreram os extensos jardins do califa, mas procuraram em vão por algum ser vivo para fazer sua estranha experiência. O vizir finalmente se propôs a ir mais longe, a um lago, onde já vira, muitas vezes, diversas cegonhas, que, pelo seu comportamento grave e barulhento, sempre chamaram sua atenção. O califa

aceitou a proposta de seu vizir e foi com ele para o lago. Quando chegaram lá, viram uma cegonha andando gravemente de um lado para outro, procurando sapos e, de vez em quando, batendo em algo diante dela. Em seguida, eles viram, também, outra cegonha pairando no ar.

– Aposto minha barba, senhor digníssimo – exclamou o grão-vizir –, que esses dois pés compridos estão agora mesmo mantendo uma bela conversa um com o outro. Como seria se nos tornássemos cegonhas?

– Bem dito! – respondeu o califa. – Mas primeiro vamos considerar como podemos nos tornar homens novamente. Certo! Três vezes reverencie o Leste e exclame “Mutabor!”, então serei califa mais uma vez e tu vizir. Apenas, pelo amor dos céus, não ria ou estaremos perdidos!

Enquanto o califa falava, ele viu a outra cegonha pairando sobre suas cabeças e caindo lentamente no chão. Ele tirou a caixa rapidamente da cintura e cheirou aquele pó mágico, o que o grão-vizir fez logo depois, exclamando juntos “Mutabor!”. Imediatamente suas pernas murcharam e tornaram-se delgadas e vermelhas; as belas sandálias amarelas do califa e de seu companheiro tornaram-se pés de cegonha deformados; seus braços se transformaram em asas; o pescoço estendia-se desde os ombros e tinha um comprimento de meia; suas barbas haviam desaparecido, e seus corpos inteiros estavam cobertos de penas macias.

– Você tem um bico lindo, meu senhor grão-vizir – exclamou o califa após longo espanto. – Pelas barbas do Profeta, em toda a minha vida, não vi nada igual!

– Meu humilde obrigado! – respondeu o vizir, enquanto se curvava. – Mas se me atrevesse a arriscar, posso afirmar que vossa alteza parece quase tão bonito quanto uma cegonha, como quando um califa. Mas proponho, se for do seu agrado, que observemos e ouçamos nossos camaradas para ver se realmente entendemos a língua deles.

Enquanto isso, a outra cegonha alcançou a terra. Ele limpou os pés com o bico, alisou as penas e foi até o primeiro. Os novos pássaros, então, apressaram-se em se aproximar e, para seu espanto, ouviram a seguinte conversa:

- Bom dia, Senhora Pernas Compridas; já, tão cedo, na lagoa?
- Muito bem, amado Batedor-de-bico. Eu trouxe um pequeno café da manhã. Você gostaria, talvez, do quarto de um pato êider ou da coxa de um sapinho?
- Meus melhores agradecimentos, mas esta manhã estou com pouco apetite. Venho para o lago por um motivo muito diferente. Eu tenho que dançar hoje para os convidados do meu pai e quero praticar um pouco em particular.

Imediatamente, então, a jovem cegonha pisou, em grande excitação, sobre a planície. O califa e Mansor olharam para ela com espanto. Quando, no entanto, ela ficou em uma atitude pitoresca sobre um pé e, ao mesmo tempo, movia graciosamente suas asas como um leque, os dois não puderam mais se conter e começaram a rir. O califa foi o primeiro a se recuperar.

- Nem todo ouro do mundo poderia comprar uma piada tão boa! Pena que os pássaros estúpidos devem ter sido afastados por nossa risada; caso contrário, eles certamente ainda estariam cantando.

O grão-vizir lembrou, porém, que eles não podiam rir e compartilhou sua ansiedade com o califa.

- Por Meca e Medina! O que fizemos foi lamentável! Pense, então, na palavra que devemos dizer, pois não consigo me lembrar dela.
- Devemos nos curvar três vezes ao Leste e, ao mesmo tempo, dizer mu-mu-mu.

Eles se viraram para o Leste e se curvaram tão baixo que seus bicos quase tocaram a terra. Mas, ó miséria! A palavra mágica havia escapado deles; e embora o califa se prostrasse repetidas vezes, embora ao mesmo tempo o vizir gritasse “mu-mu”, todas as lembranças haviam desaparecido, e o pobre Chasid e seu vizir continuariam sendo cegonhas.

## Capítulo III

Os encantados vagaram tristemente pelos campos, sem saber, em sua calamidade, o que fazer. Para a cidade, não podiam voltar, pois quem acreditaria em uma cegonha que dizia ser o califa? Ou mesmo se ele encontrasse crédito, os habitantes de Bagdá estariam dispostos a ter tal pássaro para seu mestre? Assim, durante vários dias, eles vagaram, sustentando-se com a produção dos campos, que, no entanto, por causa de seus longos bicos, eles não podiam apanhar prontamente. Eles não tinham apetite por patos e sapos, pois temiam que esses petiscos delicados arruinassesem seus estômagos. Nessa situação lamentável, seu único consolo era que podiam voar e, por isso, muitas vezes, voavam até os telhados de Bagdá para ver o que estava acontecendo ali.

No primeiro dia, observaram grande comoção e luto nas ruas; mas no quarto dia após sua transformação, eles pousaram por acaso no palácio real, de onde viram, na rua abaixo, uma esplêndida procissão. Tambores e pífanos soaram e em um corcel ricamente enfeitado estava sentado um homem, em um manto escarlate bordado com ouro, cercado por assistentes em trajes esplêndidos. Metade de Bagdá corria atrás dele, gritando: “Salve, Mizra! Senhor de Bagdá!”. Tudo isso as duas cegonhas viram do telhado do palácio, e o califa Chasid exclamou:

– Percebe agora por que estou encantado, grão-vizir? Este Mizra é filho de meu inimigo mortal, o poderoso feiticeiro Kaschnur, que, em uma hora

terrível, jurou vingança contra mim. Ainda assim, não abandono todas as esperanças. Venha comigo, ó companheiro fiel de minha miséria, e iremos ao túmulo do Profeta. Talvez naquele local sagrado o encanto possa ser dissolvido.

Eles se ergueram do telhado do palácio e voaram na direção de Medina.

Ao tentarem usar as asas, porém, eles experimentaram alguma dificuldade, pois as duas cegonhas tinham, ainda, pouca prática.

– Ó, senhor! – gemeu o vizir, depois de algumas horas. – Com sua permissão, não posso mais resistir; você voa tão rápido! Além disso, já é noite e faríamos bem em procurar um abrigo para dormir.

Chasid deu ouvidos ao pedido de seu ajudante, então viu, no vale abaixo, uma ruína que parecia prometer alojamento seguro e para lá eles voaram. O local onde pousaram para passar a noite parecia anteriormente ter sido um castelo. Belíssimas colunas projetadas sob o entulho e várias câmaras, que ainda se encontravam em estado de conservação tolerável, atestavam a antiga magnificência do casarão. Chasid e seu companheiro deram a volta pelo corredor, em busca de um local de descanso seco. De repente, a cegonha Mansor parou.

– Senhor e mestre – sussurrou ele suavemente –, se não fosse tolice para um grão-vizir, ainda mais para uma cegonha, ficar alarmado com espectros, diria que minha mente está muito desconfortável, pois posso ouvir murmurários e suspiros aqui.

O califa, por sua vez, ficou parado e ouviu claramente um gemido baixo, que parecia pertencer mais a um ser humano do que a um animal. Cheio de expectativa, tentou ir ao lugar de onde saíam os sons lamentosos, mas o vizir, agarrando-o pela asa com o bico, rogou-lhe com fervor que não os mergulhasse em perigos novos e desconhecidos. Em vão! O califa, diante

de quem um coração valente batia sob sua asa de cegonha, irrompeu com a perda de uma pena e precipitou-se para uma galeria sombria. Em um momento, ele alcançou uma porta, que se parecia apenas pela tranca, e da qual ele ouviu suspiros distintos, acompanhados de um gemido baixo. Ele empurrou a porta com o bico, mas parou, acorrentado pelo espanto, na soleira. No aposento em ruínas, que agora estava mal iluminado através de uma janela gradeada, ele viu uma enorme coruja pousada no chão. Grandes lágrimas rolaram de seus grandes olhos redondos, e com voz ardente ela soltou gritos de seu bico torto. Assim, porém, ao avistar o califa e seu vizir, que entretanto se aproximara suavemente por trás, ela soltou um alto grito de alegria. Ela enxugou cuidadosamente as lágrimas com sua asa listrada de marrom e, para grande surpresa de ambos, exclamou, em bom árabe humano:

– Bem-vindas, cegonhas! Vocês são para mim um bom presságio de libertação, pois uma vez me foi profetizado que, por meio das cegonhas, uma grande sorte cairá sobre mim.

Quando o califa se recuperou de seu espanto, curvou o pescoço comprido, colocou os pés delgados em uma posição elegante e disse:

– Coruja, depois de suas palavras, arrisco a acreditar que vejo em você uma companheira de infortúnio. Mas infelizmente essa esperança de que através de nós ocorrerá a tua libertação é infundada. Tu mesmo reconhecerás nosso desamparo, quando ouvires nossa história.

A coruja-das-torres rogou-lhe que o transmitisse a ela, e o califa, levantando-se, relatou o que já sabemos.

## Capítulo IV

Quando o califa contou sua história à coruja, ela agradeceu e disse:

– Ouça a minha história também e entenda como não sou menos infeliz do que você. Meu pai é o rei da Índia. Eu, a sua única filha infeliz, chamo-me Lusa. Esse mesmo feiticeiro Kaschnur, que te transformou, também me mergulhou nesta aflição. Ele veio um dia conversar com meu pai e me pediu em casamento por seu filho Mizra. Meu pai, porém, que é um homem difícil, jogou-o escada abaixo. O desgraçado conseguiu aproximar-se furtivamente de mim sob outra forma e, enquanto em certa ocasião eu estava tomando ar fresco em meu jardim, ele, vestido de escravo, me presenteou com uma poção que me transformou nessa figura detestável. Ele me trouxe até aqui, desmaiando de medo, e exclamou em meu ouvido com voz terrível: “Aí você permanecerá, desprezada até mesmo por animais, até a sua morte, ou até que um, por sua própria vontade, mesmo sob esta forma lamentável, leve-te como esposa. Assim, me vingarei de ti e de teu pai arrogante!”.

Desde então, muitos meses se passaram; sozinha e pesarosamente viva, como um eremita nestas paredes, abominada pelo mundo, uma abominação até para os brutos. A bela natureza está excluída de mim, pois sou cega de dia e, somente quando a lua lança sua luz pálida sobre esta ruína, cai o véu que envolve meus olhos.

A coruja terminou e novamente enxugou os olhos com a asa, pois a narração de sua mágoa havia provocado lágrimas. O califa mergulhou em profunda meditação com a história da princesa.

– Se eu não estiver totalmente enganado – disse ele –, você descobrirá que entre nossos infortúnios existe uma conexão secreta, mas onde posso encontrar a chave para este enigma?

A coruja respondeu:

– Meu senhor! Isso também está claro para mim! Pela primeira vez, no início da juventude, foi-me predito por uma mulher sábia que uma cegonha

me traria grande felicidade e talvez eu possa saber como podemos nos salvar.

O califa ficou muito surpreso e perguntou o que ela queria dizer.

– O feiticeiro que nos deixou infelizes – disse ela – vem uma vez por mês a essas ruínas. Não muito longe desta câmara há um corredor. Lá, com muitos confederados, ele costuma banquetejar. Já os observei muitas vezes: eles relatam um ao outro seus atos vergonhosos; talvez ele possa então mencionar a palavra mágica que você esqueceu.

– Oh, querida princesa! – exclamou o califa. – Diga-nos: quando ele virá e onde é o salão?

A coruja ficou em silêncio por um momento e então disse:

– Não leve a mal, mas, apenas com uma condição, posso conceder o seu desejo.

– Diga-me! – gritou Chasid. – Seja o que for, estou pronto para obedecer.

– É o seguinte: eu gostaria de ser libertada ao mesmo tempo. Isso, no entanto, só pode acontecer se um de vocês me pedir em casamento.

Diante dessa proposição, as cegonhas pareceram um tanto surpresas, e o califa acenou para que ela se afastasse por um momento.

– Grão-vizir – disse o califa diante da porta –, é um caso estúpido, mas você pode consertar tudo.

– Para que minha esposa, quando eu for para casa, possa arrancar meus olhos? Além disso, sou um homem velho, enquanto você ainda é jovem e solteiro, e seria uma melhor opção para uma jovem e linda princesa.

– Ah! Esse é o ponto – suspirou o califa, enquanto abaixava as asas pesarosamente. – Quem lhe disse que ela é jovem e bela? Isso é equivalente

a comprar um gato em um saco!

Eles continuaram a conversar por um longo tempo, mas, finalmente, quando o califa viu que Mansor preferia continuar a ser uma cegonha a se casar com a coruja, decidiu antes, ele mesmo, aceitar a condição. A coruja ficou radiante e confessou que eles não poderiam ter vindo em melhor hora, já que, provavelmente, naquela mesma noite, os feiticeiros iriam se reunir.

Ela saiu do aposento com as cegonhas, a fim de conduzi-las ao salão. Eles percorreram um longo caminho por uma passagem sombria, até que finalmente uma luz muito brilhante os atingiu através de uma parede meio deteriorada. Quando chegaram ao lugar, a coruja aconselhou-os a parar muito silenciosamente. Da brecha, perto da qual estavam parados, eles podiam ver um grande salão, todo adornado com pilares e esplendidamente decorado, no qual muitas lâmpadas coloridas restauravam a luz do dia. No meio do salão, estava uma mesa redonda, carregada com carnes variadas. Ao redor da mesa, havia um sofá, no qual oito homens estavam sentados. Em um desses homens, as cegonhas reconheceram o próprio comerciante que lhes havia vendido o pó mágico. Seu vizinho desejava que ele contasse suas últimas façanhas, e ele relatou, entre outros, a história do califa e seu vizir.

– Que palavra você deu a eles? – perguntou um dos outros magos.

– Uma palavra em latim: Mutabor.

## Capítulo V

Quando as cegonhas ouviram isso através de seu abismo na parede, ficaram quase fora de si de alegria. Elas correram tão rapidamente com seus pés longos para a porta da ruína que a coruja mal conseguiu acompanhá-los. Em seguida, o califa disse a ela:

– Preservadora da minha vida e da de meu amigo, em sinal de nossa eterna gratidão pelo que fizeste por nós, toma-me como teu marido.

Então ele se virou para o Leste: três vezes eles curvaram seus longos pescoços em direção ao sol, que já estava subindo acima das montanhas, e no mesmo momento exclamaram “Mutabor!”. Em um piscar de olhos, eles foram restaurados e, na alegria excessiva de sua vida recém-concedida, alternadamente rindo e chorando, entrelaçaram-se nos braços um do outro. Mas quem pode descrever seu espanto quando olharam em volta? Uma linda mulher, vestida como uma rainha, estava diante deles. Sorrindo, ela deu a mão ao califa e disse:

– Você não conhece mais sua coruja?

Era ela. O califa ficou tão emocionado com sua beleza e simpatia que gritava que ter se tornado cegonha foi o melhor momento de sua vida.

Os três então seguiram juntos para Bagdá. O califa encontrou em sua roupa não só a caixa de pó mágico, mas também sua bolsa de dinheiro. Por meio disso, ele comprou na aldeia mais próxima o que era necessário para sua jornada e, portanto, eles logo apareceram diante dos portões da cidade. Aqui, entretanto, a chegada do califa causou grande espanto. Tinham dito que o califa estava morto e o povo estava, portanto, muito feliz por ter novamente seu amado senhor.

No entanto, queimaram seu ódio contra o impostor Mizra. Eles seguiram para o palácio e pegaram o velho mago e seu filho. O califa mandou o velho para a mesma câmara na ruína, onde a princesa como coruja tinha habitado, e lá o prendeu. Ao filho, no entanto, que não entendia nada das artes de seu pai, ele deu uma escolha: morrer ou inalar um pouco do pó. Escolhido este último, o grão-vizir apresentou-lhe a caixa. Uma pitada forte e a palavra mágica do califa converteram-no em uma cegonha. Chasid o prendeu em uma gaiola de ferro e o pendurou em seu jardim.

O califa Chasid viveu uma vida longa e feliz com sua esposa, a princesa. As suas horas mais agradáveis eram sempre aquelas, em que à tarde o vizir o procurava e, sempre que o califa estava de muito bom humor, imitava Mansor como fazia quando eram cegonhas. Ele marchava gravemente, com os pés rígidos, para cima e para baixo da câmara, fazia um barulho estridente, balançava os braços como asas e mostrava como, em vão, prostrou-se para o Leste e gritou: “mu-mu”. Para a princesa e os seus filhos, essa imitação sempre proporcionou grande diversão.

## *A aventura do viajante*

(Charles John Tibbitts, 1889)

*O bem e o mal. O certo e o errado. O moral e o imoral. O justo e o injusto. Essas dicotomias são alicerces centrais do pensamento filosófico desde tempos muito remotos. Nesta história, um jovem viajante que acreditava que o bem deveria ser compensado com um bem maior tem seu paradigma quebrado de uma forma curiosa.*

**C**onta-se que um viajante, montado em um camelo, chegou a um lugar onde outros da mesma caravana haviam acendido uma fogueira antes de prosseguir viagem. O vento em forma de leque, soprando nas brasas, produzira uma chama, e as fagulhas, sendo levadas, causaram um grande incêndio.

No meio disso, estava uma cobra enorme, que, rodeada pelas chamas, não tinha como escapar e estava prestes a ser queimada como um peixe ou espetada como uma perdiz para a mesa. O sangue escorria de seus olhos carregados de veneno e, vendo o homem e o camelo, suplicou por ajuda.

– E se com bondade tu me concedes tua piedade, ajuda-me a sair daqui.

Ora, o viajante era um bom homem e temente a Alá. Quando ele ouviu o pedido da cobra e viu sua condição lamentável, raciocinou assim consigo mesmo: “Esta cobra é, de fato, inimiga do homem, mas, estando em apuros e perplexidade, seria bom que eu deixasse aqui a semente da compaixão,

cujo fruto é a prosperidade neste mundo e a exaltação no próximo". Assim convencido, ele prendeu um de seus alforjes na ponta de sua lança e estendeu-o à cobra, que, encantada com a fuga, entrou na bolsa e foi resgatada das chamas. O homem, então, abrindo a boca da bolsa, dirigiu-se assim:

- Sai para onde queres, mas não te esqueças de agradecer pela tua preservação. Doravante, procure um canto do retiro e pare de afigir a humanidade, pois aqueles que o fazem são desonestos neste mundo e no próximo... Tema a Alá e não aflija ninguém. Essa realmente é a verdadeira salvação.
- Ó jovem, fique quieto, pois, na verdade, não irei embora até ter ferido a ti e a este camelo.
- Mas como é isso? – gritou o homem. – Não te ajudei? Por que, então, essa deve ser minha recompensa? Da minha parte, houve fidelidade, por que então esta injustiça sobre a tua?
- Verdade, tu mostraste misericórdia, mas com uma criatura indigna – respondeu a cobra. – Tu sabes que sou um agente de injúria à humanidade, consequentemente, quando me salvaste da destruição, submeteste-te à mesma regra que se aplica à punição devida por um ato maligno cometido contra um objeto digno. Novamente, entre a cobra e o homem, existe uma inimizade de longa data, e aqueles que empregam a previdência consideram uma máxima de sabedoria machucar a cabeça de um inimigo. Para tua segurança, minha destruição foi necessária, mas, ao mostrar misericórdia, perdeste a vigilância. Agora é necessário que eu te fira para que outros possam aprender pelo teu exemplo.

O homem gritou:

– Ó cobra! Em que credo está escrito, ou que prática declara, que o mal deve ser devolvido com o bem ou que o prazer de conceder benefícios deve ser devolvido com injúria e aflição?

– Essa é a prática entre os homens – respondeu a cobra. – Eu ajo de acordo com teu próprio decreto. A mesma mercadoria de retribuição que comprei de ti também vendo. Compre por um momento o que tu vendes há anos.

Em vão o viajante implorou, a cobra sempre respondendo:

– Eu apenas te trato como os homens.

Isso o homem negou.

– Mas – disse ele – vamos chamar testemunhas: se tu provares a tua afirmação, eu me renderei à tua vontade.

A cobra, olhando em volta, viu uma vaca pastando a distância e disse:

– Venha, vamos perguntar a esta vaca os direitos da questão.

Quando eles se aproximaram da vaca, a cobra, abrindo a boca, disse:

– Ó vaca, qual é a recompensa pelos benefícios recebidos?

– Se me perguntas como homem, o retorno do bem é sempre o mal – respondeu a vaca. – Por exemplo, durante muito tempo, estive a serviço de um fazendeiro. Anualmente dava à luz um bezerro, forneci leite e manteiga para sua casa... Seu sustento e a vida de seus filhos dependiam de mim. Quando fiquei velha e não mais produzi bezerros, ele parou de me abrigar e me empurrou para morrer na selva. Depois de encontrar forragem e vagar à vontade, engordei, e meu velho mestre, vendo como estava gorda, ontem trouxe com ele um açougueiro, a quem ele me vendeu, e hoje está designado o meu abate.

– Ouviste a vaca, prepare-se para morrer rapidamente – continuou a cobra.

O homem gritou:

– Não é legal decidir um caso com base no depoimento de uma vítima, vamos então chamar outra.

A cobra olhou em volta e viu uma árvore, sem folhas e nua, jogando seus galhos selvagens para o céu.

– Vamos – disse ele – apelar para esta árvore.

Eles foram juntos em direção à árvore, e a cobra, abrindo a boca, disse:

– Ó árvore, qual é a recompensa para o bem?

A árvore disse:

– Entre os homens, os benefícios são retribuídos com mal e prejuízo. Vou lhe dar uma prova do que afirmo. Eu sou uma árvore que, embora crescendo em uma perna só neste deserto triste, já foi florescente e verde, prestando serviço a todos. Quando alguém da raça humana, vencido pelo calor e pela viagem, vinha para cá, eles descansavam sob minha sombra e dormiam sob meus galhos. Quando o peso do repouso abandonou suas pálpebras, eles ergueram os olhos para mim e disseram uns aos outros: “Seu galho seria bom para uma flecha; aquele galho serviria de arado e do tronco desta árvore que lindas pranchas podem ser feitas!”. Se eles tivessem um machado ou uma serra, selecionariam meus galhos e os levariam embora. Assim, aqueles a quem dei alívio e descanso recompensaram-me apenas com dor e aflição. Enquanto meu cuidado o obscurece em perplexidade, Ele procura apenas a melhor forma de me enraizar.

– Bem – disse a cobra –, aqui estão duas testemunhas. Portanto, devo feri-lo.

O homem disse:

– Verdade, mas o amor pela vida é poderoso e, embora a força permaneça, é difícil enraizar o amor dela no coração. Chame mais uma testemunha e então me comprometo a me submeter ao seu decreto.

Então aconteceu de forma tão maravilhosa que uma raposa, que estava por perto, ouviu toda a discussão e então se adiantou. A cobra, ao vê-la, exclamou:

– Eis esta raposa, deixe-nos perguntar.

Mas antes que o homem pudesse falar, a raposa gritou:

– Não sabes que a recompensa do bem é sempre o mal? Mas que bem fizeste a favor desta cobra para te tornar digno de punição?

O homem contou sua história. A raposa respondeu:

– Você parece uma pessoa inteligente, por que então me diz uma mentira?

– O homem fala a verdade, pois eis a bolsa em que me resgatou – disse a cobra.

A raposa, vestindo o traje de espanto, continuou:

– Como posso acreditar nisso? Como uma cobra grande como tu poderia caber em um espaço tão pequeno?

– Se duvidas de mim, voltarei a entrar na bolsa para provar isso – respondeu a cobra.

– Verdadeiramente, se eu te visse lá, poderia acreditar e depois resolver a disputa entre vocês.

Com isso, o viajante abriu a bolsa, e a cobra, incomodada com a descrença da raposa, entrou nela. Observando isso, a raposa gritou:

– Ó jovem, quando pegares o teu inimigo, não lhe mostre piedade. Quando um inimigo é derrotado e está em seu poder, é a máxima do sábio não lhe mostrar misericórdia.

O viajante percebeu a sugestão da raposa, fechou a bolsa e, lançando-a contra uma pedra, destruiu a cobra, salvando, assim, a humanidade dos efeitos malignos de suas atitudes perversas.

# *Ali Baba e os quarenta ladrões*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, 1704)

*Ali Baba e os quarenta ladrões* é uma das histórias mais famosas das Mil e uma noites, embora só tenha sido adicionada a ela no século XVIII, pelo tradutor francês Antoine Galland. Ali Baba é um pobre lenhador que descobre um lugar secreto onde ladrões escondem tesouros. Ao ficarem sabendo da descoberta de Ali Baba, os ladrões tentam matá-lo, mas sua fiel escrava frustra seus planos. A história de Ali Baba ganhou fama mundial, especialmente entre o público infantil, e já foi transformada em filmes, cartoons, músicas e, claro, inúmeros livros.

**E**m uma cidade na Pérsia, moravam dois irmãos, um chamado Cassim e o outro Ali Baba. Cassim era casado com uma esposa rica e vivia com abundância, enquanto Ali Baba tinha que sustentar sua esposa e filhos cortando lenha em uma floresta próxima e vendendo-a na cidade. Um dia, quando Ali Baba estava na floresta, viu uma tropa de homens a cavalo, vindo em sua direção, envoltos em uma nuvem de poeira. Ele temeu que se tratasse de ladrões e subiu em uma árvore por segurança. Contou que havia quarenta homens, que desceram de seus cavalos e os amarraram nas árvores. O mais ilustre entre eles, que Ali Baba imaginou ser o líder do grupo, caminhou um pouco entre alguns arbustos e disse:

– Abra-te, Sésamo!

Ele falou tão claramente que Ali Baba o ouviu. Uma porta se abriu nas pedras e, tendo feito a tropa entrar, o líder seguiu, e a porta se fechou sozinha. Eles ficaram algum tempo lá dentro, e Ali Baba, temendo que eles pudessem sair e capturá-lo, foi obrigado a esperar pacientemente na árvore. Por fim, a porta se abriu novamente, e os quarenta ladrões saíram. O líder saiu primeiro e, depois que todos haviam saído, fechou a porta, dizendo:

– Fecha-te, Sésamo!

Cada homem pegou seu cavalo e o montou, então o líder colocou-se à frente de todos e eles partiram tão abruptamente como tinham chegado.

Então Ali Baba desceu e foi até a porta escondida entre os arbustos e disse:

– Abra-te, Sésamo! – E ela se abriu.

Ali Baba, que esperava um lugar sombrio, ficou muito surpreso ao encontrar um espaço grande e bem iluminado, esculpido em forma de abóbada, que era iluminado por uma abertura no teto. Ele viu ricos fardos de mercadorias – seda, brocados, todos empilhados, ouro e prata em pilhas e dinheiro em bolsas de couro. Ao entrar, a porta se fechou atrás dele. Ali Baba não olhou para a prata, mas pegou o tanto de ouro que ele achou que suas mulas, que estavam pastando lá fora, podiam carregar, colocou-o em sacos e escondeu tudo nos animais. Usando as palavras “Feche-te, Sésamo!”, ele fechou a porta e foi para casa.

Então levou seus animais para o quintal, fechou os portões, levou os sacos de dinheiro para sua esposa e os esvaziou diante dela. Ele ordenou que ela guardasse o segredo e anunciou que enterrariam o ouro.

– Deixe-me primeiro medir quanto ouro há. – disse sua esposa. – Vou pegar emprestado um medidor de alguém, enquanto você cava o buraco.

Então ela correu para a esposa de Cassim e pediu um medidor emprestado. Sabendo da pobreza de Ali Baba, a cunhada ficou curiosa para descobrir que tipo de grão ela desejava medir e astutamente colocou um pouco de sebo na base do medidor. A esposa de Ali Baba foi para casa e colocou o medidor na pilha de ouro, enchendo-o e esvaziando-o várias vezes, para sua alegria. Então levou o objeto de volta para sua cunhada, sem perceber que um pedaço de ouro tinha ficado grudado, o que a esposa de Cassim logo percebeu. Ela ficou muito curiosa e disse ao marido quando este voltou para casa:

– Cassim, seu irmão é mais rico que você. Ele não conta seu dinheiro, ele o mede.<sup>1</sup>

Cassim implorou que ela explicasse esse enigma, o que ela fez mostrando a ele o ouro e dizendo onde o encontrara. Então o homem ficou com tanta inveja que não conseguiu dormir e foi até a casa do irmão pela manhã, antes do nascer do sol.

– Ali Baba – disse ele, mostrando-lhe a peça de ouro –, você finge ser pobre e ainda assim está medindo ouro.

Com isso, Ali Baba percebeu que, por meio da tolice de sua esposa, Cassim e sua mulher sabiam de seu segredo. Ele então confessou tudo e ofereceu a Cassim uma parte do tesouro.

– É o que espero – disse Cassim. – Mas devo saber onde encontrar o ouro, senão descobrirei tudo sozinho e você não ficará com nada.

Ali Baba, mais por bondade do que por medo, contou-lhe sobre a caverna e que palavras deveriam ser usadas para a mágica ter efeito. Cassim deixou Ali Baba com a intenção de chegar mais rápido que o irmão e pegar o tesouro apenas para si. Ele se levantou cedo na manhã seguinte e partiu com dez mulas carregadas com grandes baús. Ele logo encontrou o lugar e a

porta na rocha. Ao dizer “Abra-te, Sésamo!”, a porta abriu e fechou atrás dele. Ele poderia ter contemplado os tesouros o dia todo, mas apenas se apressou em pegar o máximo possível. Quando estava pronto para partir, não conseguiu se lembrar do que dizer por estar fascinado com suas grandes riquezas. Em vez de “Sésamo”, ele disse “Abra-te, cevada!”, e a porta permaneceu fechada. Ele falou o nome de vários tipos diferentes de grãos, todos menos o certo, e nada de a porta abrir. Cassim estava tão assustado com o perigo que corria que havia esquecido a palavra como se nunca a tivesse ouvido.

Por volta do meio-dia, os ladrões voltaram para a caverna e viram as mulas de Cassim vagando com grandes baús nas costas. Isso obviamente alertou-os e eles sacaram seus sabres e foram até a porta, que se abriu quando seu capitão disse: “Abra-te, Sésamo!”. Cassim, que tinha ouvido o barulho dos cavalos se aproximando, resolveu não desistir sem lutar, então, quando a porta se abriu, ele saltou e jogou o líder no chão. Contudo, o esforço foi em vão, pois os ladrões com seus sabres logo o mataram. Ao entrar na caverna, viram todas as malas prontas e não conseguiam imaginar como alguém havia entrado sem saber seu segredo. Eles cortaram o corpo de Cassim em quatro partes e as pregaram dentro da caverna, a fim de assustar quem se aventurasse a fazer o mesmo que aquele homem, e foram em busca de mais tesouros.

À medida que a noite caía, a esposa de Cassim ficou muito inquieta, correu para o cunhado e disse-lhe aonde seu marido tinha ido. Ali Baba fez o possível para confortá-la e saiu para a floresta em busca do irmão. A primeira coisa que viu ao entrar na caverna foi Cassim morto. Cheio de horror, colocou o corpo em uma de suas mulas e bolsas de ouro nas outras duas e, cobrindo tudo, voltou para casa. Ele conduziu os dois animais carregados de ouro para o seu próprio quintal e levou o outro para a casa de Cassim, para que dessem o fim apropriado ao corpo.

A porta foi aberta pela escrava Morjana, que ele sabia que era corajosa e astuta. Descarregando a mula, ele lhe disse:

– Este é o corpo de seu amo, que foi assassinado, mas que devemos enterrar como se ele tivesse morrido em sua cama. Vou falar com você de novo, mas agora diga à sua senhora que estou aqui.

A esposa de Cassim, ao saber do destino de seu marido, desatou a chorar, mas Ali Baba se ofereceu para levá-la para morar com ele e sua esposa, se ela prometesse deixar todas as riquezas para Morjana. Ela concordou e enxugou os olhos.

Morjana, entretanto, procurou um boticário e pediu-lhe algumas pastilhas,<sup>2</sup> alegando que seu pobre mestre já não conseguia comer nem falar e que ninguém sabia que enfermidade o pobre homem tinha.

Ela levou as pastilhas para casa e voltou no dia seguinte chorando e pediu uma essência dada apenas aos que estavam para morrer. Assim, à noite, ninguém se surpreendeu ao ouvir os gritos miseráveis da esposa de Cassim e de Morjana, anunciando a todos que Cassim estava morto.

No dia seguinte, Morjana foi a um velho sapateiro perto dos portões da cidade, que abria sua barraca cedo, colocou um pedaço de ouro em sua mão e pediu que ele a seguisse, levando sua agulha e linha. Cobrindo os olhos do homem, ela o guiou até o quarto em que estava o corpo, tirou a bandagem e pediu-lhe que costurasse os quatro pedaços. Depois disso, ela cobriu seus olhos novamente e o levou para casa. Em seguida, eles enterraram Cassim, e Morjana, sua escrava, chorava e arrancava os cabelos, enquanto a esposa de Cassim ficou em casa lamentando sua dor. No dia seguinte, a viúva foi morar com Ali Baba, que deu a loja de Cassim para seu filho mais velho.

Os quarenta ladrões, em seu retorno à caverna, ficaram muito surpresos ao descobrir que o corpo de Cassim havia sumido, assim como alguns de seus

sacos de ouro.

– Fomos descobertos! Precisamos dar um jeito nisso ou perderemos todas as nossas riquezas. O corpo desaparecido mostra que duas pessoas conseguiram descobrir nosso segredo: nos livramos de uma delas, agora precisamos acabar com a outra.

Um dos ladrões se levantou e se ofereceu para a tarefa e, depois que os outros o elogiaram muito por sua bravura, ele se disfarçou e entrou na cidade ao amanhecer, perto da barraca de Baba Mustapha. O ladrão desejou-lhe um bom dia, dizendo:

– Meu bom senhor, como consegue costurar na sua idade?  
– Apesar de velho – respondeu o sapateiro –, tenho olhos muito bons. Inclusive, ontem costurei um cadáver em um lugar menos iluminado que aqui.

O ladrão ficou muito feliz com sua boa sorte e, dando-lhe um pedaço de ouro, pediu que lhe mostrasse a casa onde costurara o cadáver. A princípio, Mustapha recusou, dizendo que havia sido conduzido até o lugar vendado; mas, quando o ladrão lhe deu outro pedaço de ouro, ele começou a pensar que talvez conseguisse se lembrar das curvas que havia feito pelo caminho se vendasse os olhos como antes. O ladrão em parte o conduzia e em parte era guiado por ele, até chegarem em frente à casa de Cassim, cuja porta o ladrão marcou com um pedaço de giz. Então, muito satisfeito, ele se despediu de Baba Mustapha e voltou para a floresta. Morjana viu a marca que o ladrão havia feito, adivinhou rapidamente que alguém estava planejando alguma maldade e foi buscar um pedaço de giz para marcar duas ou três portas vizinhas de cada lado, sem dizer nada a quem lá morava.

O ladrão, entretanto, contou aos seus camaradas a sua descoberta. O líder agradeceu e pediu que lhe mostrasse a casa que havia marcado, mas,

quando chegaram lá, viram que cinco ou seis casas estavam marcadas com giz da mesma maneira. O guia ficou tão confuso que não soube que resposta dar e, quando eles voltaram, ele foi imediatamente decapitado por ter falhado em sua tarefa. Outro ladrão foi enviado e, tendo conquistado Baba Mustapha, marcou a casa com giz vermelho, mas Morjana, outra vez muito mais inteligente que eles, marcou também outras casas, e o segundo mensageiro também foi condenado à morte. O líder resolveu ir pessoalmente, porém, mais sábio que os outros, não marcou a casa, mas olhou para ela tão de perto que não pôde deixar de se lembrar qual era. Ele voltou e ordenou que seus homens fossem à aldeias vizinhas e comprassem dezenove mulas e trinta e oito potes de couro, todos vazios, exceto um, que estava cheio de óleo. O líder colocou um de seus homens em cada jarro totalmente armados, e esfregou a parte externa dos recipientes com óleo para parecer que havia óleo de fato ali. Então, as dezenove mulas foram carregadas com trinta e sete ladrões dentro e chegaram à cidade ao anoitecer. O líder do grupo parou suas mulas em frente à casa de Ali Baba e disse a ele, que estava sentado do lado de fora para se refrescar:

– Trouxe um pouco de óleo de longe para vender no mercado de amanhã, mas agora é tão tarde que eu não sei onde passar a noite, a menos que você me faça o favor de me receber.

Embora Ali Baba tivesse visto o líder dos ladrões na floresta, ele não o reconheceu disfarçado de comerciante de óleo. Deu-lhe as boas-vindas, abriu os portões para as mulas entrarem e foi até Morjana para pedir-lhe que preparasse uma cama e jantar para seu hóspede. Cassim trouxe o estranho para o seu salão e, depois de cearem, voltou a falar com Morjana na cozinha. Enquanto isso, o ladrão foi ao pátio com a pretensão de ver as mulas, mas na verdade estava indo dizer aos seus homens, que estavam escondidos dentro dos recipientes, o que fazer. Ele disse a cada homem:

— Assim que eu jogar algumas pedras da janela da câmara onde estou, abram as jarras com suas facas e saiam. Eu estarei com vocês em um instante.

Ele voltou para a casa, e Morjana o conduziu ao seu quarto. Ela então disse a Abdallah, seu companheiro escravo, para preparar a panela para fazer um caldo para seu mestre, que tinha ido para a cama. Enquanto isso, sua lamparina se apagou e ela não tinha mais óleo em casa.

— Não se preocupe — disse Abdallah. — Vá até o quintal e tire um pouco de um daqueles recipientes.

Morjana agradeceu o conselho, pegou o pote vazio e foi para o quintal. Quando ela chegou ao primeiro jarro, o ladrão disse baixinho:

— Está na hora?

Qualquer outro escravo, exceto Morjana, ao encontrar um homem dentro da jarra com o óleo que ela queria, teria gritado e feito barulho, mas ela, sabendo do perigo que seu mestre corria, pensou em um plano e respondeu baixinho:

— Ainda não.

Ela foi a todos os jarros, dando a mesma resposta, até que ela chegou ao jarro que continha, de fato, o óleo. Ela então percebeu que seu mestre, pensando que estava ajudando um comerciante de óleo, havia deixado entrar trinta e oito ladrões em sua casa. Ela encheu o seu jarro de óleo, voltou para a cozinha e, depois de acender a lamparina, encheu uma grande chaleira com óleo. Quando ferveu, ela despejou óleo suficiente em cada recipiente para abafar e matar o ladrão dentro. Após esse ato corajoso, ela voltou para a cozinha, apagou o fogo e a lamparina e esperou para ver o que aconteceria.

Quinze minutos depois, o líder dos ladrões acordou, levantou-se e abriu a janela. Como tudo parecia calmo, ele jogou algumas pedrinhas, que atingiram os potes. Ele ouviu e, como nenhum de seus homens parecia se mexer, ficou inquieto e desceu para o pátio. Foi até a primeira jarra e, ao dizer: “Você está dormindo?”, ele sentiu o cheiro do óleo fervido e percebeu imediatamente que sua trama para assassinar Ali Baba e sua família havia sido descoberta. Ele encontrou toda a gangue morta e logo percebeu a maneira como morreram. Então forçou a fechadura de uma porta que dava para um jardim e escalou várias paredes para tentar escapar. Morjana ouviu e viu tudo isso e, feliz com seu sucesso, foi para a cama e adormeceu.

Ao amanhecer, Ali Baba se levantou e, vendo os recipientes de óleo ainda lá, perguntou por que o comerciante não tinha ido com suas mulas. Morjana pediu-lhe que olhasse no primeiro frasco para ver se havia óleo. Ao ver um homem caído, ele recuou aterrorizado.

– Não tenha medo – disse Morjana. – O homem não pode fazer mal a você: ele está morto.

Ali Baba, depois de se recuperar um pouco de seu espanto, perguntou o que havia acontecido com o comerciante.

– Comerciante! – disse ela. – Ele é tão comerciante quanto eu!

E ela lhe contou toda a história, garantindo-lhe que era uma trama dos ladrões da floresta, dos quais apenas três restavam, e que as marcas de giz branco e vermelho tinham algo a ver com isso. Ali Baba imediatamente deu a Morjana sua liberdade, dizendo que lhe devia sua vida. Eles então enterraram os corpos no jardim de Ali Baba, e as mulas foram vendidas no mercado por seus escravos.

O líder voltou para sua caverna solitária, que parecia assustadora para ele sem seus companheiros perdidos, e decidiu vingá-los matando Ali Baba.

Ele se vestiu com cuidado e foi para a cidade, onde se hospedou em uma pousada. No decorrer de muitas viagens à floresta, ele carregou consigo muitos materiais ricos e muito linho fino e montou uma loja em frente à do filho de Ali Baba. Ele usava o nome falso de Cogia Hassan e, como era cortês e bem vestido, logo fez amizade com o filho de Ali Baba e, por meio dele, também com Ali Baba, quem ele sempre convidava para fartos jantares. Ali Baba, desejando retribuir sua gentileza, convidou-o a entrar em sua casa e o recebeu sorrindo, agradecendo-o por sua gentileza para com seu filho. Quando o mercador estava para partir, Ali Baba o deteve, dizendo:

– Aonde vai, senhor, com tanta pressa? Você não vai ficar e cear comigo?

O comerciante recusou, dizendo que tinha um motivo e, quando Ali Baba lhe perguntou o que era, ele respondeu:

– É que não posso comer alimentos que contenham sal.

– Não seja por isso – disse Ali Baba. – Não haverá sal na carne nem no pão que comeremos esta noite.

Ele foi dar essa ordem a Morjana, que ficou muito surpresa.

– Quem é este homem que não come sal na carne?

– Ele é um homem honesto, Morjana – respondeu seu mestre. – Portanto, faça o que eu mando.

Entretanto, Morjana não suportou a curiosidade de ver quem era aquele homem estranho, então ajudou Abdallah a carregar os pratos e percebeu que Cogia Hassan era o líder dos ladrões e que ele carregava uma adaga sob sua vestimenta.

– Não estou surpresa – disse ela para si mesma – que este homem perverso, que pretende matar meu senhor, não coma sal; mas vou atrapalhar seus

planos.

Ela serviu a ceia de Abdallah, enquanto se preparava para um dos atos mais ousados em que se poderia pensar. Quando a sobremesa foi servida, Cogia Hassan foi deixado sozinho com Ali Baba e seu filho. O plano do líder era embobinar e matar os dois. Morjana, por sua vez, enfeitou os cabelos como uma dançarina, prendeu na cintura um cinto, do qual pendia uma adaga com cabo de prata, e disse a Abdallah:

– Pegue o seu tamborim, vamos divertir nosso mestre e seu convidado.

Abdallah pegou seu tamborim e tocou à frente de Morjana até chegarem à porta, onde Abdallah parou de tocar e a serva fez uma cortesia.

– Entre, Morjana – disse Ali Baba –, e deixe Cogia Hassan ver o que você sabe fazer.

Virando-se para Cogia Hassan, disse também:

– Ela é minha escrava e minha governanta.

Cogia Hassan não ficou nada satisfeito, pois temia que sua chance de matar Ali Baba tivesse acabado por enquanto, mas fingiu estar muito ansioso para ver Morjana e Abdallah tocarem e dançarem. Depois de várias danças, ela sacou a adaga e fez passes com ela, às vezes apontando para o próprio peito, às vezes para o do mestre, como se fosse parte da dança. De repente, sem fôlego, ela pegou o tamborim de Abdallah com a mão esquerda e, segurando a adaga na mão direita, passou o tamborim para seu mestre. Ali Baba e seu filho colocaram uma moeda de ouro nele, e Cogia Hassan, vendo que ela estava vindo até ele, puxou sua bolsa para dar-lhe algum presente também, mas, enquanto ele colocava a mão a bolsa, Morjana mergulhou a adaga em seu coração.

– Menina infeliz! – gritaram Ali Baba e seu filho. – O que você fez para nos prejudicar?

– Era para preservá-lo, mestre, não para prejudicá-lo – respondeu Morjana.  
– Veja aqui – disse, abrindo a vestimenta do falso comerciante e mostrando a adaga –, veja que inimigo você recepcionou! Olhe para ele! É o mesmo falso comerciante de óleo e capitão dos quarenta ladrões.

Ali Baba ficou tão grato a Morjana por ter salvado sua vida que ofereceu a ela seu filho em casamento, que prontamente consentiu, e poucos dias depois o casamento foi celebrado com grande esplendor.

No final de um ano, Ali Baba, sem ouvir nada sobre os dois ladrões remanescentes, julgou que eles estavam mortos e partiu para a caverna. A porta se abriu quando ele disse:

– Abra-te, Sésamo!

Ele entrou e viu que ninguém havia estado lá desde que o líder a deixara. Ele trouxe todo o ouro que pôde carregar e voltou para a cidade. Ali Baba contou ao filho o segredo da caverna, o qual seu filho passou, por sua vez, a seus netos e bisnetos.

- 
1. Provavelmente, com “não o conta, o mede”, a esposa se refere ao fato da riqueza ser em ouro, que não pode ser contado.
  2. Provavelmente, referem-se a venenos dados para pessoas que estão sofrendo e não têm chance de recuperação.

## *O cego Baba-Abdalla*

(de *As mil e uma noites*, Andrew Lang, 1898)

“Mas, Comandante dos Fiéis, existe um provérbio que diz: ‘quanto mais se tem, mais se deseja’. E foi o que aconteceu comigo.”

**E**u nasci, Comandante dos Fiéis, em Bagdá, e fiquei órfão quando ainda era muito jovem, pois meus pais morreram com poucos dias de diferença. Eu havia herdado deles uma pequena fortuna, que trabalhei dia e noite para aumentar, até que finalmente me vi dono de oitenta camelos. Aluguei-os a mercadores viajantes, que eu frequentemente acompanhava em suas várias viagens e que sempre os devolviam com grandes lucros.

Um dia, eu voltava de Baçorá, para onde havia levado um suprimento de mercadorias destinadas à Índia, e parei ao meio-dia em um lugar solitário, que prometia pasto fértil para meus camelos. Eu estava descansando à sombra de uma árvore quando um dervixe<sup>3</sup>, indo a pé em direção a Baçorá, sentou-se ao meu lado e perguntei de onde ele tinha vindo e para onde estava indo. Logo ficamos amigos e, depois de fazermos um ao outro as perguntas de sempre, preparamos a comida que tínhamos conosco e saciamos nossa fome.

Enquanto comíamos, o homem mencionou por acaso que, em um local apenas um pouco afastado de onde estávamos sentados, havia um tesouro

tão grande que, mesmo se meus oitenta camelos fossem carregados com o máximo que conseguissem levar, o esconderijo permaneceria praticamente intocado.

Com esta notícia quase fiquei fora de mim de alegria e ganância e lancei meus braços ao redor do pescoço do dervixe, exclamando:

– Bom homem, vejo claramente que as riquezas deste mundo não são nada para você, portanto, de que adianta você saber desse tesouro? Sozinho e a pé, você poderia carregar um mero punhado. Mas diga-me onde está e eu carregarei meus oitenta camelos com ele e lhe darei um deles como sinal de minha gratidão.

Certamente minha oferta não pareceu muito magnífica, mas para mim era ótima, pois com suas palavras uma onda de cobiça tomou conta do meu coração e quase senti como se os setenta e nove camelos que sobraram não fossem nada em comparação.

O homem viu muito bem o que se passava em minha mente, mas não demonstrou o que pensava de minha proposta.

– Meu irmão – respondeu baixinho –, você sabe tão bem quanto eu que está se comportando injustamente. O segredo pertencia a mim, mas o fato de eu ter contado sobre sua existência mostra que eu confiava em você e esperava ganhar sua gratidão para sempre, fazendo a sua fortuna assim como a minha. Mas antes de eu revelar a você o segredo do tesouro, você deve jurar que, depois de carregarmos os camelos com tanto quanto eles possam suportar, você vai me dar a metade deles, e vamos seguir nossos próprios caminhos. Acho que você percebe que isso seria justo.

É claro que não podia negar que o que o dervixe disse era perfeitamente razoável, mas, apesar disso, a ideia de que ele seria tão rico quanto eu era insuportável para mim. Ainda assim, não adiantava discutir o assunto, e eu

tinha que aceitar suas condições ou lamentar até o fim da minha vida a perda de uma riqueza imensa. Então, peguei meus camelos e partimos juntos sob a orientação do homem. Depois de caminharmos um pouco, chegamos ao que parecia um vale, mas com uma entrada tão estreita que meus camelos só podiam passar um a um. O pequeno vale era fechado por duas montanhas, cujas encostas eram formadas por penhascos retos, que nenhum ser humano poderia escalar.

Quando estávamos exatamente entre essas montanhas, o dervixe parou.

– Faça seus camelos deitarem neste vale – disse ele – para que possamos colocar o carregamento neles facilmente; então iremos até o tesouro.

Fiz o que me foi pedido e juntei-me ao homem, que encontrei tentando acender o fogo com uma lenha seca. Assim que acendeu, ele jogou sobre ela um punhado de perfumes e pronunciou algumas palavras que eu não entendi, e imediatamente uma espessa coluna de fumaça se ergueu no ar. Ele separou a fumaça em duas colunas, e então eu vi uma rocha, que parecia um pilar entre as duas montanhas, ser aberta lentamente, e um esplêndido palácio aparecer dentro.

Mas, Comandante dos Fiéis, o amor pelo ouro tinha se apossado tanto do meu coração que nem pude parar para examinar as riquezas, então caí sobre a primeira pilha de ouro ao meu alcance e comecei a amontoá-la em um saco que trouxera comigo.

O homem também começou a trabalhar, mas logo percebi que ele se limitava a coletar pedras preciosas, e achei que seria sábio seguir seu exemplo. Por fim, os camelos foram carregados com tudo o que podiam carregar, e só nos restava selar nosso tesouro e seguir nossos caminhos.

Antes, porém, que isso fosse feito, o dervixe foi até um grande vaso de ouro e tirou dele uma pequena caixa de madeira, que escondeu nas suas roupas,

dizendo apenas que ela continha um tipo especial de unguento. Então, ele acendeu mais uma vez o fogo, jogou o perfume e murmurou um feitiço desconhecido, fazendo com que a pedra se fechasse como a havíamos encontrado.

A próxima coisa foi dividir os camelos e carregá-los com o tesouro, e depois cada um de nós assumiu o comando do seu próprio grupo e marchou para fora do vale, até chegarmos ao lugar na estrada principal onde as rotas divergem. Finalmente, nós nos separamos, o dervixe indo para Baçorá, e eu para Bagdá. Abraçamo-nos ternamente e expressei minha gratidão pela honra que ele me prestara ao me escolher para dividir aquela grande riqueza e, depois de nos despedirmos calorosamente, viramos as costas e nos apressamos atrás de nossos camelos.

Eu mal tinha pensado em mim quando o demônio da inveja encheu minha alma.

– O que um dervixe quer com uma riqueza dessas? – perguntei a mim mesmo. – Só ele tem o segredo do tesouro e sempre pode conseguir o quanto quiser...

Pensando assim, parei meus camelos na beira da estrada e corri atrás dele.

Eu era um corredor rápido e não demorei muito para encontrá-lo.

– Meu irmão – exclamei, assim que pude falar –, quase no momento de nossa partida, uma reflexão me ocorreu, que talvez seja nova para você. Você é um dervixe e vive uma vida tranquila, preocupado apenas em fazer o bem, e não se importa muito com as coisas deste mundo. Você não percebe o peso que coloca sobre si mesmo ao juntar em suas mãos tamanha riqueza, além do fato de que ninguém, que não seja acostumado a camelos desde o nascimento, pode sempre controlar as feras teimosas? Se você for sábio, não se sobrecarregará com mais de trinta animais e achará isso o suficiente.

– Você tem razão – respondeu o dervixe, que me entendera muito bem, mas não quis discutir. – Eu confesso que não tinha pensado nisso. Escolha dez camelos que quiser e os leve com você.

Selecionei dez dos melhores camelos e seguimos pela estrada para nos juntar aos que eu havia deixado para trás. Eu consegui o que queria, mas achei o dervixe tão fácil de enganar que me lamentei por não ter pedido vinte camelos em vez de dez. Eu olhei para trás: ele tinha dado apenas alguns passos, e eu o chamei.

– Meu irmão – disse –, não posso me separar de você sem apontar o que acho que você não comprehende: é preciso muita experiência em conduzir camelos para levar trinta dessa forma. Tenho certeza de que você seria muito mais feliz se confiasse mais dez deles a mim, pois, com a minha prática, não faz diferença se conduzo um ou cem.

Como antes, o dervixe não criou dificuldades e eu trouxe meus dez camelos a mais em triunfo, deixando-o apenas com vinte. Eu tinha agora sessenta camelos, e qualquer um imaginaria que eu estava contente.

Mas, Comandante dos Fiéis, existe um provérbio que diz: “quanto mais se tem, mais se deseja”. E foi o que aconteceu comigo. Não descansaria enquanto restasse um único camelo ao dervixe e, voltando ao encontro dele, redobrei minhas orações, abraços e promessas de gratidão eterna, até que os últimos vinte estivessem em minhas mãos.

– Faça um bom uso deles, meu irmão – disse o homem santo. – Lembre-se de que as riquezas às vezes têm asas se as guardarmos para nós mesmos, e os pobres estão às nossas portas justamente para que possamos ajudá-los.

Meus olhos estavam tão cegos pelo ouro que não dei atenção ao seu sábio conselho e apenas procurei algo mais para agarrar. De repente, lembrei-me da caixinha de unguento que o dervixe havia escondido e que

provavelmente continha um tesouro mais precioso do que todo o resto. Dando-lhe um último abraço, observei accidentalmente:

– O que você vai fazer com essa caixinha de unguento? Parece que não vale a pena levar com você; pode muito bem me deixar ficar com ela. E realmente um dervixe que desistiu do mundo não precisa de unguento!

Oh, se ele apenas tivesse recusado meu pedido! Mas, mesmo se tivesse, eu teria tomado a posse dela à força, tão grande era a loucura que se apoderou de mim. Porém, longe de recusar, o dervixe imediatamente a estendeu, dizendo graciosamente:

– Pegue, meu amigo, e se houver alguma coisa que eu possa fazer para deixá-lo feliz, me avise.

Assim que a caixa estava em minhas mãos, eu arranquei a tampa.

– Senhor – disse –, diga-me, eu lhe peço, quais são as virtudes deste unguento?

– Elas são muito curiosas e interessantes – respondeu o dervixe. – Se você aplicar um pouco no olho esquerdo, verá em um instante todos os tesouros escondidos nas entradas da terra. Mas tome cuidado para não tocar no olho direito com ele ou sua visão será destruída para sempre.

Suas palavras excitaram minha curiosidade ao máximo.

– Faça um teste comigo, eu imploro! – gritei, estendendo a caixa para o dervixe. – Você saberá fazer isso melhor do que eu! Estou ardendo de impaciência para testar seus encantos.

O dervixe pegou a caixa que eu lhe estendi e, ordenando-me que fechasse o olho esquerdo, tocou-o suavemente com o unguento. Quando o abri novamente, vi espalhados, como se estivessem diante de mim, tesouros de todo tipo. Mas como todo esse tempo fui obrigado a manter o olho direito

fechado, o que era muito fatigante, implorei ao dervixe que aplicasse a pomada também naquele olho.

– Se você insistir, eu o farei – respondeu o dervixe –, mas você deve se lembrar do que acabei de dizer, que se tocar seu olho direito você ficará cego na hora.

Infelizmente, apesar de eu ter provado a verdade das palavras do dervixe em tantos casos, eu estava firmemente convencido de que ele agora estava escondendo de mim alguma virtude oculta e preciosa do unguento. Então, ignorei tudo o que ele disse.

– Meu irmão – respondi sorrindo –, vejo que você está brincando. Não é natural que a mesma pomada tenha dois efeitos exatamente opostos.

– É verdade mesmo assim – respondeu o dervixe. – E seria bom para você se acreditasse em minha palavra.

Mas eu não queria acreditar e, deslumbrado pela ganância da avareza, pensei que, se um olho pudesse me mostrar as riquezas, o outro poderia me ensinar como obtê-las. E continuei a pressionar o dervixe para ungir meu olho direito, mas ele se recusou resolutamente a fazer isso.

– Depois de ter conferido tais benefícios a você – disse ele –, eu realmente não quero fazer-lhe esse mal. Pense no que é ser cego e não me obrigue a fazer o que você vai se arrepender enquanto viver.

Foi inútil.

– Meu irmão – disse eu com firmeza –, por favor, não diga mais nada, mas faça o que eu peço. Você respondeu generosamente aos meus desejos até agora, não estrague minha lembrança sua por algo de tão pouca importância. O que for que acontecer é responsabilidade minha, e nunca vou repreendê-lo.

– Já que você está decidido a isso – respondeu ele com um suspiro –, não adianta argumentar.

E, tomando a pomada, colocou um pouco no meu olho direito, que estava bem fechado. Quando tentei abri-lo, pesadas nuvens de escuridão flutuaram diante de mim. Eu estava tão cego quanto você me vê agora!

– Dervixe miserável! – gritei. – Então é verdade, afinal! Em que buraco sem fundo minha cobiça por ouro me mergulhou. Ah, agora que meus olhos estão fechados, eles estão realmente abertos. Eu sei que todos os meus sofrimentos são causados apenas por mim mesmo! Mas, bom irmão, você, que é tão bom e caridoso e conhece os segredos de tão vasto saber, não tem nada que me devolva a visão?

– Homem infeliz – respondeu o dervixe –, não é minha culpa que isso tenha acontecido a você, mas é um justo castigo. A cegueira de seu coração criou a cegueira de seu corpo. Sim, eu tenho segredos, como você tem visto no curto espaço de tempo em que nos conhecemos, mas nenhum deles lhe devolverá a visão. Você se provou indigno das riquezas que lhe foram dadas. Agora, elas passarão para as minhas mãos, de onde fluirão para as mãos de outros menos gananciosos e ingratos do que você.

O dervixe não disse mais nada e me deixou, sem palavras de vergonha e confusão, e tão miserável que fiquei enraizado no local, enquanto ele recolhia os oitenta camelos e prosseguia seu caminho para Baçorá. Foi em vão que implorei a ele que não me deixasse e que pelo menos me deixasse ao alcance da primeira caravana que passasse. Ele estava surdo às minhas orações e gritos, e eu logo estaria morto de fome e miséria se alguns mercadores não tivessem vindo pela estrada no dia seguinte e gentilmente me levado de volta a Bagdá.

De homem rico, em um momento me tornei um mendigo e até agora tenho vivido exclusivamente das esmolas que me foram dadas. Mas, para expiar o

pecado da avareza, que me destruiu, obrigo cada um que passa a me dar um golpe.

Esta, Comandante dos Fiéis, é a minha história.

Quando o cego terminou, o califa dirigiu-se a ele:

– Baba-Abdalla, realmente seu pecado é grande, mas você já sofreu o suficiente. A partir de agora, arrependa-se em particular, pois garantirei que dia a dia lhe seja dado dinheiro suficiente para todas as suas necessidades.

Com essas palavras, Baba-Abdalla se jogou aos pés do califa e rezou para que a honra e a felicidade não acabassem nunca.

---

3. Um dervixe é um praticante aderente ao islamismo sufista, que segue o caminho ascético da Tariqah (طريق), conhecido pela sua extrema pobreza e austeridade.

# *As duas irmãs que tinham ciúme de sua irmã mais nova*

(de *As mil e uma noites*. Andrew Lang, 1898)

*Nesta curiosa história adicionada posteriormente por Galland ao Mil e uma noites, o sultão estava vagando pela cidade disfarçado quando ouviu três irmãs falando sobre com quem desejariam se casar. Ele decide realizar seus devaneios, mas as coisas não saíram tão bem quanto o esperado.*

**E**ra uma vez nos reinos da Pérsia um sultão chamado Kosrouschah, que desde a infância gostava de se disfarçar e buscar aventuras em todas as partes da cidade, acompanhado por um de seus oficiais, também disfarçado como ele. Assim que seu pai foi enterrado e as cerimônias que marcaram sua ascensão ao trono foram realizadas, o jovem se apressou em se livrar de suas vestes suntuosas e, chamando seu vizir para se aprontar da mesma forma, roubou uma roupa simples de um cidadão particular nas ruas menos conhecidas da capital.

Ao passar por uma rua deserta, o sultão ouviu vozes femininas discutirem e, espiando por uma fresta na porta, ele viu três irmãs sentadas em um sofá em um grande corredor, conversando de uma maneira muito animada. A julgar pelas poucas palavras que alcançaram seus ouvidos, cada uma estava explicando com que tipo de homem desejava se casar.

– Não peço nada melhor – exclamou a mais velha – do que ter por marido o padeiro do sultão. Pense em poder comer o quanto quiser daquele pão delicioso que se assa só para sua alteza! Vejamos se seu desejo é tão bom quanto o meu.

– Eu – respondeu a segunda irmã – ficaria muito contente com o cozinheiro chefe do sultão. Que delicados guisados eu poderia comer! Veja, minha querida irmã, meu gosto é tão bom quanto o seu.

Agora era a vez da irmã mais nova, que era de longe a mais bonita das três e tinha, além disso, mais bom senso do que as outras duas.

– Quanto a mim – disse ela –, deveria voar mais alto; e, se quisermos ter maridos, nada menos do que o próprio sultão me satisfará.

O sultão se divertiu tanto com a conversa que decidiu satisfazer seus desejos e, voltando-se para o grão-vizir, pediu-lhe que anotasse que casa era aquela e, na manhã seguinte, trouxesse as damas a seu palácio.

O grão-vizir cumpriu sua missão e, mal lhes dando tempo para trocar de vestido, desejou que as três irmãs o seguissem. Lá, elas foram anunciadas uma a uma e, quando elas se curvaram diante do sultão, o soberano abruptamente lhes perguntou:

– Digam-me, vocês se lembram do que desejaram ontem à noite, quando estavam se divertindo? Não temam nada, mas me respondam a verdade.

Essas palavras tão inesperadas deixaram as irmãs em grande confusão, e o rubor da mais jovem não deixou de impressionar o coração do sultão. As três permaneceram em silêncio, e ele apressou-se a continuar:

– Não temam, não tenho a menor intenção de causar-lhes dor, e deixem-me dizer-lhes de uma vez que conheço os desejos de cada uma. Você – disse ele voltando-se para a mais jovem –, que desejava me ter por marido, ficará

satisfeita hoje mesmo. E vocês – acrescentou ele, dirigindo-se às outras duas – se casarão no mesmo momento com meu padeiro e meu cozinheiro chefe.

Quando o sultão terminou de falar, as três irmãs se lançaram a seus pés, e a mais jovem disse:

– Oh, senhor, já que você conhece minhas palavras tolas, acredite, eu lhe imploro, que elas foram ditas apenas em brincadeira. Eu não sou digna da honra que você se propõe a me fazer e só posso pedir perdão por minha ousadia.

As outras irmãs também tentaram se desculpar, mas o sultão não quis ouvir nada.

– Não, não – disse ele –, estou decidido. Seus desejos serão realizados.

Assim, os três casamentos foram celebrados naquele mesmo dia, mas com uma grande diferença. O da mais jovem foi marcado por toda a magnificência habitual do casamento de um sultão, ao passo que as festividades das núpcias do padeiro do sultão e de seu cozinheiro chefe foram apenas as adequadas às suas condições.

Isso, embora bastante natural, foi muito desagradável para as irmãs mais velhas, que ficaram com tanta inveja que, no final, causaram muitos problemas e dor a várias pessoas. Na primeira vez que tiveram a oportunidade de se falar, apenas dias depois, nem tentaram disfarçar seus sentimentos.

– Você consegue entender o que o sultão viu naquela menina – disse uma a outra – para ele ficar tão fascinado por ela?

– Ele deve ser muito cego – respondeu a esposa do cozinheiro chefe. – Quanto a ela parecer um pouco mais jovem do que nós, o que isso importa?

Você seria uma sultana muito melhor do que ela.

– Oh, eu não digo nada de mim mesma – respondeu a mais velha. – Se o sultão tivesse escolhido você, tudo estaria muito bem; mas realmente me entristece que ele tenha escolhido uma criaturinha miserável como aquela. No entanto, eu vou me vingar dela de alguma forma, e eu imploro que você me dê sua ajuda no assunto e me diga se tiver alguma ideia de como matá-la.

Para levar a cabo seu plano perverso, as duas irmãs se reuniam constantemente para conversar sobre suas ideias, embora o tempo todo fingensem ser tão amistosas como normalmente eram com a sultana, que, por sua parte, sempre as tratava com gentileza. Por muito tempo, nenhum plano passou pelas cabeças das irmãs, que pareciam ter pouquíssima probabilidade de sucesso, mas, por fim, o esperado nascimento de um herdeiro deu-lhes a chance que tanto esperavam.

Elas obtiveram permissão do sultão para morar no palácio por algumas semanas e não deixaram sua irmã em nenhum momento. Quando finalmente nasceu um garotinho, lindo como o sol, elas o colocaram em seu berço e o carregaram para um canal que passava pelos jardins do palácio. Então, deixando-o entregue ao seu destino, informaram ao sultão que, em vez do filho que tanto desejara, a sultana dera à luz um cachorrinho. Com essas notícias terríveis, o sultão ficou tão tomado de raiva e tristeza que foi com grande dificuldade que o grão-vizir conseguiu salvar a sultana de sua ira.

Enquanto isso, o berço continuava a flutuar pacificamente ao longo do canal até que, nos arredores dos jardins reais, foi repentinamente percebido pelo intendente, um dos mais altos e respeitados funcionários do reino.

– Vá – disse ele a um jardineiro que estava trabalhando perto – e pegue esse berço para mim.

O jardineiro obedeceu e logo colocou o berço nas mãos do intendente.

O oficial ficou muito surpreso ao ver que o berço, que ele supunha estar vazio, continha um bebê, que, apesar de jovem, já prometia grande beleza. Não tendo filhos, embora já estivesse casado há alguns anos, imediatamente lhe ocorreu que ali estava uma criança que ele poderia criar como sua. Ordenando ao homem que pegasse o berço e o seguisse, voltou-se em direção à sua casa.

– Minha esposa – exclamou ele ao entrar na sala –, o céu nos negou um filho, mas aqui está um que foi enviado em seu lugar. Chame uma enfermeira, e farei o que for necessário publicamente para reconhecê-lo como meu filho.

A esposa aceitou o bebê com alegria e, embora o intendente visse muito bem que devia ter vindo do palácio real, não achou que fosse sua função investigar mais a fundo o mistério.

No ano seguinte, outro príncipe nasceu e ficou à deriva, mas felizmente para o bebê o intendente dos jardins novamente caminhava à beira do canal e o carregou para casa como fizera com o outro.

O sultão, naturalmente, ficou ainda mais furioso da segunda vez do que da primeira, mas, quando o mesmo acidente curioso se repetiu no terceiro ano, ele não conseguiu mais se controlar e, para grande alegria das irmãs ciumentas, ordenou que a sultana fosse executada. Contudo, a pobre senhora era tão amada na corte que nem mesmo o medo de compartilhar seu destino poderia impedir o grão-vizir e os cortesãos de se atirarem aos pés do sultão e implorarem que ele não infligisse um castigo tão cruel pelo que, afinal, não havia sido culpa dela.

– Deixe-a viver – suplicou o grão-vizir. – Apenas a afaste de sua presença pelo resto de seus dias. Isso por si só já será um castigo suficiente.

Passado o ódio, o sultão recuperou o autodomínio.

– Deixe-a viver, então – disse ele –, já que vocês a consideram tão especial. Mas, se eu conceder a vida a ela, será apenas com uma condição, que a fará pedir diariamente pela morte. Que uma prisão seja construída para ela na porta da mesquita principal e que a janela desse lugar esteja sempre aberta. Lá ela se sentará, com as roupas mais grosseiras, e todo muçulmano que entrar na mesquita cuspirá em seu rosto enquanto passar. Qualquer um que se recusar a obedecer deverá ser exposto ao mesmo castigo. Você, vizir, fará com que minhas ordens sejam cumpridas.

O grão-vizir viu que era inútil dizer mais nada e, cheias de triunfo, as irmãs observaram a construção do lugar e depois ouviram as zombarias das pessoas à desamparada sultana, que ficava sentada lá dentro. Mas a pobre senhora portava-se com tanta dignidade e mansidão que não demorou muito para conquistar a simpatia dos melhores entre a multidão.

Agora é hora de voltar ao destino do terceiro bebê, desta vez uma princesa. Como seus irmãos, ela foi encontrada pelo intendente dos jardins, adotada por ele e sua esposa, e os três foram criados com o maior cuidado e ternura.

À medida que as crianças cresciam, sua beleza e seu ar de distinção tornavam-se cada vez mais marcantes, e suas maneiras tinham toda a graça das pessoas de nascimento nobre. Os príncipes foram nomeados por seu pai adotivo como Bahman e Perviz, em homenagem a dois dos antigos reis da Pérsia, enquanto a princesa foi chamada de Parizade ou filha dos gênios.

O intendente teve o cuidado de educá-los de acordo com sua posição real e logo nomeou um tutor para ensinar os jovens príncipes a ler e escrever. A princesa, decidida a não ser deixada para trás, mostrou-se tão ansiosa por aprender com os irmãos que o intendente consentiu que participasse das aulas, e não demorou muito para que ela soubesse tanto quanto eles.

A partir dessa época, todos os seus estudos foram feitos juntos. Eles tinham os melhores mestres para as artes plásticas, geografia, poesia, história e ciências, e mesmo para as ciências, que são aprendidas por poucos, cada matéria parecia tão fácil para eles que seus professores ficavam espantados com o progresso que faziam. A princesa tinha paixão por música e podia cantar e tocar todos os tipos de instrumentos. Ela também sabia montar e dirigir tão bem quanto seus irmãos, atirar com um arco e flecha e lançar um dardo com a mesma habilidade que eles e às vezes melhor ainda.

O intendente resolveu que seus filhos adotivos não deveriam mais ficar presos nas estreitas fronteiras dos jardins do palácio, onde sempre moraram, por isso comprou uma esplêndida casa de campo a poucos quilômetros da capital, rodeada por um imenso parque. Este parque ele encheu de animais selvagens de vários tipos para que os príncipes e a princesa pudessem caçar o quanto quisessem.

Quando tudo ficou pronto, o intendente atirou-se aos pés do sultão e, após referir-se à sua idade e aos seus longos serviços, implorou à sua alteza a autorização para renunciar ao cargo. Isso foi concedido pelo sultão em poucas palavras graciosas, e ele então perguntou que recompensa ele poderia dar a seu servo fiel. O intendente declarou que não desejava nada, exceto a continuação da proteção de sua alteza e, prostrando-se mais uma vez, retirou-se da presença do sultão.

Cinco ou seis meses se passaram quando a morte atacou o intendente tão repentinamente que ele não teve tempo de revelar aos filhos adotivos o segredo de seu nascimento e, como sua esposa também havia morrido, tudo levava a crer que os príncipes e a princesa nunca saberiam que nasceram em uma posição superior à que ocupavam. A tristeza pelo pai era muito profunda, e eles viveram em silêncio em sua nova casa, sem sentir qualquer desejo de deixá-la para brincadeiras ou intrigas da corte.

Um dia, os príncipes, como de costume, saíram para caçar, mas sua irmã ficou sozinha em seus aposentos. Enquanto eles estavam fora, uma velha devota muçulmana apareceu à porta e pediu licença para entrar, pois era hora da oração. A princesa deu ordens imediatamente para que a velha fosse levada ao oratório particular no terreno e, quando ela terminasse suas orações, visitasse a casa e os jardins, encontrando-se depois com ela.

Embora a velha fosse muito piedosa, ela não era indiferente à magnificência de tudo ao seu redor, que ela parecia entender bem como admirar, e, depois de ver tudo, foi conduzida pelos servos diante da princesa, que estava sentada em uma sala que superava em esplendor todas as outras.

– Minha boa mulher – disse a princesa indicando um sofá –, venha sentar-se ao meu lado. Estou muito feliz com a oportunidade de falar por alguns momentos com uma pessoa tão sagrada.

A velha fez algumas objeções a tanta honra que lhe era prestada, mas a princesa recusou-se a ouvir e insistiu que a sua convidada ocupasse o melhor lugar e, como ela pensava estar cansada, pediu refrescos.

Enquanto a velha comia, a princesa lhe fez várias perguntas sobre seu modo de vida e suas práticas religiosas, e então perguntou o que ela achava da casa, agora que a tinha visto.

– Senhora – respondeu a peregrina –, como poderia encontrar qualquer defeito? É bonita, confortável e bem organizada, e é impossível imaginar algo mais lindo do que o jardim. Mas, já que você me perguntou, eu devo confessar que faltam três coisas para torná-la absolutamente perfeita.

– E o que podem ser essas coisas? – gritou a princesa. – Apenas me diga e não perderei tempo em providenciá-las.

– As três coisas, senhora – respondeu a velha –, são, em primeiro lugar, o pássaro falante, cuja voz atrai todos os outros pássaros cantores, para se

juntarem em coro. Em segundo lugar, a árvore cantante, em que cada folha é uma canção, então o jardim nunca é silencioso. E, por último, a água dourada, da qual basta derramar uma única gota em uma bacia para que caia em uma fonte, que nunca se exaure, nem a bacia jamais transbordará.

– Oh, como posso agradecê-la – exclamou a princesa – por me contar sobre esses tesouros! Mas, peço-lhe, à sua bondade, que me informe também onde posso encontrá-los.

– Senhora – respondeu a peregrina –, eu não estaria retribuindo a hospitalidade que me mostrou se me recusasse a responder à sua pergunta. As três coisas de que falei podem ser encontradas em um só lugar, nas fronteiras deste reino, em direção à Índia. Seu mensageiro só tem que seguir a estrada que passa por sua casa por vinte dias e, ao final desse tempo, ele deve pedir o pássaro falante, a árvore cantante e a água dourada à primeira pessoa que encontrar. – Ela então se levantou e, despedindo-se da princesa, seguiu seu caminho.

A velha partira tão abruptamente que a princesa Parizade não percebeu até que ela se foi que as instruções dificilmente haviam sido claras o suficiente para permitir o sucesso da busca. Ela ainda estava pensando no assunto e como seria maravilhoso possuir tais raridades quando os príncipes, seus irmãos, voltaram da caçada.

– Qual é o problema, minha irmã? – perguntou o príncipe Bahman. – Por que você está tão séria? Você está doente? Ou algo aconteceu?

A princesa Parizade não respondeu diretamente, mas, por fim, ergueu os olhos e respondeu que não havia nada de errado.

– Mas deve haver algo – persistiu o príncipe Bahman – para que você tenha mudado tanto durante o curto período em que estivemos ausentes. Não

esconda nada de nós, eu imploro, a menos que queira que acreditemos que a confiança que sempre tivemos um no outro agora deva cessar.

– Quando eu disse que não era nada – disse a princesa, comovida com suas palavras –, quis dizer que não foi nada que o afetasse, embora admita que é certamente de alguma importância para mim. Como eu, você sempre pensou que esta casa que nosso pai construiu para nós era perfeita em todos os aspectos, mas só hoje descobri que ainda faltam três coisas para completá-la. São eles: o pássaro falante, a árvore cantante e a água dourada.

Depois de explicar as qualidades peculiares de cada um, a princesa continuou:

– Foi uma devota muçulmana que me contou tudo isso e onde todos eles podem ser encontrados. Talvez você pense que a casa é bonita o suficiente como é e que podemos ficar muito bem sem essas coisas, mas nisto não posso concordar com você, e eu nunca ficarei satisfeita até que eu as tenha. Portanto, aconselhe-me, eu peço, sobre quem enviar para essa missão.

– Minha querida irmã – respondeu o príncipe Bahman –, é o suficiente você se preocupar com um assunto, mesmo que não tenhamos interesse nele. Entretanto, eu reivindico, como o mais velho, o direito de fazer a primeira tentativa, se você me disser para onde devo ir e que passos devo tomar.

O príncipe Perviz, a princípio, foi contra; seu irmão não deveria ter permissão para se expor ao perigo, mas o príncipe Bahman nada ouviu e retirou-se para fazer os preparativos necessários para sua viagem.

Na manhã seguinte, o príncipe Bahman levantou-se muito cedo e, depois de se despedir de seu irmão e irmã, montou em seu cavalo, mas, quando estava prestes a tocá-lo com o chicote, foi interrompido por um grito da princesa.

– Oh, talvez, afinal de contas, você nunca mais volte; nunca se sabe quais acidentes podem acontecer! Desista, eu te imploro, pois eu preferiria mil

vezes perder o pássaro falante, a árvore cantante e a água dourada do que colocá-lo em perigo.

– Minha querida irmã – respondeu o príncipe –, acidentes só acontecem com pessoas azaradas, e espero que eu não seja uma delas. Mas como tudo é incerto, prometo que tomarei muito cuidado. Pegue esta faca – continuou ele, entregando-lhe uma que estava pendurada na bainha de seu cinto – e, de vez em quando, puxe-a para fora e olhe para ela. Contanto que ela continue brilhante e limpa como está hoje, você saberá que estou vivo; mas, se a lâmina estiver manchada de sangue, será um sinal de que estou morto, e você deve chorar por mim.

Assim dizendo, o príncipe Bahman despediu-se deles mais uma vez e partiu para a estrada, bem montado e totalmente armado. Durante vinte dias, ele cavalgou em linha reta, sem virar nem para a direita nem para a esquerda, até que se viu chegando perto das fronteiras da Pérsia. Sentado sob uma árvore à beira do caminho, ele notou um velho horrível, com um longo bigode branco e uma barba que quase caía até seus pés. Suas unhas eram muito grandes e na cabeça ele usava um enorme chapéu, que lhe servia de guarda-chuva.

O príncipe Bahman, que, lembrando-se das instruções da velha, esteve desde o nascer do sol à espreita de alguém, reconheceu imediatamente o velho como um dervixe. Ele desceu de seu cavalo e curvou-se diante do homem santo, dizendo como forma de saudação:

– Meu pai, que seus dias sejam longos na terra e que todos os seus desejos sejam realizados!

O dervixe fez o que pôde para responder, mas seu bigode era tão grosso que suas palavras dificilmente foram inteligíveis, e o príncipe, percebendo o que estava acontecendo, tirou uma tesoura dos bolsos da sela e pediu permissão para cortar um pouco do bigode, pois tinha uma pergunta de grande

importância para fazer a ele. O dervixe fez um sinal de que poderia fazer o que quisesse e, quando alguns centímetros de seu cabelo e barba foram aparados, o príncipe garantiu ao santo homem que ele dificilmente acreditaria como parecia mais jovem. O dervixe sorriu de volta e agradeceu o que fizera.

– Deixe-me – disse ele – mostrar minha gratidão por me deixar mais confortável, dizendo-me o que posso fazer por você.

– Gentil dervixe – respondeu o príncipe Bahman –, venho de longe e procuro o pássaro falante, a árvore cantante e a água dourada. Sei que eles podem ser encontrados em algum lugar por aqui, mas não sei o local exato. Diga-me, peço-lhe, onde posso encontrá-los para que eu não tenha viajado em uma busca inútil.

Enquanto falava, o príncipe notou uma mudança no semblante do dervixe, que esperou algum tempo antes de responder.

– Meu senhor – disse ele por fim –, conheço o caminho que você pede, mas sua bondade e amizade me fazem relutar em apontá-lo.

– Mas por quê? – perguntou o príncipe. – Que perigo pode haver?

– O maior perigo – respondeu o dervixe. – Outros homens, tão corajosos quanto você, cavalgaram por esta estrada e me fizeram essa pergunta. Eu fiz o meu melhor para desviá-los também de seu propósito, mas foi inútil. Nenhum deles deu ouvidos às minhas palavras e nenhum deles voltou. Seja avisado a tempo e não procure ir mais longe.

– Sou grato a você por seu interesse em mim – disse o príncipe Bahman – e pelo conselho que deu, embora eu não possa segui-lo. Mas que perigos pode haver nessa aventura que a coragem e uma boa espada não podem enfrentar?

- Suponha – respondeu o dervixe – que seus inimigos sejam invisíveis, como então?
- Nada me fará desistir – respondeu o príncipe – e, pela última vez, peço que me diga para onde devo ir.

Quando o dervixe viu que o príncipe estava decidido, tirou uma bola de uma bolsa que estava perto dele.

– Se for assim – disse ele com um suspiro, entregando-lhe a bola –, pegue isto e, quando estiver montado em seu cavalo, jogue a bola na sua frente. Ela rolará até chegar ao pé de uma montanha e, quando ela parar, você também parará. Você então jogará a rédea no pescoço do seu cavalo, sem medo de que ele se desvie, e desmontará. De cada lado, você verá montanhas de grandes pedras pretas e ouvirá uma infinidade de vozes insultantes, mas não preste atenção a elas e, acima de tudo, cuidado para nunca virar a cabeça. Se o fizer, você se tornará instantaneamente uma pedra negra como o resto, pois essas pedras são, na realidade, homens como você, que estiveram na mesma busca e falharam. É por isso que temo que você também possa falhar. Se você conseguir evitar essa armadilha e chegar ao topo da montanha, você encontrará lá o pássaro falante em uma gaiola esplêndida e você pode perguntar a ele onde deve buscar a árvore cantante e a água dourada. Isso é tudo que tenho a dizer. Você sabe o que deve fazer e o que evitar, mas, se você for sábio, não pensará mais nisso e voltará de onde veio.

O príncipe balançou a cabeça sorrindo e, agradecendo ao dervixe mais uma vez, montou em seu cavalo e jogou a bola diante dele.

A bola rolou pela estrada tão rápido que o príncipe Bahman teve muita dificuldade em acompanhá-la e não diminuiu sua velocidade até que o pé da montanha foi alcançado. Então, ela parou repentinamente, e o príncipe imediatamente se abaixou e atirou a rédea no pescoço do cavalo. Ele parou

por um momento e olhou em volta para as massas de pedras pretas com as quais as encostas da montanha estavam cobertas e então começou a subir resolutamente. Ele mal tinha dado quatro passos quando ouviu o som de vozes ao seu redor, embora nenhuma outra criatura estivesse à vista.

- Quem é esse imbecil? – gritaram alguns.
- Pare-o imediatamente.
- Mate-o – gritavam outros.
- Socorro! Ladrões! Assassinos! Socorro! Socorro!
- Oh, deixe-o em paz – zombou outro –, ele é um jovem tão bonito; tenho certeza de que o pássaro e a gaiola devem ter sido guardados para ele.

A princípio, o príncipe não deu atenção aos insultos e continuou a avançar em seu caminho. Infelizmente esta conduta, em vez de silenciar as vozes, parecia apenas irritá-las ainda mais, e elas surgiam com fúria redobrada, tanto na frente como atrás dele. Depois de algum tempo, o príncipe ficou confuso, seus joelhos começaram a tremer e, percebendo que ia cair, esqueceu por completo o conselho do dervixe. Ele se virou para descer montanha abaixo e, em um momento, tornou-se uma pedra negra.

Como se pode imaginar, o príncipe Perviz e sua irmã estavam todo esse tempo na maior ansiedade e consultavam a faca mágica não uma, mas muitas vezes ao dia. Até então, a lâmina permanecera brilhante e sem manchas, mas, na hora fatal em que o príncipe Bahman e seu cavalo foram transformados em pedras negras, grandes gotas de sangue apareceram na superfície.

- Ah! Meu amado irmão! – exclamou a princesa com horror, jogando longe a faca. – Nunca mais te verei, e fui eu que te matei. Tola que fui ouvir a voz daquela tentadora, que provavelmente não estava falando a verdade. O que

são o pássaro falante e a árvore cantante para mim em comparação com você, embora eu os deseje!

O pesar do príncipe Perviz pela perda do irmão não foi menor do que o da princesa Parizade, mas ele não perdeu tempo com lamentações inúteis.

– Minha irmã – disse ele –, por que você deveria pensar que a velha estava enganando você sobre esses tesouros e qual teria sido o objetivo dela ao fazer isso? Não, não, nosso irmão deve ter encontrado a morte por algum acidente ou por falta de precaução, e amanhã vou partir na mesma busca.

Aterrorizada com a ideia de perder seu único irmão restante, a princesa implorou que ele desistisse de sua ideia, mas ele permaneceu firme. Antes de partir, porém, ele deu a ela um colar de cem pérolas e disse:

– Quando eu estiver ausente, olhe diariamente para isso. Se você descobrir que as contas ficaram presas, de forma que elas deslizem uma depois da outra, você saberá que o destino do meu irmão se abateu sobre mim. Ainda assim, devemos esperar por melhor sorte.

Então ele partiu e, no vigésimo dia de sua jornada, encontrou o dervixe no mesmo local em que o príncipe Bahman o havia encontrado e começou a questioná-lo sobre o lugar onde o pássaro falante, a árvore cantante e a água dourada podiam ser encontrados. Como no caso do irmão, o dervixe tentou fazê-lo desistir de seu projeto e até lhe disse que fazia apenas algumas semanas que um jovem, muito parecido com ele, havia passado por ali, mas nunca mais havia voltado.

– Aquele, santo dervixe – respondeu o príncipe Perviz –, era meu irmão mais velho, que agora está morto, embora eu não saiba como ele morreu.

– Ele se transformou em uma pedra negra – respondeu o dervixe – como todos os outros que partiram na mesma missão, e você também se tornará uma se não for mais cuidadoso em seguir minhas instruções.

Então ele avisou o príncipe que, se ele valorizava sua vida, não desse atenção ao clamor das vozes que o perseguiam montanha acima e, entregando-lhe uma bola da sacola, que ainda parecia estar pela metade, desejou-lhe boa viagem.

Quando o príncipe Perviz alcançou o sopé da montanha, saltou do cavalo e parou por um momento para lembrar as instruções que o dervixe lhe dera. Em seguida, ele avançou com ousadia, mas mal tinha dado cinco ou seis passos quando foi surpreendido por uma voz masculina que parecia perto de seu ouvido, exclamando:

– Pare, camarada precipitado, e deixe-me punir sua audácia.

Esse ultraje tirou inteiramente o conselho do dervixe da cabeça do príncipe. Ele desembainhou a espada e voltou-se para se vingar, mas, quase antes de perceber que não havia ninguém ali, ele e seu cavalo eram duas pedras pretas.

Não se passara uma manhã desde que o príncipe Perviz partira sem que a princesa Parizade olhasse o colar e à noite ela até o pendurava no pescoço para que, se acordasse, pudesse se assegurar imediatamente da segurança do irmão. Ela estava com o objeto entre os dedos no momento em que o príncipe se tornou vítima de sua impaciência e seu coração afundou quando a primeira pérola permaneceu fixa em seu lugar. No entanto, ela já havia decidido o que faria nesse caso e, na manhã seguinte, a princesa, disfarçada de homem, partiu para a montanha.

Como estava acostumada a cavalgar desde a infância, conseguiu viajar tantos quilômetros por dia quanto os irmãos e foi, como antes, no vigésimo dia que chegou ao local onde estava sentado o dervixe.

– Bom dervixe – disse ela educadamente –, permita que eu descanse com você por alguns momentos e talvez faça a gentileza de me dizer se você já

ouviu falar de um pássaro falante, de uma árvore cantante e da água dourada, que podem ser encontrados em algum lugar perto daqui.

– Senhora – respondeu o dervixe –, apesar de sua vestimenta viril, sua voz a trai. Terei orgulho de servi-la de todas as maneiras que puder. Mas posso perguntar o propósito de sua pergunta?

– Bom dervixe – respondeu a princesa –, ouvi descrições tão brilhantes dessas três coisas que não posso descansar até que as possua.

– Senhora, eles são muito mais bonitos do que qualquer descrição, mas você parece ignorar todas as dificuldades que se colocam em seu caminho ou dificilmente teria empreendido tal aventura. Desista, eu lhe peço, e volte para casa, e não me peça para ajudá-la a ter uma morte cruel.

– Venho de longe e ficaria desesperada se voltasse sem ter alcançado o meu objetivo. Você falou das dificuldades; diga-me, suplico-lhe, quais são elas, para que eu possa saber se consigo superá-las ou ver se estão além de minhas forças.

O dervixe repetiu sua história e se deteve com mais firmeza do que antes no clamor das vozes, nos horrores das pedras negras, que já foram homens vivos, e nas dificuldades de escalar a montanha. Ele ressaltou que o principal meio de sucesso era nunca olhar para trás até que você tivesse a gaiola em suas mãos.

– Pelo que posso ver – disse a princesa –, a primeira coisa é não se importar com o tumulto das vozes que te seguem até chegar à gaiola e então nunca olhar para trás. Quanto a isso, acho que tenho autocontrole suficiente para fazer, mas, como é bem possível que eu me assuste com as vozes, como até mesmo os homens mais ousados se assustam, vou tapar meus ouvidos com algodão para que, mesmo que eles façam barulho, eu não os ouça.

– Senhora – gritou o dervixe –, de todos os que me perguntaram o caminho para a montanha, você é a primeira a sugerir tal meio de escapar do perigo! É possível que tenha sucesso, mas, mesmo assim, o risco é grande.

– Bom dervixe – respondeu a princesa –, sinto em meu coração que terei sucesso e só me resta perguntar o caminho que devo seguir.

Então o dervixe disse que não adiantava dizer mais nada e deu-lhe a bola, que ela atirou à sua frente.

A primeira coisa que a princesa fez ao chegar à montanha foi tapar os ouvidos com algodão e, em seguida, decidindo qual era o melhor caminho a seguir, iniciou a subida. Apesar do algodão, alguns ecos das vozes chegavam a seus ouvidos, mas não de forma a incomodá-la. Na verdade, embora as vozes ficassem mais altas e mais ofensivas quanto mais alto ela subia, a princesa apenas ria e dizia a si mesma que certamente não permitiria que algumas palavras ásperas se interpusessem entre ela e seu objetivo. Por fim, ela percebeu ao longe a gaiola e o pássaro, cuja voz se juntou em tons de trovão às dos demais:

– Volte, volte! Vá embora! Nunca ouse chegar perto de mim.

Ao avistar o pássaro, a princesa apressou os passos e, sem se irritar com o barulho que a essa altura havia se tornado ensurcedor, ela caminhou direto para a gaiola. Agarrando-a, disse:

– Agora, minha ave, eu tenho você e eu vou cuidar bem para que não escape.

Enquanto falava, ela tirou o algodão das orelhas, pois não era mais necessário.

– Valente senhora – respondeu o pássaro –, não me culpe por ter unido minha voz àqueles que fizeram o possível para preservar minha liberdade.

Embora confinado em uma gaiola, estava contente com minha sorte, mas, se devo me tornar um escravo, não poderia desejar uma senhora mais nobre do que você, que tem mostrado tanta constância e, a partir deste momento, juro servi-la fielmente. Algum dia você me colocará à prova, pois eu sei quem você é melhor do que você mesma. Enquanto isso, diga-me o que posso fazer e obedecerei.

– Pássaro – respondeu a princesa, que se encheu de uma alegria que lhe pareceu estranha ao pensar que o pássaro havia custado a vida de seus dois irmãos –, pássaro, deixe-me primeiro agradecer por sua boa vontade e depois deixe-me perguntar onde posso encontrar a árvore dourada.

O pássaro descreveu o lugar, que não ficava muito longe, e a princesa encheu um pequeno cantil de prata que trouxera. Ela então se voltou para a gaiola e disse:

– Pássaro, ainda há outra coisa, onde posso encontrar a árvore cantante?

– Atrás de você, naquela floresta – respondeu o pássaro.

E a princesa vagou pela floresta até que o som das mais doces vozes lhe disse que havia encontrado o que procurava. Mas a árvore era alta e forte, assim, era inútil pensar em arrancá-la.

– Você não precisa fazer isso – disse o pássaro, quando ela voltou para pedir um conselho. – Quebre um galho e plante-o em seu jardim, e ele criará raízes e se tornará uma árvore magnífica.

Quando a princesa Parizade segurou em suas mãos as três maravilhas prometidas pela velha, ela disse ao pássaro:

– Tudo isso não basta. Foi devido a você que meus irmãos se tornaram pedras negras. Você deve mostrá-los para mim, eu imploro, pois eu desejo levá-los embora.

Por alguma razão que a princesa não conseguiu adivinhar, essas palavras pareceram desagradar o pássaro, e ele não respondeu. A princesa esperou um momento e então continuou em tom severo:

– Esqueceu-se de que você mesmo disse que é meu escravo e que sua vida está em meu poder?

– Não, não esqueci – respondeu o pássaro –, mas o que você pede é muito difícil. No entanto, farei o possível. Se você olhar em volta – continuou ele –, verá um jarro parado por perto. Conforme for descendo a montanha, espalhe um pouco da água do jarro sobre cada pedra negra e você logo encontrará seus dois irmãos.

A princesa Parizade pegou o jarro e, levando consigo além da gaiola o galho e o cantil, voltou descendo a encosta da montanha. A cada pedra negra, ela parava e as borrifava com água e, quando a água a tocava, a pedra instantaneamente se tornava um homem. Sua alegria foi misturada com espanto quando, de repente, ela viu seus irmãos diante dela.

– Ora, o que vocês estão fazendo aqui? – chorou a princesa.

– Estábamos dormindo – disseram eles.

– Sim – respondeu a princesa –, mas sem mim seu sono provavelmente teria durado até o dia do julgamento. Vocês se esqueceram de que vieram aqui em busca do pássaro falante, da árvore cantante e da água dourada, e então as pedras negras foram amontoadas ao longo da estrada? Olhe em volta e veja se sobrou uma. Estes senhores, vocês e todos os seus cavalos foram transformados nessas pedras, e eu os livrei borrifando-os com a água deste jarro. Como eu não poderia voltar para casa sem vocês, mesmo tendo ganhado os prêmios pelos quais me empenhei, forcei o pássaro falante a me dizer como quebrar o feitiço.

Ao ouvir essas palavras, o príncipe Bahman e o príncipe Perviz entenderam tudo o que deviam à irmã, e os cavaleiros que estavam ali se declararam seus escravos e prontos para realizar seus desejos. Mas a princesa, ao mesmo tempo que agradecia a polidez, explicou que não desejava companhia senão a dos irmãos e que os demais eram livres para ir aonde quisessem.

Assim dizendo, a princesa montou em seu cavalo e, recusando-se a permitir que até mesmo o príncipe Bahman carregasse a gaiola com o pássaro falante, ela confiou a ele o galho da árvore cantante, enquanto o príncipe Perviz cuidava do cantil contendo a água dourada.

Em seguida, eles partiram, seguidos pelos cavaleiros e cavalheiros, que imploraram para ter a permissão de escoltá-los.

Tinha sido intenção do grupo parar e contar suas aventuras ao dervixe, mas eles descobriram, para sua tristeza, que ele havia morrido, fosse de velhice ou por sentir que sua tarefa havia sido cumprida, eles nunca souberam.

À medida que continuavam em sua estrada, seu número diminuía a cada dia, pois os cavaleiros iam um a um para suas próprias casas, e apenas os irmãos e a irmã finalmente pararam no portão do palácio.

A princesa carregou a gaiola direto para o jardim e, assim que o pássaro começou a cantar, rouxinóis, cotorras, tordos, tentilhões e todos os tipos de pássaros misturaram suas vozes em coro. Ela plantou o galho em um canto perto da casa e, em poucos dias, ele cresceu e se tornou uma grande árvore. Quanto à água dourada, ela foi despejada em uma grande bacia de mármore especialmente preparada para ela e, após borbulhar, disparou para o ar em uma fonte de seis metros de altura.

A fama dessas maravilhas logo se espalhou, e as pessoas vinham de longe para vê-las e admirá-las.

Depois de alguns dias, o príncipe Bahman e o príncipe Perviz voltaram ao seu modo de vida normal e passaram a maior parte do tempo caçando. Um dia aconteceu que o sultão da Pérsia também caçava na mesma direção e, não querendo atrapalhar seu esporte, os jovens, ao ouvirem o barulho da caçada se aproximando, prepararam-se para se retirar, mas, por sorte, eles pegaram o mesmo caminho pelo qual o sultão estava vindo. Eles desceram dos cavalos e prostraram-se no chão, mas o sultão ficou curioso para ver seus rostos e ordenou que se levantassem.

Os príncipes levantaram-se respeitosamente, e o sultão olhou para eles por alguns instantes sem falar, depois perguntou quem eram e onde moravam.

– Senhor – respondeu o príncipe Bahman –, somos filhos do falecido intendente dos jardins de vossa alteza e vivemos em uma casa que ele construiu pouco tempo antes de sua morte, esperando até que uma ocasião se oferecesse para servir à vossa alteza.

– Vocês parecem gostar de caça – respondeu o sultão.

– Senhor – respondeu o príncipe Bahman –, é nosso exercício usual, um que não deve ser negligenciado por nenhum homem que espera cumprir os antigos costumes do reino.

O sultão ficou encantado com essa observação e disse imediatamente:

– Nesse caso, terei grande prazer em observá-los. Venham, escolham que tipo de animal vocês gostariam de caçar.

Os príncipes pularam em seus cavalos e seguiram o sultão a uma pequena distância. Eles não tinham ido muito longe quando viram vários animais selvagens aparecerem ao mesmo tempo, e o príncipe Bahman e o príncipe Perviz começaram a caça: o primeiro a um leão e, o segundo, a um urso. Ambos usaram seus dardos com tal habilidade que o leão e o urso caíram mortos em instantes. Então, o Príncipe Perviz perseguiu um leão e o

Príncipe Bahman um urso, e em poucos minutos eles também caíram mortos

Enquanto se preparavam já para uma terceira presa, o sultão interferiu e, enviando um de seus oficiais para convocá-los, disse sorrindo:

– Se eu deixar vocês continuarem, em breve, não haverá mais feras para caçar. Além disso, sua coragem e as boas maneiras conquistaram tanto meu coração que não permitirei que se exponham a novos perigos. Estou convencido de que um dia ou outro os considerarei úteis ao palácio.

Então o sultão lhes convidou para ficarem com ele, mas, mesmo muito agradecidos pela honra recebida, eles imploraram que fossem dispensados e pudessem permanecer em casa.

O sultão, que não estava acostumado a ver suas ofertas rejeitadas, perguntou-lhes os motivos, e o príncipe Bahman explicou que eles não queriam deixar a irmã e estavam acostumados a não fazer nada sem os três estarem de acordo.

– Peça o conselho dela, então – respondeu o sultão –, e amanhã venham caçar comigo e me deem sua resposta.

Os dois príncipes voltaram para casa, mas sua aventura os impressionou tão pouco que se esqueceram de falar com a irmã sobre o assunto. Na manhã seguinte, quando foram caçar, encontraram o sultão no mesmo lugar, e ele perguntou que conselho sua irmã havia dado. Os jovens se entreolharam e coraram. Por fim, o príncipe Bahman disse:

– Senhor, devemos nos lançar à misericórdia de vossa alteza. Nem meu irmão nem eu nos lembramos de perguntar.

– Então, certifiquem-se de não se esquecer de hoje – respondeu o sultão – e tragam-me sua resposta amanhã.

Quando, porém, a mesma coisa aconteceu uma segunda vez, eles temeram que o sultão pudesse ficar com raiva deles por sua negligência. Mas o sultão, tirando três bolinhas de ouro de sua bolsa, estendeu-as ao príncipe Bahman, dizendo:

– Ponha-as no peito e não se esquecerá pela terceira vez. Quando tirar o cinto esta noite, o barulho que elas farão ao cair irá lembrá-los dos meus desejos.

Tudo aconteceu como o sultão previra. Os dois irmãos apareceram nos aposentos da irmã exatamente quando ela estava se deitando e contaram sua história.

A princesa ficou muito perturbada com a notícia e não escondeu seus sentimentos.

– Seu encontro com o sultão é muito honroso para vocês – disse ela – e, ouso dizer, será útil, mas me coloca em uma posição muito estranha. É por minha causa, eu sei, que vocês resistiram aos desejos do sultão, e sou muito grata por isso, mas os reis não gostam que suas ofertas sejam recusadas e, com o tempo, ele guardaria rancor de vocês, o que me deixaria muito infeliz. Consulte o pássaro falante, que é sábio e previdente, e deixe-me ouvir o que ele diz.

Então o pássaro foi chamado e colocado diante deles.

– Os príncipes não devem, de forma alguma, recusar a proposta do sultão – disse ele – e devem até mesmo convidá-lo para vir ver sua casa.

– Mas, pássaro – retrucou a princesa –, você sabe o quanto nos amamos; tudo isso não vai estragar nossa amizade?

– De jeito nenhum – respondeu o pássaro. – Isso vai aproximá-los.

– Então o sultão terá que me ver – concluiu a princesa.

O pássaro respondeu que era preciso que ele a visse e que tudo daria certo.

Na manhã seguinte, quando o sultão perguntou se eles haviam falado com sua irmã e que conselho ela havia dado, o príncipe Bahman respondeu que eles estavam prontos para concordar com os desejos de sua alteza e que sua irmã os censurou por sua hesitação sobre o assunto. O sultão recebeu as desculpas com grande gentileza e disse-lhes que tinha certeza de que seriam igualmente fiéis a ele, e os manteve ao seu lado pelo resto do dia, para aborrecimento do grão-vizir e do resto do palácio.

A comitiva passou pelas ruas das cidades, e os olhos das pessoas que lotavam as ruas estavam fixos nos dois jovens, estranhos a todos.

– Oh, se ao menos o sultão tivesse filhos assim! – murmuraram. – Eles parecem tão distintos e têm quase a mesma idade que seus filhos teriam!

O sultão ordenou que se preparassem aposentos esplêndidos para os dois irmãos e até insistiu que se sentassem à mesa com ele. Durante o jantar, ele conduziu a conversa a vários assuntos científicos e também à história, dos quais gostava especialmente, mas, qualquer que fosse o assunto discutido, ele descobriu que sempre valia a pena ouvir as opiniões dos jovens.

– Se eles fossem meus próprios filhos – disse a si mesmo –, não poderiam ter uma educação melhor!

Em voz alta, ele os elogiou por seu aprendizado e gosto pelo conhecimento.

No final da noite, os príncipes mais uma vez se prostraram diante do trono e pediram licença para voltar para casa. Então, encorajado pelas amáveis palavras de despedida proferidas pelo sultão, o príncipe Bahman disse:

– Senhor, podemos nos atrever a tomar a liberdade de perguntar se o senhor daria a nós e à nossa irmã a honra de descansar alguns minutos em nossa casa a primeira vez que for caçar por ali?

– Com o maior prazer – respondeu o sultão. – E como estou impaciente para ver a irmã de jovens tão talentosos, vocês podem me esperar depois de amanhã.

É claro que a princesa estava muito ansiosa para entreter o sultão da maneira adequada, mas, como não tinha experiência nos costumes da corte, correu até o pássaro falante e implorou que ele a aconselhasse sobre os pratos que deveriam ser servidos.

– Minha querida senhora – respondeu o pássaro –, seus cozinheiros são muito bons, e você pode deixar tudo com eles, exceto que você deve ter o cuidado de ter um prato de pepinos recheado com molho de pérola, servido com o prato principal.

– Pepinos recheados com pérolas! – exclamou a princesa. – Por que, pássaro, quem já ouviu falar de tal prato? O sultão vai esperar um jantar que ele possa comer e nenhum que ele possa apenas admirar! Além disso, mesmo que eu usasse todas as pérolas que posso, elas não seriam suficientes.

– Senhora – respondeu o pássaro –, faça o que eu digo a você. E quanto às pérolas, se você for amanhã ao amanhecer e cavar ao pé da primeira árvore do parque, do lado direito, você encontrará quantas quiser.

A princesa tinha fé no pássaro, que costumava estar certo, e, levando o jardineiro com ela na manhã seguinte, seguiu suas instruções cuidadosamente. Depois de cavar por algum tempo, eles encontraram uma caixa dourada presa com pequenos fechos.

Estes foram facilmente desfeitos e descobriu-se que a caixa estava cheia de pérolas, não muito grandes, mas bem formadas e de boa cor. Deixando o jardineiro tampar o buraco que ele fizera sob a árvore, a princesa pegou a caixa e voltou para a casa.

Os dois príncipes a viram sair e se perguntaram o que poderia tê-la feito acordar tão cedo. Cheios de curiosidade, eles se levantaram e se vestiram e encontraram a irmã quando ela voltava com a caixa debaixo do braço.

– O que você estava fazendo? – perguntaram. – E o jardineiro lhe disse que encontrou um tesouro?

– Pelo contrário – respondeu a princesa –, fui eu que encontrei.

Abrindo a caixa, ela mostrou aos irmãos espantados as pérolas dentro dela. Então, no caminho de volta para o palácio, ela lhes contou sobre sua consulta com o pássaro e o conselho que ele lhe dera. Todos os três tentaram adivinhar o significado do conselho singular, mas foram finalmente forçados a admitir que a explicação estava além deles e que deveriam se contentar em obedecer cegamente.

A primeira coisa que a princesa fez ao entrar no palácio foi mandar chamar o cozinheiro chefe e pedir a ele que providenciasse um banquete para o sultão. Quando ela terminou, acrescentou de repente:

– Além dos pratos que mencionei, há um que você deve preparar especialmente para o sultão e que ninguém deve tocar a não ser você. Consiste em um pepino recheado, e o recheio deve ser feito com essas pérolas.

O cozinheiro chefe, que em toda a sua experiência nunca tinha ouvido falar de tal prato, recuou surpreso.

– Você deve estar me achando louca – respondeu a princesa, que percebeu como o cozinheiro estava confuso –, mas eu sei muito bem o que estou fazendo. Vá, faça o seu melhor e leve as pérolas com você.

Na manhã seguinte, os príncipes partiram para a floresta e logo se juntaram ao sultão. A caça começou e continuou até o meio-dia, quando o calor

aumentou tanto que eles foram obrigados a parar. Então, conforme combinado, eles cavalgaram em direção ao palácio e, enquanto o príncipe Bahman permanecia ao lado do sultão, o príncipe Perviz cavalgou para avisar sua irmã de que estavam chegando.

No momento em que sua alteza entrou no pátio, a princesa se jogou a seus pés, mas ele se curvou, ergueu-a e a olhou por algum tempo, impressionado com sua graça e beleza.

“Eles são todos dignos um do outro” – disse a si mesmo – “e não me surpreende que eles pensem tanto nas opiniões dela. Devo saber mais sobre eles.”

A essa altura, a princesa havia se recuperado do primeiro constrangimento do encontro e começou a fazer seu discurso de boas-vindas.

– Esta é apenas uma simples casa de campo, senhor – disse ela –, adequada para pessoas como nós, que vivem uma vida tranquila. Não pode ser comparada com as grandes mansões da cidade, muito menos, é claro, com o menor dos palácios do sultão.

– Não posso concordar com você – respondeu ele. – Mesmo o pouco que vi até agora admiro muito e reservarei meu julgamento até que você me mostre tudo.

A princesa então liderou o caminho de sala em sala, e o sultão examinou tudo cuidadosamente.

– Você chama isso de uma simples casa de campo? – disse ele finalmente. – Ora, se todas as casas de campo fossem assim, as cidades logo estariam desertas. Não me surpreende mais que você não queira deixá-la. Vamos para os jardins, os quais tenho certeza de não são menos bonitos do que os quartos.

Uma pequena porta se abriu direto para o jardim, e o primeiro objeto que encontrou os olhos do sultão foi a água dourada.

– Que linda água colorida! – exclamou. – Onde está a fonte e como você faz a fonte subir tão alto? Não acredito que haja algo assim no mundo.

Ele avançou para examiná-la e, quando satisfez sua curiosidade, a princesa o conduziu até a árvore cantante.

Ao se aproximarem, o sultão se assustou com o som de vozes estranhas, mas não conseguiu ver nada.

– Onde você escondeu seus músicos? – perguntou à princesa. – Eles estão no ar ou embaixo da terra? Certamente os donos dessas vozes encantadoras não deveriam se esconder!

– Senhor – respondeu a princesa –, todas as vozes vêm da árvore que está bem diante de nós e, se o senhor se dignar a avançar alguns passos, verá que elas ficarão mais claras.

O sultão fez o que lhe foi dito e ficou tão encantado com o que ouviu que ficou algum tempo em silêncio.

– Diga-me, senhora, peço-lhe – disse por fim –, como esta árvore maravilhosa entrou no seu jardim? Deve ter sido trazida de uma grande distância, senão, como poderia nunca ter ouvido falar dela? Como se chama?

– O único nome que ela tem, senhor – respondeu ela –, é árvore cantante, a qual não é nativa deste país. Sua história se mistura com as da água dourada e do pássaro falante, que o senhor ainda não conhece. Se vossa alteza desejar, vou lhe contar toda a história, quando tiver se recuperado de seu cansaço.

– Na verdade, senhora – respondeu ele –, você me mostra tantas maravilhas que é impossível sentir qualquer fadiga. Vamos mais uma vez olhar para a água dourada, e estou morrendo de vontade de ver o pássaro falante.

O sultão mal conseguia se afastar da água dourada, o que o confundia cada vez mais.

– Você diz – observou ele para a princesa – que essa água não vem de nascente alguma, nem é trazida por canos. Tudo o que entendo é que nem ela nem a árvore cantante são nativas deste país.

– Exato – respondeu a princesa – e, se o senhor examinar a bacia, verá que é uma peça só e, portanto, a água não poderia ter sido trazida por ela. O que é mais surpreendente é que apenas derramei um pequeno frasco cheio na bacia, e a quantidade de água aumentou para a que está vendo agora.

– Bem, não vou mais olhar para ela hoje – disse o sultão. – Leve-me ao pássaro falante.

Ao se aproximar da casa, o sultão notou uma grande quantidade de pássaros, cujas vozes enchiam o ar, e perguntou por que eram tão mais numerosos aqui do que em qualquer outra parte do jardim.

– Senhor – respondeu a princesa –, você vê aquela gaiola pendurada em uma das janelas do salão? Esse é o pássaro falante, cuja voz você pode ouvir acima de todos eles, até mesmo acima da do rouxinol. Os pássaros se reúnem aqui para unir seus cantos aos dele.

O sultão entrou pela janela, mas o pássaro não percebeu, continuando sua canção como antes.

– Pássaro – disse a princesa –, este é o sultão; faça-lhe um belo discurso.

O pássaro parou de cantar imediatamente, e todos os outros pássaros pararam também.

– O sultão é bem-vindo – disse ele. – Desejo a ele vida longa e muita prosperidade.

– Agradeço-te, bom pássaro – respondeu o sultão, sentando-se na frente do banquete, que foi servido em uma mesa perto da janela –, e estou encantado por ver em ti o sultão e rei dos pássaros.

O sultão, notando que seu prato favorito de pepino fora colocado diante dele, começou a se servir e ficou surpreso ao ver que o recheio era de pérolas.

– Uma novidade, de fato! – gritou ele. – Mas eu não entendo a razão disso, já que não se pode comer pérolas!

– Senhor – respondeu o pássaro, antes que os príncipes ou a princesa pudessesem falar –, certamente vossa alteza não está mais surpreso em ver um pepino recheado com pérolas do que quando acreditou, sem qualquer dificuldade, que a sultana tinha dado à luz, em vez de crianças, a um cachorro, um gato e uma tora de madeira.

– Eu acreditei – respondeu o sultão –, porque as mulheres que cuidavam dela me disseram isso.

– As mulheres, senhor – disse o pássaro –, eram as irmãs da sultana, que foram devoradas pelo ciúme por causa da honra com a qual o senhor a tratou e, para se vingarem, inventaram essa história. Mande interrogá-las e elas confessarão seu crime. Estes são seus filhos, que foram salvos da morte pelo intendente de seus jardins e criados por ele como se fossem seus.

Como um relâmpago, a verdade veio à mente do sultão.

– Pássaro – gritou ele –, meu coração me diz que o que você fala é verdade. Meus filhos – acrescentou ele –, deixem-me abraçar vocês e se abracem,

não apenas como irmãos e irmã, mas como tendo em vocês o sangue real da Pérsia, que não podia fluir em veias mais nobres.

Passados os primeiros momentos de emoção, o sultão apressou-se em terminar o banquete e, voltando-se para os filhos, exclamou:

– Hoje vocês conhecaram o seu pai. Amanhã vou trazer-lhes a sultana, sua mãe. Estejam prontos para recebê-la.

O sultão então montou em seu cavalo e cavalgou rapidamente de volta à capital. Sem demora, mandou chamar o grão-vizir e ordenou-lhe que prendesse e interrogasse as irmãs da sultana naquele mesmo dia. Isso foi feito. Elas foram confrontadas e se provaram culpadas, sendo executadas em menos de uma hora.

Mas o sultão não esperou para ouvir que suas ordens haviam sido cumpridas antes de ir a pé, seguido por toda a corte até a porta da grande mesquita, e tirar a sultana, com suas próprias mãos, da prisão estreita onde ela havia passado tantos anos.

– Senhora – disse ele, abraçando-a com lágrimas nos olhos –, vim pedir-lhe perdão pela injustiça que lhe fiz e para repará-la tanto quanto posso. Já comecei punindo as autoras deste crime abominável e espero que me perdoe quando lhe apresentar aos nossos filhos, que são as criaturas mais encantadoras e talentosas do mundo inteiro. Venha comigo, retome o seu cargo e toda a honra que é sua.

Este discurso foi proferido na presença de uma vasta multidão de pessoas, que se reuniram de todas as partes ao primeiro indício do que estava acontecendo, e a notícia foi passada de boca em boca em poucos segundos.

Cedo no dia seguinte o sultão e a sultana, vestidos com túnicas reais e seguidos por toda a corte, partiram para a casa de campo de seus filhos. Lá, o sultão os apresentou à sultana um por um e, por algum tempo, não houve

nada além de abraços, lágrimas e palavras ternas. Em seguida, comeram o magnífico jantar que havia sido preparado para eles e, depois de se refrescarem, foram para o jardim, onde o sultão mostrou à esposa a água dourada e a árvore cantante. Quanto ao pássaro falante, ela já o havia conhecido.

À noite, eles cavalgaram juntos de volta à capital, os príncipes de cada lado de seu pai, e a princesa com sua mãe. Muito antes de chegarem aos portões, o caminho estava cheio de pessoas, e o ar se enchia de gritos de boas-vindas, aos quais se misturavam as canções do pássaro falante, sentado em sua gaiola no colo da princesa, e dos pássaros que os seguiam.

E assim voltaram ao palácio de seu pai.

## *A tumba de Noosheerwân*

(Charles John Tibbitts, 1889)

O califa Hâroon-oor-Rasheed foi visitar o túmulo do célebre Noosheerwân, o mais famoso de todos os monarcas que já governaram a Pérsia. Diante da tumba, havia uma cortina de tecido dourado que se despedaçou ao toque de Hâroon. As paredes da tumba estavam cobertas de ouro e joias, cujo esplendor iluminava sua escuridão. O corpo fora colocado em uma postura sentada em um trono enfeitado com joias e ele parecia tanto estar de fato vivo que, ao primeiro impulso, o Comandante dos Fiéis se curvou e saudou os restos mortais do justo Noosheerwân.

Embora o rosto do monarca que partiu fosse como o de um homem vivo e todo o corpo estivesse bem preservado (o que mostrava a admirável habilidade daqueles que o embalsamaram), quando o califa tocou as vestes, elas se transformaram em pó. Hâroon então tirou suas próprias vestes ricas e jogou-as sobre o cadáver. Ele também pendurou uma nova cortina, mais rica do que aquela que havia destruído, e perfumou todo o túmulo com cânfora e outros aromas doces.

Nada mudou no corpo de Noosheerwân, exceto que as orelhas ficaram brancas. Toda a cena afetou muito o califa. Ele desatou a chorar e repetiu o verso do Alcorão: “O que vi é um aviso para quem tem olhos”. Ele observou alguns escritos sobre o trono e ordenou aos sacerdotes, que eram

instruídos na língua Pehlevêe, que lessem e explicassem o que estava escrito. Eis o que eles traduziram:

“Este mundo não permanece. O homem que menos pensa nisso é o mais sábio.

“Aproveite este mundo antes que se torne sua presa.

“Concede aos que estão abaixo de ti o mesmo favor que desejas receber dos que estão acima de ti.

“Se tu conquistares o mundo inteiro, a morte finalmente te conquistará.

“Tenha cuidado para não ser o ladrão de sua própria fortuna.

“Serás pago exatamente pelo que fizeste. Nem mais nem menos.”

O califa observou um anel de rubi escuro no dedo de Noosheerwân, no qual estava escrito:

“Evite a crueldade, estude bem e nunca se precipite na ação.

“Se viveres cem anos, nunca se esqueça da morte.

“Valorize acima de tudo a sociedade dos sábios.”

Ao redor do braço direito de Noosheerwân, havia um fecho de ouro, no qual estava gravado:

“Em um certo ano, no dia 10 do mês *Erdebehisht*, um califa da raça de Adean, professando a fé de Mahomed, acompanhado por quatro homens bons e um mau, visitará meu túmulo.”

Abaixo desta frase estavam os nomes dos antepassados do califa. Outra profecia fora adicionada sobre a peregrinação de Hâroon à tumba de Noosheerwân.

“Este príncipe me honrará e me fará bem, embora eu não tenha nenhum direito sobre ele. Ele me vestirá com roupas novas, perfumará minha tumba com essências perfumadas e então partirá para sua casa. Mas o homem mau que o acompanha deve agir traiçoeiramente para comigo. Oro para que Deus envie alguém de minha raça para retribuir os grandes favores do califa e se vingar de seu indigno companheiro. Há, sob meu trono, uma inscrição que o califa deve ler e contemplar. Seu conteúdo o fará lembrar de mim e o fará perdoar minha incapacidade de lhe dar mais.”

O califa, ao ouvir isso, colocou a mão sob o trono e encontrou a inscrição, que consistia em algumas linhas gravadas em um rubi do tamanho da palma da mão. Os sacerdotes também leram aquilo: continha informações sobre onde seria encontrado um tesouro de ouro e armas, com alguns baús de ricas joias. Embaixo disso, estava escrito:

“Isso eu dou ao califa em troca do bem que ele me fez. Deixe-o pegá-los e ser feliz.”

Quando Hâroon-oor-Rasheed estava prestes a deixar o túmulo, Hoosein-ben-Sâhil, seu vizir, disse a ele:

– Ó, Senhor dos Fiéis, qual é o uso de todas essas joias preciosas que ornamentam a morada dos mortos se não trazem nenhum benefício para os vivos? Permita-me levar algumas delas.

O califa respondeu com indignação:

– Tal desejo é mais digno de um ladrão do que de um grande sábio.

Hoosein ficou envergonhado de seu discurso e disse ao servo que estava na entrada da tumba:

– Vai tu e adora o santuário sagrado lá dentro.

O homem entrou na tumba. Ele tinha mais de cem anos, mas nunca vira tamanho brilho de riqueza. O homem se sentiu inclinado a saquear parte dela, mas a princípio teve medo; por fim, reunindo toda a sua coragem, ele tirou um anel do dedo de Noosheerwân e foi embora.

Hâroon viu este homem sair e, observando-o alarmado, adivinhou imediatamente o que estivera fazendo. Dirigindo-se àqueles ao seu redor, ele disse:

– Vocês não veem agora a extensão do conhecimento de Noosheerwân? Ele profetizou que deveria haver um homem indigno comigo. É esse sujeito. O que você pegou? – disse ele, em um tom irritado.

– Nada – disse o homem.

– Revistem-no – disse o califa.

Assim foi feito, e o anel de Noosheerwân foi encontrado. O califa imediatamente o pegou e, entrando na tumba, recolocou-o no dedo frio do falecido monarca. Quando ele voltou, escutou um som terrível como o de um trovão.

Hâroon desceu da montanha onde ficava a tumba e ordenou que a estrada fosse inacessível para futuros curiosos. Ele procurou e encontrou, no local descrito, o ouro, as armas e as joias legadas a ele por Noosheerwân e os enviou a Bagdá.

Entre os ricos objetos encontrados, estava uma coroa de ouro, que tinha cinco lados e era ricamente ornamentada com pedras preciosas. Em todos os lados, estavam escritas várias lições admiráveis. As mais notáveis foram as seguintes:

*Primeiro lado:*

“Dê meus cumprimentos àqueles que se conhecem.

“Considere o fim antes de começar e, antes de avançar, providencie um retiro.

“Não dê dor desnecessária a nenhum homem, mas estude a felicidade de todos.

“Não baseie sua dignidade em seu poder de ferir outros.”

*Segundo lado:*

“Peça conselho antes de iniciar qualquer medida e nunca confie sua execução a inexperientes.

“Sacrifique sua propriedade por sua vida e sua vida por sua religião.

“Gaste seu tempo estabelecendo um bom nome e, se você deseja fortuna, aprenda o contentamento.”

*Terceiro lado:*

“Não sofra por aquilo que está quebrado, roubado, queimado ou perdido.

“Nunca dê ordens na casa de outro homem; e acostume-se a comer seu pão em sua própria mesa.”

*Quarto lado:*

“Não tome esposa de uma má família e não se sente com aqueles que não têm vergonha.

“Mantenha-se a distância daqueles que são incorrigíveis em maus hábitos e não mantenha contato com aquele homem que é insensível à bondade.

“Não cobice os bens dos outros.

“Seja cauteloso com os monarcas, pois são como fogo que arde, mas destrói.

“Seja sensível ao seu próprio valor; estime com justiça o valor dos outros; e não guerreie com aqueles que estão muito acima de ti em fortuna.”

*Quinto lado:*

“Temam reis, mulheres e poetas.

“Não tenhas inveja de ninguém e não te habitues a procurar os erros dos outros.

“Crie o hábito de ser feliz e evite ficar irritado ou sua vida passará na miséria.

“Respeite e proteja as mulheres de sua família.

“Não seja escravo da ira e em tuas disputas sempre deixe aberta a porta da conciliação.

“Nunca deixe suas despesas excederem sua receita.

“Plante uma árvore nova ou você não pode esperar cortar uma velha.

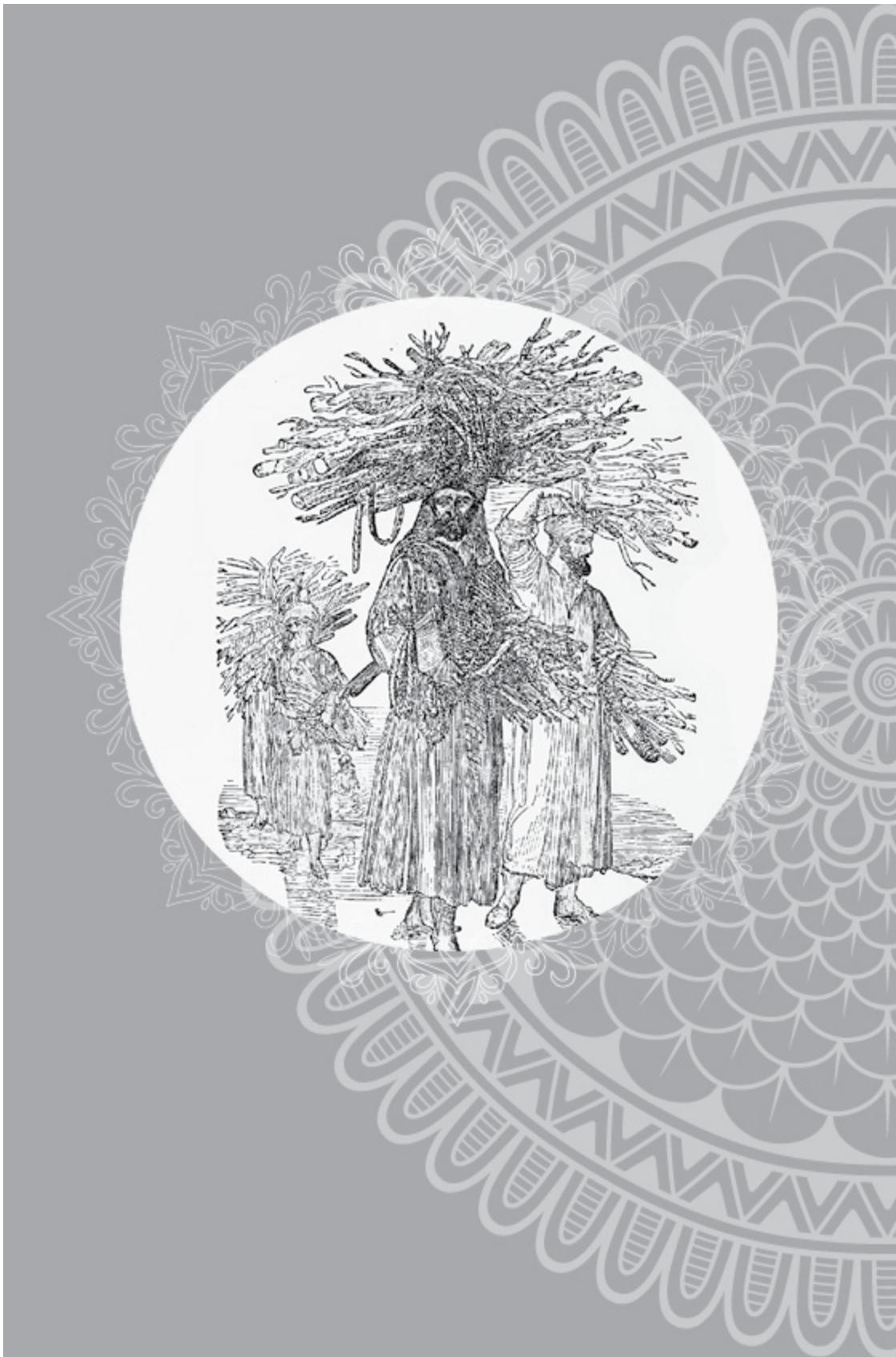
“Não alongue as pernas além do tamanho do tapete.”

O califa Hâroon-oor-Rasheed ficou mais satisfeito com as admiráveis máximas inscritas naquela coroa do que com todos os tesouros que encontrou.

– Escreva estes preceitos – exclamou o califa – em um livro para que os fiéis comam do fruto da sabedoria.

Quando voltou a Bagdá, contou a seu vizir favorito, Jaffier Bermekee, e a seus outros oficiais chefes tudo o que havia acontecido. A alma de Noosheerwân recebeu justiça, porque Hoosein-ben-Sâhil (que intencionou despojar sua tumba) e o servo que cometeu o ato sacrílego de tirar o anel do dedo do monarca que partiu foram punidos.





## *O filho do rei*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, 1704)

*Nesta história, contaremos como o filho do rei, que sempre fora tão inteligente, educado e de bons modos, acabou se tornando um eremita.*

**E**u era apenas uma criança quando o rei, meu pai, percebeu que eu era dotado de muito bom senso. Ele empregou todos os homens em seus domínios que se destacavam em ciência e arte para estar constantemente perto de mim. Assim que comecei a ler e escrever, aprendi de cor o Alcorão do começo ao fim, aquele livro admirável que contém o fundamento, os preceitos e as regras de nossa religião. Para que minha instrução nele fosse completa, li as obras de vários autores renomados, que comentaram cada linha do livro. Acrescentei a esse estudo todas as tradições coletadas da boca de nosso Profeta pelos grandes homens que foram contemporâneos dele. Não fiquei satisfeito com o conhecimento de tudo o que tivesse alguma relação com a nossa religião, mas fiz também uma pesquisa particular nas nossas histórias. Tornei-me perfeito no ensino, nas obras de poetas e na versificação. Eu me dediquei à geografia, cronologia e a falar nossa língua árabe em sua pureza. Mas uma coisa de que eu gostava e consegui em grau especial foi formar os caracteres de nossa linguagem escrita, em que superei todos os mestres da escrita de nosso reino que haviam adquirido a maior reputação.

A fama me honrou mais do que eu merecia, pois ela não apenas espalhou o renome de meus talentos por todos os domínios do rei, meu pai, mas levou-o até a corte indiana, cujo potente monarca, desejoso de me ver, enviou um embaixador com ricos presentes a meu pai pedindo minha presença. O rei, meu pai, ficou extremamente contente por vários motivos: ele estava convencido de que nada poderia ser mais recomendável para um príncipe da minha idade do que viajar e visitar cortes estrangeiras e ficou muito feliz em ganhar a amizade do sultão indiano. Parti com o embaixador, mas sem grande comitiva, devido à extensão e à dificuldade da viagem.

Quando tínhamos viajado cerca de um mês, descobrimos uma grande nuvem de poeira a distância, sob a qual logo vimos cinquenta cavaleiros, bem armados, que eram ladrões, vindo em nossa direção a galope.

Como tínhamos dez cavalos carregados com bagagens e presentes que eu deveria levar ao sultão indiano e minha comitiva era pequena, esses ladrões vieram corajosamente até nós. Não estando em posição de fazer qualquer resistência, dissemos que éramos embaixadores do sultão das Índias e esperávamos que nada fizessem contrário ao respeito que lhe é devido, pensando assim salvar o nosso equipamento e nossas vidas.

Mas os ladrões responderam com muita insolênciа:

– Por que motivo você quer que mostremos qualquer respeito ao sultão, seu mestre? Não somos nenhum de seus súditos, nem estamos em seus territórios.

Tendo falado assim, eles nos cercaram e caíram sobre nós. Defendi-me o máximo que pude, mas, ao ver-me ferido e ao ver o embaixador com os seus servos e os meus caídos no chão, aproveitei as forças que ainda restavam no meu cavalo, que também estava muito ferido, separei-me da multidão e parti o mais rápido possível. Mas, de repente, o cavalo cedeu sob mim, devido ao cansaço e à perda de sangue, e caiu morto.

Estava sozinho, ferido, destituído de ajuda e em um país estranho: não me atrevi a me dirigir para a estrada principal, a fim de não cair novamente nas mãos daqueles ladrões. Andei o resto do dia e cheguei ao pé de uma montanha, onde percebi uma passagem para uma caverna: entrei e fiquei lá aquela noite com pouca satisfação, depois de ter comido algumas frutas que colhi no caminho.

Continuei minha jornada por vários dias sem encontrar nenhum lugar para morar, mas, depois de um mês, cheguei a uma cidade grande, bem habitada e situada tão vantajosamente, por ser cercada por vários rios, que gozava de uma primavera perpétua.

Os objetos agradáveis que então se apresentaram aos meus olhos proporcionaram-me alegria e suspenderam por um tempo a tristeza com a qual fui dominado por me encontrar em tal condição. Meu rosto, minhas mãos e meus pés estavam pretos e queimados de sol e, devido à minha longa viagem, meus sapatos e meias estavam bastante gastos, de modo que fui forçado a andar descalço. Além disso, minhas roupas estavam todas em farrapos. Entrei na cidade para saber onde estava e dirigi-me a um alfaiate que trabalhava em sua loja, que, percebendo pelo meu ar que eu era uma pessoa de mais reputação do que minha aparência exterior indicava, ele me fez sentar ao lado dele e me perguntou quem eu era, de onde vinha e o que me levara até lá. Não escondi nada do que me aconteceu.

O alfaiate ouviu com atenção minhas palavras, mas, depois que terminei de falar, em vez de me dar qualquer consolo, ele aumentou minha tristeza.

– Preste atenção – disse ele –, não conte essa história a qualquer pessoa, pois o príncipe deste país é o maior inimigo do rei seu pai e ele certamente fará mal a você quando souber que você esteve nesta cidade.

Não duvidei da sinceridade do alfaiate. Ele acreditava que eu devia estar com fome, então mandou trazer algo para eu comer e me ofereceu ao

mesmo tempo um alojamento em sua casa, que aceitei. Alguns dias depois, encontrando-me bastante recuperado do cansaço que havia suportado por uma longa e tediosa jornada e refletindo que a maioria dos príncipes de nossa religião se dedicava a alguma arte ou vocação que pudesse ser útil para eles ocasionalmente, ele me perguntou se eu havia aprendido alguma coisa com a qual pudesse ganhar a vida. Eu disse a ele que entendia das leis, tanto divinas quanto humanas, que eu era um gramático e poeta e, acima de tudo, que entendia perfeitamente sobre a escrita.

– Com tudo isso – disse ele –, você não poderá, neste país, comprar um bocado de pão. Nada é menos útil aqui do que essas ciências: mas se você quiser um conselho, vista-se com vestes de trabalhador e, visto que você parece ser forte e de boa constituição, deve ir para a próxima floresta e cortar lenha, que pode levar ao mercado para ser vendida. Posso assegurar-lhe que isso resultará em tão boa quantia que você poderá viver com isso, sem depender de ninguém. Assim, você estará em condições de aguardar o momento favorável em que o Céu julgar conveniente dissipar essas nuvens de infortúnios que impedem sua felicidade e o obrigam a ocultar seu nascimento. Cuidarei de lhe fornecer uma corda e uma machadinha.

O medo de ser conhecido e a necessidade que sentia de ganhar o meu sustento fizeram-me aceitar essa proposta, apesar de todas as adversidades que a envolviam. No dia seguinte, o alfaiate comprou-me uma corda, uma machadinha e um casaco curto e recomendou-me a alguns pobres que ganhavam o pão da mesma maneira para que me levassem em sua companhia. Eles me conduziram até a floresta e, no primeiro dia, ganhei meia moeda de ouro, que é o dinheiro daquele país. Ganhei uma boa quantia em pouco tempo e paguei ao meu alfaiate aquilo que ele havia adiantado para mim.

Continuei assim por um ano inteiro e, um dia, quando por acaso eu havia entrado mais no bosque do que de costume, encontrei um lugar muito

agradável, onde comecei a cortar lenha. Ao arrancar a raiz de uma árvore, vi um anel de ferro, preso a um alçapão do mesmo metal. Tirei a terra que o cobria e, levantando-o, vi uma escada, pela qual descii, com o machado na mão.

Quando cheguei ao pé da escada, encontrei-me em um grande palácio, o que me deixou muito consternado, por causa de uma grande luz que parecia tão clara nele como se estivesse acima do solo ao ar livre. Avancei ao longo de uma galeria sustentada por pilares de jaspe com capitéis de ouro maciço, mas, vendo uma senhora de ar nobre, livre e extremamente bela vindo em minha direção, meus olhos não conseguiam contemplar mais nada.

Desejoso de poupar a senhora do trabalho de vir até mim, apressei-me em encontrá-la e, enquanto eu a saudava com uma reverência, ela me perguntou:

- O que você é, um homem ou um gênio?
- Um homem, senhora – disse eu –, não tenho correspondência com gênios.
- Por qual aventura – disse ela, suspirando profundamente – você vem aqui? Moro aqui há vinte e cinco anos e nunca vi outro homem além de você durante esse tempo.

Sua grande beleza, a docura e a civilidade com que ela me recebeu encorajaram-me a dizer:

- Senhora, antes que eu tenha a honra de satisfazer sua curiosidade, permita-me dizer-lhe que estou infinitamente satisfeito com este encontro inesperado, que me oferece uma ocasião de consolo em meio à minha aflição, e talvez isso me dê a oportunidade de deixá-la mais feliz.

Fiz-lhe um relato verdadeiro sobre o estranho momento em que ela me via, o filho de um rei, nas condições que eu então apresentei a seus olhos e

como a Fortuna me orientou para que eu descobrisse a entrada naquela magnífica prisão, onde, segundo as aparências, encontrei-a em uma situação desagradável.

– Ai de mim! Príncipe – disse ela, suspirando mais uma vez –, você tem um motivo justo para acreditar que essa prisão rica e pomposa não pode ser diferente de uma morada muito cansativa. O lugar mais charmoso do mundo não é nada encantador quando estamos detidos ali, contrariando nossa vontade. Você já ouviu falar do grande Epitimarus, rei da Ilha de Ébano, assim chamado devido àquela madeira preciosa que ela produz em abundância? Eu sou a princesa, sua filha. O rei, meu pai, escolheu para mim um marido, um príncipe que era meu primo, mas, em meio à alegria na corte, antes que eu fosse entregue a meu marido, um gênio me levou embora. Desmaiei no mesmo momento e perdi os sentidos e, quando voltei a mim mesma, encontrei-me neste lugar. Por muito tempo, fiquei inconsolável, mas o tempo e a necessidade me acostumaram ao gênio. Por vinte e cinco anos, como disse antes, continuei neste lugar, onde, devo confessar, tenho tudo o que posso desejar que seja necessário à vida e também tudo o que possa satisfazer uma princesa que gosta de roupas e modas. A cada dez dias – continuou a princesa –, o gênio vem aqui para me ver. Enquanto isso, se eu precisarvê-lo, de dia ou de noite, assim que toco um talismã que está na entrada de meu quarto, o gênio aparece. Já é o quarto dia desde que ele esteve aqui, e não o espero antes do final de mais seis. Então, por favor, se você puder ficar cinco dias e me fazer companhia, eu me esforçarei para entretê-lo de acordo com sua posição e mérito.

Achei-me muito afortunado por ter obtido um favor tão grande sem lhe pedir para recusar uma oferta tão amável. A princesa fez-me entrar no banho, que era o mais sumuoso que se podia imaginar e, quando saí, em vez de minhas próprias roupas, encontrei outro traje muito caro, que não apreciei tanto por sua riqueza, mas porque me fazia parecer digno de estar

em sua companhia. Sentamo-nos em um sofá coberto com uma rica tapeçaria, com almofadas para nos apoiarmos no mais raro brocado indiano e, logo depois, ela cobriu uma mesa com vários pratos de carnes delicadas. Comemos juntos e passamos o resto do dia com muita satisfação.

No dia seguinte, pensando em todos os meios para me agradar, trouxe, ao jantar, uma garrafa de vinho velho, o mais excelente que já provara, e por complacência ela bebeu um pouco comigo.

– Bela princesa – disse –, você está há muito tempo enterrada viva: siga-me e aproveite o dia real, do qual você foi privada por tantos anos, e abandone esta luz falsa que você tem aqui.

– Príncipe – respondeu ela, com um sorriso –, pare com esse discurso. Se de dez dias você me conceder nove e entregar o último ao gênio, o dia mais belo que já existiu não seria nada em minha estima.

– Princesa, é o medo do gênio que a faz falar assim. De minha parte, dou tão pouco valor a ele que vou quebrar seu talismã em pedaços. Deixe-o vir, eu o espero. Por mais valente ou temível que seja, farei com que sinta o peso do meu braço: juro, solenemente, que extirparei todos os gênios do mundo, e ele primeiro.

A princesa, que conhecia as consequências, conjurou-me para não tocar no talismã, pois isso arruinaria nós dois.

– Eu conheço os gênios melhor que você – disse ela.

Os vapores do vinho não me permitiram dar ouvidos às suas razões e dei um chute no talismã com meu pé, quebrando-o em vários pedaços.

Mal o talismã fora quebrado, o palácio começou a tremer, e estava prestes a cair com um barulho horrível como um trovão, acompanhado de relâmpagos e uma grande escuridão. Esse barulho terrível dissipou em um

momento a fumaça do meu vinho e me fez sentir, porém tarde demais, a loucura que havia cometido.

– Princesa – gritei –, o que significa tudo isso?

Ela respondeu assustada e sem nenhuma preocupação com sua própria desgraça:

– Ai de mim! Você morrerá se não escapar imediatamente.

Segui seu conselho, e meus medos eram tão grandes que esqueci minha machadinha e cordas. Mal tinha chegado à escada pela qual descia, quando o palácio encantado se abriu e fez uma passagem para o gênio. Ele perguntou à princesa, com muita raiva:

– O que aconteceu com você e por que você me chamou?

– Um escrúpulo – disse a princesa – me fez buscar esta garrafa que você vê aqui, da qual bebi duas ou três vezes, e por azar dei um passo em falso e caí sobre o talismã, que se quebrou.

Com essa resposta, o gênio furioso disse-lhe:

– Você é uma mulher falsa e mentirosa: como aquele machado e aquelas cordas vieram parar ali?

– Eu nunca os vi até este momento – disse a princesa. – Sua vinda de maneira tão impetuosa, pode ser, forçou-os em algum lugar enquanto você vinha, e assim os trouxe para cá sem que percebesse.

O gênio não deu outra resposta a não ser reprovações e golpes, dos quais ouvi barulho. Não pude suportar ouvir os lamentáveis gritos da princesa. Corri escada acima, distraído pela tristeza e pela compaixão, pois eu mesmo fui a causa de tão grande infortúnio. Ao sacrificar a princesa mais bela do

mundo à barbárie de um gênio impiedoso, tornei-me o mais criminoso e ingrato da humanidade.

– É verdade – disse para mim mesmo –, ela está prisioneira há vinte e cinco anos, mas, com exceção da liberdade, ela não queria nada que a pudesse fazer feliz. Minha loucura acabou com sua felicidade e trouxe sobre ela a crueldade de um monstro impiedoso.

Baixei o alçapão, tornei a cobri-lo com terra e voltei para a cidade com um fardo de lenha, que amarrei sem saber o que fazia, tão grandes eram os meus problemas e tristezas.

Meu senhorio, o alfaiate, ficou muito feliz em me ver.

– Sua ausência – disse ele – me inquietou muito, porque você me confiou o segredo de seu nascimento, e eu não sabia o que pensar. Tive medo de que alguém o tivesse descoberto; Deus seja louvado pelo seu retorno.

Agradeci-lhe o seu zelo e carinho, mas não me atrevi a dizer uma palavra do que se passou, nem a razão pela qual voltei sem a minha machadinha e as cordas.

Retirei-me para o meu quarto, no qual me censurei mil vezes por minha excessiva imprudência. Nada poderia ser comparado à boa sorte da princesa e à minha se eu tivesse desistido de quebrar o talismã.

Enquanto eu me entregava a pensamentos melancólicos, o alfaiate entrou.

– Um velho – disse ele – a quem não conheço trouxe-me a tua machadinha e as cordas, que encontrou no caminho. Saia e fale com ele, pois ele só as entregará a você.

Com esse discurso, mudei de cor e comecei a tremer. Enquanto o alfaiate me perguntava o motivo, a porta do meu quarto se abriu, e o velho apareceu para nós com minha machadinha e as cordas. Era o gênio sequestrador da

bela princesa da Ilha de Ébano, que assim se disfarçou, depois de tê-la tratado com a maior barbárie.

– Eu sou o gênio – disse ele – filho da filha de Eblis, príncipe dos gênios. Não é esta a sua machadinha e não são essas as suas cordas?

Depois que o gênio me fez a pergunta, ele não me deu tempo de responder e eu nem teria conseguido, de tanto que seu aspecto terrível me perturbou. Ele me agarrou, arrastou-me para fora da câmara e, subindo no ar, carregou-me para os céus com tanta rapidez que não pude perceber como ele me carregava. Ele então desceu novamente da mesma maneira para a terra, que, de repente, ele fez com que se abrisse com um golpe de seu pé e então afundou de uma vez, quando então me encontrei no palácio encantado, diante da bela princesa da Ilha de Ébano. Mas, infelizmente, que cena horrível vi! A pobre princesa fervilhava de sangue no chão, mais morta do que viva, com o rosto banhado em lágrimas.

– Perversa miserável – disse o gênio a ela, apontando para mim –, quem é este?

Ela lançou seus olhos lânguidos sobre mim e respondeu com tristeza:

– Eu não o conheço. Eu nunca o vi até este momento.

– O quê? – disse o gênio. – Ele é a causa de você estar na condição em que está e ainda assim você ousa dizer que não o conhece?

– Se eu não o conheço – disse a princesa –, você me faria mentir de propósito para arruiná-lo?

– Ah, então – continuou o gênio, puxando um machado e entregando-o à princesa –, se você nunca o viu antes, pegue a cimitarra e corte sua cabeça.

– Ai de mim! – respondeu a princesa. – Minhas forças se esgotaram tanto que não consigo erguer meu braço e, se pudesse, como teria coragem de

tirar a vida de um homem inocente?

– Essa recusa – disse o gênio à princesa – me informa suficientemente do seu crime.

Depois disso, voltando-se para mim, continuou:

– E tu, não a conheces?

Eu teria sido o desgraçado mais ingrato e o mais pérfido de toda a humanidade se não tivesse me mostrado tão fiel à princesa quanto ela foi a mim, que fui a causa de seus infortúnios; portanto, respondi ao gênio:

– Como poderia conhecê-la?

– Se for assim – disse ele –, pega o machado e corta sua cabeça: com esta condição te deixarei em liberdade, pois então estarei convencido de que nunca a viste até este momento, como dizes.

– Certo – disse pegando o machado na mão.

Mas fiz isso apenas para demonstrar com meu comportamento, tanto quanto possível, que, como ela havia demonstrado sua resolução de sacrificar sua vida por mim, eu não me recusaria a sacrificar a minha pela dela. A princesa, apesar de sua dor e sofrimento, entendeu o que eu quis dizer, o que ela expressou com um olhar amável. Diante disso, recuei e joguei o machado no chão.

– Eu seria eternamente – disse ao gênio – odioso para toda a humanidade se eu fosse tão vil a ponto de matar uma senhora como esta. Faça comigo o que quiser, pois estou em seu poder. Não posso obedecer às suas ordens bárbaras.

– Vejo – disse o gênio – que vocês dois me superaram, mas os dois saberão, pelo tratamento que lhes darei, o que sou capaz de fazer.

Com essas palavras, o monstro pegou o machado e cortou uma das mãos da princesa. Entrei em pânico com a cena. Quando voltei a mim, protestei com o gênio sobre o motivo de ele me fazer definhlar na expectativa da morte.

– Golpeie-me – gritei –, pois estou pronto para receber o golpe mortal e espero que seja o maior favor que você pode me mostrar.

Mas, em vez de concordar com isso, ele disse:

– Veja como os gênios tratam suas esposas de quem eles desconfiam. Ela o recebeu aqui e, se eu tivesse certeza de que ela havia me ofendido, eu o mataria neste minuto, mas ficarei contente em transformá-lo em um cachorro, macaco, leão ou pássaro. Escolha qualquer um destes. Vou deixar isso para você.

Essas palavras me deram alguma esperança de acalmá-lo.

– Ó gênio, modere sua paixão e, já que não vai tirar minha vida, seja generoso. Sempre me lembrarei de você, se me permite, como um dos melhores homens do mundo.

– Tudo o que posso fazer por você – disse ele – é não tirar sua vida; não se gabe de que o mandarei de volta são e salvo. Devo deixá-lo sentir o que sou capaz de fazer com meus encantos.

Assim dizendo, ele colocou suas mãos violentas sobre mim e carregou-me através da abóbada do palácio subterrâneo, que se abriu para lhe dar passagem. Então ele voou comigo tão alto que a terra parecia ser apenas uma pequena nuvem branca; dali ele desceu como um raio e pousou no cume de uma montanha.

Lá ele pegou um punhado de terra e pronunciou, ou melhor, murmurou, algumas palavras que eu não entendi, e jogou-as sobre mim.

– Abandone a forma de homem e assuma a forma de um macaco.

Ele desapareceu imediatamente e me deixou sozinho, transformado em um macaco, dominado pela tristeza em um país estranho e sem saber se eu estava perto ou longe dos domínios de meu pai.

Desci do topo da montanha e cheguei a uma planície, que demorei um mês para percorrer, e então cheguei à beira-mar. Aconteceu então uma grande calmaria, e avistei um navio a cerca de dois quilômetros da costa. Não querendo perder essa boa oportunidade, quebrei um grande galho de árvore, que carreguei comigo até o mar, e me pus montado nele, com uma vara em cada mão para me servir de remo.

Lancei-me nesta postura e avancei perto do navio. Quando cheguei perto o suficiente para ser conhecido, os marinheiros e passageiros que estavam no convés acharam aquilo uma visão extraordinária, e todos me olharam com grande espanto. Nesse meio tempo, subi a bordo e, agarrando-me a uma corda, pulei para o convés, mas, tendo perdido a fala, fiquei em grande perplexidade. De fato, o risco que corri então foi nada menor do que quando estava à mercê do gênio.

Os mercadores, sendo supersticiosos e escrupulosos, acreditavam que eu causaria algum dano à sua viagem se eles me recebessem e quiseram me matar. Alguns deles não teriam deixado de fazê-lo se eu não tivesse chegado do lado em que estava o capitão. Eu me joguei a seus pés e implorei. Essa ação, junto com as lágrimas que ele viu jorrar de meus olhos, comoveu sua compaixão, de modo que ele me tomou sob sua proteção, ameaçando se vingar daqueles que tentassem me machucar. Ele mesmo me elogiava muito, enquanto eu, da minha parte, embora não tivesse força para falar, dava todos os sinais possíveis de gratidão com meus gestos.

O vento que sucedeu à calmaria foi suave e favorável e não mudou por cinquenta dias, mas nos trouxe a salvo ao porto de uma bela cidade, bem povoada e de grande comércio, a capital de um poderoso Estado.

Nossa embarcação foi rapidamente cercada por um número infinito de barcos cheios de gente, que vieram parabenizar seus amigos pela chegada a salvo, ou para indagar por aqueles que haviam deixado para trás no país de onde vieram, ou por curiosidade de ver um navio que veio de um país distante.

Entre os demais, alguns oficiais subiram a bordo, desejando falar com os mercadores em nome do sultão. Quando os mercadores apareceram, um dos oficiais disse-lhes:

– O sultão, nosso mestre, ordenou que avisássemos que ele está feliz com a sua chegada segura e reza para que se deem ao trabalho, cada um de vocês, de escrever algumas linhas sobre este rolo de papel. Você deve saber que tínhamos um primeiro vizir, que, além de ter uma grande capacidade de administrar os negócios, entendia a escrita com a maior perfeição. Este ministro morreu recentemente, com o que o sultão está muito preocupado e, como ele nunca pode contemplar sua escrita sem admiração, ele fez um voto solene de não ceder o lugar a ninguém, a não ser aquele que puder escrever tão bem quanto ele. Muitas pessoas apresentaram seus escritos, mas, até agora, ninguém em todo este império foi considerado digno de ocupar o lugar do vizir.

Os mercadores que acreditavam que podiam escrever bem o suficiente para aspirar a essa alta dignidade escreveram, um após o outro, o que achavam adequado. Depois que terminaram, avancei e tirei o rolo da mão do cavalheiro. Porém, como eles nunca tinham visto um macaco que soubesse escrever, tentaram arrancar o rolo da minha mão, mas o capitão mais uma vez me ajudou.

– Deixe-o em paz – disse ele –, deixe-o escrever. Se ele apenas rabiscar o papel, prometo que irei puni-lo na hora. Se, ao contrário, ele escrever bem, como espero que o faça, porque nunca vi um macaco tão inteligente,

engenhoso e tão rápido para aprender, declaro que o terei como meu filho. Eu tinha um que não tinha nem metade da inteligência que ele tem.

Percebendo que ninguém se opunha ao meu projeto, peguei na caneta e escrevi seis tipos de versos usados pelos árabes, e cada espécime continha um verso ou poema extemporâneo em louvor ao sultão. Minha escrita não superava apenas a dos mercadores, mas, atrevo-me a dizer, eles nunca tinham visto nenhuma escrita semelhante naquele país. Quando terminei, os oficiais pegaram o rolo e o levaram para o sultão.

O sultão deu pouca atenção a quaisquer um dos outros escritos, mas considerou cuidadosamente o meu, que era tanto do seu agrado que disse aos oficiais:

– Peguem o melhor cavalo do meu estábulo, com o arreio mais rico, e um manto do brocado mais suntuoso para colocar naquela pessoa que escreveu os seis versos, e tragam-no aqui para mim.

A essa ordem, os oficiais não puderam deixar de rir. O sultão ficou zangado com a ousadia deles e estava pronto para puni-los, até que lhe disseram:

– Senhor, humildemente imploramos o perdão de sua majestade; estas mãos não foram escritas por um homem, mas por um macaco.

– O que você disse? – perguntou o sultão. – Essas letras admiráveis não foram escritas pelas mãos de um homem?

– Não, senhor – responderam os oficiais. – Asseguramos à vossa majestade que foi um macaco que as escreveu em nossa presença.

O sultão ficou muito surpreso com isso para não desejar me ver e, portanto, disse:

– Traga-me rapidamente esse macaco maravilhoso.

Os oficiais voltaram ao navio e mostraram ao capitão sua ordem, que respondeu que as ordens do sultão deveriam ser obedecidas. Em seguida, eles me vestiram com um rico manto de brocado e me carregaram para terra, onde me colocaram a cavalo, enquanto o sultão esperava por mim em seu palácio com um grande número de cortesãos, que ele reuniu para me prestar ainda mais honra.

Tendo começado a cavalgada, o porto, as ruas, os lugares públicos, as janelas, os terraços, os palácios e as casas foram preenchidos por um número infinito de pessoas de todos os tipos, que vieram de todas as partes da cidade para me ver, pois logo se espalhou o boato de que o sultão havia escolhido um macaco para ser seu grão-vizir; e, depois de ter servido de espetáculo ao povo, que não pôde deixar de manifestar sua surpresa redobrando seus gritos e choros, cheguei ao palácio do sultão.

Encontrei o príncipe em seu trono cercado pela nobreza. Fiz minha reverência três vezes e, por fim, ajoelhei-me e beijei o chão diante dele. Toda a assembleia me admirava e não conseguia compreender como era possível que um macaco pudesse entender tão bem como prestar ao sultão o devido respeito, e ele mesmo ficou mais surpreso do que qualquer um. Em suma, a cerimônia habitual da audiência teria sido completa se eu tivesse acrescentado a fala ao meu comportamento; mas os macacos nunca falam, e a vantagem que tive de ter sido um homem um dia não me permitiu esse privilégio.

O sultão dispensou seus cortesãos, e ninguém permaneceu com ele, exceto o chefe dos camareiros, um jovem escravo e eu. Ele saiu de sua câmara de audiência para seu próprio aposento, onde ordenou que o jantar fosse servido. Sentado à mesa, deu-me um sinal para me aproximar e comer com eles; para mostrar a minha obediência, beijei o chão, levantei-me, sentei-me à mesa e comi com discrição e moderação.

Antes que a mesa fosse retirada, avistei uma escrivaninha, à qual fiz um sinal para que me trouxessem; tendo-a conseguido, escrevi em um grande pêssego alguns versos à minha maneira, que atestavam meu conhecimento ao sultão, o que aumentou seu espanto. Quando a mesa foi retirada, trouxeram-lhe um determinado licor, do qual ele fez com que me dessem um copo. Bebi e escrevi nele alguns versos novos, que explicavam o estado a que estava reduzido depois de muitos sofrimentos. O sultão os leu da mesma forma e disse:

– Um homem que fosse capaz de fazer tanto estaria acima do maior dos homens.

O sultão fez com que trouxessem um tabuleiro de xadrez e me perguntou, por meio de um sinal, se eu entendia o jogo e queria jogar com ele. Eu beijei o chão e coloquei minha mão sobre minha cabeça, significando que eu estava pronto para receber aquela honra. Ele ganhou o primeiro jogo, mas ganhei o segundo e o terceiro; e, percebendo que ele estava um tanto aborrecido com isso, fiz um poema para acalmá-lo, no qual eu disse a ele que dois exércitos potentes tinham lutado furiosamente o dia todo, mas que eles fizeram as pazes ao anoitecer e passaram o resto da noite juntos em paz no campo de batalha.

Com tantas circunstâncias que pareciam ao sultão muito além de tudo o que alguém tinha visto ou conhecido sobre a inteligência ou o senso dos macacos, ele decidiu não ser a única testemunha daqueles prodígios.

– Peçam à minha filha que venha aqui. Desejo que ela compartilhe do prazer que estou tendo.

O camareiro foi e imediatamente trouxe a princesa, que estava com o rosto descoberto, mas ela mal havia entrado na sala quando colocou o véu e disse ao sultão:

- Senhor, estou muito surpresa que sua majestade tenha me chamado.
- Não, filha – disse o sultão –, aqui não está ninguém além da pequena escrava, o camareiro, o seu criado e eu, que temos a liberdade de ver seu rosto, mas, mesmo assim, você coloca seu véu.
- Senhor – disse a princesa –, vossa majestade logo entenderá que não estou errada. Aquele macaco que você vê, embora tenha a forma de um macaco, é um jovem príncipe, filho de um grande rei; ele foi metamorfoseado em macaco por um encantamento. Um gênio, o filho da filha de Eblis, maliciosamente fez isso errado, depois de ter cruelmente tirado a vida da princesa da Ilha de Ébano, filha do rei Epitimarus.

O sultão, espantado com o discurso, voltou-se para mim e não perguntou mais por sinais, mas por palavras claras se era verdade o que dizia a filha. Vendo que não conseguia falar, coloquei a mão na cabeça para indicar que o que a princesa falava era verdade. Diante disso, o sultão disse novamente à filha:

- Como você sabe que este príncipe foi transformado por encantamentos em um macaco?
- Senhor – respondeu a princesa –, vossa majestade deve lembrar-se de que, quando eu era criança, tinha uma velha senhora para me servir. Ela era uma feiticeira muito experiente e me ensinou setenta regras de magia, por meio das quais posso transportar sua capital para o meio do mar em um piscar de olhos ou para além do Monte Cáucaso. Por meio dessa ciência, conheço todas as pessoas encantadas à primeira vista. Eu sei quem elas são e por quem foram encantadas. Portanto, não se surpreenda se eu libertar imediatamente esse príncipe, apesar dos encantamentos, daquilo que o impede de aparecer aos seus olhos da forma que ele naturalmente é.
- Filha – disse o sultão –, não sabia que eras tão sábia.

- Senhor – respondeu a princesa –, essas coisas são curiosas e valem a pena conhecer, mas acho que não devo me gabar delas.
- Já que é assim – disse o sultão –, você pode dissipar o encantamento do príncipe.
- Sim, senhor – disse a princesa. – Eu posso restaurá-lo à sua forma original novamente.
- Faça isso então – disse o sultão. – Você não pode me dar um prazer maior, porque eu o terei como meu vizir, e ele se casará com você.
- Senhor – disse a princesa –, estou pronta para obedecê-lo em tudo o que você desejar me ordenar.

A princesa entrou em seu aposento, de onde trouxe uma faca, que tinha algumas palavras hebraicas gravadas na lâmina. Ela fez o sultão, o mestre dos camareiros, a pequena escrava e eu descermos para um pátio privado do palácio, e lá nos deixou sob uma galeria que o circundava. Ela se colocou no meio do pátio, onde fez um grande círculo, e dentro dele escreveu várias palavras em caracteres árabes, algumas delas antigas.

Quando ela terminou e preparou o círculo como ela achou adequado, ela se colocou no centro dele, onde começou a lançar feitiços e repetiu versos do Alcorão. O ar ficou insensivelmente escuro, como se fosse noite e se o mundo inteiro estivesse prestes a desaparecer. Entramos em pânico, e esse medo aumentou ainda mais quando vimos o gênio, filho da filha de Eblis, aparecer de repente na forma de um leão de tamanho assustador.

Assim que a princesa percebeu esse monstro, disse:

- Em vez de rastejar diante de mim, ousa se apresentar nesta forma, pensando em me assustar?

– E tu – respondeu o leão – não tens medo de quebrar o tratado, que foi solenemente feito e confirmado entre nós por juramento, de não errar ou fazer mal uns aos outros?

– Oh! Criatura amaldiçoada! – respondeu a princesa. – Eu posso justamente censurar-te por fazer isso.

O leão respondeu ferozmente:

– Logo terás a tua recompensa pelos problemas que causou com a minha volta.

Com isso, ele correu para devorá-la, mas ela, estando alerta, saltou para trás e teve tempo de arrancar um fio de seu cabelo e, ao pronunciar três ou quatro palavras, transformou-se em uma espada afiada, com a qual ela cortou o leão ao meio.

As duas partes do leão desapareceram, restando apenas a cabeça, que se transformou em um grande escorpião. Imediatamente a princesa se transformou em serpente e lutou contra o escorpião, que se viu derrotado, tomou a forma de uma águia e voou para longe, mas a serpente, ao mesmo tempo, tomou também a forma de uma águia negra, muito mais forte, e a perseguiu, de modo que os perdemos de vista.

Algum tempo depois de terem desaparecido, o chão se abriu diante de nós, e dele saiu uma gata, preta e branca, com os pelos ouriçados e miando de maneira assustadora; um lobo preto a seguiu de perto e não lhe deu tempo para descansar. A gata transformou-se em verme, e estando perto de uma romã caída accidentalmente de uma árvore que crescia ao lado de um canal profundo, mas não largo, o verme perfurou a romã em um instante e se escondeu. A romã inchou imediatamente e tornou-se do tamanho de uma abóbora, que, subindo até o telhado da galeria, rolou para frente e para trás, caiu novamente no pátio e se quebrou em vários pedaços.

O lobo, que, entretanto, havia se transformado em galo, começou a colher as sementes da romã uma após a outra, mas, não encontrando mais, veio em nossa direção com as asas abertas, fazendo um grande barulho, como se quisesse perguntar se havia mais sementes. Havia uma caída à beira do canal, que o galo percebeu quando voltou e correu rapidamente para lá, mas, no momento em que ia pegá-la, a semente rolou para o rio e se transformou em um peixinho.

O galo saltou no rio e transformou-se em um grande peixe que perseguia o peixinho; ambos continuaram debaixo d'água por mais de duas horas, e não sabíamos o que havia acontecido com eles. De repente, ouvimos gritos terríveis que nos fizeram tremer e, pouco depois, vimos o gênio e a princesa em chamas. Eles lançaram chamas de suas bocas um no outro, até que se aproximaram, e os dois incêndios aumentaram, com uma espessa fumaça ardente, que subiu tão alto que tínhamos motivos para temer que incendiasse o palácio.

Logo tivemos um motivo mais urgente para o medo, pois o gênio, tendo se libertado da princesa, veio até a galeria onde estávamos e soprou chamas sobre nós. Todos nós teríamos morrido se a princesa, correndo em nosso auxílio, não o tivesse forçado a se retirar com seus gritos e a se defender dela; no entanto, apesar de todos os seus esforços, ela não pôde impedir que a barba do sultão fosse queimada e seu rosto estragado, nem que o chefe dos camareiros fosse sufocado e queimado no local. O sultão e eu não esperávamos nada além da morte, quando ouvimos um grito de vitória e, de repente, a princesa apareceu em sua forma natural, e o gênio foi reduzido a um monte de cinzas.

A princesa aproximou-se de nós para não perder tempo, pediu um copo d'água, que a jovem escrava, que não havia sofrido nenhum dano, trouxe para ela. Ela o pegou e, depois de pronunciar algumas palavras sobre ele, jogou-o sobre mim, dizendo:

– Se você se tornou um macaco pelo encantamento, mude sua forma e tome a de homem, que você tinha antes.

Essas palavras mal foram pronunciadas e já me tornei um homem como era antes.

Eu estava me preparando para agradecer à princesa, mas ela me impediu dirigindo-se ao pai, assim:

– Senhor, eu ganhei a vitória sobre o gênio, como sua majestade pode ver, mas é uma vitória que me custa caro. Tenho apenas alguns minutos de vida, e você não terá a satisfação de fazer o casamento que pretendia. O fogo me perfurou durante o terrível combate e acho que está me consumindo gradualmente. Isso não teria acontecido se eu tivesse percebido a última semente de romã e a engolido como as outras, quando me transformei em galo. Esse deslize obrigou-me a recorrer ao fogo e a lutar com aqueles braços poderosos, como fiz entre o céu e a terra, na tua presença; pois, apesar de toda sua arte e experiência temíveis, fiz o gênio saber que entendia mais do que ele. Eu o conquistei e reduzi a cinzas, mas não posso escapar da morte, que se aproxima.

O sultão permitiu que a princesa continuasse com a narrativa de seu combate e, quando ela terminou, ele falou com ela em um tom que testemunhava suficientemente sua dor:

– Minha filha – disse ele –, veja você em que condições está seu pai. Ai de mim! Eu me pergunto se ainda estou vivo!

Ele não conseguiu falar mais, pois suas lágrimas, suspiros e soluços o deixaram sem palavras. Sua filha e eu choramos com ele.

Nesse meio tempo, enquanto estávamos competindo um com o outro pelo luto, a princesa gritou:

– Estou queimando! Estou queimando!

Ela descobriu que o fogo que a consumia tinha finalmente se apoderado de todo o seu corpo, o que a fez gritar ainda mais, até que a morte pôs fim a suas dores intoleráveis. O efeito daquele fogo foi tão extraordinário que, em poucos segundos, ela foi totalmente reduzida a cinzas, como o gênio.

Como fiquei triste com um espetáculo tão sombrio! Eu preferia, por toda a minha vida, continuar sendo um macaco ou um cachorro do que ver minha benfeitora morrer miseravelmente. O sultão, aflito além do que se pode imaginar, gritou de forma lastimável e se espancou na cabeça, até ficar totalmente dominado pela dor, e desmaiou, o que me fez temer por sua vida. Nesse ínterim, os oficiais vieram correndo devido aos gritos do sultão e, com muito barulho, trouxeram-no de volta a si. Não foi preciso que ele e eu lhes contássemos uma longa narrativa dessa aventura para convencê-los da sua grande perda. Os dois montes de cinzas, em que a princesa e o gênio foram reduzidos, eram demonstração suficiente. O sultão mal conseguia ficar de pé, então teve de ser sustentado até que pudesse chegar ao seu aposento.

Quando a notícia do trágico acontecimento se espalhou pelo palácio e pela cidade, todas as pessoas lamentaram o infortúnio da princesa e foram muito afetadas pela aflição do sultão. Todos ficaram em luto profundo por sete dias, e muitas cerimônias foram realizadas. As cinzas do gênio foram lançadas ao ar, mas as da princesa foram recolhidas em uma preciosa urna para ser guardada, e a urna foi colocada em uma tumba imponente, que foi construída para esse fim no mesmo lugar onde as cinzas haviam caído.

A dor que o sultão sentiu pela perda de sua filha o lançou em uma grave doença, que o confinou em seu quarto por um mês inteiro. Ele não havia recuperado totalmente as forças quando mandou chamar-me:

– Príncipe – disse ele –, ouve as ordens que agora lhe dou; vai custar a sua vida se não as colocar em execução.

Assegurei-lhe a obediência exata, e ele continuou assim:

– Tenho vivido constantemente em perfeita felicidade e nunca fui atingido por nenhum acidente; mas, com a sua chegada, toda a felicidade que eu possuía desapareceu. Minha filha está morta, seu assistente não existe mais, e é por um milagre que ainda estou vivo. Você é a causa de todos os infortúnios pelos quais é impossível que eu seja consolado. Portanto, saia daqui em paz, sem mais demora, pois eu mesmo irei perecer se você ficar por mais tempo; estou persuadido de que sua presença traz consigo o mal. Isso é tudo que tenho a dizer a você. Parta e tome cuidado para nunca mais aparecer em meus domínios; nenhuma súplica irá me impedir de fazer você se arrepender disso.

Eu ia falar, mas ele calou minha boca com palavras cheias de raiva, e assim fui obrigado a deixar seu palácio, rejeitado, banido, um pária do mundo, e sem saber o que seria de mim.

Depois disso, me fechei totalmente e essa é a história que explica por que acabei me tornando um eremita.





## *Príncipe Beder e a princesa Giauhara*

(de *As mil e uma noites*. Richard Francis Burton, 1880)

O jovem príncipe Beder foi criado e educado no palácio sob os cuidados do rei e da rainha da Pérsia e sempre enchia todos de alegria com sua simpatia e seu senso de justiça. O rei Saleh, seu tio, a rainha, sua avó, e as princesas, seus parentes, vinham de vez em quando para vê-lo. Ele aprendeu facilmente a ler e escrever e foi instruído em todas as ciências consideradas importantes.

Aos quinze anos, já era muito sábio e prudente. O rei, que quase desde o berço havia percebido nele essas virtudes tão necessárias para um monarca e que além disso começara a perceber as enfermidades da velhice vindo sobre si todos os dias, julgou melhor renunciar ao trono em favor de seu filho, em vez de esperar a morte chegar para que o príncipe assumisse. Ele não teve grande dificuldade em fazer seu conselho consentir, e o povo ouviu a decisão com muita alegria, porque considerava o príncipe Beder digno de governá-los. Eles viram que ele tratava a todos com tal bondade que os convidava a se aproximar dele, que ele ouvia favoravelmente todos os que tinham algo a dizer a ele, que ele respondia a todos com uma bondade que lhe era peculiar e que ele não recusava a ninguém nada que parecesse justo.

O dia da cerimônia foi marcado. No meio da assembleia, que era maior do que o normal, o rei da Pérsia, então sentado em seu trono, desceu, tirou a coroa de sua cabeça, colocou-a na do príncipe Beder e, colocando-o em seu lugar, beijou sua mão, como um sinal de que ele renunciava sua autoridade

em favor do filho. Depois disso, ocupou seu lugar entre a multidão de vizires e emires abaixo do trono.

Em seguida, os oficiais principais vieram imediatamente e se jogaram aos pés do novo rei, fazendo cada um juramento de fidelidade de acordo com sua posição. Então, o grão-vizir fez um relatório sobre vários assuntos importantes, sobre os quais o jovem rei julgou com admirável prudência e sagacidade, o que surpreendeu todo o conselho. Em seguida, ele denunciou vários governadores condenados por má administração e colocou outros em seu lugar, com discernimento maravilhoso e justo. Ele finalmente deixou o conselho, acompanhado pelo ex-rei, seu pai, e foi ver sua mãe, a rainha Gulnare. Assim que a rainha o viu chegando com a coroa sobre a cabeça, correu para ele e o abraçou com ternura, desejando-lhe um longo e próspero reinado.

No primeiro ano de seu reinado, o rei Beder cumpriu com grande cuidado todas as suas funções reais. Acima de tudo, ele se preocupou em informar-se sobre o estado de seus negócios e tudo o que pudesse de alguma forma contribuir para a felicidade de seu povo. No ano seguinte, tendo deixado a administração ao seu conselho, sob a direção do velho rei, seu pai, saiu de sua capital a pretexto de se divertir com a caça, mas sua real intenção era visitar todas as províncias de seu reino para que pudesse corrigir todos os abusos ali, estabelecer a boa ordem e disciplina em todos os lugares e tirar de todos os príncipes mal-intencionados qualquer oportunidade de tentar algo contra a segurança e tranquilidade de seus súditos.

Demorou nada menos que um ano inteiro para que este jovem rei realizasse seus planos. Logo após seu retorno, o velho rei, seu pai, adoeceu tão gravemente que soube imediatamente que nunca se recuperaria. Ele esperou seu último minuto de vida com grande tranquilidade e seu único cuidado foi recomendar aos ministros e outros senhores da corte de seu filho que permanecessem fiéis a ele. Ele morreu, finalmente, para grande tristeza do

rei Beder e da rainha Gulnare, que ordenou que seu cadáver fosse levado a um mausoléu digno de sua posição e dignidade.

Terminado o funeral, o rei Beder não encontrou dificuldade em cumprir o antigo costume da Pérsia de prantear os mortos durante um mês inteiro e de não ser visto por ninguém durante todo esse tempo. Ele teria lamentado a morte de seu pai por toda a vida, se fosse certo para um grande príncipe abandonar-se assim à dor. Durante esse intervalo, a rainha, mãe da rainha Gulnare, e o rei Saleh, junto com as princesas, seus parentes, chegaram à corte persa e compartilharam sua aflição, antes de oferecerem qualquer consolo.

Quando o mês de luto terminou, o rei não pôde recusar-se a receber o grão-vizir e os outros senhores de sua corte, que lhe rogaram que deixasse de lado o luto, para apresentar-se a seus súditos e assumir a administração dos negócios como antes.

Ele mostrou tamanha relutância com o pedido que o grão-vizir foi forçado a dizer a ele:

– Senhor, nem nossas lágrimas nem as suas são capazes de restaurar a vida ao bom rei, seu pai, embora devamos lamentá-lo todos os nossos dias. Ele foi submetido à lei comum de todos os homens, que os sujeita a pagar o tributo indispensável da morte. No entanto, não podemos dizer absolutamente que ele está morto, já que o vemos em sua pessoa sagrada. Ele mesmo não duvidou, quando estava morrendo, que deveria reviver em você, e à vossa majestade cabe seguir seu desejo.

O rei Beder não podia mais se opor a tais súplicas urgentes. Ele deixou de lado seu luto e, depois de ter retomado as vestes e os ornamentos reais, começou a prover as necessidades de seu reino e de seus súditos com o mesmo cuidado de antes da morte de seu pai. Ele foi aprovado por todos, e,

como manteve as ordens de seu predecessor, o povo não sentiu que havia mudado de soberano.

O rei Saleh, tio de Beder, que havia retornado aos seus domínios no mar com a rainha, mãe da rainha Gulnare, e as princesas, mal viu o rei Beder retomar o governo e, no final do mês, veio sozinho para visitá-lo. O rei Beder e a rainha Gulnare ficaram muito felizes em vê-lo.

Uma noite, ao se levantarem da mesa, conversaram sobre vários assuntos. O rei Saleh começou elogiando o rei, seu sobrinho, e expressou à rainha, sua irmã, como estava feliz por vê-lo governar com tanta prudência, o que lhe trouxera grande reputação não apenas entre seus vizinhos, mas também entre príncipes mais remotos. O rei Beder, que não suportava ouvir falar tão bem de si mesmo e que não estava disposto, por educação, a interromper o rei, seu tio, virou-se para dormir, encostando a cabeça em uma almofada que estava atrás dele.

– Irmã – disse o rei Saleh –, eu me pergunto se você ainda não pensou em arranjar um casamento para ele. Se não me engano, ele já tem vinte anos e, nessa idade, nenhum príncipe como ele deve ser deixado sem esposa. Vou pensar em uma esposa para ele, já que você não vai, e casá-lo com alguma princesa que possa ser digna dele.

– Irmão – respondeu a rainha Gulnare –, não havia pensado nisso até agora e estou feliz que você tenha falado sobre isso comigo. Aceito que você pense em uma candidata e desejo que você nomeie uma tão bela e talentosa que o rei, meu filho, possa amá-la.

– Eu conheço uma que se será perfeita – respondeu o rei Saleh, suavemente –, mas vejo muitas dificuldades a superar, não por parte da senhora, como espero, mas por parte do pai dela: falo da princesa Giauhara, filha do rei de Samandal.

– O quê? – respondeu a rainha Gulnare. – A princesa Giauhara ainda não é casada? Lembro-me de tê-la visto antes de deixar seu palácio; ela tinha então cerca de dezoito meses de idade e era surpreendentemente bonita, e deve ser a maravilha do mundo. Os poucos anos que ela é mais velha que o rei, meu filho, não devem nos impedir de fazer o máximo para que isso aconteça. Conte-me quais dificuldades devem ser superadas e nós as superaremos.

– Irmã – respondeu o rei Saleh –, a maior dificuldade é que o rei de Samandal é insuportavelmente vaidoso e considera todos os outros inferiores; não é provável que consigamos fazê-lo entrar facilmente nessa aliança. De minha parte, irei pessoalmente e pedirei a ele a princesa sua filha. Caso ele a recuse, nos dirigiremos a outro lugar, onde seremos mais favoravelmente ouvidos. Por essa razão, como você pode perceber – acrescentou ele –, é bom que o rei, meu sobrinho, não saiba nada sobre isso para que não se apaixone pela princesa Giauhara até que tenhamos o consentimento do rei de Samandal.

Discorreram um pouco mais sobre esse ponto e, antes de se separarem, concordaram que o rei Saleh deveria retornar imediatamente aos seus próprios domínios e conversar com o rei de Samandal.

Acontece que o rei Beder tinha ouvido a conversa e imediatamente se apaixonou pela princesa Giauhara sem nem mesmo tê-la visto, e assim ficou acordado pensando nela a noite toda. No dia seguinte, o rei Saleh despediu-se da rainha Gulnare e do rei, seu sobrinho. Ele pediu, contudo, ao tio que ficasse mais um dia para que pudessem caçar juntos. O dia da caça foi marcado, e o rei Beder teve muitas oportunidades de ficar sozinho com seu tio, mas não teve coragem de abrir a boca. No calor da perseguição, quando o rei Saleh foi separado dele e nenhum de seus oficiais e assistentes estava por perto, ele desceu perto de um riacho e, tendo amarrado seu cavalo a uma árvore que, como várias outras crescendo ao longo das

margens, oferecia uma sombra muito agradável, ele se deitou na grama. Ele permaneceu um bom tempo absorto em pensamentos, sem dizer uma palavra.

Nesse meio tempo, o rei Saleh, sentindo falta de seu sobrinho, começou a ficar muito preocupados em saber o que havia acontecido com ele. Ele deixou sua comitiva para ir em busca do rei e, por fim, percebeu-o a distância. Ele havia observado no dia anterior, e mais claramente naquele dia, que ele não estava tão animado como costumava ser e que, se lhe fizessem uma pergunta, ele não responderia de forma alguma. Assim que o rei Saleh o viu deitado naquela postura desconsolada, ele imediatamente adivinhou que tinha ouvido a conversa com a rainha. Desceu do cavalo a certa distância do sobrinho e, tendo amarrado seu cavalo a uma árvore, aproximou-se dele tão suavemente que o ouviu dizer a si mesmo:

– Amável princesa do reino de Samandal, gostaria de oferecer-lhe meu coração se soubesse onde encontrá-la.

O rei Saleh não quis ouvir mais; ele avançou imediatamente e mostrou-se ao rei Beder.

– Pelo que vejo, sobrinho – disse ele –, você ouviu o que a rainha, sua mãe, e eu dissemos outro dia sobre a princesa Giauhara. Não era nossa intenção que você soubesse de nada e pensamos que você estava dormindo.

– Meu querido tio – respondeu o rei Beder –, eu ouvi cada palavra, mas tive vergonha de revelar a você minha fraqueza. Suplico-lhe que tenha pena de mim e não espere para obter o consentimento do rei de Samandal para que eu me case com sua filha.

Essas palavras do rei da Pérsia envergonharam muito o rei Saleh. O tio explicou como era difícil e que ele não poderia fazer nada assim sem que o jovem rei o acompanhasse, o que poderia tazer consequências perigosas, já

que sua presença era absolutamente necessária em seu reino. O tio implorou que ele esperasse, mas essas razões não foram suficientes para satisfazer o rei da Pérsia.

– Meu cruel tio – disse ele –, descobri que você não me ama tanto quanto fingia e que preferia me ver morrer a atender o primeiro pedido que lhe fiz.

– Estou pronto para convencer vossa majestade – respondeu o rei Saleh – de que faria qualquer coisa para servi-lo; mas, quanto a carregá-lo comigo, não posso fazer isso antes de falar com a rainha, sua mãe. O que ela diria de você e de mim? Se ela consentir, farei tudo o que você deseja e unirei minhas súplicas às suas.

– Se você realmente me ama – respondeu o rei da Pérsia com impaciência –, como você quer que eu acredite, deve retornar ao seu reino imediatamente e levar-me junto com você.

O rei Saleh, vendo-se obrigado a ceder ao sobrinho, tirou de seu dedo um anel, no qual estavam gravados os mesmos nomes misteriosos que estavam no selo de Salomão, que haviam feito tantas maravilhas por sua virtude.

– Aqui, pegue este anel – disse ele –, coloque-o no dedo e não tema as águas do mar, nem suas profundezas.

O rei da Pérsia pegou o anel e, quando o colocou no dedo, o rei Saleh disse-lhe:

– Faça o que eu faço.

Ao mesmo tempo, os dois subiram levemente no ar e dirigiram-se ao mar, que não estava muito distante, no qual ambos mergulharam.

O rei do mar não demorou a chegar a seu palácio com o rei da Pérsia, que ele imediatamente levou para o aposento da rainha e apresentou a ela. O rei

da Pérsia beijou as mãos da rainha, sua avó, e ela o abraçou com grande alegria.

– Não pergunto como você está – disse ela –, pois vejo que você está muito bem e estou muito contente com isso, mas desejo saber como está minha filha, sua mãe, a rainha Gulnare?

O rei da Pérsia disse à rainha, sua avó, que sua mãe gozava de perfeita saúde. Então a rainha o apresentou às princesas e, enquanto ele estava conversando com elas, deixou-o e foi falar com o rei Saleh, que lhe contou como seu sobrinho se apaixonara pela princesa Giauhara e que não conseguiu evitar trazê-lo consigo.

Embora o rei Saleh fosse, para lhe fazer justiça, perfeitamente inocente, a rainha dificilmente poderia perdoar sua indiscrição ao mencionar a princesa Giauhara para o jovem rei.

– Sua imprudência não pode ser perdoada – disse ela para o rei Saleh. – Você pensa mesmo que o rei de Samandal, cujo caráter é tão conhecido, terá mais consideração por você do que os muitos outros reis aos quais ele recusou sua filha? Você está procurando confusão. Gostaria que ele o expulsasse do palácio?

– Senhora – respondeu o rei Saleh –, já lhe disse que não era minha intenção que o meu sobrinho ouvisse o que falei sobre a princesa Giauhara à rainha, minha irmã. A falha foi cometida. Portanto, farei tudo o que puder para remediar. Espero que aprove minha resolução de ir pessoalmente falar com o rei de Samandal, levando um rico presente de pedras preciosas, e pedir que sua filha se case com o meu sobrinho. Tenho alguns motivos para acreditar que ele não me recusará, mas ficará satisfeito com uma aliança com um dos mais poderosos reis que existem.

– Seria desejável – respondeu a rainha – que não tivéssemos a necessidade de fazer essa exigência, já que o sucesso de nossa tentativa não é tão certo quanto poderíamos desejar, mas, uma vez que a paz de meu neto depende disso, dou livremente meu consentimento. Entretanto, acima de tudo, exijo-lhe, visto que conhece bem o temperamento do rei de Samandal, que tome o cuidado de falar com ele com o devido respeito e de uma maneira que não possa ofendê-lo.

A rainha preparou o presente ela mesma, composto de diamantes, rubis, esmeraldas e colares de pérolas; tudo isso ela colocou em uma caixa muito bonita e muito rica. Na manhã seguinte, o rei Saleh despediu-se de sua majestade e do rei da Pérsia e partiu com uma pequena tropa de oficiais e outros assistentes. Ele logo chegou ao reino e ao palácio do rei de Samandal, que se levantou de seu trono assim que o percebeu. O rei Saleh, esquecendo-se por alguns instantes do seu caráter, embora soubesse com quem tinha que lidar, prostrou-se a seus pés, desejando-lhe a realização de todos os seus desejos. O rei de Samandal imediatamente se abaixou para levantá-lo e, depois de colocá-lo à sua esquerda, disse-lhe que era bem-vindo e perguntou-lhe se havia algo que ele pudesse fazer para servi-lo.

– Senhor – respondeu o rei Saleh –, embora eu não tenha outro motivo senão prestar meus respeitos ao príncipe mais potente, mais prudente e mais valente do mundo, frágeis seriam minhas expressões de quanto honro vossa majestade.

Tendo dito estas palavras, ele pegou a caixa de joias de um de seus servos e, tendo-a aberta, apresentou-a ao rei, implorando-lhe que a aceitasse.

O rei de Samandal respondeu:

– Você não me traria tal presente, a menos que tivesse um pedido a propor. Se houver algo que eu possa fazer, pode pedi-lo e terei o maior prazer em concedê-lo. Fale e diga-me francamente como posso servi-lo.

– Devo confessar – respondeu o rei Saleh –, tenho uma bênção a pedir à vossa majestade e tomarei o cuidado de não pedir nada, exceto o que está em seu poder conceder. A coisa depende tão absolutamente de você que seria inútil pedi-la a qualquer outro. Peço-a então com toda a sinceridade possível e imploro-lhe que não a recuse.

– Se for assim – respondeu o rei de Samandal –, você não tem nada a fazer a não ser me informar o que é e você verá de que maneira eu posso ajudá-lo.

– Senhor – disse o rei Saleh –, como a confiança de vossa majestade me encorajou a confiar em sua boa vontade, não vou mais fingir. Vim implorar a você que honre nossa casa com sua aliança por meio do casamento de sua ilustre filha, a princesa Giauhara, e que assim se fortaleça o bom entendimento que existe há tanto tempo entre nossas duas coroas.

Com essas palavras, o rei de Samandal caiu na gargalhada, caindo para trás em seu trono contra uma almofada que o sustentava, e, com um ar imperioso e desdenhoso, disse ao rei Saleh:

– Rei Saleh, até agora o considerava um monarca de grande senso, mas o que você diz me convence do quanto me enganei. Diga-me, peço-lhe, onde estava a sua discrição quando imaginou um absurdo tão grande como o que acaba de me propor? Você imaginava que eu consentiria no casamento da princesa, a filha de um rei tão grande e poderoso como eu? Devias ter pensado melhor sobre a grande distância entre nós e não correr o risco de perder em um instante a estima que sempre tive por ti.

O rei Saleh ficou extremamente irritado com essa resposta e teve muito trabalho para conter seu ressentimento. No entanto, ele respondeu com toda a moderação possível:

– Deus recompense sua majestade como você merece! Informo que solicito a mão de sua filha em casamento, mas não para mim. Se eu tivesse feito isso, sua majestade e a princesa estariam longe de se ofender, ao contrário, estariam honrados. Vossa majestade bem sabe que sou um dos reis do mar, assim como você; que os reis, meus ancestrais, não cederam na antiguidade a nenhuma outra família real e que o reino que herdei deles não é menos potente e próspero que o vosso. Se vossa majestade não tivesse me interrompido, logo saberia que o favor que lhe peço não é para mim, mas para o jovem rei da Pérsia, meu sobrinho, cujo poder e grandeza, não menores que suas boas qualidades pessoais, o senhor conhece. Todos reconhecem que a princesa Giauhara é a pessoa mais bonita do mundo, mas não é menos verdade que o jovem rei da Pérsia, meu sobrinho, é o melhor e mais talentoso príncipe da terra. Assim, o favor que é pedido provavelmente redundará em honra tanto de sua majestade quanto da princesa, sua filha. Estou certo de que o senhor sabe que o seu consentimento a uma aliança tão igual será aprovado por unanimidade em todos os reinos do mar. A princesa é digna do rei da Pérsia, e o rei da Pérsia não é menos digno dela. Nenhum rei ou príncipe no mundo pode disputá-la com ele.

O rei de Samandal não permitiria que o rei Saleh continuasse falando daquela forma insolente. Demorou algum tempo antes que ele pudesse reencontrar seu fôlego. Por fim, porém, ele começou a falar em uma linguagem ultrajante, indigna de um grande rei.

– Cão! – gritou ele. – Como você ousa falar comigo dessa maneira e até mesmo mencionar o nome da minha filha na minha presença? Você acha que o filho de sua irmã Gulnare é digno de competir com minha filha? Quem é você? Quem foi seu pai? Quem é sua irmã? E quem é seu sobrinho? Guardas, prendam o desgraçado insolente e cortem sua cabeça.

Os poucos oficiais que estavam ao redor do rei de Samandal estavam prontos para obedecer imediatamente às suas ordens quando o rei Saleh,

que era ágil e vigoroso, afastou-os antes que pudessem sacar seus sabres. Tendo alcançado o portão do palácio, ele encontrou mil de seus homens, todos bem armados e equipados, que tinham acabado de chegar. A rainha, sua mãe, prevendo a má recepção que provavelmente teria do rei de Samandal, havia enviado essas tropas para protegê-lo e defendê-lo em caso de perigo, ordenando-lhes a se apressar.

– Senhor! – gritaram seus aliados, no momento em que ele se juntou a eles.  
– O que está acontecendo? Estamos prontos para vingá-lo, você só precisa dar a ordem.

O rei Saleh relatou seu caso a eles com o mínimo de palavras possível e, colocando-se à frente de uma grande tropa, enquanto alguns se apoderavam dos portões, voltou a entrar no palácio como antes. Após se livrar dos poucos guardas que o seguiam, ele entrou no aposento do rei de Samandal, que, tendo sido abandonado pelos seus homens, foi logo capturado. O rei Saleh então foi de aposento em aposento em busca da princesa Giuhara, mas a princesa, ao primeiro alarme, tinha, junto com suas damas, fugido para o mar e escapado para uma ilha deserta.

Enquanto isso acontecia no palácio do rei de Samandal, alguns assistentes do rei Saleh que haviam fugido relataram à rainha-mãe o perigo em que seu filho estava. O rei Beder, que estava perto naquele momento, ficou ainda mais preocupado por se considerar o principal culpado por tudo e, não se importando mais em permanecer na presença da rainha, ele saiu em disparada do fundo do mar. Sem saber como localizar o caminho para o reino da Pérsia, ele encontrou por acaso a ilha onde a princesa Giuhara se refugiara.

O príncipe então foi sentar-se à sombra de uma grande árvore. Enquanto tentava se recuperar, ouviu alguém falando, mas estava muito distante para entender o que era dito. Ele se ergueu e avançou suavemente em direção ao

lugar de onde vinha o som e, entre os galhos, percebeu uma belíssima dama.

– Sem dúvida – disse ele para si mesmo, parando e considerando-a com grande atenção –, esta deve ser a princesa Giauhara, a quem o medo obrigou a abandonar o palácio de seu pai. Dito isso, ele se adiantou e se aproximou da princesa com profunda reverência.

– Senhora – disse ele –, não poderia ter me acontecido uma felicidade maior do que esta oportunidade de oferecer-lhe meus mais humildes serviços. Suplico-lhe, portanto, senhora, que os aceite, sendo impossível que uma senhora nesta solidão não queira ajuda.

– É verdade, meu senhor – respondeu Giauhara com muito pesar –, não é nada extraordinário para uma dama na minha posição estar nesta situação. Eu sou uma princesa, filha do rei de Samandal, e meu nome é Giauhara. Eu estava no palácio do meu pai quando de repente ouvi um barulho terrível: imediatamente me deram a notícia de que o rei Saleh, não sei por qual razão, forçara a entrada no palácio, prendera o rei, meu pai, e assassinara todos os guardas que fizeram alguma resistência. Tive apenas tempo para me salvar e escapei de sua violência.

Com essas palavras da princesa, o rei Beder começou a ficar preocupado por ter deixado sua avó tão precipitadamente, sem ficar para ouvir dela uma explicação sobre as notícias que lhe haviam sido trazidas.

– Adorável princesa – continuou ele –, sua preocupação é muito justa, mas é fácil resolvê-la. Sou Beder, rei da Pérsia, e o rei Saleh é meu tio. Garanto-lhe, senhora, que ele não tem intenção de se apoderar dos domínios do rei, seu pai; sua única intenção é obter seu consentimento para que eu seja seu marido. Já havia dado meu coração a você e agora, longe de me arrepender do que fiz, peço-lhe que tenha a certeza de que vou amá-la enquanto viver. Permita-me então, linda princesa, ter a honra de ir apresentá-la ao rei, meu

tio; e assim que o rei, seu pai, consentir em nosso casamento, o rei Saleh devolverá a ele seus domínios.

Essa declaração do rei Beder não produziu o efeito que ele esperava. Quando a princesa ouviu de sua própria boca que ele tinha sido a causa dos maus-tratos que seu pai sofrera, da dor e do medo que ela suportara e, especialmente, da necessidade que ela teve de fugir, ela olhou para ele como um inimigo com o qual ela nunca se relacionaria.

O rei Beder, acreditando ter chegado ao auge da felicidade, estendeu a mão e, pegando a da princesa, abaixou-se para beijá-la, quando ela, empurrando-o para trás, disse:

– Desgraçado, saia dessa forma de homem e pegue a de um pássaro branco, com bico e pés vermelhos.

Ao pronunciar essas palavras, o rei Beder foi imediatamente transformado em um pássaro, para sua grande surpresa.

– Leve-o – disse ela a uma de suas damas – e conduza-o para a Ilha Seca.

A Ilha Seca tratava-se apenas de uma rocha assustadora, onde não havia uma gota d'água disponível.

A criada pegou o pássaro e, ao executar as ordens de sua princesa, teve compaixão pelo destino de rei Beder.

– Seria uma grande pena – disse ela para si mesma – deixar um príncipe tão digno morrer de fome e sede. A princesa, tão boa e gentil, vai, talvez, se arrepender dessa ordem cruel quando ela voltar a si: seria melhor que eu o levasse para um lugar onde ele possa morrer de morte natural.

Consequentemente, ela o levou para uma ilha que parecia bem frequentada e o deixou em uma planície encantadora, com todos os tipos de árvores frutíferas e circundada por vários riachos.

Voltemos ao rei Saleh. Depois de ter procurado um bom tempo pela princesa Giuhara e ordenado a outros que a procurassem, sem obter nenhum êxito, ele ordenou que o rei de Samandal fosse trancado em seu próprio palácio, sob a proteção de uma forte guarda. Tendo dado as ordens necessárias para governar o reino em sua ausência, ele voltou para dar à rainha, sua mãe, um relato do que havia feito. A primeira coisa que perguntou ao chegar foi o paradeiro do rei, seu sobrinho, e soube, com grande surpresa e aborrecimento, que havia desaparecido.

– Recebi notícias – disse a rainha – do perigo que você corria no palácio do rei de Samandal e, enquanto eu dava ordens para enviar outras tropas para vingá-lo, ele desapareceu. Ele deve ter ficado com medo ao saber que você corria um perigo tão grande e não se achou em segurança suficiente conosco.

Essa notícia afligiu muito o rei Saleh, que agora se arrependia de ter sido tão facilmente influenciado pelo rei Beder a ponto de levá-lo embora sem o consentimento de sua mãe. Enquanto ele estava aflito por seu sobrinho, deixou seu reino sob a administração de sua mãe e foi governar o do rei de Samandal.

A rainha Gulnare estava muito preocupada com o desaparecimento do filho e foi visitar sua mãe. Essa preocupação começou dias antes, quando os oficiais, que haviam acompanhado o rei durante a caçada com seu tio, foram obrigados a retornar depois de terem procurado em vão por eles. Relataram também à rainha que haviam encontrado seus cavalos, mas não sabiam o que havia ocorrido com o rei Beder e seu tio.

A rainha, ao ouvir isso, resolveu dissimular e ocultar sua aflição, ordenando aos oficiais que procurassem por eles mais uma vez, com a maior diligência; mas, nesse meio tempo, sem dizer nada a ninguém, ela

mergulhou no mar, para satisfazer sua suspeita de que o rei Saleh devia ter levado o sobrinho com ele.

A rainha teria sido mais afetuosamente recebida pela rainha sua mãe se ela não tivesse, à primeira vista, adivinhado a ocasião de sua vinda.

– Filha – disse ela –, percebo claramente que você não veio aqui para me visitar; você vem perguntar pelo rei, seu filho; e a única notícia que posso lhe contar aumentará tanto a sua dor quanto a minha. Fiquei contente quando o vi chegar em nossos territórios; no entanto, quando compreendi que ele havia partido sem o seu conhecimento, comecei a sentir a preocupação que você deve estar sentindo.

Em seguida, ela contou à sua filha como o rei Saleh fora exigir a princesa Giauhara em casamento para o rei Beder e o que havia acontecido, até que seu filho desapareceu.

– Seu irmão fez tudo o que estava ao seu alcance. Todos os nossos esforços até agora foram malsucedidos, mas devemos ter esperança de vê-lo novamente, talvez quando menos esperarmos.

A rainha Gulnare não ficou satisfeita com aquela mensagem de esperança. Ela considerou o rei, seu querido filho, perdido e lamentou-se amargamente, colocando toda a culpa em seu tio. A rainha-mãe a fez considerar a necessidade de não ceder muito ao seu pesar.

– O rei, seu irmão – disse ela –, não deveria, é verdade, ter falado com você de forma tão imprudente sobre aquele casamento, nem jamais consentir em levar embora o rei, meu neto, sem primeiro consultá-la. Contudo, como não há certeza de que o rei da Pérsia está de fato desaparecido, você deve preservar o reino para ele: não perca, então, mais tempo e volte para sua capital; sua presença lá será necessária e não será difícil preservar a paz

pública, fazendo com que seja publicado que o rei da Pérsia está ausente porque foi visitar sua avó.

A rainha Gulnare cedeu. Ela se despediu da rainha, sua mãe, e estava de volta ao palácio da capital da Pérsia antes que sentissem sua falta. Ela imediatamente mandou chamar de volta os oficiais que foram atrás do rei, informando que sabia onde estava sua majestade e que logo o veriam novamente. Ela também governou com o primeiro-ministro e o conselho tão calmamente como se o rei estivesse presente.

Voltemos, agora, ao rei Beder, que a criada da princesa Giauhara carregara e deixara na Ilha Seca. Ele não ficou nem um pouco surpreso quando se viu sozinho e sob a forma de um pássaro. Ele se sentiu ainda mais infeliz por não saber onde estava, nem o quanto longe estava do reino da Pérsia. Ele foi forçado a permanecer ali, a viver com a comida que os pássaros de sua espécie costumavam comer e a passar a noite em uma árvore.

Poucos dias depois, um camponês habilidoso em pegar pássaros com redes por acaso chegou ao local onde o rei estava. Ao perceber um pássaro tão belo, como ele nunca tinha visto antes, o camponês se animou. Ele empregou toda a sua arte para capturar o pássaro e, por fim, conseguiu. Muito feliz com um prêmio tão grande, que ele considerava de maior valor do que todos os outros pássaros, o camponês trancou o príncipe em uma gaiola e o carregou para a cidade. Assim que entrou no mercado, um cidadão o parou e perguntou quanto ele queria por aquele pássaro.

Em vez de responder, o camponês perguntou ao cidadão o que faria com ele caso o comprasse?

– O que queres que eu faça – respondeu o cidadão – senão assá-lo e comê-lo?

– Se for esse o caso – respondeu o camponês –, seria um valor muito alto. Embora eu esteja com idade avançada, nunca vi um pássaro assim em minha vida. Tenho a intenção de dá-lo de presente ao rei; ele saberá o valor dele melhor do que você.

Saindo do mercado, o camponês dirigiu-se diretamente ao palácio e colocou-se exatamente em frente ao aposento do rei. Sua majestade, estando diante de uma janela de onde podia ver tudo o que acontecia na corte, mal colocou os olhos naquele belo pássaro e já mandou um oficial comprá-lo para ele. O oficial, dirigindo-se ao camponês, perguntou-lhe quanto queria por aquele pássaro.

– Se for para sua majestade – respondeu o camponês –, rogo-lhe humildemente que o aceite como presente e desejo que o leve a ele.

O oficial levou o pássaro ao rei, que o achou tão raro que ordenou ao mesmo oficial que pegasse dez moedas de ouro e as levasse ao camponês, que partiu muito satisfeito. O rei ordenou que o pássaro fosse colocado em uma gaiola magnífica e deu-lhe sementes e água em potes caros.

O oficial trouxe a gaiola, e o rei, para que pudesse ver melhor o pássaro, tirou-o de lá e, olhando seriamente para ele, perguntou ao oficial se o vira comer.

– Senhor – respondeu o oficial –, vossa majestade pode observar que o recipiente com a comida ainda está cheio, e ele não tocou em nada.

Então o rei ordenou ao oficial que trouxesse carnes de vários tipos para que pudesse escolher a que mais gostasse.

A mesa foi posta, e o jantar servido exatamente como o rei havia ordenado. O pássaro, batendo suas asas, saltou da mão do rei e voou para a mesa, na qual começou a bicar o pão e os alimentos, às vezes em um prato, às vezes em outro. O rei ficou tão surpreso que imediatamente enviou o oficial para

solicitar que a rainha viesse ver aquela maravilha. Assim que ela viu o pássaro, cobriu o rosto com o véu e quis se retirar. O rei, surpreso com a atitude dela, perguntou o motivo.

– Senhor – respondeu a rainha –, vossa majestade ficará surpresa quando compreender que este pássaro não é, como você o considera, um pássaro, mas um homem.

– Senhora – disse o rei, mais surpreso do que antes –, você está zombando de mim. Você nunca me convencerá de que um pássaro pode ser um homem.

– Senhor – respondeu a rainha –, longe de mim zombar de sua majestade; nada é mais certo do que o que tive a honra de lhe dizer. Posso assegurar para vossa majestade que é o rei da Pérsia, chamado Beder, filho da célebre Gulnare, princesa de um dos maiores reinos do mar, sobrinho de Saleh, rei daquele reino, e neto da rainha Farasche, mãe de Gulnare e Saleh. Foi a princesa Giuhara, filha do rei de Samandal, que o transformou em um pássaro. – Para que o rei não duvidasse mais do que ela afirmava, ela lhe contou toda a história, como e por que razão a princesa Giuhara havia se vingado dos maus-tratos provocados pelo rei Saleh ao rei de Samandal, seu pai.

O rei teve menos dificuldade em acreditar nessa afirmação da rainha por saber que ela era uma hábil maga, uma das maiores do mundo. E, como ela sabia de tudo o que acontecia, ele sempre foi informado oportunamente por ela sobre os desígnios dos reis, seus vizinhos, contra ele e os impedia. Sua majestade teve compaixão do rei da Pérsia e implorou fervorosamente à sua rainha que quebrasse o encantamento para que ele pudesse retornar à sua própria forma.

A rainha consentiu com grande disposição.

– Senhor – disse ela ao rei –, tenha o prazer de levar o pássaro para o seu aposento e eu lhe mostrarei um rei digno da consideração que você tem por ele.

O pássaro, que havia parado de comer e ouvido o que o rei e a rainha disseram, não deu à sua majestade o trabalho de levá-lo, então voou para os aposentos, chegando antes do rei; e a rainha entrou logo depois, com uma vasilha cheia de água na mão. Ela pronunciou sobre a vasilha algumas palavras desconhecidas para o rei, até que a água começou a ferver, quando ela então pegou um pouco em sua mão e, borrifando um pouco sobre o pássaro, disse:

– Em virtude dessas sagradas e misteriosas palavras que eu acabei de pronunciar, abandone a forma de pássaro e reassuma aquilo que recebeste do Criador.

As palavras mal haviam saído da boca da rainha quando, em vez de um pássaro, o rei viu surgir um jovem príncipe. O rei Beder imediatamente caiu de joelhos e agradeceu a Deus pelo favor que havia sido concedido a ele. Então ele pegou a mão do rei, que o ajudou a se levantar, e beijou-a em sinal de gratidão, mas o rei o abraçou com grande alegria. Ele então teria feito seus agradecimentos à rainha, mas ela já havia se retirado para seu aposento. O rei o fez sentar-se à mesa com ele e, após o jantar, pediu-lhe que relatasse como a princesa Giauhara tivera a desumanidade de transformar um príncipe tão amável como ele em um pássaro. Quando terminou de contar sua história, o rei, provocado pelo procedimento da princesa, não pôde deixar de culpá-la.

– Foi compreensível – disse ele – que a princesa de Samandal se sentisse magoada com os maus-tratos do rei ao pai, mas levar sua vingança tão longe, especialmente contra um príncipe que não era culpado, não tinha

desculpas. Mas vamos acabar com este discurso, e diga-me, eu te imploro, em que mais eu posso servi-lo.

– Senhor – respondeu o rei Beder –, minha obrigação para com vossa majestade é tão grande que devo permanecer com você toda a minha vida para testemunhar minha gratidão; mas já que vossa majestade não impõe limites à sua generosidade, rogo-lhe que me conceda um de seus navios para me levar para a Pérsia, onde temo que minha ausência, que já dura muito tempo, possa ter ocasionado alguma desordem e que a rainha, minha mãe, de quem escondi minha partida, possa estar triste, sem saber se estou vivo ou morto.

O rei concedeu o que o rei Beder desejava com a melhor graça imaginável e imediatamente deu ordens para equipar um de seus maiores navios e o melhor marinheiro de sua numerosa frota. O navio logo foi equipado com toda a sua tripulação, provisões e munições. Assim que o vento ficou bom, o rei Beder embarcou e agradeceu o outro rei por todos os seus favores.

O navio navegou por dez dias. No décimo primeiro dia, o vento mudou e, ficando muito violento, seguiu-se uma furiosa tempestade. O navio não foi apenas desviado de seu curso, mas sacudido com tanta violência que todos os seus mastros caíram no convés e, sendo levado ao sabor do vento, finalmente bateu contra uma rocha e se abriu.

A maior parte das pessoas morreu afogada instantaneamente. Alguns poucos foram salvos nadando e outros se apoiando em pedaços dos destroços. O rei Beder estava entre os últimos e, depois de ter sido levado durante algum tempo pelas ondas e correntes, finalmente percebeu que estava perto da costa e não muito longe de uma cidade que parecia grande. Ele reuniu todas as suas forças para alcançar a terra e, finalmente, teve a sorte de chegar tão perto a ponto de poder tocar o solo com os pés. Ele imediatamente abandonou seu pedaço de madeira, mas, quando chegou

perto da costa, ficou muito surpreso ao ver cavalos, camelos, mulas, jumentos, bois, vacas, touros e outros animais aglomerando-se na costa para se opor ao seu desembarque. Ele teve muita dificuldade para conseguir abrir caminho, mas, por fim, conseguiu e se abrigou entre as rochas até recuperar o fôlego e secar suas roupas ao sol.

Ao avançar para entrar na cidade, encontrou a mesma resistência por parte desses animais, que pareciam querer fazê-lo entender que era perigoso prosseguir.

O rei Beder, entretanto, entrou na cidade logo depois e viu muitas ruas bonitas e espaçosas, mas ficou surpreso ao não encontrar nenhum homem ali. Isso o fez pensar que não era sem motivo que tantos animais se opuseram à sua passagem. Mais à frente, no entanto, observou várias lojas abertas, o que lhe deu motivos para acreditar que o local não era tão desprovido de habitantes como ele imaginava. Aproximou-se de uma dessas lojas, na qual vários tipos de frutas estavam expostos à venda, e saudou com muita cortesia um velho que estava sentado ali.

O velho, que estava ocupado com alguma coisa, ergueu a cabeça e, vendo um jovem que tinha uma aparência grandiosa, estremeceu e perguntou-lhe de onde vinha. O rei Beder respondeu em poucas palavras, e o velho perguntou-lhe ainda se ele havia conhecido alguém na estrada.

– Você é a primeira pessoa que vejo – respondeu o rei – e eu não consigo compreender como uma cidade tão bela e grande venha a ficar sem habitantes.

– Entre, senhor, não fique aí – respondeu o velho –, ou talvez algum infortúnio te aconteça. Eu satisfarei sua curiosidade sem pressa e lhe direi o motivo pelo qual você deve tomar esse cuidado.

O rei Beder entrou na loja e sentou-se ao lado do velho. Este sabia que precisava de comida, por isso, imediatamente o presenteou com o que era necessário para recobrar as forças. Embora o rei Beder estivesse muito ansioso para saber por que havia tomado a precaução de fazê-lo entrar na loja, o velho não lhe disse nada até que ele terminasse de comer, por medo de que as coisas tristes que ele tinha que relatar pudessem tirar seu apetite. Por fim, disse-lhe:

– Você tem um grande motivo para agradecer a Deus por ter chegado aqui sem nenhum infortúnio.

– Ai de mim! Por quê? – respondeu o rei Beder, muito surpreso e alarmado.

– Porque – respondeu ele – esta cidade é chamada de Cidade dos Encantamentos e não é governada por um rei, mas por uma rainha, que é uma feiticeira perigosa e notória. Você ficará convencido disso – acrescentou ele – quando souber que esses cavalos, mulas e outros animais que viu são homens como você e eu, os quais ela transformou com sua arte diabólica. E, quando jovens como você entram na cidade, ela tem pessoas posicionadas para detê-los e levá-los, seja por meios justos ou pela força. Ela os recebe da maneira mais amável, presenteia-os e os aloja magnificamente, mas ela não permite que eles desfrutem dessa felicidade. Não há nenhum deles que ela não tenha transformado em algum animal ou pássaro ao cabo de quarenta dias. Você me disse que todos esses animais se opuseram ao seu desembarque e entrada na cidade. Era a única maneira que eles conseguiram para fazê-lo compreender o perigo ao qual se exporia e eles fizeram tudo ao seu alcance para salvá-lo.

Esse relato afligiu muito o jovem rei da Pérsia.

– Ai de mim! – exclamou ele. – A que extremos a minha má sorte me reduziu! Mal me livrei de um encantamento, para o qual olho para trás com horror, e me vejo exposto a outro muito mais terrível.

Isso lhe deu oportunidade de contar sua história ao velho mais detalhadamente, de sua paixão pela princesa de Samandal e sua crueldade em transformá-lo em um pássaro no exato momento em que ele declarou seu amor por ela.

Quando o príncipe falou de sua boa sorte em encontrar uma rainha que quebrasse o encantamento, o velho, para encorajá-lo, disse:

– Apesar de tudo que eu disse a você sobre a rainha mágica, isso não deve causar a menor inquietação, visto que geralmente sou amado em toda a cidade e não sou desconhecido pela própria rainha, que tem muito respeito por mim. Portanto, foi uma sorte singular que você se dirigisse a mim e não a outro lugar. Você está seguro em minha casa, onde eu o aconselho a continuar, se achar conveniente, e, desde que você não se desvie daqui, atrevo-me a garantir que você não terá um motivo justo para reclamar.

O rei Beder agradeceu ao velho por sua amável recepção e pela proteção que ele tinha o prazer de lhe oferecer. Sentou-se à entrada da loja, onde mal aparecera e já atraíra a atenção de todos com sua beleza. Muitos pararam e elogiaram o velho por ter adquirido um escravo tão belo, como imaginavam que o rei fosse.

– Não acreditem – disse o velho – que ele seja um escravo, todos vocês sabem que não sou rico o suficiente. Ele é meu sobrinho, filho de um irmão meu que está morto, e, como eu não tenho filhos, mandei chamá-lo para me fazer companhia.

Eles parabenizaram sua boa sorte em ter um jovem tão bom como parente, mas não puderam deixar de dizer-lhe que temiam que a rainha o tirasse dele.

– Você a conhece bem – disseram eles – e não pode ignorar o perigo a que o jovem está exposto, depois de todos os exemplos que viu.

– Fico grato – respondeu o velho – por sua boa vontade comigo e agradeço de coração por sua atenção, mas nunca terei o menor pensamento de que a rainha me fará algum mal, depois de toda a bondade que ela professou por mim. Caso ela fique sabendo desse jovem e me fale sobre ele, não tenho dúvidas de que ela o deixará em paz quando souber que ele é meu sobrinho.

O velho ficou extremamente feliz ao ouvir os elogios que fizeram ao jovem rei da Pérsia. Ele passou a gostar dele como se fosse seu próprio filho. Eles tinham vivido cerca de um mês juntos quando o rei Beder, sentado à porta da loja, viu a rainha Labe (assim se chamava esta rainha mágica) passando por acaso com grande pompa. O jovem rei percebeu que os guardas se aproximavam dela, levantou-se e, entrando na loja, perguntou ao velho o que significava aquilo.

– A rainha está chegando – respondeu ele –, mas fique parado e não tema nada.

Os guardas da rainha, vestidos de uniforme púrpura e bem armados e montados, marcharam em quatro filas, com seus sabres desembainhados, e cada um de seus oficiais, ao passar pela loja, saudou o velho. Eles marcharam solenemente com suas lanças nas mãos e, no meio deles, apareceu a rainha Labe, em um cavalo adornado com diamantes, uma sela de ouro e um arreio de valor inestimável. A rainha, impressionada com o bom semblante do rei Beder, parou assim que se aproximou da loja.

– Abdallah (assim se chamava o velho) – disse ela –, diga-me, eu te imploro, esse belo e encantador escravo pertence a você? Faz muito tempo que o possui?

Abdallah, antes de responder à rainha, atirou-se ao chão e, levantando-se novamente, disse:

– Senhora, trata-se de meu sobrinho, filho de um irmão que tive, que morreu há pouco tempo. Não tendo filhos, considero-o como meu filho e mandei chamá-lo para me confortar, com a intenção de deixar-lhe o que tenho quando morrer.

A rainha Labe, que ainda não tinha visto ninguém que se comparasse ao rei Beder, pensou imediatamente em fazer o velho deixá-lo com ela.

– Você me daria este jovem de presente? Não me recuse, eu lhe peço, e eu juro pelo fogo e pela luz que vou torná-lo tão grande e poderoso que nenhum indivíduo no mundo jamais teve tanta sorte. Embora meu propósito seja fazer o mal a toda a humanidade, ele será a única exceção. Espero que você me conceda o que desejo pela amizade que sei que você tem por mim.

– Senhora – respondeu o bom Abdallah –, sou infinitamente grato à vossa majestade por toda a sua bondade e às honras que se propõe a fazer ao meu sobrinho. Ele não é digno de se aproximar de uma rainha tão grande, e eu humildemente imploro à sua majestade que não perca seu tempo com ele.

– Abdallah – respondeu a rainha –, o tempo todo você dizia que me amava, mas hoje vejo que não era verdade, pois está desprezando meu pedido. Eu aqui juro mais uma vez pelo fogo e pela luz, e mesmo por tudo o que é mais sagrado em minha religião, que não irei adiante até que o tenha convencido. Eu entendo muito bem o que desperta suas apreensões, mas prometo que você nunca se arrependerá por ter feito uma escolha tão sensata.

O velho Abdallah ficou extremamente triste por ser forçado a obedecer à rainha.

– Senhora – respondeu ele –, eu não gostaria que sua majestade nutrisse uma opinião negativa sobre o respeito que tenho por você e meu zelo em sempre fazer o que puder para agradá-la. Eu confio inteiramente em sua palavra real e não tenho a menor dúvida de que você a manterá. Imploro

apenas à vossa majestade que espere um pouco para levar meu sobrinho nessa tarefa tão honrosa.

– Virei amanhã – disse a rainha, que inclinou a cabeça, indicando que estava satisfeita, e foi em direção ao seu palácio.

Quando a rainha Labe e todos os seus assistentes sumiram de vista, o bom Abdallah disse ao rei Beder:

– Filho – pois era assim que o velho costumava chamá-lo –, não estava em meu poder, como você deve ter observado, recusar à rainha o que ela exigiu de mim com tanta seriedade, por medo de que eu pudesse forçá-la a empregar sua magia contra você e contra mim, aberta ou secretamente, e tratá-lo por ressentimento com a mais evidente crueldade do que todos aqueles que ela teve em seu poder antes. Mas tenho alguns motivos para acreditar que ela vai tratá-lo bem, como prometeu, por causa dessa estima particular que tem por mim. Isso você deve ter percebido pelo respeito demonstrado e pelas honras que me foram prestadas por toda a sua corte. Ela seria realmente uma criatura demoníaca se me enganasse.

Essas garantias, que pareciam muito duvidosas, não foram suficientes para levantar o ânimo do rei Beder.

– Depois de tudo que você me contou sobre a maldade dessa rainha – respondeu ele –, como poderia não a temer? Sei por experiência o que é estar à mercê de uma feiticeira. A condição em que me encontrava, por meio do encantamento da princesa Giuhara, me faz olhar para tal destino com horror.

– Filho – respondeu o velho Abdallah –, não se aflija, pois, embora eu deva reconhecer que não há grande fé a ser depositada nas promessas e nos juramentos de uma rainha tão pérfida, ainda assim devo dizer-lhe que o poder dela não se estende a mim. Ela sabe disso muito bem e é por essa

razão que ela me presta tanto respeito. Posso rapidamente impedir que lhe faça mal se ela for pérfida o suficiente para tentar. Você pode confiar em mim e, desde que siga exatamente o conselho que eu lhe darei antes de entregá-lo, ela não terá poder sobre você, como não tem sobre mim.

A rainha mágica não deixou de passar pela loja do velho no dia seguinte, com a mesma pompa da véspera, e Abdallah a esperava com muito respeito.

– Senhor – exclamou ela, parando diante dele –, pode notar minha impaciência por ter seu sobrinho comigo, por ter vindo pontualmente para lembrá-lo de sua promessa. Eu sei que você é um homem de palavra e sei que não irá quebrar a promessa que fez.

Abdallah, que caíra de cara no chão assim que viu a rainha se aproximando, levantou-se quando ela acabou de falar e, como ele não queria que ninguém ouvisse o que ele pretendia dizer a ela, avançou com grande respeito até ela e então disse suavemente:

– Poderosa rainha! Estou persuadido de que sua majestade não se ofenderá com minha aparente relutância em confiar-lhe meu sobrinho, visto que você não pode ignorar as razões que tenho para isso, mas eu imploro que deixe de lado os segredos dessa arte que você possui em um grau tão maravilhoso. Eu considero meu sobrinho como meu próprio filho, e sua majestade me deixaria desesperado se o tratasse como os outros.

– Eu prometo que não – respondeu a rainha – e repito mais uma vez o juramento que fiz ontem, de que nem você nem seu sobrinho terão motivos para se ofender. Vejo claramente – acrescentou ela – que você ainda não me conhece bem. Você nunca me viu sem ser através de um véu, mas, como acho seu sobrinho digno de minha amizade, vou lhe mostrar que não sou, de forma alguma, indigna dele.

Com isso, ela tirou o véu e mostrou ao rei Beder, que se aproximou dela com Abdallah, sua beleza incomparável.

O rei Beder ficou um pouco encantado. “Não é suficiente” – pensou ele – “ser bela; as ações de alguém devem corresponder à sua beleza física”. Enquanto o rei Beder fazia essas reflexões, com os olhos fixos na rainha Labe, o velho se virou para ele e, pegando-o pelo braço, apresentou-o à vossa majestade.

– Aqui está ele, senhora – disse ele –, e eu imploro à vossa majestade mais uma vez que lembre que é meu sobrinho e que o deixe vir me ver algumas vezes.

A rainha prometeu que sim e, para dar mais uma demonstração de sua gratidão, ordenou que um saco de mil moedas de ouro fosse dado ao velho. A princípio, ele se desculpou e não quis aceitá-las, mas ela insistiu até que ele não pôde mais recusar. Ela também havia mandado trazer um cavalo (tão ricamente adornado quanto o dela) para o rei da Pérsia. A rainha e o rei Beder então começaram seu trajeto ao palácio.

Em vez de observar uma satisfação no rosto das pessoas ao verem sua soberana, o rei Beder percebeu que elas a olhavam com desprezo e até a amaldiçoavam.

– A feiticeira – disseram alguns – tem um novo sujeito sobre o qual exercer sua maldade; o Céu nunca livrará o mundo de sua tirania?

– Pobre estranho! – gritaram outros. – Você está muito enganado se pensa que sua felicidade durará muito. É apenas para tornar a tua queda mais terrível que foste alçado tão alto.

Essas falas fizeram o rei Beder entender que Abdallah não lhe contara nada além da verdade sobre a rainha Labe, mas, como agora não dependia mais de si mesmo para escapar do mal, ele resolveu respeitar seu destino.

A rainha chegou ao seu palácio. Ela desceu do cavalo e, dando a mão ao rei Beder, entrou com ele, acompanhada por suas damas e pelos oficiais. Ela mesma mostrou a ele todos os seus aposentos, nos quais não havia nada para ser visto, exceto ouro maciço, pedras preciosas e móveis de magnificência maravilhosa. Então ela o conduziu para uma varanda, de onde ele observou um jardim de beleza surpreendente. O rei Beder elogiou tudo o que viu, a fim de que não fosse descoberto que ele não era, de fato, sobrinho do velho Abdallah. Eles conversaram sobre assuntos indiferentes, até que a rainha foi informada de que o jantar estava sobre a mesa.

A rainha e o rei Beder sentaram-se à mesa, que era de ouro maciço, assim como os pratos e talheres. Eles começaram a comer, mas quase não beberam até a sobremesa chegar, quando a rainha pegou uma taça de vinho e brindou ao seu convidado.

Ao mesmo tempo, dez servas da rainha Labe entraram com instrumentos musicais, com os quais fizeram um agradável concerto. Por fim, o rei Beder se esqueceu de que estava envolvido com uma rainha mágica e olhou para ela apenas como a rainha mais linda que já viu.

Na manhã seguinte, as servas que o haviam servido presentearam o rei Beder com linho fino e um manto magnífico. A rainha, que estava mais esplendidamente vestida do que no dia anterior, veio recebê-lo, e eles foram juntos para seus aposentos, onde comeram e depois passaram o resto do dia caminhando pelo jardim.

A rainha Labe tratou o rei Beder dessa maneira por quarenta dias, como estava acostumada a fazer com todos os outros. Na quadragésima noite, ela se levantou sem fazer barulho e entrou no quarto dele, mas ele estava acordado e, percebendo que ela havia planejado algo, observou todos os seus movimentos. Ela abriu um baú, do qual tirou uma caixinha cheia de um pó amarelo. Pegando um pouco do pó, ela o espalhou pelo chão, e

imediatamente um riacho de água surgiu, para grande espanto do rei Beder. Ele tremia de medo, mas ainda fingia dormir para que a feiticeira não descobrisse que estava acordado.

A seguir, a rainha Labe pegou um pouco da água em uma vasilha e despejou em uma bacia, na qual havia farinha, com a qual fez uma pasta, e amassou por um longo tempo. Então ela misturou certas poções, que ela tirou de caixas diferentes, e fez um bolo, que colocou em uma assadeira coberta. Como se preocupara antes de mais nada em fazer uma boa fogueira, pegou um pouco das brasas, pôs a panela sobre elas e, enquanto o bolo estava assando, colocou os recipientes e as caixas em seus lugares novamente. Ao pronunciar certas palavras, o riacho, que corria ao longo do fundo da sala, desapareceu. Quando o bolo estava pronto, ela o tirou das brasas e levou-o para o quarto, sem a menor suspeita de que ele tivesse visto alguma coisa do que ela fizera.

O rei Beder, que já havia se esquecido de seu bom anfitrião Abdallah, começou agora a pensar nele novamente e acreditou que ele tinha mais do que motivos para dar seus conselhos, depois de tudo que vira a rainha fazer naquela noite. Assim que se levantou, portanto, expressou grande desejo de ir ver seu tio e implorou à sua majestade que permitisse.

– Meu querido Beder – exclamou a rainha –, então você já está cansado não apenas de viver em um palácio tão magnífico como o meu, onde você deve encontrar tantos prazeres, mas também da companhia de uma rainha que gosta tanto de você como eu?

– Grande rainha! – respondeu o rei Beder. – Como posso estar cansado de tantos favores e graças que sua majestade me dá? Devo admitir, porém, que é em parte por essa razão que, sabendo que meu tio me ama e que estou há quarenta dias sem vê-lo nenhuma vez, você entenderia e me daria permissão para vê-lo.

– Vá – disse a rainha –, você tem meu consentimento, mas não demore muito para voltar.

Dito isso, ela ordenou que trouxessem um cavalo ricamente adornado e ele partiu.

O velho Abdallah ficou radiante ao ver o rei Beder. Assim que se sentaram, Abdallah disse:

– Como vai você e como tem passado o seu tempo com aquela feiticeira infiel?

– Até agora – respondeu o rei Beder –, devo reconhecer que ela tem sido extraordinariamente boa comigo, mas observei algo ontem à noite que me dá motivos para suspeitar que toda a sua gentileza até agora não passa de dissimulação.

Ele contou a Abdallah como e de que maneira a vira fazer o bolo e depois acrescentou:

– Até agora, devo confessar que quase me esqueci não só de você como de todos os conselhos que me deu sobre a maldade dessa rainha, mas sua última ação me deu motivos para temer que ela não pretende cumprir nenhuma de suas promessas. Pensei em você imediatamente e me considero feliz por ter obtido permissão para vir aqui.

– Você não está enganado – respondeu o velho Abdallah com um sorriso, o que mostrava que ele próprio não acreditava que ela agisse de outra forma –, nada é capaz de obrigar uma pessoa traiçoeira a cumprir sua palavra, mas não tema nada. Eu sei como fazer cair sobre ela mesma o mal que pretende infligir sobre você. A melhor coisa que você fez foi recorrer a mim. É uma prática comum ela manter seus amantes por apenas quarenta dias e, depois disso, em vez de mandá-los para casa, transformá-los em animais, para abastecer suas florestas e parques, mas pensei ontem em medidas para

evitar que ela lhe cause o mesmo mal. A terra já carregou esse monstro por tempo suficiente e agora é hora de ela ser tratada como merece.

Dizendo isso, Abdallah colocou dois bolos nas mãos do rei Beder, ordenando-lhe que os guardasse para usar da forma indicada.

– Você me disse – continuou ele – que a feiticeira fez um bolo na noite passada. Era para você comer, pode ter certeza, mas tome muito cuidado para não tocar nele. No entanto, não se recuse a recebê-lo quando ela o oferecer a você, mas, em vez de prová-lo, quebre parte de um dos dois bolos que eu dei a você sem que ela perceba e coma. Assim que ela achar que você o engoliu, não deixará de tentar transformá-lo em algum animal, mas não terá sucesso. Quando ela vir que não teve efeito, vai imediatamente tentar fingir que era uma brincadeira, como se o que ela fizesse fosse apenas para assustar você, mas ela vai esconder uma tristeza mortal em seu coração e pensar que omitiu algo na composição do bolo. Quanto ao outro bolo, você deve dá-lo de presente para ela e pressioná-la a comê-lo, o que ela não recusará, nem que seja apenas para convencê-lo de que confia em você, embora tenha lhe dado tantos motivos para desconfiar dela. Quando ela tiver comido, pegue um pouco de água na palma da sua mão e, jogando-a na cara dela, diga: “Saia dessa forma que você veste agora e pegue a de tal animal, como você achar adequado”. Feito isso, venha a mim com o animal e eu lhe direi o que deve fazer depois.

O rei Beder agradeceu a Abdallah de forma calorosa, despediu-se e voltou ao palácio. Ao chegar, percebeu que a rainha o esperava com grande impaciência no jardim. Ele foi até ela e, assim que o percebeu, ela foi com muita pressa encontrá-lo.

– Meu caro Beder! – disse ela. – Parece que há séculos que me separei de você. Se você tivesse demorado um pouco mais, eu já estaria me preparando para ir buscá-lo.

– Senhora – respondeu o rei Beder –, posso assegurar à vossa majestade que não estava menos impaciente para encontrá-la, mas não podia deixar de ficar mais um pouco com um tio que me ama e há muito tempo não me via. Ele teria me mantido ainda mais tempo, mas eu me afastei dele para ir onde o amor me chama. De tudo o que ele preparou para mim, só trouxe este bolo, que desejo que vossa majestade aceite.

O rei Beder deu o bolo à rainha, dizendo:

– Peço à vossa majestade que aceite.

– Aceito de todo o coração – respondeu a rainha – e comê-lo-ei com prazer por sua causa e por seu bom tio, mas, antes de prová-lo, desejo que coma um pedaço deste bolo que fiz para você durante sua ausência.

– Bela rainha – respondeu o rei Beder, recebendo-o com grande respeito –, não posso reconhecer suficientemente o quanto você me trata bem.

O rei Beder então habilmente substituiu o bolo da rainha pelo outro que o velho Abdallah lhe dera e, partindo um pedaço, colocou-o na boca e gritou, enquanto comia:

– Ah! Rainha, nunca provei nada tão encantador em minha vida.

Ao vê-lo engolir um pedaço do bolo, ela pegou um pouco de água na palma da mão, jogou-a na cara do rei e disse:

– Desgraçado! Abandone a forma de homem e tome a de um cavalo vil, cego e coxo.

Essas palavras não surtiram o efeito desejado, e a feiticeira ficou estranhamente surpresa ao encontrar o rei Beder ainda na mesma forma, apenas assustado. Suas bochechas ficaram vermelhas e, quando viu que errara o alvo, disse:

- Querido Beder – exclamou ela –, isso não é nada. Eu não pretendia fazer nenhum mal a você, foi uma brincadeira para ver o que você diria.
- Rainha – respondeu o rei Beder –, estou certo de que o que vossa majestade fez foi apenas para se divertir, mas não pude deixar de ficar surpreso. Mas senhora – continuou ele –, deixe-nos esquecer isso e, já que eu comi o seu bolo, você me faria o favor de provar o meu?

A rainha Labe, que não poderia se justificar melhor do que mostrar este ato de confiança, partiu um pedaço do bolo e o comeu. Assim que o engoliu, ela pareceu muito perturbada e permaneceu imóvel. O rei Beder não perdeu tempo, tirou a água da mesma bacia e, jogando-a em seu rosto, gritou:

- Feiticeira abominável! Abandone a forma de mulher e seja instantaneamente transformada em uma égua.

No mesmo instante, a rainha Labe se transformou em uma égua muito bonita. Sua confusão foi tão grande ao se encontrar naquela condição que ela começou a chorar, o que talvez nenhuma égua antes tivesse feito. Ela curvou a cabeça aos pés do rei Beder, pensando em movê-lo à compaixão, mas, embora ele pudesse até se comover, estava absolutamente fora de seu poder reparar o mal que havia cometido. Ele a conduziu para o estábulo pertencente ao palácio e a colocou nas mãos de um cavalariço para que colocasse rédeas e sela, mas, de todas as rédeas que experimentaram, nenhuma cabia nela. Por fim, o cavalariço levou a égua atrás dele até a casa do velho Abdallah.

Abdallah, ao ver o rei Beder vindo com a égua, teve certeza de que fizera o que ele aconselhou.

- Feiticeira odiosa! – disse ele imediatamente em um êxtase de alegria. – O céu finalmente a puniu como você merece.

O rei Beder desceu na porta de Abdallah e entrou na loja, abraçando-o e agradecendo por todos os conselhos que ele havia dado. Ele contou a Abdallah toda a história e disse-lhe que não conseguia encontrar nenhuma rédea adequada para a égua. Abdallah, que tinha uma para cada cavalo, colocou uma na égua e disse-lhe:

– Meu senhor, você não tem razão para ficar mais nesta cidade: monte na égua e volte ao seu reino.

O rei Beder se despediu do bom velho e partiu.

Mal o jovem rei da Pérsia saiu da cidade, começou a refletir com alegria sobre sua libertação e sobre como tinha a feiticeira em seu poder, a qual lhe dera tantos motivos para tremer. Três dias depois de chegar a uma grande cidade, encontrou um venerável velho.

– Senhor – disse o velho, interrompendo-o –, posso ousar perguntar de que parte do mundo você vem?

O rei parou para lhe contar e, enquanto conversavam, uma velha apareceu, que, parando também, chorou e suspirou amargamente ao ver a égua.

O rei Beder e o velho pararam de conversar para olhar para a velha, a quem o rei perguntou por que motivo ela lamentava tanto.

– Ai de mim! Senhor – respondeu ela –, é porque sua égua se parece perfeitamente com a que meu filho tinha e até hoje lamento sua perda. Venda-a para mim, eu te suplico, eu te darei mais do que ela vale e serei eternamente grata.

– Boa mulher – respondeu o rei Beder –, lamento sinceramente não poder atender ao seu pedido, mas minha égua não pode ser vendida.

– Senhor – continuou a velha –, não me recuse este favor. Meu filho e eu certamente morreremos de tristeza se você não conceder.

– Boa mãe – respondeu o rei –, eu a concederia de todo o meu coração se estivesse disposto a me separar de um animal tão bom, mas, se eu estivesse disposto, acredito que dificilmente você daria mil moedas de ouro por ela, e eu não poderia vendê-la por menos.

– Por que eu não deveria dar tanto? – respondeu a velha. – Se esse for o preço mais baixo, basta dizer e eu lhe trarei o dinheiro.

O rei Beder, vendo a velha tão mal vestida, não podia imaginar que ela pudesse ter aquele dinheiro e, para testá-la, ele disse:

– Vá, traga-me o dinheiro, e a égua é sua.

A velha imediatamente abriu uma bolsa que tinha amarrada ao cinto e pediu-lhe que contasse o dinheiro, dizendo que, caso faltasse alguma coisa, sua casa não ficava longe e ela poderia rapidamente buscar o resto.

A surpresa do rei Beder ao ver a bolsa não foi pequena.

– Boa mulher – disse ele –, não percebe que estou zombando de você esse tempo todo? Garanto-lhe que minha égua não pode ser vendida.

O velho, que testemunhou tudo o que foi dito, começou a falar.

– Filho – disse ele ao rei Beder –, é necessário que você saiba uma coisa que eu acho que você não sabe: nesta cidade, não é permitido mentir a ninguém, seja pela razão que for, sob pena de morte. Você terá que dar a égua à mulher assim que ela lhe apresentar o dinheiro, e é melhor que faça isso sem qualquer ruído do que se expor ao que pode acontecer.

O rei Beder ficou extremamente aflito por se encontrar preso à sua oferta precipitada. A velha agarrou as rédeas e imediatamente, pegando um pouco de água em um riacho que corria no meio da rua, jogou na cara do animal, proferindo estas palavras:

– Filha, saia dessa forma estranha e reassuma a sua.

A transformação ocorreu em um segundo, e o rei Beder, que desmaiou assim que viu a rainha Labe aparecer, teria caído no chão se o velho não o tivesse segurado.

A velha, que era mãe da rainha Labe e a instruiria em todos os seus segredos mágicos, abraçou a filha e assobiou. Imediatamente, surgiu um gênio gigante. Esse gênio pegou o rei Beder com um braço e a velha e a rainha mágica com o outro, e os transportou em poucos minutos para o palácio da rainha Labe na Cidade dos Encantamentos.

A rainha mágica imediatamente falou com o rei Beder.

– É assim, desgraçado ingrato – disse ela –, que você e seu tio indigno me retribuem por todas as gentilezas que fiz por você? Logo farei com que vocês dois sintam o que merecem. Ela não disse mais nada, mas, pegando água na mão, jogou-a na cara dele com estas palavras:

– Saia dessa forma e se transforme em uma coruja vil.

Essas palavras foram seguidas pelo efeito desejado. Imediatamente ela ordenou a uma de suas servas que colocasse a coruja em uma gaiola e não lhe desse comida nem bebida.

A mulher pegou a gaiola e, sem se importar com o que a rainha ordenou, deu-lhe de comer e beber. Sendo amiga do velho Abdallah, ela enviou um recado contando como a rainha tratara seu sobrinho e sobre seu plano de matar os dois, para que ele pudesse tentar se salvar.

Abdallah sabia que nenhuma medida comum seria suficiente para evitar a fúria da rainha Labe. Ele, portanto, apenas assobiou de uma certa maneira, e imediatamente surgiu um gênio gigante, com quatro asas, que se apresentou diante dele e perguntou o que ele queria.

– Relâmpago – disse Abdallah a ele (pois assim se chamava o gênio) –, eu ordeno que você preserve a vida do rei Beder, filho da rainha Gulnare. Vá ao palácio da rainha mágica e transporte imediatamente para a capital da Pérsia a mulher compassiva que está com a gaiola sob custódia, para que ela possa informar à rainha Gulnare sobre o perigo que o rei, seu filho, corre e como ele precisa de sua ajuda.

Relâmpago desapareceu imediatamente e chegou em um instante ao palácio da rainha mágica. Ele instruiu a mulher, ergueu-a no ar e transportou-a para a capital da Pérsia, onde a colocou no terraço perto do aposento da rainha Gulnare. Ela desceu para o aposento e lá encontrou a rainha Gulnare e a rainha Farasche, sua mãe, lamentando seus infortúnios. A mulher então lhes fez uma profunda reverência e elas logo compreenderam a grande necessidade que o rei Beder tinha de sua ajuda.

A rainha Gulnare ficou tão feliz com a notícia que, levantando-se, foi e abraçou a boa mulher, dizendo-lhe o quanto ela agradecia pelo serviço que prestara.

Então, saindo imediatamente, ela ordenou que as trombetas informassem à cidade que o rei da Pérsia voltaria em segurança para seu reino. Ela então foi ao encontro do rei Saleh, seu irmão, o qual a rainha Farasche havia feito ir rapidamente para lá.

– Irmão – disse ela –, o rei, seu sobrinho, meu querido filho, está na Cidade dos Encantamentos, sob o poder da rainha Labe. Você e eu devemos ir libertá-lo, pois não há tempo a perder.

O rei Saleh imediatamente reuniu um poderoso batalhão naval, que logo emergiu do mar. Ele também chamou em seu auxílio os gênios, seus aliados, que apareceram com um exército muito mais numeroso do que o seu. Assim que os dois exércitos se uniram, ele se colocou à frente deles, com a rainha Farasche, a rainha Gulnare e as princesas. Eles então voaram

pelo ar e logo caíram sobre o palácio e a Cidade dos Encantamentos, onde a rainha mágica, a sua mãe e todos os adoradores do fogo foram destruídos em um instante.

A rainha Gulnare ordenou à mulher que lhe trouxera a notícia da transformação e da prisão de seu filho que a seguisse de perto e, no meio da confusão, agarrasse a gaiola e a trouxesse para ela. Essa ordem foi executada como ela desejava. Assim que a rainha Gulnare estava de posse da gaiola, ela a abriu e tirou a coruja, dizendo, enquanto jogava um pouco de água sobre ela:

– Meu querido filho, saia dessa forma estranha e retome sua forma natural de homem.

Em um instante, a rainha Gulnare não viu mais a horrenda coruja, mas o rei Beder, seu filho. Ela imediatamente o abraçou com grande alegria. Depois dela, ele foi igualmente abraçado pelo rei, seu tio, e por seus parentes.

O primeiro cuidado da rainha Gulnare foi cuidar do velho Abdallah, a quem ela devia muito pelo resgate do rei da Pérsia. Ao ser levado a ele, ela disse:

– Minhas obrigações com você, senhor, são tão grandes que não há nada em meu poder que eu não faria livremente por você, como um símbolo de meu reconhecimento. Apenas diga-me em que posso servi-lo.

– Grande rainha – respondeu Abdallah –, se a senhora que enviei à sua majestade consentir no casamento que eu ofereço a ela e se o rei da Pérsia me conceder autorização para residir em sua corte, gastarei o restante dos meus dias a seu serviço.

Então a rainha voltou-se para a senhora, que estava presente, e descobriu que ela aceitava o casamento proposto.

Esse casamento fez o rei da Pérsia falar com a rainha:

– Senhora – disse ele –, estou profundamente contente com esse casamento que vossa majestade acaba de fazer, porém há mais um que desejaria que acontecesse.

A rainha Gulnare, a princípio, não comprehendeu o que ele queria dizer com casamento, mas, depois de pensar um pouco, ela disse:

– Do seu, você quer dizer, filho? Eu consinto com todo o meu coração.

Em seguida, virando-se e olhando para os criados de seu irmão e os gênios que ainda estavam presentes, disse:

– Vá e atravessem o mar e a terra para descobrir a princesa mais adorável e amável, digna do rei, meu filho, e venham nos contar.

– Senhora – respondeu o rei Beder –, é inútil que eles se esforcem tanto. Sem dúvida, você ouviu que já entreguei meu coração à princesa de Samandal. Em suma, nem a terra nem o mar, em minha opinião, podem me dar uma princesa como ela. É verdade que ela me tratou de uma forma que teria extinto qualquer afeto menos forte do que o meu, mas eu não a culpo. Ela não podia me tratar com menos rigor, depois de eu fazer o pai dela ser preso. Mas pode ser que o rei de Samandal tenha mudado de ideia e sua filha, a princesa, possa consentir em me amar quando vir que seu pai concordou com isso.

– Filho – respondeu a rainha Gulnare –, se a princesa Giauhara puder te fazer feliz, não é minha intenção me opor a você. O rei, seu tio, só precisa que o rei de Samandal seja trazido e logo veremos se ele ainda tem o mesmo temperamento intratável.

Mesmo com a forma rigorosa como o rei de Samandal fora mantido durante seu cativeiro por ordens do rei Saleh, ele sempre teve grande respeito por ele e ficou muito familiarizado com os oficiais que o protegiam. O rei Saleh mandou trazer uma vasilha com carvão, na qual lançou uma certa mistura,

pronunciando ao mesmo tempo algumas palavras misteriosas. Assim que a fumaça começou a subir, o palácio estremeceu e imediatamente o rei de Samandal, com os oficiais do rei Saleh, apareceram. O rei da Pérsia lançou-se aos pés do rei de Samandal e, ajoelhando-se, disse:

– Não é mais o rei Saleh que exige de sua majestade a honra de sua aliança para o rei da Pérsia, é o próprio rei da Pérsia que humildemente implora por essa bênção e tenho certeza de que sua majestade não persistirá em ser a causa da morte de um rei que não pode mais viver se não compartilhar a vida com a amável princesa Giauhara.

O rei de Samandal não permitiu que o rei da Pérsia permanecesse a seus pés por muito tempo. Ele o abraçou e, obrigando-o a se levantar, disse:

– Eu lamentaria muito ter contribuído para a morte de um monarca que é tão digno de viver. Se é verdade que uma vida tão preciosa não pode ser preservada sem minha filha, poderá casar-se com ela, se ela não se opuser.

Dizendo essas palavras, ele ordenou a um de seus oficiais, a quem o rei Saleh permitira que o cercasse, que fosse procurar a princesa Giauhara e a trouxessem imediatamente.

O oficial logo a encontrou e a trouxe com suas servas. O rei de Samandal a abraçou e disse:

– Filha, encontrei um marido para você; é o rei da Pérsia, o monarca mais talentoso atualmente no universo. A preferência que ele deu a você sobre todas as outras princesas nos obriga a expressar nossa gratidão.

– Senhor – respondeu a princesa Giauhara –, espero que o rei da Pérsia se esqueça de como o maltratei e considere que foi o dever, não a vontade, que me forçou a isso.

O casamento foi celebrado no palácio da Cidade dos Encantamentos, com a maior solenidade, por todos que a rainha mágica havia transformado em animais, os quais retomaram suas formas originais tão logo ela deixou de viver. Eles eram todos filhos de reis ou príncipes ou pessoas de alta posição.

Por fim, o rei Saleh conduziu o rei de Samandal aos seus domínios e devolveu a posse deles. O rei da Pérsia voltou para sua capital com a rainha Gulnare, a rainha Farasche e as princesas; e a rainha Farasche e as princesas continuaram lá até que o rei Saleh veio para reconduzi-las ao seu reino sob as ondas do mar.

## *Referências*

- HAUFF, Wilhelm & Grand, Elena N. *The History of Caliph Stork*. Arabic Folktale: Oriental Story. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.
- HASAN EL-SHAMY. *Folklore of the Arab World*. Department of Folklore and Ethnomusicology, Indiana University. Indiana, Dezembro 2017.
- HOYLAND, Robert G. *Arabia and the arabs – from the bronze age to the coming of Islam*. Disponível em: <<https://www.routledge.com/Arabia-and-the-Arabs-From-the-Bronze-Age-to-the-Coming-of-Islam/Hoyland/p/book/9780415195355>>. Acesso em abril de 2021.
- LANG, Andrew. *The Arabian Nights Entertainments*. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2008.
- Contos originalmente compilados por Antoine Galland em *Les mille et une nuits*, na edição final de 1717.
- Os contos “Ameen and the Ghool”, “The Adventures of the Beggar’s Son”, “The Cobbler Astrologer”, “The Man who never Laughed”, “The Perfidious Vizier”, “The Tomb of Noosheerwân”, “The Traveller’s Adventure”, “The Two Cats”, podem ser encontrados em:
- SALLIS. E. K. *Identity in Diversity: The Thousand and One Nights in English*. Thesis (Ph.D.)-- University of Adelaide, Dept. of English. Adelaide, 1997. Disponível em: <<https://digital.library.adelaide.edu.au/dspace/handle/2440/18792>>. Acesso em abril de 2021.
- TIBBITTS, Charles John. *Folk-Lore and Legends: Oriental*.
- W. W. Gibbings. Londres, 1889.
- WEBB. Peter. *The origin of Arabs: Middle Eastern ethnicity and myth-making*. The British Academy. Julho de 2016. Disponível em: <[https://www.thebritishacademy.ac.uk/documents/843/BAR27-10-Webb-reduced\\_0.pdf](https://www.thebritishacademy.ac.uk/documents/843/BAR27-10-Webb-reduced_0.pdf)>. Acesso em abril de 2021.



# Contos árabes



PandorgA

2

# Contos Árabes



## *Introdução*

**A**civilização e os povos árabes têm algumas das histórias e lendas mais diversas e coloridas do mundo. Muitas histórias que conhecemos hoje foram inicialmente transmitidas oralmente, de geração em geração, ao longo de milhares de anos, até serem compiladas no papel. Embora algumas delas sejam conhecidas como puros mitos e tenham assumido o papel dos contos de fadas comuns entre os árabes, há quem acredite em outras.

Ainda que tenha havido inúmeras transformações de sentido, adaptações e ressignificações, é inegável que as histórias de gênios, ghouls, lâmpadas mágicas, tapetes voadores e desejos contidos em histórias como “Aladim” ou “Ali babá e os quarenta ladrões” fazem parte do imaginário de crianças de todo o mundo.

O folclore árabe também conta com criaturas e lugares místicos, muitos dos quais aparecem nos contos das *Mil e uma Noites*. As histórias de Simbad, o marujo, por exemplo, abrem espaço para um mundo de magia, mas onde a coragem, honra e bravura do narrador – temas tão importantes para a cultura – continuam tendo um papel central.

Neste volume, além dos lindos contos selecionados, traremos também a você, leitor, algumas curiosas criaturas do folclore árabe. Boa viagem!

## *Aladim*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, 1704)

*A história de Aladim é, talvez, uma das mais conhecidas mundialmente. Ao pensarmos nela, provavelmente virá à nossa cabeça a imagem de um jovem árabe que passou da pobreza para a riqueza, um cenário exótico, doses de mágica e tapetes voadores.*

*O conto foi adicionado às Mil e uma noites, a obra mais famosa da literatura árabe, mas na sua versão original – a mais antiga a que se tem acesso – a história é um pouco diferente da que a maioria de nós conhece.*

*Hoje, costumamos associar Aladim à Pérsia e ao Oriente Médio graças a filmes como O ladrão de Bagdá (1924) e Aladim da Disney, mas, na história original, a trama se passa na China. A história não fazia parte originalmente das Mil e uma noites, sendo adicionada posteriormente pelo tradutor francês Antoine Galland, no início do século XVIII.*

*Embora Galland tenha ouvido a história de um contador de histórias árabe, a história de Aladim se passa no Extremo Oriente, e não no Oriente Médio. O conto não tinha nada a ver com os contos originais das Mil e uma noites e não aparece em nenhum dos manuscritos. No entanto, desde que Galland o adicionou à sua versão, ele se tornou indiscutivelmente uma das histórias mais famosas.*

*A razão pela qual pensamos na história como uma das verdadeiras noites árabes é que muitos dos personagens no conto de Aladim são muçulmanos*

*árabes com nomes árabes. O próprio nome da princesa Jasmine, filha do sultão, foi uma invenção do filme da Disney. Na história original, o interesse amoroso de Aladim é chamado de Buddir al Buddor (o nome significa “lua cheia das luas cheias” em árabe).*

*Apesar de a história de Aladim não fazer parte do texto original de Mil e uma noites, é impossível não pensar nela quando pensamos em contos árabes. Ela começa assim:*

يَا كُلَّ شَرِبٍ شَدِيدٍ  
سَقَارْ مُجِدًا لِرَبَّهُ بَدِينْ خَسِينْ الْمُلَبِّسِ  
فَلَمْ يُجِدْ فِي خَلَقَتِي السَّمَّ وَلَهُ مَا يَهْدِه وَلَصَعْ





**E**m uma das grandes e ricas cidades da China, vivia um alfaiate muito pobre chamado Mustapha. Ele dificilmente conseguia, com seu trabalho diário, manter a si mesmo e à sua família, que consistia apenas de sua esposa e um filho.

Seu filho, que se chamava Aladim, era um sujeito muito descuidado e preguiçoso. Ele era desobediente ao pai e à mãe, e saía de manhã cedo e ficava fora o dia todo, brincando nas ruas e lugares públicos com crianças de sua idade que eram igualmente ociosas.

Quando ele alcançou idade suficiente para começar a trabalhar, seu pai o levou para sua própria loja e o ensinou a costurar, mas todos os esforços de seu pai foram em vão, pois, assim que ele virava as costas, o menino ia embora. Mustapha o repreendia, mas Aladim era incorrigível, e seu pai, para sua grande tristeza, foi forçado a abandoná-lo à sua ociosidade. Ele ficou tão preocupado com o filho que adoeceu e morreu em poucos meses.

Aladim, que agora não era mais contido pelo medo de um pai, entregou-se inteiramente à sua preguiça e nunca saia das ruas. Seguiu esse caminho até os quinze anos, sem se dedicar a nenhuma atividade útil ou à menor reflexão sobre o que seria de seu futuro. Um dia, enquanto estava brincando na rua com seus companheiros como de costume, um estranho que passava parou para observá-lo.

Esse estranho era um feiticeiro, conhecido como o mago africano, pois há apenas dois dias havia chegado da África, seu continente natal.

O mago africano, vendo no rosto de Aladim algo que o assegurava de que ele era um menino adequado para seus objetivos, perguntou seu nome e a

história de seus companheiros. Depois de saber tudo o que desejava saber, aproximou-se dele e, levando-o para longe de seus amigos, disse:

- Filho, seu pai não era o alfaiate Mustapha?
- Sim, senhor – respondeu o menino –, mas ele morreu há muito tempo.

Com essas palavras, o mago africano abraçou e beijou Aladim várias vezes, com lágrimas nos olhos, dizendo:

- Eu sou seu tio. Seu digno pai era meu irmão. Eu lhe reconheci à primeira vista, você é tão parecido com ele!

Então ele deu a Aladim um punhado de dinheiro, dizendo:

- Vá, meu filho, encontrar a sua mãe. Dê minhas lembranças a ela e diga-lhe que a visitarei amanhã para que eu possa ver onde meu bom irmão morava e onde terminou seus dias.

Aladim correu para sua mãe, muito feliz com o dinheiro que seu tio o havia dado.

- Mãe – disse ele –, eu tenho um tio?
- Não, filho – respondeu a mãe. – Você não tem nenhum tio, nem da parte do seu pai nem da minha.
- Acabei de encontrar – disse Aladim – um homem que diz ser meu tio, irmão de meu pai. Ele chorou e me beijou quando contei que meu pai estava morto e me deu dinheiro, enviou lembranças para você e prometeu vir nos visitar para que ele possa conhecer a casa em que meu pai viveu e morreu.
- Na verdade, meu filho – respondeu a mãe –, seu pai não tinha irmãos, nem você tem um tio.

No dia seguinte, o mago encontrou Aladim brincando em outra parte da cidade e, abraçando-o como da outra vez, colocou duas moedas de ouro em sua mão e lhe disse:

– Leve isto, criança, para sua mãe. Diga a ela que eu vou vê-la esta noite e peça-lhe que faça algo para o jantar. Mas primeiro me mostre a casa onde você mora.

Aladim mostrou a casa ao mago africano e levou as duas moedas de ouro para sua mãe, que saiu e comprou mantimentos. Ela passou o dia inteiro preparando a ceia e, à noite, quando estava pronta, disse ao filho:

– Talvez o estranho não saiba como encontrar nossa casa. Vá e, se você se encontrar com ele, traga-o até aqui.

Aladim estava pronto para sair quando o mago bateu à porta e entrou carregado com vinho e todos os tipos de frutas que trouxera de sobremesa. Depois de entregar o que havia trazido nas mãos de Aladim, ele saudou sua mãe e desejou que ela lhe mostrasse o lugar onde seu irmão Mustapha costumava sentar-se no sofá. Ele então a abraçou e beijou várias vezes, gritando, com lágrimas nos olhos:

– Meu pobre irmão! Como estou infeliz por não ter vindo mais cedo para dar-lhe um último abraço!

A mãe de Aladim queria que ele se sentasse no mesmo lugar que o irmão costumava sentar, mas ele se recusou.

– Não – disse ele –, eu não farei isso; mas dê-me permissão para sentar-me em frente à cadeira dele, porque, embora eu não possa ver o senhor de uma família tão querida para mim, poderei pelo menos contemplar o lugar onde ele costumava se sentar.

Depois que o mago escolheu um lugar e se sentou, ele começou a conversar com a mãe de Aladim.

– Minha boa irmã, não fique surpresa por nunca ter me visto durante todo o tempo em que esteve casada com meu irmão Mustapha. Estou há quarenta anos ausente deste país, que é minha terra natal e de meu falecido irmão. Durante esse tempo, viajei para as Índias, Pérsia, Arábia e Síria e depois atravessei para a África, onde fixei residência no Egito. Por fim, como é natural para um homem, eu desejava ver meu país natal novamente e abraçar meu querido irmão e, quando percebi que tinha forças para empreender uma viagem tão longa, fiz os preparativos necessários e parti. Nada jamais me afligiu tanto quanto a morte de meu irmão. Mas Deus seja louvado por todas as coisas! É um conforto para mim, encontrar, por assim dizer, meu irmão em um filho, que tem seus traços mais notáveis.

O mago africano, percebendo que a viúva chorava com a lembrança do marido, mudou a conversa e, voltando-se para o filho, perguntou-lhe:

– O que você faz? Você tem alguma profissão?

Com essa pergunta, o jovem baixou a cabeça e não ficou nem um pouco envergonhado quando sua mãe respondeu:

– Aladim é um sujeito preguiçoso. Seu pai, quando vivo, se esforçou ao máximo para ensiná-lo seu ofício, mas não conseguiu. Desde a sua morte, ele não faz nada senão perder tempo nas ruas, como você viu, sem considerar que ele não é mais uma criança. De minha parte, estou decidida, um dia desses, a expulsá-lo de casa e deixar que se vire sozinho.

Depois dessas palavras, a mãe de Aladim começou a chorar, e o mago disse:

– Isso não é bom, sobrinho, você deve pensar em se ajudar e ganhar o seu sustento. Existem muitos tipos de trabalhos, talvez você não goste do que seu pai fazia e prefira outro. Vou me esforçar para ajudar você. Se você não

tem vontade de aprender qualquer artesanato, vou abrir uma loja para você, mobiliá-la com todos os tipos de tecidos finos e roupas de cama e então, com o dinheiro que você ganhar com eles, poderá investir em mercadorias novas e viver de maneira honrosa. Diga-me o que pensa da minha proposta. Sou um homem de palavra.

Esse plano combinava com Aladim, que odiava trabalhar. Ele disse ao mago que tinha uma inclinação maior para esse negócio do que para qualquer outro e que ficaria muito grato a ele por sua bondade.

– Bem, então – disse o mago africano –, vou levá-lo comigo amanhã, vesti-lo tão bem quanto os melhores mercadores da cidade e depois abriremos uma loja como mencionei.

A viúva não duvidou mais de que o mago fosse irmão de seu marido depois de uma promessa tão generosa. Ela agradeceu por suas boas intenções e serviu a ceia, na qual conversaram sobre vários assuntos diferentes. Então o mago despediu-se e retirou-se.

Ele voltou no dia seguinte, como havia prometido, e levou Aladim com ele a um comerciante que vendia todos os tipos de roupas para diferentes idades e classes, com uma variedade de tecidos finos, e pediu a Aladim que escolhesse os que preferia.

Aladim agradeceu ao tio, que assim se dirigiu a ele:

– Como você em breve será um comerciante, é apropriado que você frequente essas lojas e se familiarize com elas.

Ele então lhe mostrou as maiores e melhores mesquitas, levou-o para as estalagens em que os mercadores e viajantes se hospedavam e, depois, para o palácio do sultão, onde ele tinha acesso livre. Por fim, levou-o até sua própria casa, onde ofereceu um banquete para que Aladim conhecesse outros mercadores.

Essa diversão durou até a noite, quando Aladim foi se despedir do tio para voltar para casa. O mago não o deixou ir sozinho e o levou até sua mãe, que, assim que o viu tão bem vestido, encheu-se de alegria e concedeu mil bênçãos ao mago.

Na manhã seguinte, o mago chamou novamente Aladim e disse que o levaria para passar aquele dia no campo e no dia seguinte compraria a loja. Ele então o conduziu, por um dos portões da cidade, a alguns palácios magníficos com belos jardins. A cada estabelecimento que visitavam, ele perguntava a Aladim se não gostava do lugar, e o jovem respondia:

– Essa casa é melhor do que qualquer outra que já vimos.

Por meio desse artifício, o astuto mago conduziu Aladim para longe da cidade e, como pretendia levá-lo ainda mais longe para executar seu plano, fingiu estar cansado e aproveitou para se sentar em um dos jardins, à beira de uma fonte de água límpida, que se escoava pela boca de um leão de bronze em uma bacia.

– Venha, sobrinho – disse ele –, você deve estar tão cansado quanto eu. Vamos descansar e depois ficará mais fácil continuar nossa caminhada.

Em seguida, o mago tirou do cinto um lenço com bolos e frutas e, durante essa breve refeição, tentou convencer o sobrinho a deixar as más companhias e a procurar homens sábios e prudentes para melhorar sua conversa.

– Você logo será um homem e deverá agir como um.

Depois de comerem à vontade, levantaram-se e continuaram o seu passeio por jardins separados uns dos outros apenas por pequenas valas, que demarcavam os limites sem interromper a comunicação, tão grande era a confiança que os habitantes depositavam uns nos outros.

Assim, o mago africano atraiu Aladim, sem ser percebido, para além dos jardins e cruzou o país, até quase chegarem às montanhas.

Por fim, chegaram entre duas montanhas de altura moderada e igual tamanho, divididas por um vale estreito, onde o mago pretendia executar o projeto que o trouxera da África à China.

– Não iremos mais longe agora – disse ele a Aladim. – Vou lhe mostrar aqui algumas coisas extraordinárias. Reúna todos os gravetos secos soltos que você encontrar para acendermos o fogo.

Aladim encontrou tantos gravetos secos que logo já tinha uma grande pilha. O mago logo acendeu o fogo e, quando já havia chamas, ele jogou um pouco de incenso, dizendo várias palavras mágicas, que Aladim não entendeu.

Ele mal tinha feito isso quando a terra se abriu na frente do mago e revelou uma pedra com um anel de latão em torno dela. Aladim ficou tão assustado que quis sair correndo, mas o mago o agarrou e deu-lhe um tapa tão forte que o derrubou. O menino se levantou tremendo e, com lágrimas nos olhos, disse ao mago:

– O que eu fiz, tio, para ser tratado dessa maneira severa?

– Eu sou seu tio – respondeu o mago. – Eu supri o lugar de seu pai, e você não deve responder. Mas, meu querido – acrescentou ele, suavizando o tom –, não tenha medo, pois nada lhe pedirei e, se você me obedecer, colherá as vantagens que pretendo dar a você. Saiba, então, que sob esta pedra está escondido um tesouro, destinado a ser seu, e que o tornará mais rico do que o maior monarca do mundo. Ninguém além de você consegue erguer esta pedra ou entrar na caverna; portanto, você deve fazer exatamente o que eu disser, pois se trata de algo importante tanto para você quanto para mim.

Aladim, surpreso com tudo que viu e ouviu, esqueceu-se do que havia passado e, levantando-se, disse:

- Bem, tio, o que deve ser feito? Diga-me. Irei obedecer.
- Fico muito feliz, criança – disse o mago africano, abraçando-o. – Segure o anel e levante aquela pedra.
- Na verdade, tio – respondeu Aladim –, não sou forte o suficiente; você precisa me ajudar.
- Não será necessário – respondeu o mago. – Pegue o anel e levante-o. Você descobrirá que sairá facilmente.

Aladim fez o que o mago ordenou, levantou a pedra com facilidade e colocou-a de lado.

Ao ser puxada para cima, revelou uma escada com cerca de um metro e meio de profundidade, que levava a uma porta.

– Desça esses degraus, meu filho – disse o mago africano –, e abra essa porta. Ela o levará a um palácio, dividido em três grandes salões. Em cada um deles, você verá quatro grandes cisternas de latão colocadas em cada lado, cheias de ouro e prata, mas cuidado para não encostar nelas. Antes de entrar no primeiro corredor, certifique-se de dobrar seu manto, envolvê-lo em você e, em seguida, passe do segundo para o terceiro corredor sem parar. Acima de tudo, tome cuidado para não tocar nas paredes, pois, se isso acontecer, você morrerá instantaneamente. No final do terceiro corredor, você encontrará uma porta que se abre para um jardim com belas árvores carregadas com frutas. Atravesse o jardim diretamente até um terraço, onde verá um nicho à sua frente e, nesse nicho, uma lâmpada acesa. Pegue a lâmpada e apague-a. Depois de jogar fora o pavio e despejar o líquido, coloque-a na cintura e a traga para mim. Não se preocupe que o líquido vá

sujar suas roupas, pois não é óleo, e a lâmpada secará assim que for apagada.

Após essas palavras, o mago tirou um anel de seu dedo e colocou-o em Aladim, dizendo:

– Será um talismã contra todo o mal, desde que você me obedeça. Vá, portanto, com coragem, e ambos seremos ricos pelo resto das nossas vidas.

Aladim desceu as escadas e, abrindo a porta, encontrou os três corredores exatamente como o mago africano havia descrito. Passou por eles com toda a precaução, atravessou o jardim sem parar, tirou a lâmpada do nicho, jogou fora o pavio e o líquido e, como o mago desejava, pegou-a para si. Ao descer do terraço, entretanto, vendo que estava perfeitamente seco, parou no jardim para observar as árvores, que estavam carregadas de extraordinários frutos de diferentes cores em cada árvore. Algumas davam frutos inteiramente brancos, outros eram claros e transparentes como o cristal; alguns eram vermelho-claro e outros de cores mais profundas; alguns verdes, azuis e roxos e outros amarelos; enfim, havia frutos de todas as cores. Os brancos eram pérolas; os claros, diamantes; o vermelho intenso, rubis; os verdes, esmeraldas; os azuis, turquesas; os roxos, ametistas; e os amarelos, safiras. Aladim, ignorando seu valor, teria preferido figos, uvas ou romãs, mas, como tinha permissão do tio, resolveu reunir alguns de todos os tipos. Depois de encher as duas novas bolsas que seu tio havia comprado para ele com suas roupas, ele enrolou alguns frutos na borda do colete e encheu o peito o máximo que podia.

Aladim, tendo assim se carregado de riquezas das quais não sabia o valor, voltou pelos três salões com a maior cautela e logo chegou à boca da caverna, onde o mago africano o aguardava com a maior impaciência.

Assim que Aladim o viu, gritou:

- Por favor, tio, dê-me sua mão para me ajudar.
- Dê-me a lâmpada primeiro – respondeu o mago. – Ela lhe trará problemas.
- De fato, tio – respondeu Aladim –, não consigo agora, mas lhe darei assim que chegar à superfície.

O mago africano estava determinado a ter a lâmpada em suas mãos antes de ajudá-lo a subir. Aladim, que havia se sobrecarregado tanto com os frutos que não podia segurá-los bem, recusou-se a entregá-la até que ele saísse da caverna. O mago africano, contrariado por essa recusa obstinada, enlouqueceu, atirou um pouco do seu incenso ao fogo e pronunciou duas palavras mágicas, e a pedra que fechava a boca da escada se moveu para o lugar que estava quando eles haviam chegado.

Essa atitude do mago revelou claramente a Aladim que ele não era seu tio, mas alguém que o estava usando para o mal. A verdade é que o mago havia aprendido em seus livros de magia o segredo e o valor daquela lâmpada maravilhosa, cujo dono se tornaria mais rico do que qualquer governante terreno e decidira partir em busca dela. A profecia também dizia que ele próprio não poderia pegar a lâmpada, mas sim recebê-la de presente das mãos de outra pessoa. Consequentemente, ele decidiu usar Aladim e esperava, por meio de uma mistura de bondade e autoridade, torná-lo obediente à sua palavra e vontade. Ao perceber que sua tentativa havia fracassado, ele decidiu retornar à África, mas evitou a cidade para que ninguém que o tivesse visto partir na companhia de Aladim perguntasse sobre o jovem.

O jovem, preso no escuro, gritou chamando seu tio para dizer que lhe daria a lâmpada. Mas em vão, já que seus gritos não podiam mais ser ouvidos.

Ele desceu até a base da escada com a intenção de entrar no palácio, mas a porta, que antes havia sido aberta por encantamento, agora estava fechada da mesma forma. Ele então redobrou seus gritos e lágrimas e sentou-se nos degraus sem qualquer esperança de ver a luz novamente.

Em meio à situação de apuros, ele disse:

– Não há força ou poder a não ser no grande e altíssimo Deus.

Ao juntar as mãos para orar, ele esfregou o anel que o mago colocara em seu dedo. Imediatamente um gênio de aspecto assustador apareceu e disse:

– O que você quer? Estou às suas ordens. Eu sirvo aquele que possui o anel em seu dedo; tanto eu quanto os outros servos desse anel.

Em outra ocasião, Aladim teria se assustado ao ver uma figura tão extraordinária, mas o perigo que corria o fez responder sem hesitação:

– Seja você quem for, livra-me deste lugar.

Mal havia dito essas palavras, ele se viu no mesmo lugar onde o mago o havia deixado pela última vez, sem nenhum sinal de caverna ou abertura, nem perturbação na terra. Agradecendo a Deus por estar mais uma vez no mundo, ele tentou voltar para casa. Ao entrar na casa de sua mãe, a alegria de vê-la e a fraqueza por falta de comida o deixaram tão fraco que permaneceu desacordado por muito tempo. Assim que se recuperou, contou à mãe tudo o que lhe acontecera, e os dois recriminaram aquele mago cruel.

Aladim dormiu profundamente até tarde da manhã seguinte, e a primeira coisa que disse à mãe quando acordou foi que queria algo para comer.

– Ai! Querido! – disse ela. – Não tenho um pedaço de pão para lhe dar; você comeu todas as provisões que eu tinha em casa ontem; mas tenho um pouco de algodão que fiei; irei vendê-lo e comprar pão e algo para o nosso jantar.

– Mãe – respondeu Aladim –, guarde seu algodão para outra hora e me dê a lâmpada que eu trouxe para casa ontem. Vou vendê-la, e o dinheiro que receberei por ela servirá tanto para o café da manhã quanto para o almoço, e talvez para o jantar também.

A mãe de Aladim pegou a lâmpada e disse ao filho:

– Aqui está, mas está muito suja. Se estivesse um pouco mais limpa, acredito que poderíamos vendê-la por um valor maior.

Ela pegou um pouco de água para limpá-la, mas ela mal havia começado a esfregá-la e, em um instante, um gênio gigante apareceu diante dela e disse em uma voz forte como um trovão:

– O que você quer? Estou pronto para obedecê-la como seu escravo e escravo de todos aqueles que têm a lâmpada em suas mãos; eu e os outros escravos da lâmpada.

A mãe de Aladim, apavorada com o gênio, desmaiou. Aladim reconheceu o mesmo gênio que vira na floresta, arrancou a lâmpada das mãos de sua mãe e disse:

– Estou com fome. Traga-me algo para comer.

O gênio desapareceu imediatamente e, em um instante, voltou com uma grande bandeja de prata, contendo doze pratos cobertos do mesmo metal, que continham as mais deliciosas iguarias; seis grandes bolos de pão branco em dois pratos, dois jarros de vinho e duas taças de prata. Tudo isso ele colocou sobre um tapete e desapareceu; tudo antes da mãe de Aladim acordar.

O menino foi buscar um pouco de água e borrifou em seu rosto para recuperá-la, o que aconteceu em pouco tempo.

– Mãe – disse Aladim –, não tenha medo. Levante-se e coma.

Sua mãe ficou muito surpresa ao ver a grande bandeja, doze pratos, seis pães, os dois jarros e duas taças, e ao sentir o cheiro saboroso que vinha dos pratos.

– Filho – disse ela –, a quem devemos por esta grande abundância e generosidade? O sultão conheceu nossa pobreza e teve compaixão de nós?

– Não importa, mãe – disse Aladim. – Vamos sentar e comer, pois você quase precisa tanto de um bom desjejum quanto eu. Quando terminarmos, eu lhe direi.

Mãe e filho sentaram-se e comeram com gosto, pois a mesa estava muito farta. Mas durante todo o tempo a mãe de Aladim não conseguia deixar de olhar e admirar a bandeja e os pratos, ainda que não soubesse dizer se eram de prata ou outro metal.

Depois de comerem, a mãe de Aladim se sentou ao lado de seu filho no sofá, dizendo:

– Espero que agora você satisfaça minha impaciência e me diga exatamente o que se passou entre o gênio e você enquanto eu estava desmaiada.

Ele prontamente atendeu ao pedido dela.

Ela ficou tão surpresa com o que seu filho lhe disse quanto com a aparição do gênio.

– Mas, filho, o que temos a ver com gênios? Nunca ouvi dizer que algum conhecido meu tivesse visto um. Como é que aquele gênio vil se dirigiu a mim, e não a você, a quem ele havia aparecido antes na caverna?

– Mãe, o gênio que você viu não é o mesmo que apareceu para mim. Se você se lembra, aquele que eu vi pela primeira vez se dizia escravo do anel que estava no meu dedo. O que você viu se dizia escravo da lâmpada que

você tinha na mão, mas creio que não escutou isso, porque você desmaiou assim que ele começou a falar.

– Como assim? Foi sua lâmpada então o motivo pelo qual aquele gênio maldito se dirigiu a mim e não a você? Ah! Meu filho, tire-a da minha vista e coloque-a onde quiser. Eu preferia que você a vendesse a correr o risco de morrer de medo novamente ao tocá-la. Também acho que você deveria se livrar do anel, que provavelmente não tem nada a ver com gênios, os quais, como nosso profeta disse, são apenas demônios.

– Com todo respeito, mãe, como poderia vender uma lâmpada que pode ser tão útil para nós? Aquele falso e perverso mago não teria empreendido uma viagem tão longa para pegar essa maravilhosa lâmpada se não soubesse que o seu valor ultrapassava o do ouro e da prata. E visto que a obtivemos honestamente, façamos dela um uso proveitoso, sem exibi-la e sem despertar a inveja dos nossos vizinhos. Já que os gênios a assustam tanto, vou tirá-la de sua vista e colocá-la onde eu possa encontrá-la quando eu quiser. Já do anel não tenho como ficar longe, pois sem ele você nunca mais me veria. Portanto, espero que você me dê permissão para mantê-lo e usá-lo sempre em meu dedo.

A mãe de Aladim respondeu que ele poderia fazer o que quisesse; de sua parte, ela não tinha nada a ver com aqueles gênios e nunca mais diria nada sobre eles.

Na noite seguinte, eles comeram tudo o que o gênio trouxera; e, no outro dia, Aladim, que não conseguia suportar a ideia de fome, colocou uma das travessas de prata sob o colete e saiu cedo para vendê-la. Dirigindo-se a um judeu que conheceu nas ruas, chamou-o de lado e, tirando o prato, perguntou-lhe se o compraria.

O astuto judeu pegou o prato, examinou-o e, assim que descobriu que era de boa prata, perguntou a Aladim o preço do item.

Aladim, que não estava acostumado a vender coisas, disse-lhe que confiaria em seu julgamento e honra para dizer o preço do objeto. O judeu ficou um tanto confuso com esse tratamento simples e duvidando que Aladim entendesse do material ou do quanto o objeto de fato valia, tirou uma moeda de ouro de sua bolsa e deu a ele, embora estivesse pagando um sexto do que aquilo realmente valia. Aladim, pegando o dinheiro com grande avidez, retirou-se com tanta pressa que o judeu, não contente com o quanto já havia lucrado, ficou irritado por não ter se aproveitado de sua ignorância que pensou em correr atrás dele para tentar obter algum troco pela peça de ouro, mas o menino correu tão rápido e tinha ido tão longe que seria impossível alcançá-lo.

Antes de Aladim voltar para casa, ele visitou um padeiro, comprou alguns pães, trocou seu dinheiro e, ao voltar, deu o resto para sua mãe, que foi e comprou comida suficiente para algum tempo. Assim viveram até que Aladim vendeu os doze pratos individualmente para o judeu pelo mesmo preço do primeiro, conforme a necessidade o pressionava. Depois da primeira vez, o judeu não se atreveu a lhe oferecer menos, por medo de perder um negócio tão bom. Depois de vender o último prato, recorreu à bandeja, que pesava dez vezes mais que os pratos, e a teria levado ao antigo comprador, mas era muito grande e pesada; portanto, foi obrigado trazê-la à sua casa, onde, depois de examinar o peso da bandeja, depositou dez moedas de ouro. Aladim ficou muito satisfeito.

Depois que aquele dinheiro acabou, Aladim voltou a recorrer à lâmpada. Pegou-a nas mãos, procurou a parte onde a mãe tinha esfregado e a esfregou também. O gênio imediatamente apareceu e disse:

– O que você deseja? Estou à sua disposição como seu escravo e escravo de todos aqueles que têm essa lâmpada em suas mãos; eu e os outros escravos da lâmpada.

– Estou com fome – disse Aladim. – Traga-me algo para comer.

O gênio desapareceu e logo voltou com uma bandeja contendo o mesmo número de pratos cobertos de antes e desapareceu novamente.

Assim que Aladim percebeu que o dinheiro estava acabando, ele pegou um dos pratos e foi procurar o judeu. Mas, ao passar por uma loja de ourives, o homem que lá trabalhava o chamou e disse:

– Meu rapaz, imagino que você tenha algo para vender ao judeu, a quem vejo você visitar muitas vezes. Talvez você não saiba que ele é o maior trapaceiro! Eu lhe pagarei o valor correto pelo que tem para vender ou o encaminharei a outros mercadores que não o enganarão.

Essa oferta induziu Aladim a tirar o prato debaixo do colete e a mostrá-lo ao ourives. À primeira vista, ele percebeu que era feito da melhor prata e perguntou se ele havia vendido algo assim para o judeu. Aladim lhe disse que havia vendido doze pratos por uma moeda de ouro cada.

– Que vilão! – gritou o ourives. – Mas, meu filho, o que é passado não pode ser mudado. Ao mostrar-lhe o valor deste prato, que é da melhor prata que usamos em nossas lojas, vou deixar você ver o quanto o judeu trapaceou você.

O ourives pegou uma balança, pesou o prato e garantiu-lhe que seu prato valia sessenta moedas de ouro, oferecendo-se para pagar aquele valor imediatamente.

Aladim agradeceu por seu tratamento justo e nunca mais tentou negociar com outra pessoa.

Embora Aladim e sua mãe tivessem um tesouro inesgotável em sua lâmpada e pudesse ter tudo o que desejavam, eles viviam com a mesma

frugalidade de antes, e o dinheiro pelo qual Aladim vendia os pratos e as bandejas era suficiente para mantê-los por algum tempo.

Durante esse intervalo, Aladim frequentou as lojas dos principais mercadores, onde eram vendidos tecidos de ouro e prata, linhos, seda e joias e, muitas vezes participando de suas conversas, adquiriu grande conhecimento do mundo. Conversando com joalheiros, descobriu que os frutos que havia colhido ao pegar a lâmpada eram, em vez de vidro colorido, pedras de valor inestimável; mas teve a prudência de não mencionar isso a ninguém, nem mesmo à mãe.

Um dia, enquanto Aladim caminhava pela cidade, ouviu os guardas ordenando ao povo que fechassem suas lojas e casas e ficassem dentro de casa enquanto a princesa Badroulbadour, a filha do sultão, fosse e voltasse da casa de banho.

Essa ordem despertou em Aladim um desejo ardente de ver o rosto da princesa. Assim, decidiu se esconder atrás da porta da casa de banho para que não pudesse deixar de ver o rosto dela.

Aladim não estava escondido há muito tempo quando a princesa chegou, assistida por uma grande multidão de senhoras e escravos que caminhavam de cada lado e atrás dela. Quando ela chegou a três ou quatro passos da porta do banho, tirou o véu e Aladim pôde ver seu rosto.

A princesa era de uma beleza notável; seus olhos eram grandes, vivos e brilhantes; seu sorriso era encantador; seu nariz impecável; sua boca pequena; seus lábios vermelhos. Portanto, não é de se surpreender que Aladim, que nunca antes tinha visto tal chama de encantos, ficou deslumbrado e encantado.

Depois que a princesa passou e entrou na casa de banho, Aladim deixou seu esconderijo e voltou para casa. A mãe percebeu que ele estava mais

pensativo e melancólico do que de costume e perguntou o que havia acontecido para deixá-lo assim. Ele então contou à mãe toda a sua aventura e concluiu declarando:

– Amo a princesa mais do que posso expressar e estou decidido a pedir sua mão em casamento ao sultão.

A mãe de Aladim ouvia com surpresa o que seu filho lhe dizia, mas, ao ouvir falar de casamento, deu uma grande gargalhada.

– Ai, filho – disse ela –, no que você está pensando? Você deve estar louco para falar algo assim.

– Garanto-lhe, mãe – respondeu Aladim –, que não estou louco. Eu imaginei que você reprovaria a minha ideia, mas devo dizer-lhe, mais uma vez, que estou decidido a pedir a princesa em casamento. Tenho os escravos da lâmpada e do anel para me ajudar, e você sabe o quanto poderosa é a ajuda deles. E tenho outro segredo para lhe contar: esses pedaços de vidros, que obtive das árvores do jardim do palácio subterrâneo, são, na verdade, joias de valor inestimável, próprias para os maiores monarcas. Todas as pedras preciosas de Bagdá juntas não podem ser comparadas às minhas em tamanho ou beleza. Estou certo de que, se as oferecer, o sultão consentirá. Você tem uma grande travessa de porcelana que seria bom para colocá-las. Traga-a e vejamos como ficarão, quando as tivermos arrumado de acordo com suas cores.

A mãe de Aladim trouxe a travessa de porcelana. Ele então tirou as joias das duas bolsas em que as guardara e as colocou em ordem, de acordo com sua cor. O brilho e o esplendor que emitiam durante o dia e a variedade de cores deslumbraram tanto os olhos da mãe quanto os do filho, que ficaram impressionados além da conta. A mãe de Aladim, encorajada ao ver aquelas joias preciosas, prometeu ir na manhã seguinte ao palácio do sultão.

Aladim se levantou antes do amanhecer, acordou sua mãe e a pressionou para que fosse ao palácio do sultão. A mãe de Aladim pegou a travessa de porcelana em que haviam colocado as joias no dia anterior, embrulhou-a em dois panos finos e partiu. Ao chegar aos portões do palácio, notou que o grão-vizir, os outros vizires e os mais ilustres senhores da corte haviam acabado de entrar e conseguiu entrar também, ficando um pouco à frente do sultão, do grão-vizir e dos grandes senhores, que se sentavam em conselho à sua direita e à sua esquerda. Várias causas foram levantadas, pleiteadas e julgadas, até o momento em que a reunião terminou e o sultão, levantando-se, dirigia-se ao seu aposento, assistido pelo grão-vizir.

A mãe de Aladim, vendo o sultão voltar aos seus aposentos e todas as pessoas partirem, julgou corretamente que ele não voltaria ao salão novamente naquele dia e resolveu ir para casa. Ao chegar, ela disse com muita simplicidade:

– Filho, eu vi o sultão, e estou certa de que ele também me viu, pois fiquei logo à frente dele, mas ele estava tão ocupado com todas aquelas pessoas que eu tive pena dele e me admirei com sua paciência. Por fim, creio que ele estava profundamente cansado, porque se levantou de repente e não quis ouvir aqueles que estavam esperando para falar com ele e foi embora, o que me agradou muito, pois já estava ficando cansada. Mas não se preocupe: irei novamente amanhã. Talvez o sultão não esteja tão ocupado, então.

Na manhã seguinte, ela se dirigiu ao palácio do sultão com o presente como no dia anterior, mas encontrou todos os portões fechados. Ela foi seis vezes depois, nos dias marcados, colocando-se sempre diretamente diante do sultão, mas teve tão pouco sucesso quanto na primeira manhã.

No sexto dia, porém, quando o sultão voltou para seu próprio aposento, disse ao seu grão-vizir:

— Eu tenho observado por algum tempo certa mulher que comparece com algo embrulhado em um pano todos os dias em que atendo o povo. Se essa mulher vier para a nossa próxima audiência, não deixe de chamá-la para que eu possa ouvir o que ela tem a dizer.

O grão-vizir respondeu abaixando a mão e, em seguida, levantando-a acima da cabeça, indicando que estava disposto a perdê-la se falhasse.

Na próxima audiência, quando a mãe de Aladim chegou e se colocou na frente do sultão como de costume, o grão-vizir imediatamente chamou o chefe dos guardas e, apontando para ela, pediu-lhe que a trouxesse perante o sultão. A velha imediatamente seguiu o homem e, ao chegar perante o sultão, abaixou a cabeça e permaneceu nessa postura, com os olhos no suntuoso tapete do salão, até que ele ordenasse que ela se levantasse.

Ele então disse a ela:

— Minha boa senhora, observei que você tem vindo aqui sempre, o que lhe traz até mim?

Com essas palavras, a mãe de Aladim se prostrou pela segunda vez e, quando se levantou, disse:

— Monarca dos monarcas, imploro que perdoe a ousadia do meu pedido e me prometa que irá me perdoar.

— Bem — respondeu o sultão —, eu a perdoarei, seja como for, e nenhum mal lhe acontecerá. Sobre o que se trata?

Depois que a mãe de Aladim tomou todas essas precauções, por medo da raiva do sultão, ela contou-lhe fielmente a missão que seu filho a confiara e o que o levou a fazer um pedido tão ousado, apesar de todas as suas objeções.

O sultão deu ouvidos a esse discurso sem demonstrar a menor raiva. Mas, antes de dar qualquer resposta, ele perguntou o que ela trouxera amarrado no pano. Ela pegou a travessa de porcelana que havia colocado aos pés do trono, desamarrou-a e a apresentou ao sultão.

O espanto e a surpresa do sultão ao ver tantas joias grandes, belas e valiosas reunidas no prato seriam impossíveis de explicar. Ele permaneceu por algum tempo perdido em admiração. Por fim, quando se recuperou, recebeu o presente das mãos da mãe de Aladim, dizendo:

– Que precioso! Que lindo!

Depois de admirar e manusear todas as joias, uma após a outra, ele se virou para seu grão-vizir e, mostrando-lhe a travessa, disse:

– Veja, admire, admire! E confesse que seus olhos nunca viram joias tão ricas e belas antes.

O vizir ficou encantado.

– Bem – continuou o sultão –, o que diz de tal presente? Não é digno da princesa, minha filha? E não devo concedê-la a alguém que a valoriza por um preço tão alto?

– Não posso deixar de admitir – respondeu o grão-vizir – que o presente é digno da princesa; mas imploro à vossa majestade que me conceda três meses antes de chegar a uma resolução final. Espero que, até lá, meu filho seja capaz de dar um presente mais nobre do que o deste tal Aladim, que é um estranho para sua majestade.

O sultão atendeu ao pedido e disse à senhora:

– Boa mulher, vá para casa e diga a seu filho que concordo com a proposta que você me fez; mas não posso casar a princesa, minha filha nos próximos três meses. Volte aqui quando esse prazo acabar.

A mãe de Aladim voltou para casa muito mais satisfeita do que esperava e contou ao filho com muita alegria a resposta condescendente que recebera da boca do próprio sultão e que ela deveria voltar lá em três meses.

Ao ouvir essa notícia, Aladim se considerou o mais feliz de todos os homens e agradeceu à sua mãe pelos sofrimentos que ela passou, já que o sucesso desse assunto era de tão grande importância para sua paz que ele contava os dias, as semanas e até mesmo as horas que passavam.

Uma noite, após dois meses desde sua visita, a mãe de Aladim, sem óleo em casa, saiu para comprar um pouco e encontrou uma comoção geral pelas ruas: as casas revestidas com flores, sedas e carpetes, e todos se esforçando para mostrar sua alegria. As ruas estavam cheias de guardas com roupas de cerimônia, montados em cavalos ricamente adornados, cada um com a presença de muitos lacaios. A mulher perguntou ao comerciante de óleo o que significava toda essa preparação de festa pública.

– De onde veio você, boa mulher – disse ele –, que não sabe que o filho do grão-vizir vai se casar com a princesa Buddir al Buddoor, a filha do sultão, esta noite? Ela logo voltará da casa de banho, e esses guardas que você está vendo devem acompanhá-la na cavalgada ao palácio, onde a cerimônia será solenizada.

A mãe de Aladim, ao ouvir essa notícia, correu para casa rapidamente.

– Filho! As belas promessas do sultão foram em vão. Esta noite o filho do grão-vizir vai se casar com a princesa Buddir al Buddoor.

Aladim ficou pasmo com a notícia. Ele se lembrou da lâmpada e do gênio que havia prometido obedecê-lo e, sem se entregar a palavras vãs contra o sultão, o vizir ou seu filho, ele decidiu tentar impedir o casamento.

Aladim entrou em seu quarto, pegou a lâmpada e, esfregando-a no mesmo lugar de antes, imediatamente o gênio apareceu e disse a ele:

– O que você deseja? Estou à sua disposição como seu escravo e escravo de todos aqueles que têm essa lâmpada em suas mãos; eu e os outros escravos da lâmpada.

– Ouça-me – disse Aladim. – Tu até agora me obedeceste, mas agora estou prestes a impor-te uma tarefa mais difícil. A filha do sultão, que me foi prometida como minha noiva, está se casando esta noite com o filho do grão-vizir. Traga os dois aqui para mim imediatamente assim que eles se retirarem para o quarto.

– Mestre – respondeu o gênio –, eu lhe obedecerei.

Aladim jantou com sua mãe como era seu costume, então foi para seu próprio quarto e sentou-se para esperar o retorno do gênio, de acordo com suas ordens.

Nesse meio tempo, as festividades em homenagem ao casamento da princesa foram realizadas no palácio do sultão com grande magnificência. As cerimônias foram finalmente concluídas, e a princesa e o filho do vizir retiraram-se para o quarto preparado para eles. Assim que entraram e dispensaram seus assistentes, o gênio, o fiel escravo da lâmpada, para grande espanto e alarme da noiva e do noivo, pegou a cama e a levou em um instante para o quarto de Aladim, onde a colocou no chão.

– Leve o noivo daqui – disse Aladim ao gênio – e mantenha-o prisioneiro até o amanhecer, depois volte com ele para cá.

Ao ser deixado a sós com a princesa, Aladim se esforçou para amenizar seus temores e explicou a ela a traição praticada pelo sultão, seu pai. Ele então se deitou ao lado dela, colocando uma cimitarra desenhada entre eles, para mostrar que estava determinado a garantir sua segurança e tratá-la com o maior respeito possível. Ao raiar do dia, o gênio apareceu na hora marcada, trazendo de volta o noivo, que tinha sido deixado imóvel e em

transe na porta do quarto de Aladim durante a noite. Ao comando de Aladim, o gênio transportou o sofá, com a noiva e noivo nele, de volta ao palácio do sultão.

No mesmo instante em que o gênio colocou o sofá com a noiva e o noivo em seu próprio quarto, o sultão veio até a porta para oferecer seus votos de boa sorte à filha.

O sultão, tendo aberto a porta, foi para o lado da cama e beijou a princesa na testa, mas ficou extremamente surpreso ao vê-la parecer tão melancólica. Ela apenas lançou para ele um olhar triste, expressando grande aflição. Ele suspeitou que havia algo de estranho naquele silêncio, então foi imediatamente ao aposento da sultana, disse a ela em que estado ele havia encontrado a princesa e como ela o recebera.

– Senhor – disse a sultana –, irei vê-la. Ela não me receberá da mesma maneira.

A princesa recebeu sua mãe com suspiros, lágrimas e sinais de profundo abatimento. Por fim, ao insistir no dever de lhe contar todos os seus pensamentos, contou à mãe detalhadamente o que lhe acontecera durante a noite. A sultana então ordenou que a princesa guardasse a história para si, pois ninguém daria crédito a um relato tão estranho. O filho do grão-vizir, exultante com a honra de ser genro do sultão, manteve o silêncio de sua parte, e os acontecimentos da noite não prejudicaram as festividades do dia seguinte, em contínua celebração pelo casamento real.

Quando a noite chegou, a noiva e o noivo foram novamente atendidos em seus aposentos com as mesmas cerimônias da noite anterior. Aladim, sabendo que assim seria, já havia dado suas ordens ao gênio da lâmpada e, assim que ficaram sozinhos, sua cama foi removida da mesma maneira misteriosa da noite anterior. Tendo passado a noite da mesma maneira desagradável, foram transportados pela manhã novamente ao palácio do

sultão. Mal tinham sido recolocados em sua câmara quando o sultão veio trazer seus cumprimentos à filha. A princesa já não podia esconder dele o tratamento infeliz a que fora submetida e contou-lhe tudo o que acontecera, como já havia relatado à sua mãe.

O sultão, ao ouvir aquele relato estranho, consultou o grão-vizir e, ao ficar sabendo que seu filho tinha sido submetido por uma força invisível a um tratamento ainda pior, ele decidiu declarar o casamento cancelado, e todas as festividades, que ainda durariam vários dias, foram revogadas e encerradas.

Essa mudança repentina na mente do sultão deu origem a várias especulações e relatos. Ninguém além de Aladim conhecia o segredo do gênio e ele o guardou com o mais escrupuloso silêncio. Nem o sultão nem o grão-vizir, que haviam se esquecido de Aladim e de seu pedido, pensaram que ele tivesse alguma participação nas estranhas aventuras que aconteceram com a noiva e o noivo.

No mesmo dia em que expiraram os três meses contidos na promessa do sultão, a mãe de Aladim foi novamente ao palácio e ficou no mesmo lugar. O sultão a reconheceu novamente e instruiu seu vizir para que a trouxesse à sua presença.

Depois de se curvar diante dele, ela respondeu:

– Senhor, venho ao fim dos três meses para pedir-lhe o cumprimento da promessa que fez ao meu filho.

O sultão não havia levado o pedido da mãe de Aladim a sério, muito menos imaginava que ouviria sobre o assunto novamente. Ele, portanto, aconselhou-se com seu vizir, que sugeriu que o sultão deveria vincular ao casamento tais condições que ninguém na condição humilde de Aladim

poderia cumprir. Seguindo a sugestão do vizir, o sultão respondeu à mãe de Aladim:

– Boa mulher, é verdade que os sultões devem cumprir a sua palavra, e cumprirei a minha, fazendo seu filho feliz no casamento com a princesa, minha filha. Mas como não posso casá-la sem mais provas de que seu filho é capaz de sustentá-la em Estado Real, você pode dizer a ele que cumprirei minha promessa assim que ele me enviar quarenta bandejas de ouro maciço, cheias do mesmo tipo de joias que você já me deu de presente, carregadas por igual número de escravos, todos vestidos magnificamente. Nessas condições, lhe concederei a mão da minha filha em casamento. Portanto, boa mulher, vá e diga-lhe isso, e eu esperarei até que você me traga sua resposta.

A mãe de Aladim se afastou novamente do trono do sultão e foi embora. No caminho para casa, ela riu consigo mesma da imaginação tola do filho. Ela pensou: “Onde ele conseguirá tantas bandejas de ouro grandes e pedras preciosas para enchê-las? Está totalmente fora de alcance e acredito que desta vez ele não ficará muito satisfeito com o pedido”.

Ao chegar em casa, ela contou a Aladim todas as circunstâncias de seu encontro com o sultão e as condições com que ele consentiu o casamento.

– O sultão espera sua resposta imediatamente – disse ela, e então acrescentou, rindo:

– Eu acredito que ele pode esperar sentado!

– Não exatamente – respondeu Aladim. – Esta exigência é uma mera ninharia e não será um obstáculo ao meu casamento com a princesa. Vou me preparar imediatamente para satisfazer seu pedido.

Aladim retirou-se para seu próprio quarto e convocou o gênio da lâmpada, exigindo que ele preparasse e apresentasse imediatamente o presente, antes

que o sultão encerrasse sua audiência matinal, de acordo com os termos que havia prescrito. O gênio professou sua obediência ao dono da lâmpada e desapareceu. Em pouco tempo, um séquito de quarenta escravos apareceu em frente à casa em que Aladim morava. Cada escravo carregava na cabeça uma bacia de ouro maciço, cheia de pérolas, diamantes, rubis e esmeraldas.

Aladim então se dirigiu à sua mãe:

– Senhora, por favor, não perca tempo. Antes que o sultão levante, gostaria que voltasse ao palácio com este presente, como o dote exigido para a princesa, para que ele possa julgar por minha diligência e exatidão do desejo ardente e sincero que tenho de obter para mim a honra dessa aliança.

A mãe de Aladim então deu início à procissão, e a cidade inteira se encheu de multidões encantadas por aquele espetáculo tão grandioso. O porte gracioso, a forma elegante e a maravilhosa semelhança de cada escravo, caminhando no mesmo ritmo, o brilho de seus cintos de joias e o brilho das pedras preciosas em seus turbantes despertaram a maior admiração dos espectadores. Como tiveram que passar por várias ruas para chegar ao palácio, todo o percurso foi cercado de espectadores. Na verdade, nada tão belo e brilhante jamais fora visto no palácio do sultão, e as vestes mais ricas dos emires de sua corte não deviam ser comparadas às roupas caras desses escravos, que eles supunham ser reis.

O sultão, ao ser informado de sua aproximação, ordenou que eles entrassem. Depois que todos entraram e formaram um semicírculo diante do trono do sultão, os escravos colocaram as bandejas de ouro no tapete e se curvaram, tocando o tapete com a testa. Então, levantando-se novamente, os escravos destamparam as bandejas, e então ficaram com os braços cruzados sobre o peito.

Nesse meio tempo, a mãe de Aladim avançou ao pé do trono e, tendo-se curvado, disse ao sultão:

– Senhor, meu filho sabe que este presente está muito abaixo do que a princesa Buddir al Buddoor merece, mas espera, no entanto, que sua majestade o aceite e fará com que tudo seja agradável para a princesa, porque ele se esforçou para se conformar às condições que o senhor impôs.

O sultão, admirando aquelas riquezas, respondeu sem hesitar às palavras da mãe de Aladim:

– Vá e diga a seu filho que o espero de braços abertos para recebê-lo.

Assim que a mãe de Aladim se foi, o sultão pôs fim à audiência. Levantando-se de seu trono, ele ordenou que as ajudantes da princesa viessem e carregassem as bandejas para o aposento de seu futuro marido, onde ele iria examiná-las com ela.

Nesse meio tempo, a mãe de Aladim chegou em casa e deu a boa notícia ao filho:

– Meu filho – disse ela –, você pode ficar feliz. O sultão declarou que você se casará com a princesa Buddir al Buddoor. Ele espera ansioso por você.

Aladim, extasiado com a notícia, não respondeu à mãe, mas retirou-se para o seu quarto. Lá ele esfregou sua lâmpada, e o gênio obediente apareceu.

– Gênio – disse Aladim –, leve-me imediatamente para uma casa de banho e forneça-me o manto mais rico e magnífico já usado por um monarca.

Assim que as palavras saíram de sua boca, o gênio o tornou, assim como a si mesmo, invisível, e o transportou para uma casa de banho feita do mais fino mármore de todos os tipos de cores e lá ele foi despido, sem ver por quem, em um magnífico e amplo salão. Ele foi então bem esfregado e lavado com várias águas perfumadas. Depois de passar por vários graus de calor, ele se tornou um homem bem diferente do que era antes. Sua pele estava clara como a de uma criança, seu corpo leve e livre e, quando voltou

para o salão, ele encontrou, em vez de sua própria vestimenta pobre, uma túnica, cuja magnificência o surpreendeu. O gênio ajudou-o a se vestir e transportou-o de volta para seu quarto, onde perguntou se ele tinha algum outro desejo.

– Sim – respondeu Aladim. – Traga-me um cavalo que supere em beleza e bondade o que há de melhor nos estábulos do sultão. Forneça também vinte escravos, tão ricamente vestidos quanto aqueles que levaram o presente para o sultão, para andar ao meu lado e me seguir, e mais vinte para irem antes de mim em duas fileiras. Além desses, traga para minha mãe seis escravas para atendê-la, tão ricamente vestidas como qualquer uma das escravas da princesa Buddir al Buddoor, cada uma vestindo roupas adequadas para acompanhar qualquer sultana. Eu também quero dez mil moedas de ouro em dez bolsas. Vá e apresse-se.

Assim que Aladim deu essas ordens, o gênio desapareceu, mas logo voltou com o cavalo, os quarenta escravos, dez dos quais carregavam cada um uma bolsa contendo dez mil moedas de ouro, e seis escravas, cada uma carregando na cabeça um diferente vestido para a mãe de Aladim, embrulhado em um pedaço de tecido prateado.

Ele apresentou as seis escravas à mãe, dizendo que eram suas escravas e que os vestidos que trouxeram eram para uso dela. Das dez bolsas, Aladim pegou quatro, que deu à mãe, dizendo-lhe que eram para suprir o necessário. As outras seis ele deixou nas mãos dos escravos que os trouxeram, com a ordem de lançá-las aos punhados entre o povo quando eles fossem para o palácio do sultão. Por último, ordenou que os seis escravos que carregavam as bolsas marchassem à sua frente, três à direita e três à esquerda.

Aladim então dispensou o gênio e, imediatamente montando em seu cavalo, começou sua marcha e, embora nunca tivesse montado a cavalo antes,

apareceu de forma tão esplendorosa que o cavaleiro mais experiente poderia ficar com inveja. A multidão inumerável de pessoas pelas quais ele passava o aclamava, especialmente toda vez que os seis escravos que carregavam as bolsas jogavam punhados de ouro para a população.

Na chegada de Aladim ao palácio, o sultão ficou surpreso ao vê-lo mais rico e magnificamente vestido do que ele mesmo e ficou impressionado com sua boa aparência e educação, que eram tão diferentes do que ele esperava no filho de alguém tão humilde como a mãe de Aladim. Ele o abraçou com todas as demonstrações de alegria e, quando ele já ia cair a seus pés, segurou-o pela mão e o fez sentar-se perto de seu trono. Ele logo depois o conduziu, em meio ao som de trombetas, a um jantar com grandes senhores da corte.

Após a festa, o sultão mandou chamar o chefe cadi e ordenou-lhe que redigisse um contrato de casamento entre a princesa Buddir al Buddoor e Aladim. Quando o contrato foi fechado, o sultão perguntou a Aladim se ele ficaria no palácio e completaria as cerimônias do casamento naquele mesmo dia.

– Senhor – disse Aladim –, embora grande seja minha impaciência em aceitar a honra concedida a mim por sua majestade, peço-lhe que me permita primeiro construir um palácio digno de receber a princesa, sua filha. Rogo-lhe que me conceda terreno suficiente perto de seu palácio, e eu o terei concluído no menor prazo possível.

O sultão atendeu ao pedido de Aladim e o abraçou novamente. Depois disso, despediu-se com tanta polidez como se o jovem tivesse sido criado e sempre tivesse vivido na corte.

Aladim voltou para casa da mesma forma que tinha vindo, em meio às aclamações do povo, que lhe desejava toda a felicidade e prosperidade.

Assim que desmontou do cavalo, retirou-se para seu próprio quarto, pegou a lâmpada e convocou o gênio como de costume, que professou sua lealdade.

– Gênio – disse Aladim –, construa para mim um palácio adequado para receber a princesa Buddir al Buddoor. Que seus materiais sejam feitos de nada menos que pórfiro, jaspe, ágata, lápis-lazúli e o mais fino mármore. Que suas paredes sejam de ouro maciço e tijolos de prata, colocados alternadamente. Que cada frente contenha seis janelas, e deixe que as treliças delas (exceto uma, que deve ser deixada inacabada) sejam enriquecidas com diamantes, rubis e esmeraldas, de modo que excedam tudo visto no mundo. Que haja um átrio interno e outro externo em frente ao palácio e um amplo jardim; mas, acima de tudo, providencie um tesouro seguro e encha-o de ouro e prata. Que haja também cozinhas e depósitos, estábulos cheios dos melhores cavalos, com seus estribeiros e cavalariços, e equipagens de caça, oficiais, criados e escravos, tanto homens quanto mulheres, para formar um séquito para a princesa e para mim. Vá e execute meus desejos.

O sol estava se pondo quando Aladim deu esses comandos ao gênio. Na manhã seguinte, ao raiar do dia, o gênio se apresentou e, tendo obtido o consentimento de Aladim, transportou-o em um momento para o palácio que ele havia construído. O gênio o conduziu por todos os aposentos, onde encontrou oficiais e escravos, vestidos de acordo com sua patente e os serviços para os quais foram nomeados. O gênio então mostrou a ele o tesouro, que foi aberto por um tesoureiro, no qual Aladim viu grandes vasos de tamanhos diferentes, empilhados até o topo com dinheiro, espalhados por toda a câmara. O gênio então o levou aos estábulos, onde estavam alguns dos melhores cavalos do mundo, e os cavalariços ocupavam-se em enfeitá-los; dali eles foram para os depósitos, que estavam cheios de todas as coisas necessárias, tanto de alimentos quanto de decoração.

Aladim examinou cada parte do palácio e particularmente o salão com as vinte e quatro janelas. Ele disse:

– Gênio, há uma coisa faltando: um bom tapete para a princesa para andar do palácio do sultão ao meu. Providencie um imediatamente.

O gênio desapareceu, e Aladim viu o que desejava aparecendo em um instante. O gênio então voltou e o carregou para sua casa.

Quando os carregadores do sultão vieram abrir os portões, eles ficaram surpresos ao descobrir o que, onde antes era um jardim desocupado, havia um palácio magnífico, com um tapete esplêndido estendendo-se até o palácio do sultão. Eles contaram as estranhas notícias ao grão-vizir, que informou o sultão.

– Deve ser o palácio que dei permissão que Aladim construísse para a minha filha. Ele quis nos surpreender e vamos ver o que ele conseguiu fazer em apenas uma noite.

Aladim, ao ser conduzido pelo gênio para sua própria casa, pediu à sua mãe que fosse até a princesa Buddir al Buddoor e lhe dissesse que o palácio estaria pronto para sua recepção à noite. Pouco depois de sua chegada aos aposentos da princesa, o próprio sultão entrou e ficou surpreso ao ver que a mulher que sempre tivera uma aparência humilde estava mais rica e sumtuosamente vestida do que sua própria filha. Isso elevou sua opinião sobre Aladim, entendendo que o jovem cuidava muito de sua mãe e compartilhava com ela suas riquezas e honras.

Pouco depois de sua partida, Aladim, montado em seu cavalo e acompanhado por seu séquito de magníficos assistentes, deixou para sempre sua casa paterna e foi para o palácio com a mesma pompa da véspera. Também não se esqueceu de levar consigo a lâmpada maravilhosa

– à qual devia toda a sua sorte – nem de usar o anel que lhe foi dado como talismã.

O sultão entreteve Aladim com a maior magnificência e, à noite, na conclusão das cerimônias de casamento, a princesa despediu-se de seu pai. Quatrocentos dos jovens pajens do sultão carregavam tochas de cada lado, o que, junto com as iluminações dos palácios do sultão e de Aladim, tornava-o claro como o dia. A princesa, acompanhada por suas servas, prosseguiu pelo tapete, que se estendia do palácio do sultão ao de Aladim.

Ao chegar, encontrou Aladim pronto para recebê-la na entrada e conduziu-a a um grande salão, iluminado por um número infinito de velas de cera, onde um nobre banquete foi servido. Os pratos eram de ouro maciço e continham as iguarias mais delicadas. Os vasos, as bacias e as taças também eram de ouro e de primoroso acabamento, e todos os outros ornamentos e enfeites do salão correspondiam a essa exibição. A princesa, deslumbrada por tantas riquezas reunidas em um só lugar, disse a Aladim:

– Eu pensei, príncipe, que nada no mundo era tão bonito quanto o palácio do sultão, meu pai, mas a visão deste salão por si só é suficiente para mostrar que eu estava errada.

Terminada a ceia, um grupo de bailarinas entrou, e dançaram e cantaram ao mesmo tempo versos de louvor à noiva e ao noivo. Por volta da meia-noite, a mãe de Aladim conduziu a noiva ao aposento nupcial, e ele logo foi ao seu encontro.

Na manhã seguinte, os atendentes de Aladim se apresentaram para vesti-lo e trouxeram-lhe outra roupa, tão rica e magnífica quanto a do dia anterior. Ele então ordenou que um dos cavalos fosse aprontado, montou nele e foi, cercado por uma grande tropa de escravos, ao palácio do sultão para suplicar que fosse a um banquete no palácio da princesa, assistido por seu grão-vizir e todos os senhores de sua corte. O sultão consentiu com prazer,

levantou-se imediatamente e, precedido pelos principais oficiais de seu palácio e seguido por todos os grandes senhores de sua corte, acompanhou Aladim.

Quanto mais o sultão se aproximava do palácio de Aladim, mais ele ficava impressionado com sua beleza. Ao entrar no corredor e ver as janelas, enriquecidas com diamantes, rubis, esmeraldas e todas grandes pedras perfeitas, ele ficou completamente surpreso e disse a seu genro:

- Este palácio é uma das maravilhas do mundo. Onde, além daqui, encontraremos paredes feitas de ouro maciço e prata, com diamantes, rubis e esmeraldas compondo as janelas? Mas me surpreende que um salão desta magnificência tenha uma de suas janelas incompleta e inacabada.
- Senhor – respondeu Aladim –, a omissão foi intencional, já que gostaria que você tivesse a glória de terminar este salão.
- Aceito sua gentil intenção – disse o sultão – e começarei o trabalho imediatamente.

Ele então chamou os melhores ourives e joalheiros da região.

- Mandei chamá-los para colocar esta janela com a maior perfeição possível. Examinem-na bem e completem o trabalho o mais rápido possível.

Os joalheiros e ourives examinaram as vinte e três janelas com grande atenção e, depois de se consultarem para saber o que cada uma poderia fornecer, voltaram e se apresentaram diante do sultão. O principal joalheiro assumiu a responsabilidade de falar pelos demais e disse:

- Senhor, estamos todos dispostos a exercer nosso máximo cuidado e diligência para obedecê-lo, mas nem todos nós juntos conseguiríamos fornecer joias suficientes para uma obra tão grande.

– Tenho mais joias do que o necessário – disse o sultão. – Venham ao meu palácio e vocês poderão escolher as que melhor servirem para esse trabalho.

Quando o sultão voltou ao palácio, ordenou que trouxessem suas joias, e os joalheiros levaram uma grande quantidade, principalmente aquelas que Aladim lhe dera de presente, que logo usaram, sem grande avanço no trabalho. Eles voltaram várias vezes para mais, e em um mês não haviam terminado a metade de seu trabalho. Em suma, eles usaram todas as joias que o sultão possuía e pediram mais emprestadas ao vizir, mas ainda assim o trabalho não estava nem pela metade.

Aladim, que sabia que todos os esforços do sultão para deixar aquela janela como as outras foram em vão, mandou chamar os joalheiros e ourives e não apenas ordenou que desissem de seu trabalho, como ordenou que desfizessem o que haviam começado e que levassem todas as suas joias de volta ao sultão e ao vizir. Eles desfizeram em poucas horas o que havia levado seis semanas e se retiraram, deixando Aladim sozinho no corredor. Ele pegou a lâmpada que carregava consigo, esfregou-a e logo o gênio apareceu.

– Gênio – disse Aladim –, eu ordenei que você deixasse uma das vinte e quatro janelas deste corredor imperfeita, e você executou minhas ordens exatamente; agora eu gostaria que você a deixasse como as outras.

O gênio desapareceu imediatamente. Aladim saiu do corredor e, voltando logo em seguida, encontrou a janela como desejava, exatamente como as outras.

Nesse meio tempo, os joalheiros e ourives dirigiram-se ao palácio e foram levados à presença do sultão, quando o joalheiro chefe entregou as pedras preciosas que trouxera. O sultão perguntou se Aladim havia lhes dado alguma razão para retirá-las. Ao ouvir a resposta de que nenhuma ordem havia sido dada, o sultão ordenou que um cavalo fosse trazido e, montando

nele, cavalcou para o palácio de seu genro, com alguns poucos atendentes a pé, para perguntar o motivo de a conclusão da janela haver sido interrompida.

Aladim o encontrou no portão e, sem dar qualquer resposta às suas indagações, conduziu-o ao grande salão, onde o sultão, para sua grande surpresa, descobriu que a janela, antes imperfeita, estava agora igual às outras. A princípio, ele achou que estava errado e examinou as duas janelas de cada lado, e depois todas as vinte e quatro; mas quando se convenceu de que a janela que vinha sendo feita pelos ourives há tanto tempo ficara pronta tão facilmente, ele abraçou Aladim e o beijou na testa.

– Meu filho – disse ele –, que homem incrível você é por fazer coisas tão surpreendentes sempre em um piscar de olhos! Não há ninguém semelhante a você no mundo! Quanto mais o conheço, mais eu o admiro.

O sultão voltou ao palácio e depois disso ia frequentemente à janela para contemplar e admirar o maravilhoso palácio de seu genro.

Aladim não se confinava em seu palácio, mas ia às vezes a uma mesquita, às vezes a outra, para orar ou visitar o grão-vizir ou os principais senhores da corte. Cada vez que ele saía, fazia com que dois escravos andassem ao seu lado a cavalo e atirassem punhados de dinheiro entre o povo enquanto ele passava pelas ruas e praças. Essa generosidade rendeu a ele o amor e as bênçãos do povo, assim, era comum que eles jurassem fazer de tudo para defendê-lo. Assim, Aladim, embora prestasse todo o respeito ao sultão, conquistou, com seu comportamento afável e liberalidade, o afeto do povo.

Aladim havia se comportado dessa maneira vários anos, quando o mago africano, que durante alguns anos se afastara de suas lembranças, decidiu confirmar se ele morreria, como supunha, na caverna subterrânea ou não. Depois de ter recorrido a um longo curso de cerimônias mágicas e consultado os astros para averiguar o destino de Aladim, ficou surpreso ao

saber que ele, em vez de morrer na caverna, havia fugido e estava vivendo no esplendor real com a ajuda do gênio da lâmpada maravilhosa!

No dia seguinte, o mago partiu e viajou com a maior pressa para a capital da China, onde, ao chegar, alojou-se em um palácio.

Ele logo ficou sabendo sobre a riqueza, a caridade, a felicidade e o esplêndido palácio do príncipe Aladim. Ele viu aquele tecido maravilhoso e sabia que ninguém, exceto os gênios, os escravos da lâmpada, poderiam ter realizado tais maravilhas e, irritado, voltou para onde estava alojado.

Ao retornar, ele recorreu à geomancia<sup>1</sup> para descobrir onde estava a lâmpada – se Aladim a carregara consigo ou onde a deixara. O resultado de sua consulta informou-o, para sua grande alegria, que a lâmpada estava no palácio.

– Bem – disse ele, esfregando as mãos de alegria –, terei a lâmpada e farei com que Aladim volte a ser insignificante como antes.

No dia seguinte, o mago soube pelo superintendente-chefe do cã onde se hospedava que Aladim havia saído há três dias em uma expedição de caça que duraria oito dias. O mago não quis saber de mais nada e bolou seu plano imediatamente: foi a um latoeiro e pediu uma dúzia de lâmpadas de cobre. O dono da loja disse-lhe que não tinha tantas consigo, mas, se tivesse paciência até ao dia seguinte, ele conseguiria entregar a quantidade total. O mago concordou e pediu que ele tivesse cuidado para que fossem todas bonitas e bem polidas.

No dia seguinte, o mago pediu as doze lâmpadas, pagou ao homem o preço combinado, colocou-as em uma cesta pendurada em seu braço e foi diretamente ao palácio de Aladim. Ao se aproximar, ele começou a gritar:

– Quem quer trocar lâmpadas velhas por novas?

Enquanto ele passava, uma multidão de crianças se juntou e começou a zombar dele, imaginando que somente um louco ou um tolo poderia se oferecer para trocar lâmpadas novas por velhas.

O mago africano ignorou o escárnio, as vaias e tudo o que diziam e continuou a gritar:

– Quem quer trocar lâmpadas velhas por novas?

Ele repetiu isso tantas vezes, dando voltas ao redor do palácio, que a princesa, que estava então no corredor das vinte e quatro janelas, ouvindo o homem gritar algo e vendo uma grande multidão aglomerando-se ao redor dele, enviou uma de suas escravas para saber o que estava acontecendo.

A escrava voltou, rindo tanto que a princesa a repreendeu.

– Senhora – respondeu a escrava, ainda rindo –, quem pode deixar de rir de um velho com uma cesta no braço, cheia de belas lâmpadas novas, pedindo para trocá-las por velhas? Ele mal consegue se mexer, de tanta gente ao seu redor zombando dele.

Outra escrava, ouvindo isso, disse:

– Falando nisso, eu não sei se a princesa sabe, mas há uma velha lâmpada em uma prateleira no banheiro do príncipe Aladim. Acredito que ele não lamentará se encontrar uma nova em seu lugar. Se a princesa quiser, ela pode ter o prazer de testar se este velho é tão bobo a ponto de dar uma lâmpada nova por uma velha, sem levar nada pela troca.

A princesa, que desconhecia o valor da lâmpada e os esforços que Aladim tinha para mantê-la segura, entrou na brincadeira e mandou uma escrava pegá-la e fazer a troca. A escrava obedeceu, saiu do salão e, assim que chegou aos portões do palácio, viu o mago africano, chamou-o e, mostrando-lhe a velha lâmpada, disse:

– Dê-me uma lâmpada nova em troca desta.

O mago logo reconheceu que se tratava da lâmpada que ele desejava. Não poderia haver outra semelhante neste palácio, onde cada utensílio era de ouro ou prata. Ele a tirou ansiosamente da mão da escrava e, após guardá-la, ofereceu-lhe sua cesta e pediu-lhe que escolhesse a que mais gostava. A escrava escolheu uma e a levou para a princesa e, assim que ela partiu, as crianças voltaram a gritar, ridicularizando a loucura do mago.

O mago africano não ficou mais perto do palácio, nem gritou mais: “quem quer trocar lâmpadas novas por lâmpadas velhas?”, mas fez o melhor para chegar até seu cã. Tendo conseguido seu objetivo, ele se livrou das crianças e da turba.

Assim que ele saiu da vista dos dois palácios, começou a correr nas ruas menos frequentadas. Não tendo mais necessidade de carregar suas lâmpadas, ele deixou tudo em um lugar onde ninguém o via; em seguida, descendo uma rua ou duas, ele caminhou até chegar a um dos portões da cidade e seguiu seu caminho pelos subúrbios, que eram muito extensos. Ele então finalmente chegou a um local solitário, onde parou até a escuridão da noite, que era o momento mais adequado para o projeto que ele tinha em mente.

Quando escureceu, ele tirou a lâmpada do peito e a esfregou. Logo, o gênio apareceu e disse:

– O que você quer? Estou à disposição para lhe obedecer como seu escravo e escravo de todos aqueles que têm a lâmpada em suas mãos; tanto eu quanto os outros escravos da lâmpada.

– Eu lhe ordeno que me transporte imediatamente, junto com o palácio que você e os outros escravos da lâmpada construíram nesta cidade, bem como com todas as pessoas nele, para a África.

O gênio não respondeu, mas, com a ajuda dos outros gênios, os escravos da lâmpada, transportou imediatamente ele e o palácio, inteiros, para o local que o mago desejava.

Na manhã seguinte, quando o sultão, de acordo com o costume, foi contemplar e admirar o palácio de Aladim, ficou espantado ao perceber que não sabia onde estava. Ele não conseguia compreender como um palácio tão grande, que ele tinha visto claramente todos os dias por alguns anos, pudesse desaparecer tão rápido e não deixar o menor vestígio para trás. Em sua perplexidade, ele ordenou que o grão-vizir fosse enviado em uma expedição.

O grão-vizir, que secretamente não gostava muito de Aladim, sugeriu que o palácio havia sido construído por magia e que Aladim havia feito de sua excursão de caça uma desculpa para a remoção de seu palácio com a mesma rapidez com que tinha sido erguido. Ele então induziu o sultão a enviar um destacamento de sua guarda e a fazer com que Aladim fosse preso como prisioneiro de Estado.

Quando seu genro foi trazido à sua presença, o sultão não quis ouvir uma palavra dele e ordenou que fosse condenado à morte. Contudo, o decreto causou tanto descontentamento entre o povo, cujo afeto Aladim havia garantido com suas doações e caridades, que o sultão, temeroso de uma insurreição, foi obrigado a voltar atrás em sua decisão.

Ao ser libertado, Aladim novamente se dirigiu ao sultão:

- Senhor, rogo-lhe que me informe qual crime eu cometí.
- Que crime! – respondeu o sultão. – Homem miserável, você não sabe? Siga-me e eu lhe mostrarei.

O sultão então levou Aladim para o aposento de onde ele costumava admirar seu palácio e disse:

– Você deve saber onde ficava o seu palácio. Olhe, preste atenção e me diga o que aconteceu com ele.

Aladim fez o que o sultão ordenara e ficou sem palavras ao notar a perda de seu palácio. Por fim, recuperando-se, ele disse:

– É verdade, eu não vejo o palácio, mas eu não tive nada a ver com isso. Eu imploro que você me dê quarenta dias e, se nesse tempo eu não puder restaurá-lo, vou oferecer minha cabeça para ser feita a sua vontade.

– Dou-lhe o tempo que você pede, mas, ao final dos quarenta dias, não se esqueça de se apresentar diante a mim.

Aladim saiu do palácio do sultão sentindo-se humilhado. Os senhores que o haviam cortejado nos dias de seu esplendor agora se recusavam a ter qualquer comunicação com ele. Por três dias, ele vagou pela cidade, estimulando a admiração e a compaixão da multidão, perguntando a todos que encontrava se tinham visto seu palácio ou se podiam contar-lhe algo a respeito. No terceiro dia, ele vagou pelo país e, ao se aproximar de um rio, caiu na margem com tanta violência que esfregou o anel que o mago lhe dera com tanta força, segurando-se na rocha para se salvar, que imediatamente apareceu o mesmo gênio que ele vira na caverna onde o mago o havia deixado.

– O que você deseja? – disse o gênio. – Estou à disposição para lhe obedecer como seu escravo e escravo de todos aqueles que têm o anel em seus dedos; tanto eu quanto os outros escravos do anel.

Aladim, agradavelmente surpreso com uma oferta de ajuda tão pouco esperada, respondeu:

– Gênio, mostre-me onde está agora o palácio que mandei construir ou transporte-o de volta para onde estava primeiro.

- Seu pedido não está totalmente em meu poder; sou apenas o escravo do anel, e não da lâmpada.
- Eu lhe ordeno, então – respondeu Aladim –, pelo poder do anel, que me transporte para o local onde fica meu palácio, em qualquer parte do mundo, seja ela qual for.

Mal essas palavras saíram de sua boca, o gênio o transportou para a África, no meio de uma grande planície, onde seu palácio ficava a uma pequena distância de uma cidade e, colocando-o exatamente sob a janela do aposento da princesa, deixou-o lá.

Ora, aconteceu que pouco depois de Aladim ter sido transportado pelo escravo do anel para a vizinhança de seu palácio, um dos atendentes da princesa Buddir al Buddoor, olhando pela janela, percebeu-o e imediatamente contou à sua patroa. A princesa, que não podia acreditar nas boas novas, correu para a janela e, vendo Aladim, abriu-a imediatamente. O barulho da janela abrindo fez Aladim virar a cabeça naquela direção e, ao perceber a princesa, ele a saudou, cheio de felicidade.

- Para não perder tempo – disse ela a Aladim –, mandei que lhe abrisse a porta privada; entre e suba.

A porta privada, que ficava logo abaixo do aposento da princesa, foi logo aberta, e Aladim foi conduzido para dentro da câmara. Seria impossível expressar a alegria de ambos ao se verem, depois de tão cruel separação. Depois de se abraçarem e derramarem lágrimas de alegria, eles se sentaram e Aladim disse:

- Eu imploro, princesa, que me diga o que aconteceu com uma velha lâmpada que ficava em uma prateleira em meu quarto.
- Ai de mim! – respondeu a princesa. – Eu temia que nosso infortúnio pudesse ser devido àquela lâmpada; e o que mais me entristece é que fui eu

a causa disso. Fui tolado o suficiente para trocar a lâmpada velha por uma nova e, na manhã seguinte, eu me encontrei neste lugar desconhecido, que me disseram ser a África.

– Princesa – disse Aladim, interrompendo-a –, você me explica tudo dizendo que estamos na África. Desejo que apenas me diga, se souber, onde está a velha lâmpada.

– O mago africano carrega-a cuidadosamente embrulhada no peito – disse a princesa. – Isso eu posso garantir a você, porque ele a puxou na minha frente e me mostrou em triunfo.

– Princesa – disse Aladim –, acho que encontrei os meios para libertá-la e recuperar a posse da lâmpada, da qual depende toda a minha prosperidade. Para executar esse projeto, é necessário que eu vá à cidade. Eu devo voltar ao meio-dia e então lhe direi o que deve ser feito por você para garantir o sucesso. Nesse ínterim, vou me disfarçar e peço que a porta privada possa ser aberta à primeira batida.

Ao sair do palácio, Aladim olhou em volta por todos os lados e, percebendo um camponês entrando nas plantações, correu atrás dele. Ao ultrapassá-lo, fez-lhe uma proposta para trocar de roupa, com o que o homem concordou. Depois de feita a troca, o camponês voltou a cuidar de seus negócios, e Aladim entrou na cidade vizinha. Depois de percorrer várias ruas, ele chegou à parte da cidade onde os comerciantes e artesãos tinham suas ruas particulares de acordo com seus negócios. Ele foi para a rua dos farmacêuticos e, entrando em uma das maiores e mais bem equipadas lojas, perguntou ao farmacêutico se ele tinha um determinado pó.

O farmacêutico, julgando pelas roupas de Aladim que ele fosse muito pobre, disse que ele tinha o que desejava, mas que era muito caro. Aladim puxou sua bolsa e, mostrando-lhe um pouco de ouro, pediu meia dose do pó, que o farmacêutico pesou e lhe deu, dizendo-lhe que o preço era uma

moeda de ouro. Aladim colocou o dinheiro em suas mãos e correu para o palácio, onde entrou imediatamente pela porta privada.

Quando ele entrou no aposento da princesa, disse a ela:

– Princesa, você deve participar do plano que proponho para nossa libertação. Você deve superar sua aversão pelo mago e convidá-lo para participar de alguma celebração nos aposentos. Antes de partir, peça-lhe que troque os copos com você, o que ele, satisfeito com a honra que você lhe presta, fará com prazer, quando você deve dar-lhe o copo contendo este pó. Ao bebê-lo, ele adormecerá instantaneamente, e obteremos a lâmpada, cujos escravos farão todas as nossas ordens e devolverão o palácio à capital da China.

A princesa obedeceu ao máximo as instruções do marido. Ela fingiu estar contente com a visita do mago e convidou-o para permanecer por algum tempo, o que ele aceitou de boa vontade. No final da noite, durante a qual a princesa havia tentado de tudo para agradá-lo, ela pediu-lhe que trocasse o copo com ela e, dando o sinal, mandou trazer o copo com o pó, que ela deu ao mago. Em cumprimento à princesa, ele bebeu até a última gota e caiu sem vida no sofá.

A princesa levantou-se de sua cadeira e correu, muito feliz, para abraçar Aladim, mas ele a deteve e disse:

– Princesa, vá para o seu aposento e deixe-me ficar sozinho, enquanto me esforço para transportá-la de volta para a China com a mesma rapidez com que foi trazida de lá.

Quando a princesa, suas escravas e escravos saíram do corredor, Aladim fechou a porta e foi diretamente até o cadáver do mago. Abrindo seu colete, tirou a lâmpada, que estava cuidadosamente embrulhada, e esfregou-a, fazendo com que o gênio aparecesse novamente.

– Gênio – disse Aladim –, eu lhe ordeno que transporte este palácio instantaneamente para o lugar de onde ele foi trazido.

O gênio baixou a cabeça em sinal de obediência e desapareceu. Imediatamente o palácio foi transportado para a China, e sua remoção foi sentida apenas por dois pequenos choques, um quando foi levantado, outro quando foi recolocado, e ambos em um intervalo de tempo muito curto.

Na manhã seguinte à restauração do palácio de Aladim, o sultão estava olhando pela janela, lamentando o destino de sua filha, quando pareceu ter visto a vaga criada pelo desaparecimento do palácio ser novamente preenchida.

Ao olhar com mais atenção, ele se convenceu, sem sombra de dúvida, que aquele era o palácio de seu genro. A alegria e a satisfação sucederam à tristeza e à dor. Ele imediatamente ordenou que um cavalo fosse selado, no qual montou naquele instante e cavalgou prontamente até o palácio.

Aladim se levantou naquela manhã ao raiar do dia, vestiu uma das roupas mais magníficas de seu guarda-roupa e subiu para o corredor das vinte e quatro janelas, de onde percebeu o sultão se aproximando e o recebeu ao pé da grande escadaria, ajudando-o a descer do cavalo.

Ele conduziu o sultão ao aposento da princesa. O pai feliz a abraçou com lágrimas de alegria, e a princesa, por sua vez, deu testemunhos semelhantes de seu extremo prazer. Após um curto intervalo, dedicado a explicações mútuas de tudo o que havia acontecido, Aladim voltou a cair nas graças do sultão, que expressou seu pesar pela aparente rudeza com que o tratara.

– Meu filho – disse ele –, não fique triste pela forma como o tratei. Foi tudo devido ao meu amor paternal e, portanto, você deve perdoar os excessos que cometí.

– Senhor – respondeu Aladim –, não tenho a menor razão para reclamar de sua conduta, já que você não fez nada além do que seu dever exigia. Esse infame mago, o mais vil dos homens, foi a única causa de minha desgraça.

O mago africano, que falhou duas vezes em sua tentativa de prejudicar Aladim, tinha um irmão mais novo, que era um mago tão habilidoso quanto ele e o superava em maldade e ódio pela humanidade. Por acordo mútuo, eles se comunicavam uma vez por ano, por mais distintos que fossem seus locais de residência. O irmão mais novo, não tendo recebido como de costume sua comunicação anual, preparou-se para consultar os astros e verificar como estava o irmão. Ele, assim como seu irmão, sempre carregava consigo o material necessário para praticar a geomancia. Assim sendo, ele preparou a areia e desenhou as figuras. Ao examinar o cristal planetário, ele descobriu que seu irmão havia sido envenenado e não estava mais vivo. Descobriu também que a pessoa que o havia envenenado morava na China e tinha origem humilde, embora fosse casado com a princesa, filha do sultão.

O mago resolveu imediatamente vingar a morte do irmão e partiu para a China, onde, depois de cruzar planícies, rios, montanhas, desertos e um longo trecho do país sem demora, chegou ao seu destino. Ele ouviu todas as pessoas de renome na cidade falando sobre uma mulher chamada Fátima, que vivia isolada, e sobre os milagres que ela fazia. Como ele imaginava que essa mulher pudesse ser útil para ele no plano que havia feito, pediu para ser informado mais especificamente quem era aquela mulher santa e que tipo de milagres ela realizava.

– O quê! – disse a pessoa a quem ele se dirigiu. – Você nunca viu ou ouviu falar dela? Ela é admirada por toda a cidade, por seu jejum, sua austeridade e sua vida exemplar. Exceto segundas e sextas-feiras, ela nunca sai de sua pequena casa e, nos dias em que ela vem à cidade, consegue curar qualquer pessoa que esteja doente.

Tendo averiguado o lugar onde ficava o eremitério dessa mulher santa, o mago foi lá à noite e cravou um punhal em seu coração, matando-a. De manhã, ele tingiu o rosto do mesmo tom que o dela, vestiu-se com suas roupas e, pegando seu véu, o grande cinto que ela usava na cintura e o cajado, foi direto para o palácio de Aladim.

Assim que o povo viu quem imaginavam ser a santa mulher, eles se reuniram em torno dela em uma grande multidão. Alguns imploraram sua bênção, outros beijaram sua mão e outros, mais reservados, beijaram apenas a bainha de sua vestimenta. Outros, sofrendo de doenças, curvaram-se para que ela impusesse as mãos sobre eles, o que o mago fez, murmurando algumas palavras em forma de oração, fingindo tão bem que acreditaram que quem estava ali era mesmo a mulher santa.

Ele chegou finalmente à praça em frente ao palácio de Aladim. A multidão e o barulho eram tão grandes que a princesa, que estava no corredor das vinte e quatro janelas, ouviu e perguntou o que estava acontecendo. Uma de suas escravas disse-lhe que havia uma grande multidão reunida em torno da santa mulher para ser curada de doenças pela imposição de suas mãos.

A princesa, que há muito ouvia falar dessa mulher santa, mas nunca a tinha visto, desejava muito ter uma conversa com ela. O oficial chefe, percebendo isso, disse-lhe que era fácil trazer a mulher até ela se ela desejasse. A princesa disse que desejava vê-la, e ele imediatamente enviou quatro escravos ao encontro da mulher sagrada.

Assim que a multidão viu os atendentes do palácio, abriu caminho, e o mago, percebendo também que eles estavam vindo em sua direção, avançou para encontrá-los, muito feliz por ver seu plano dando certo.

– Mulher santa – disse um dos escravos –, a princesa deseja vê-la e nos mandou buscá-la.

– Que honra! – respondeu a falsa Fátima. – Estou às ordens.

E então o mago seguiu os escravos até o palácio.

A falsa Fátima fez a sua reverência, e a princesa disse:

– Minha boa senhora, tenho uma coisa a pedir e que não me deves recusar. Fique comigo para que me ensine sua maneira de viver e que eu possa aprender com o seu bom exemplo.

– Princesa – disse a falsa Fátima –, rogo-te apenas que não peças nada que me afaste de minha fé.

– Isso não será um problema – respondeu a princesa. – Tenho muitos quartos desocupados; você poderá escolher o que mais gosta e terá liberdade para fazer suas devoções como se estivesse em sua própria casa.

O mago, que nada mais desejava do que entrar no palácio, onde seria muito mais fácil executar seu plano, logo concordou com o pedido.

– Princesa – disse ele –, ainda que uma mulher miserável como eu possa ter escolhido renunciar à pompa e grandeza deste mundo, não me atrevo a me opor à vontade e aos comandos de uma princesa tão piedosa e caridosa.

Diante disso, a princesa, levantando-se, disse:

– Venha comigo. Eu lhe mostrarei os quartos vagos que tenho para que você possa escolher o que mais gosta.

O mago seguiu a princesa e, de todos os aposentos que ela lhe mostrou, escolheu o pior, dizendo que a princesa era bondosa demais e que só aceitava o pedido para agradá-la.

Depois, a princesa quis trazê-lo de volta ao grande salão para fazê-lo jantar com ela, mas o mago, considerando que então seria obrigado a mostrar o rosto, que sempre tivera o cuidado de ocultar com o véu de Fátima, e

temendo que a princesa descobrisse que ele não era quem dizia ser, implorou a ela seriamente que o desculpasse, afirmando a ela que nunca comia nada além de pão e frutas secas e desejando comer aquela refeição leve em seu próprio quarto.

A princesa atendeu seu pedido, dizendo:

– Você pode ser tão livre aqui, boa senhora, quanto se estivesse em sua casa. Vou pedir seu jantar, mas lembre-se de que a espero assim que terminar sua refeição.

Depois que a princesa jantou, voltou a procurar a falsa Fátima.

– Minha boa senhora – disse a princesa –, estou muito feliz em ver uma mulher tão sagrada como você, que vai conferir uma bênção a este palácio. Aliás, você gostou dele? O que acha desse salão?

Após esta pergunta, a falsa Fátima inspecionou o corredor de uma ponta a outra. Depois de examiná-lo bem, disse à princesa:

– Tanto quanto um ser tão solitário como eu, que não estou familiarizada com o que o mundo chama de belo, possa julgar, este salão é verdadeiramente admirável, só falta uma coisa.

– O quê? – exigiua princesa. – Diga-me o que está faltando e providenciarei. De minha parte, eu sempre acreditei e ouvi dizer que não faltava nada, mas, seja lá o que acredita que esteja faltando, trarei imediatamente.

– Princesa – disse a falsa Fátima, com grande dissimulação –, perdoe-me a liberdade que tomei, mas a minha opinião é que, se um ovo de roca fosse pendurado no meio da cúpula, este salão não teria paralelo nos quatro quadrantes do mundo, e seu palácio seria a maravilha do universo.

– Minha boa senhora – disse a princesa –, o que é um roca e onde se pode conseguir um ovo?

– Princesa, é uma ave de tamanho extraordinário que habita o cume do Monte Cáucaso; o arquiteto que construiu o teu palácio pode arranjar-te uma.

Depois que a princesa agradeceu à falsa Fátima pelo que ela acreditava ser um bom conselho, conversou com ela sobre outros assuntos; mas ela não conseguia se esquecer do ovo do roca e resolveu pedir a Aladim que o providenciasse na próxima vez que ele visitasse seus aposentos. Ele a visitou no decorrer daquela noite e, logo depois de entrar, a princesa assim se dirigiu a ele:

– Sempre acreditei que nosso palácio era o mais belo, magnífico e completo do mundo, mas agora sei que falta um ovo de roca pendurado no meio da cúpula.

– Princesa – respondeu Aladim –, providenciarei um, porque não há nada que eu não faça por você.

Aladim deixou a princesa Buddir al Buddoor naquele momento e subiu para o corredor de vinte e quatro janelas, onde, tirando de seu peito a lâmpada, a qual, após o perigo a que havia sido exposto, sempre carregava consigo, esfregou-a e o gênio apareceu imediatamente.

– Gênio – disse Aladim –, eu te ordeno, em nome desta lâmpada, que traga um ovo de roca para ser pendurado no meio da cúpula do corredor do palácio.

Assim que Aladim pronunciou essas palavras, o salão estremeceu como se estivesse prestes a cair, e o gênio disse em voz alta e terrível:

— Não é suficiente que eu e os outros escravos da lâmpada tenhamos feito tudo por você, mas você, por uma ingratidão inédita, ordena que eu traga meu mestre e o pendure meio desta cúpula? Esta tentativa merece que você, a princesa e o palácio sejam imediatamente reduzidos a cinzas, mas você será poupado porque este pedido não vem diretamente de você. Quem fez o pedido é o irmão do mago africano, que se encontra agora no seu palácio, disfarçado no hábito da santa mulher Fátima, a quem ele assassinou. Por sugestão dele, a sua mulher fez este pedido terrível. O seu propósito é matá-lo; portanto, cuide-se.

Após essas palavras, o gênio desapareceu.

Aladim resolveu imediatamente o que fazer. Ele voltou ao aposento da princesa e, sem dizer uma palavra do que havia acontecido, sentou-se e queixou-se de uma grande dor que, de repente, tomara conta de sua cabeça. Ao ouvir isso, a princesa contou-lhe como havia convidado a sagrada Fátima para ficar com ela e que agora ela estava no palácio; e, a pedido do príncipe, ordenou que ela fosse convocada imediatamente.

Quando a falsa Fátima chegou, Aladim disse:

— Venha cá, boa senhora. Estou feliz emvê-la aqui em um momento tão afortunado. Estou atormentado por uma violenta dor de cabeça e peço sua ajuda, e espero que não me recuse a cura que você concede às pessoas aflitas.

Dizendo isso, ele se levantou, mas manteve a cabeça abaixada. A falsa Fátima avançou em sua direção, com a mão o tempo todo em uma adaga escondida no cinto sob o vestido. Observando isso, Aladim arrancou a arma de sua mão, perfurou-o no coração com sua própria adaga e o empurrou no chão.

– Meu querido príncipe, o que você fez? – exclamou a princesa, surpresa. – Você matou a mulher santa!

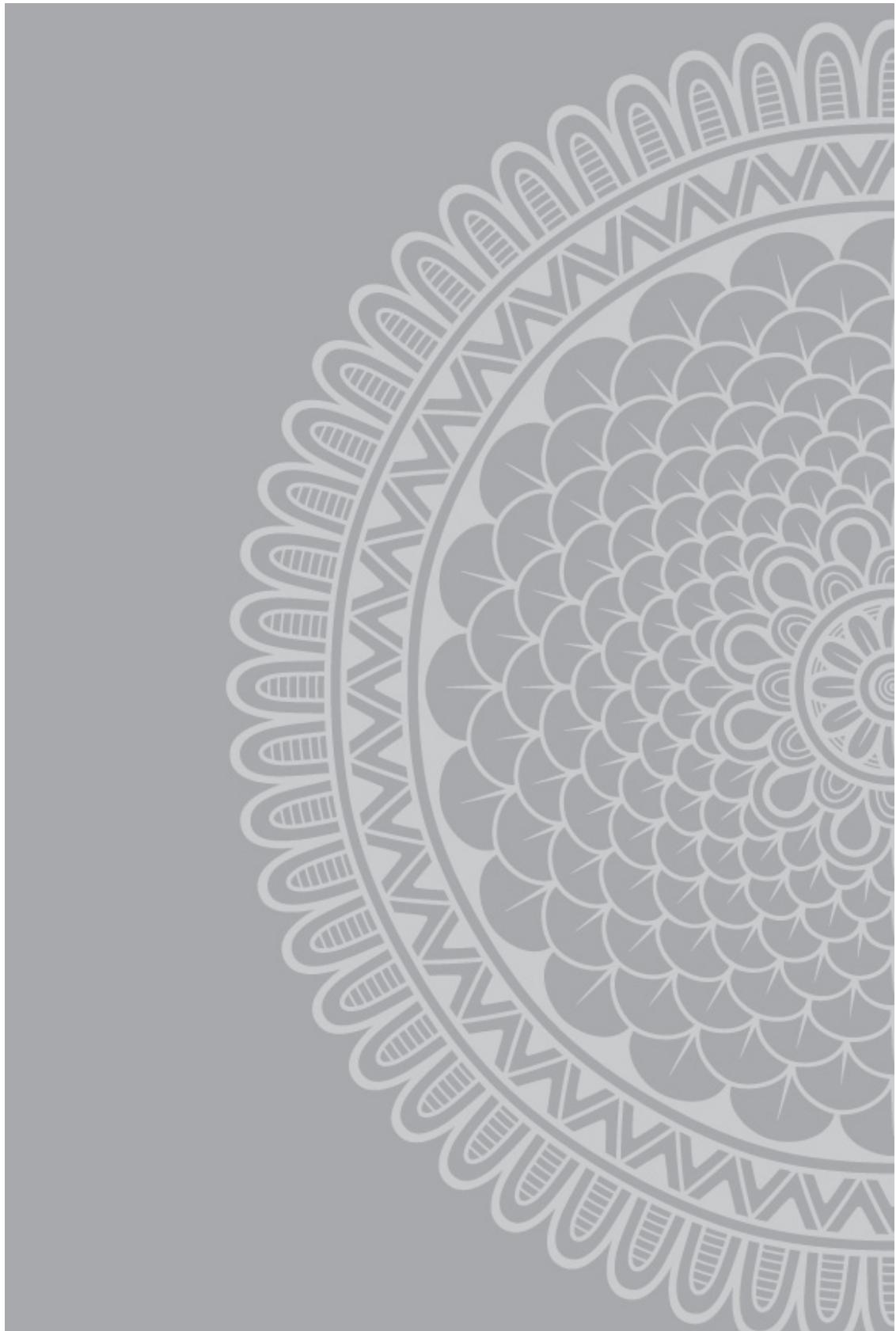
– Não, minha princesa – respondeu Aladim, emocionado. – Eu não matei Fátima, mas um vilão que teria me assassinado se eu não o tivesse impedido. Este homem perverso – acrescentou, revelando o rosto dele – é o irmão do mago que tentou a nossa ruína. Ele estrangulou a verdadeira Fátima e disfarçou-se com suas roupas com a intenção de me matar.

Aladim então explicou como o gênio havia lhe contado esses fatos e como ela e o palácio haviam escapado da destruição por pouco, devido à sugestão traiçoeira que a levou a fazer tal pedido.

Assim, Aladim foi libertado da perseguição dos dois irmãos, que eram magos. Em poucos anos, o sultão morreu de velhice e, como não deixou filhos homens, a princesa Buddir al Buddoor o sucedeu, e ela e Aladim reinaram juntos por muitos anos, deixando um ilustre e gigante legado.

---

1. Método de adivinhação que interpreta marcas no chão ou os padrões formados por punhados de solo, rochas ou areia lançados.





## *A casa mal-assombrada de Bagdá*

(de *As mil e uma noites*. Richard Francis Burton, 1885)

**H**avia uma vez, na cidade do Cairo, um comerciante que tinha um grande estoque de dinheiro, barras de ouro, pedras preciosas, joias, terras e casas incontáveis. Seu nome era Hasan, o Joalheiro, o homem de Bagdá. Além disso, Alá o abençoara com um filho de perfeita beleza e brilho: bochechas rosadas, rosto bonito e bem apessoado, a quem chamou de Ali do Cairo e a quem ele ensinou o Alcorão, a ciência, a elocução e outros ramos da educação, até que ele se tornou proficiente em todos os tipos de conhecimento. Ali estava sob as mãos de seu pai no comércio, mas, depois de um tempo, Hasan adoeceu, até que ele teve certeza de que morreria em breve. Então, o homem de Bagdá chamou seu filho.

– Ó meu filho, na verdade, este mundo é passageiro, mas o próximo mundo dura. Cada alma experimentará a morte e agora, ó meu filho, minha morte está próxima e desejo encarregar-te de uma ordem, a qual, se obedeceres, permanecerás em segurança e prosperidade até que encontres Deus Todo-Poderoso. Contudo, se não a seguires, haverá muito cansaço e tu te arrependerás de ter transgredido os meus pedidos.

Ali respondeu:

– Ó meu pai, como não ouvir as tuas palavras e agir de acordo com a tua ordem, visto que estou obrigado pela lei da fé a obedecer-te e te dar

ouvidos?

O pai prosseguiu:

– Ó meu filho, deixo-te terras, casas, bens e riquezas, de modo que, se gastasse quinhentos dinares a cada dia, nada perderias. Mas, ó meu filho, viva no temor de Alá e siga o Seu Escolhido, Mustafá (a quem Ele pode abençoar e preservar!), nas suas leis. Sê constante nas esmolas e na prática de beneficência e esteja perto de homens de valor, piedade e erudição, e não te esqueças de cuidar dos pobres e necessitados e evitar a avareza e a mesquinhez, assim como a conversa dos ímpios ou de caráter suspeito. Olha bondosamente para teus servos e família, e também para tua esposa, pois ela está grávida de ti. Felizmente, Alá te concederá uma descendência virtuosa através dela.

E ele não parou de exortá-lo dessa forma, chorando e dizendo:

– Ó meu filho, eu imploro a Alá, o Generoso, o Senhor do glorioso Empíreo, que te livre de todas as dificuldades que possam envolver você e lhe conceda Seu alívio imediato!

– Ó meu pai, estou tocado por tuas palavras, pois são como as palavras de alguém que se despede – disse o filho, com pesar.

– Sim, meu filho, estou ciente da minha condição: não te esqueças do meu encargo – respondeu o comerciante.

Então ele começou a repetir as duas profissões da fé e a recitar versículos do Alcorão, até que a hora derradeira chegasse, quando ele disse:

– Chega-te a mim, ó meu filho.

Então Ali se aproximou e ele o beijou. O pai suspirou e sua alma deixou seu corpo, indo para a misericórdia de Deus Todo-Poderoso. Com isso, uma grande dor caiu sobre Ali. O clamor de lamento surgiu em sua casa, e os

amigos de seu pai o consolaram. Então ele se encarregou de preparar o corpo para o enterro e fez um esplêndido funeral. Eles carregaram seu esquife para o lugar de oração e oraram por ele; depois foram para o cemitério, onde o enterraram e recitaram sobre ele as partes do sublime Alcorão. Depois disso, eles voltaram para casa, consolaram o filho do homem morto e seguiram cada um o seu caminho. Além disso, Ali rezava a oração de sexta-feira por seu pai e fazia leituras do Alcorão todos os dias. Toda sexta-feira ele visitava o túmulo de seu pai. Ele não parou de orar e recitar por algum tempo, até que um dia seus companheiros, filhos dos mercadores, vieram até ele e saudaram-no, dizendo:

– Até quando este teu luto te fará negligenciar teus negócios e a companhia de teus amigos? Na verdade, isto só te deixará cansado, e teu corpo sofrerá muito.

Nesta mesma visita, Iblis, o Maldito, estava presente. Os amigos recomendaram que o jovem os acompanhasse ao bazar, e Iblis não desistiu até convencer o rapaz.

– Monte em sua mula e cavalgue conosco até o jardim, para que possamos nos consolar lá e que tua tristeza e desânimo possam afastar-se de ti.

Ali montou na mula e, levando seu escravo, foi com eles para o jardim em questão. Ao entrarem, um dos jovens foi preparar a refeição matinal. Eles comeram, alegraram-se e conversaram até o fim do dia, quando voltaram cada um para a sua casa, onde passaram a noite. Assim que amanheceu, eles visitaram Ali novamente e o convidaram para ir a outro jardim. Lá, eles comeram, riram e um amigo dele trouxe um vinho à mesa. Ali perguntou o que era aquilo.

– Isto é o que dissipa a tristeza e ilumina a alegria – responderam.

Os amigos não cansaram até convencerem o jovem a beber com eles. Eles ficaram sentados bebendo e conversando até o final do dia, quando cada um voltou para casa. Mas quanto a Ali, o Cairene, ele ficou tonto com o vinho e nesta situação foi até o encontro de sua esposa, que lhe disse:

- O que te aflige? Estás tão estranho.
- Estávamos nos divertindo hoje, quando um de meus companheiros nos trouxe bebida, então nós bebemos e comecei a me sentir tonto – respondeu.
- Ó meu senhor, diga-me, você se esqueceu da promessa que fez a seu pai e se misturou com pessoas encrenqueiras?
- Eram os filhos dos mercadores. Eles não são pessoas suspeitas, apenas amantes da alegria.

Ali continuou a levar esse tipo de vida com seus amigos, dia após dia, indo de um lugar para outro, festejando com eles e bebendo.

No final do mês, Ali descobriu que havia gasto uma grande soma de dinheiro, mas Iblis, o Amaldiçoado, iludiu-o e disse-lhe:

- Na verdade, deverias gastar todos os dias uma quantia semelhante com a sua felicidade.

Assim, ele não levou em conta as despesas e continuou vivendo dessa forma por três anos, enquanto sua esposa protestava e o lembrava da responsabilidade que seu pai lhe pedira, mas ele não deu ouvidos às palavras dela e continuou saindo até gastar todo o dinheiro disponível que tinha. Então, ele começou a vender suas joias e seu ouro até tudo acabar. Ali vendeu suas casas, campos, fazendas e jardins, um após o outro, até que todos eles também se foram e ele não tinha mais nada além do cortiço em que vivia. Falido, ele arrancou até o mármore e a madeira da casa e os

vendeu para gastar o dinheiro com festas, até que os materiais também acabaram. Por fim, ele vendeu a casa e gastou o dinheiro da venda.

Depois disso, o homem que havia comprado a casa veio até ele e disse:

– Procura para ti um alojamento, pois eu preciso da minha casa.

Então ele pensou em si mesmo e, descobrindo que não precisava de uma casa, exceto de sua esposa, que lhe dera um filho e uma filha (ele não tinha mais um servo), alugou um quarto grande em um dos pátios miseráveis e ali passou a morar, depois de ter vivido com honra e luxo por tantos anos. Logo, ele mal tinha o que comer.

Disse sua esposa:

– Disto eu te avisei e te exortei a obedecer à ordem de teu pai, e tu não queres ouvir-me, mas não há Majestade e não há Poder, exceto em Alá, o Glorioso, o Grande! O que nossos filhos comerão? Levanta-te então, volta aos teus amigos, os filhos dos mercadores: provavelmente eles te darão alguma coisa com que possamos viver hoje.

Então ele se levantou e foi pedir ajuda a seus amigos um por um, mas todos esconderam seus rostos e proferiram palavras injuriosas e nada mais. Ali voltou para o encontro de sua esposa e disse-lhe:

– Eles não me deram nada.

A esposa de Ali, o Cairene, vendo seu marido voltar de mãos vazias, saiu para implorar a seus vizinhos os meios para se manterem vivos e encontrou uma mulher, a quem ela tinha conhecido em dias anteriores. Quando ela entrou em sua casa e viu seu estado, a mulher a recebeu gentilmente e disse:

– O que aconteceu com você?

Então ela lhe contou tudo o que seu marido havia feito, e a outra respondeu:

- Bem, seja bem-vinda! Tudo o que você precisar, busque-me, sem preço.
- Alá retribua abundantemente!

Então sua amiga deu-lhe tanta provisão quanto seria suficiente para ela e sua família por um mês inteiro, e ela pegou tudo e voltou para seu alojamento. Quando o marido a viu, ele chorou e perguntou:

- De onde você tirou isso?
- Peguei isso de uma mulher, pois, quando eu disse a ela o que tinha acontecido conosco, ela não me falhou em nada, mas disse: “Busque-me sempre que precisar de algo”.

Em seguida, seu marido respondeu:

- Já que você tem tudo isso, vou me dirigir a um lugar que tenho em minha mente; talvez Alá Todo-Poderoso nos traga alívio.

Com essas palavras, ele se despediu dela, beijou seus filhos e saiu, sem saber para onde deveria ir, e continuou caminhando até que chegou a Bulak, onde viu um navio prestes a zarpar para Damietta. Lá ele conheceu um homem, que conhecia se pai. O homem lhe perguntou:

- Para onde vais agora?
- Para Damietta, tenho amigos lá, a quem eu pediria favores os visitaria e depois voltaria – Ali respondeu.

O homem o levou para casa e o tratou com honra. Então, fornecendo-lhe mantimentos para a viagem e dando-lhe algumas moedas de ouro, embarcou-o a bordo do navio com destino a Damietta. Quando chegaram lá, Ali não sabia nem para onde ir, mas, enquanto ele caminhava, um comerciante o viu, teve pena dele e o carregou para sua casa.

Lá ele morou por um tempo, depois do qual perguntou a si mesmo: “Quanto tempo ficarei nas casas de outras pessoas?”. Em seguida, ele deixou a casa do comerciante e caminhou até o cais, onde, após procurar um pouco, encontrou um navio pronto para partir para a Síria. Seu anfitrião hospitaleiro lhe deu provisões e o embarcou no navio. Ali alcançou, no devido tempo, a costa da Síria, onde desembarcou e viajou até entrar em Damasco. Enquanto ele caminhava pela grande via pública, eis que um homem gentil o viu e o levou para sua casa, onde ele ficou por um tempo até que, um dia, indo para o exterior, viu uma caravana prestes a partir para Bagdá e pensou em viajar para lá com eles.

Em seguida, voltou ao seu anfitrião e, despedindo-se dele, partiu com a caravana.

Desta vez, Alá (exaltado seja Ele!) inclinou o coração de um dos mercadores a seu favor, de modo que o levou consigo, e Ali comeu e bebeu com ele, até que chegaram a Bagdá. Lá, porém, salteadores de estrada caíram sobre a caravana e levaram tudo o que tinham. Poucos mercadores escaparam. Estes fugiram cada um para um local de refúgio separado; mas Ali partiu para Bagdá, onde chegou ao pôr do sol, quando os porteiros estavam para fechar os portões, e disse-lhes:

– Deixem-me entrar com vocês.

Eles o admitiram e perguntaram:

– De onde vens e para onde vais?

– Eu sou um homem da cidade do Cairo e tenho comigo mulas carregadas de mercadorias, escravos e servos. Eu os abandonei para procurar um lugar onde depositar minhas mercadorias, mas, enquanto eu viajava, caiu sobre mim uma companhia de bandidos, que levaram minha mula e minhas mercadorias.

O guarda do portão rogou-lhe com honra e pediu-lhe que tivesse bom ânimo, dizendo:

– Fica conosco esta noite e pela manhã te levaremos a um lugar digno de ti.

Então ele procurou no bolso e, encontrando um dinar daqueles que lhe foram dados pelo comerciante de Bulak, entregou-o a um dos porteiros, dizendo:

– Pegue isto, troque-o e traga-nos algo para comer.

O homem pegou o dinheiro e foi ao mercado, onde comprou pão e carne cozida para Ali. Ora, no dia seguinte, um dos guardas o levou a um certo comerciante de Bagdá, a quem contou a mesma história. Então, o comerciante o levou para sua loja e, além disso, mandou buscar em sua casa um esplêndido traje de sua própria roupa para ele e o carregou para o Hammam. Ele levou Ali para sua casa, onde lhe ofereceu a refeição matinal.

Então ele disse a um de seus escravos:

– Ho Mas’dd, leve este teu senhor: mostre a ele as duas casas, dê a ele a chave e volte.

Ali foi com o escravo, até chegarem a uma rua onde ficavam três casas lado a lado, recém-construídas e ainda assim fechadas. Ele abriu a primeira, e Ali olhou para ela. Depois, fez o mesmo com a segunda e então o escravo perguntou a Ali:

– De qual te darei a chave?

– A quem pertence a casa grande?

– A nós!

– Abra para que eu possavê-la – disse Ali.

- Você não tem nada que fazer lá – contestou o escravo.
- Por quê?
- Porque ela é mal-assombrada, e ninguém que entra lá sai vivo. Nem ousamos abrir a porta para tirar os cadáveres. Por esta razão, meu senhor abandonou a casa e disse que nunca mais a daria a ninguém.
- Abra-a para que eu possavê-la! – disse Ali, pensando que era exatamente aquilo que ele procurava: passar a noite em algum lugar e morrer em seguida para ter paz.

O escravo abriu a porta. Ali entrou e encontrou uma casa esplêndida, sem igual.

- Não terei outra senão esta casa; dê-me a sua chave – insistiu Ali.
- Não te darei esta chave até que consulte meu mestre – replicou o escravo.

O comerciante egípcio disse:

- Não me hospedarei em lugar nenhum, a não ser na casa grande.

Quando o comerciante ouviu isso, ele também disse a Ali:

- Ó meu senhor, você não precisa desta casa.
- Não me hospedarei em lugar nenhum, a não ser na casa grande, pois não me importo com as tolices que vocês estão dizendo.
- Deixe por escrito que não sou responsável por nada se algo acontecer a ti – disse então o comerciante.
- Assim seja – concordou Ali.

Então o comerciante foi buscar um assessor da corte e, tomando o reconhecimento prescrito, entregou-lhe a chave com a qual Ali entrou na

casa. O comerciante enviou-lhe roupa de cama, que foi passada a ele por cima do muro, e foi embora. Em seguida, Ali saiu e, vendo no pátio interno um poço com um balde, desceu, tirou água e foi fazer as orações obrigatórias. Depois ficou sentado um pouco, até que o escravo lhe trouxesse a refeição da noite da casa de seu senhor, junto com uma lâmpada, uma vela, um castiçal, uma bacia e uma jarra. Depois disso, ele o deixou e voltou para casa.

Ali acendeu a vela, jantou à vontade e rezou a oração noturna. Então, ele pegou a cama e carregou-a para cima, onde encontrou um esplêndido salão, com teto e piso dourados e paredes revestidas de mármores coloridos. Ele estendeu sua cama lá, sentando-se e começou a recitar um pouco do Sublime Alcorão. Foi aí que ele ouviu alguém chamando por ele e perguntando:

– Ó Ali, ó filho de Hasan, diga-me, devo enviar-te o ouro?

– Onde está o ouro que tens de enviar? – respondeu Ali.

Mas ele mal havia falado quando moedas de ouro começaram a chover sobre ele, como pedras de uma catapulta, e isso não parou até que o salão estivesse cheio. Então, após a chuva de ouro, a voz disse:

– Liberta-me, para que eu possa seguir meu caminho, pois encerrei meu serviço e entreguei a ti o que me foi confiado a entregar-te.

– Eu te conjuro, por Alá, o Todo-Poderoso, que me diga a causa desta chuva de ouro.

A voz respondeu:

– Este é um tesouro que foi talismã para ti nos velhos tempos e, para cada um que entrasse na casa, costumávamos vir e dizer: “Ó Ali, ó filho de Hasan, devemos enviar-te o ouro?”. A pessoa ficaria amedrontada e gritaria,

e nós então desceríamos até ela, quebraríamos seu pescoço e iríamos embora. Contudo, quando tu vieste e te abordamos pelo teu nome e pelo de teu pai, dizendo: “Devemos te enviar o ouro?” e tu respondeste: “E onde está o ouro?”, nós soubemos que você era o verdadeiro dono dele e o enviamos. Além disso, há ainda outro tesouro para você na terra de Al-Yaman e você faria bem em viajar até lá e buscá-lo. Agora eu gostaria que você me libertasse para que eu possa seguir meu caminho.

– Por Alá, eu não vou te libertar, até que me traga aqui o tesouro da terra de Al-Yaman! – respondeu Ali.

Disse a voz:

– Se eu o trouxer para ti, me libertarás?

– Sim – respondeu Ali.

– Jure para mim!

Então, Ali fez o juramento e a voz estava prestes a ir embora, quando ele lhe disse:

– Tenho outro pedido para você.

– Qual?

– Tenho mulher e filhos no Cairo. Você precisa trazê-los para mim, confortáveis e seguros.

– Eu os trarei a ti com uma comitiva de servos, junto com o tesouro de Al-Yaman, Inshallah!

A voz disse que conseguiria tudo em três dias e desapareceu.

Assim que amanheceu, Ali deu a volta no salão, procurando um lugar para armazenar o ouro, e viu na borda do estrado uma placa de mármore com um

pino giratório. Ele girou o pino e a laje afundou, mostrando uma porta que ele abriu. Ao entrar, encontrou um grande armário, cheio de bolsas de coisas grosseiras cuidadosamente costuradas. Ele começou a tirar os sacos, enchê-los de ouro e guardá-los no armário, até que transportou para lá todo o ouro acumulado, fechou a porta e, girando o pino, a laje voltou ao seu lugar. Ali desceu e se sentou no banco atrás da porta. Logo, ouviu-se uma batida e, ao abrir a porta, encontrou o escravo do comerciante, que, vendo-o sentado confortavelmente, voltou apressado para seu mestre.

– Ó, meu senhor, o comerciante, que está hospedado na casa habitada pelos gênios, está vivo e bem e está sentado no banco atrás da porta.

O comerciante levantou-se alegremente e foi para a casa, para tomar café da manhã com Ali. Aovê-lo, ele o abraçou e beijou, perguntando:

– Como Alá está te tratando?

Ali respondeu:

– Muito bem, dormi lá em cima no salão de mármore.

– Algo veio a ti ou viste alguma coisa estranha? – perguntou o comerciante.

– Não, recitei um pouco do Sublime Alcorão e dormi até de manhã, quando me levantei e, depois de orar, sentei-me no banco atrás da porta – respondeu Ali.

– Louvado seja Alá pela segurança!

Depois disso, o comerciante enviou a Ali escravos e utensílios domésticos. Eles varreram a casa de cima a baixo e a mobiliaram com móveis magníficos e quatro escravos continuaram lá para servi-lo, enquanto o resto voltou para a casa do senhor. Quando os mercadores ouviram falar dele, enviaram-lhe presentes de todos os tipos, até comida, bebida e roupas, e o levaram ao mercado, perguntando:

– Quando chegará a tua encomenda?

E ele respondeu:

– Em três dias ela estará aqui.

Quando o prazo terminou, o jinn do primeiro tesouro, a chuva dourada, veio até ele e disse:

– Vá em frente e encontre o tesouro que eu trouxe para ti de Al-Yaman, pois eu trago parte da riqueza na aparência de mercadorias caras.

O jinn então foi para o Cairo, encontrou a esposa e os filhos de Ali em uma terrível miséria, com péssimas roupas e famintos. Ele os carregou para fora da cidade e os vestiu com suntuosas vestes. Quando Ali ficou sabendo isso, levantou-se e dirigiu-se aos mercadores e disse-lhes:

– Levantem-se e saiam conosco da cidade, ao encontro da caravana que traz minha mercadoria.

– Ouvimos e obedecemos – responderam eles e, mandando buscar seus Harims, foram todos juntos e sentaram-se em um dos jardins da cidade.

Enquanto conversavam sentados, eis que uma nuvem de poeira se ergueu do coração do deserto e eles se aglomeraram para ver o que era. Logo perceberam que era um grupo de artilheiros que se aproximava. O chefe deles, então, chegou perto de Ali e, beijando sua mão, disse:

– Ó meu mestre, tínhamos o propósito de chegar ontem, mas estávamos com medo dos bandidos, então permanecemos em nossa estação por quatro dias, até que Alá Todo-Poderoso nos livrasse deles.

Em seguida, os mercadores montaram em suas mulas e avançaram com a caravana, até que a mulher e os filhos de Ali estivessem com eles. Os mercadores maravilhavam-se com o número de mulas carregadas de baús,

enquanto as mulheres dos mercadores se maravilhavam com a riqueza dos trajes de sua esposa e as belas vestes de seu filho.

Eles não pararam até que chegaram à mansão, onde desceram e levaram as mulas e seus fardos ao meio do pátio. Em seguida, eles as descarregaram e armazenaram as mercadorias enquanto as esposas dos mercadores subiam com a família de Ali até o salão, que parecia um jardim luxuriante, repleto de móveis magníficos. Eles conversaram alegremente até o meio-dia, quando trouxeram a refeição do meio-dia: todos os tipos de carnes e doces dos melhores. Eles comeram e beberam comidas caras e depois se perfumaram com água de rosas. Então eles se despediram e foram para casa.

Quanto ao comerciante de Bagdá, o senhorio da casa, ele ficou com Ali e disse-lhe:

- Que os escravos e servos levem as mulas e o gado comum para uma das minhas outras casas, para descansar.
- Eles partirão novamente esta noite para um lugar assim.

Então ele lhes deu permissão para sair e acampar fora da cidade, para que pudesse começar sua jornada ao cair da noite. Mal acreditando que haviam sido dispensados, despediram-se dele e partiram para os subúrbios da cidade.

Ali e o dono da casa ficaram sentados juntos até que um terço da noite tivesse passado, quando então a conversa terminou e o comerciante voltou para sua casa e Ali foi ao encontro de sua família. Depois de saudá-los, disse:

- O que aconteceu vocês na minha ausência todo esse tempo?

Então a esposa contou a ele que haviam sofrido de fome e ele disse:

– Louvado seja Deus pela segurança! Como viestes?

– Ó, meu senhor, eu estava dormindo com meus filhos ontem à noite, quando de repente e inesperadamente alguém nos levantou do chão e voou conosco através do firmamento sem nos fazer mal, até que paramos em um lugar parecido com um acampamento árabe, onde vimos mulas carregadas. Então, perguntei-lhes: “Quem são vocês e o que são essas cargas? Onde estamos?”. E eles responderam: “Somos os servos do comerciante Ali do Cairo, filho do comerciante joalheiro, que nos enviou para buscá-los em Bagdá”. Perguntei: “Diga-me, estamos perto ou longe de Bagdá?” e eles responderam que estávamos perto. Então partimos e, quando amanheceu, nos encontramos contigo, sem ter sofrido qualquer dano.

– Quem te deu estas vestes? – perguntou Ali.

– O chefe da caravana abriu uma das caixas nas mulas e tirou estas roupas, vestiu a mim e a seus filhos cada um com uma roupa e depois trancou a caixa e me deu a chave, dizendo: “Cuide disso e entregue-a a seu marido”. E aqui está ela.

Assim dizendo, ela deu a Ali a chave, e ele disse:

– Você sabe onde está o baú?

– Sim, eu sei.

Ele a levou até a despensa e mostrou-lhe as caixas, e ela gritou:

– Foi deste baú que as roupas foram tiradas!

Ali colocou a chave na fechadura e abriu a caixa, onde encontrou muitas vestes e as chaves de todas as outras caixas. Ele as pegou e começou a abri-las, uma após a outra, e festejar as pedras preciosas que elas continham, pedras que nenhum outro rei já havia tido.

Depois disso, ele as trancou novamente, pegou as chaves e voltou ao salão, dizendo à sua esposa:

– Como Alá é generoso!

Em seguida, levando-a para a entrada secreta, girou o pino e abriu a porta do armário, no qual eles entraram e ele mostrou o ouro que havia guardado ali.

– De onde veio tudo isso para ti? – perguntou ela.

– Veio a mim pela graça de meu Senhor. Quando a deixei, embarquei em Bulak para Damietta e encontrei lá um amigo que me encaminhou para Damasco.

Resumidamente, ele contou a ela tudo que tinha acontecido com ele, do primeiro ao último momento.

– Ó, meu senhor, tudo isso vem com a bênção e as orações de teu pai quando ele orava por ti, antes de sua morte, dizendo: “Rogo a Deus que não te lance em nenhum aperto, a não ser que Ele te conceda alívio imediato!”. Louvado seja Deus Todo-Poderoso por ter te libertado e recompensado! Mas Deus sobre ti, ó meu senhor, não volte à prática de se associar com gente duvidosa. Teme a Deus (cujo nome seja exaltado!) tanto em privado como em público.

– Aceito teu conselho e imploro ao Todo-Poderoso que remova o perverso de nosso meio e nos estabeleça em Sua obediência e na observância da lei e prática de Seu Profeta, sobre quem haja bênçãos e paz!

Depois disso, Ali abriu uma loja para ele no bazar dos mercadores e, estocando-a com um pouco de joias e barras de ouro, sentou-se ali com seus filhos e criados. Logo ele se tornou o mais importante dos mercadores de

Bagdá, e seu relato chegou ao rei daquela cidade, que enviou um mensageiro para ordenar sua presença, dizendo:

- Atenda à convocação do rei, que ordena sua presença.
- Eu ouço e obedeço – respondeu ele.

Imediatamente preparou seu presente: pegou quatro bandejas de ouro vermelho e, enchendo-as com joias e metais preciosos, como nenhum rei possuía, foi ao palácio e se apresentou diante do rei, beijou o chão entre suas mãos e desejou-lhe abundância de bens e glória com as palavras mais polidas que ele pôde proferir. Disse o rei:

- Ó mercador, alegres nossa cidade com a tua presença!

E Ali replicou:

- Ó, rei dos tempos, teu escravo te trouxe um presente e espera que ele seja aceito de teu favor.

Então ele colocou as quatro bandejas diante do rei, que as descobriu e, vendo que continham joias, cujo valor se igualava a tesouros em dinheiro, disse:

- Teu presente é aceito, ó comerciante.

Ali beijou suas mãos e foi embora. O rei chamou seus nobres e disse-lhes:

- Quantos reis buscaram a mão de minha filha em casamento?
- Muitos – responderam eles.
- Algum deles me deu algo semelhante a este presente?
- Nenhum, pois nenhum deles tem algo semelhante.

– Consultarei Alá Todo-Poderoso quanto a casar minha filha com este comerciante. O que vocês dizem?

– Seja como julgares melhor – responderam eles.

Em seguida, o rei ordenou a um servo que carregasse as quatro bandejas e, indo até sua esposa, colocou-as diante dela. Ao ver as joias, sua esposa percebeu que não pareciam com nada que ela possuía.

– De quem ganhaste isso? Por acaso de um dos reis que procuram tua filha em casamento?

– Não, eu ganhei de um comerciante egípcio, que recentemente veio a esta nossa cidade. Quando soube de sua vinda, mandei chamá-lo até nós, com a intenção de conhecê-lo. Ele obedeceu à nossa convocação e nos trouxe essas quatro bandejas, de presente, e eu vi que se trata de um belo jovem de aspecto digno e inteligente, quase como deveriam ser os filhos dos reis. Portanto, meu coração se inclinou a ele e achei que seria um marido digno. Então, mostrei o presente aos meus nobres, que concordaram comigo que nenhum dos reis se compara a esse comerciante. Mas e tu, o que dizes?

Ela respondeu:

– Ó, rei dos tempos, a ordem deste assunto está nas mãos de Alá e nas tuas, e tudo o que Alá quiser acontecerá.

– Se for da vontade Dele, vou casá-la com ninguém menos que este jovem.

O rei dormiu decidido e, na manhã seguinte, foi ao seu conselho e convocou Ali e o resto dos mercadores de Bagdá. Quando todos vieram, pediu-lhes que se sentassem. Então disse:

– Traga-me o Kazi do Conselho – e eles o trouxeram.

Então o rei disse a ele:

– Ó, Kazi, escreva o contrato de casamento entre minha filha e o comerciante Ali, o Cairene.

Mas Ali disse:

– Perdão, ó nosso senhor o sultão! Não convém que um comerciante como eu seja genro do rei.

– É minha vontade conceder este favor a ti.

Ali sentou-se e disse:

– Ó, rei dos tempos, tu me concedeste isso e, de fato, sinto-me honrado por tua generosidade, mas ouve uma palavra que tenho a dizer a ti!

– Diga e não tema.

– Já que é tua resolução augusta de casar tua filha, seria melhor casá-la com meu filho.

– Tens então um filho? – perguntou o rei.

– Sim – respondeu Ali.

– Que assim seja – disse o rei, e despachou um servo para buscar o filho de Ali, que veio e beijou o chão diante do rei, em atitude de respeito.

O rei olhou para ele e, vendo-o ainda mais formoso do que sua filha, disse-lhe:

– Qual é o teu nome, ó meu filho?

– Meu nome é Hasan, ó nosso senhor o sultão – respondeu o jovem.

Então o sultão ordenou:

– Escreva o contrato de casamento entre minha filha Husn al-Wujdd e Hasan, filho do comerciante Ali, o Cairene.

Ele escreveu o contrato de casamento entre eles, e o caso foi encerrado da melhor maneira. Na manhã seguinte, Ali foi ao conselho, onde o rei o recebeu com especial atenção e o sentou perto de si, dizendo:

- Pretendemos começar as festividades de casamento.
- Ó, nosso senhor o sultão, tudo o que tu consideras bom é, de fato, bom.

Então o sultão deu ordens para celebrar as festividades, e eles decoraram a cidade e realizaram um grande festival por trinta dias, com muita alegria. Por fim, Hasan, filho de Ali, foi até a princesa e apreciou sua beleza e encanto. Quando a rainha viu o marido de sua filha, ela sentiu afeto por ele. Então o rei ordenou que construísse para seu genro Hasan um palácio ao lado do seu; e construíram para ele, com toda a rapidez possível, um esplêndido palácio no qual ele passou a morar. Sua mãe costumava ficar com ele alguns dias e depois descer para sua própria casa.

Depois de algum tempo, a rainha disse a seu marido:

- Ó, rei dos tempos, a senhora mãe de Hasan não pode morar com seu filho e deixar o vizir, nem pode ficar com o vizir e deixar seu filho.
- Não te preocipes – respondeu o rei, e ordenou que edificassem um terceiro palácio ao lado daquele de Hasan.

O palácio foi construído em poucos dias e ele fez com que os bens do vizir fossem levados para lá, onde Ali e sua esposa passaram a morar. Agora os três palácios se comunicavam entre si, de modo que, quando o rei tivesse vontade de falar com o vizir à noite, ele iria até ele ou mandaria buscá-lo, e assim seria com Hasan, seu pai e sua mãe. O rei, o vizir e seu filho moraram próximos e felizes por algum tempo, até que o rei adoeceu.

Então, ele convocou os senhores de seu reino e disse-lhes:

– Sobreveio-me uma doença dolorosa, talvez mortal e, portanto, convoquei-os para consultá-los a respeito de um certo assunto, sobre o qual gostaria que me aconselhassem como vocês julgarem bem.

Eles perguntaram:

– Qual é o assunto do qual tu queres se aconselhar conosco, ó, rei?

– Estou velho e doente e temo pelo reino após minha partida por causa de nossos inimigos; então, gostaria que todos escolhessemos alguém para que eu o proclame rei ainda vivo e para que vocês fiquem à vontade.

Diante disso, eles disseram:

– Todos nós aprovamos o marido de sua filha, Hasan, filho do vizir Ali, pois vimos sua inteligência e perfeito entendimento.

– Vocês realmente concordam com isso?

– Sim.

– Talvez todos vocês digam isso na minha frente, em respeito a mim, mas nas minhas costas dirão o contrário.

No entanto, todos eles responderam:

– Por Alá, nossa palavra é a mesma em público e em particular, e nós o aceitamos com franqueza e sinceridade de coração e de peito aberto.

– Já que o caso é esse, traga o Kazi da Lei Sagrada e todos os oficiais do reino diante de mim amanhã, e nós iremos resolver o assunto da melhor maneira.

– Ouvimos e obedecemos – responderam eles e, retirando-se, notificaram todos os doutores da lei e as principais autoridades dos emires. Assim, ao

amanhecer, eles foram ao conselho e, tendo desejado e obtido permissão para entrar, saudaram o rei, dizendo:

- Aqui estamos todos na tua presença.
- Ó emires de Bagdá – respondeu o rei –, quem desejais ser rei sobre vós depois de mim para que eu possa coroá-lo durante a minha vida, diante da presença de todos vocês?
- Estamos de acordo com o marido de tua filha, Hasan, filho do vizir Ali.
- Se for assim, vão todos vocês e tragam-no aqui.

Então todos eles se levantaram e, dirigindo-se ao palácio de Hasan, disseram-lhe:

- Levante-se, venha conosco até o rei.
- Por quê? – perguntou ele.
- Por uma coisa que irá beneficiar a nós e a ti.

Então Hasan foi com eles até o rei e beijou o chão diante de seu sogro, que lhe disse:

- Senta-te, meu filho!

Ele se sentou e o rei continuou:

- Ó, Hasan, todos os emires te aprovaram e concordaram em te fazer rei depois de mim; e é meu propósito proclamá-lo enquanto ainda estou vivo.

Mas Hasan se levantou e, beijando o chão mais uma vez diante do rei, disse-lhe:

- Ó, nosso senhor o rei, entre os emires, há muitos que são mais velhos do que eu e de maior valor; portanto, dispensa-me desse dever.

Mas todos os emires gritaram, dizendo:

– Não consentimos, queremos que sejas rei sobre nós.

Hasan baixou a cabeça envergonhado diante do rei e de seu pai. Então disse o rei aos emires:

– Vocês todos o aceitam?

– Sim.

– Ó, Kazi – disse o rei –, redija um documento legal testificando que esses emires concordaram em tornar rei o marido de minha filha, Hasan.

O Kazi escreveu o ato e o tornou obrigatório para todos os homens. Assim, eles fizeram o juramento de fidelidade a Hasan. O rei fez o mesmo e ordenou-lhe que tomasse assento no trono da realeza. Então, todos eles se levantaram e beijaram as mãos do rei Hasan e o homenagearam, jurando lealdade a ele. O novo rei distribuiu justiça entre o povo naquele dia à moda da realeza e investiu os nobres do reino em esplêndidas vestes de honra.

Ao deixar o conselho, ele beijou as mãos do pai de sua esposa, que lhe falou assim:

– Ó, meu filho, olhe, você governa os vassalos no temor de Alá.

– Ó, meu pai, através de tuas orações por mim, a graça e a orientação de Alá virão a mim.

Ele entrou em seu próprio palácio e foi recebido por sua esposa, sua mãe e seus assistentes, que beijaram suas mãos e lhe deram alegria por sua conquista, dizendo:

– Seja este dia abençoado!

Em seguida, ele foi até seu pai e sua mãe, que se alegraram que Alá lhe houvesse concedido sua promoção à realeza, e seu pai o lembrou de tratar misericordiosamente seus súditos. Ele passou a noite em alegria e, na manhã seguinte, depois de fazer as orações obrigatórias terminando com os habituais capítulos curtos do Alcorão, ele subiu ao conselho, para o qual vieram todos os seus oficiais e dignitários. Ele passou o dia distribuindo justiça entre o povo, pedindo graciosa e proibindo a indelicadeza e nomeando quem saía e quem ficava, até o fim do dia, quando o conselho se desfez, da melhor maneira, e todas as tropas se retiraram e cada um seguiu seu caminho.

Ele se levantou e se dirigiu ao palácio, onde viu que a doença de seu sogro pesava sobre ele e disse-lhe:

– Que nenhum mal te suceda!

Com isso, o velho rei abriu os olhos e disse:

– Ó, Hasan!

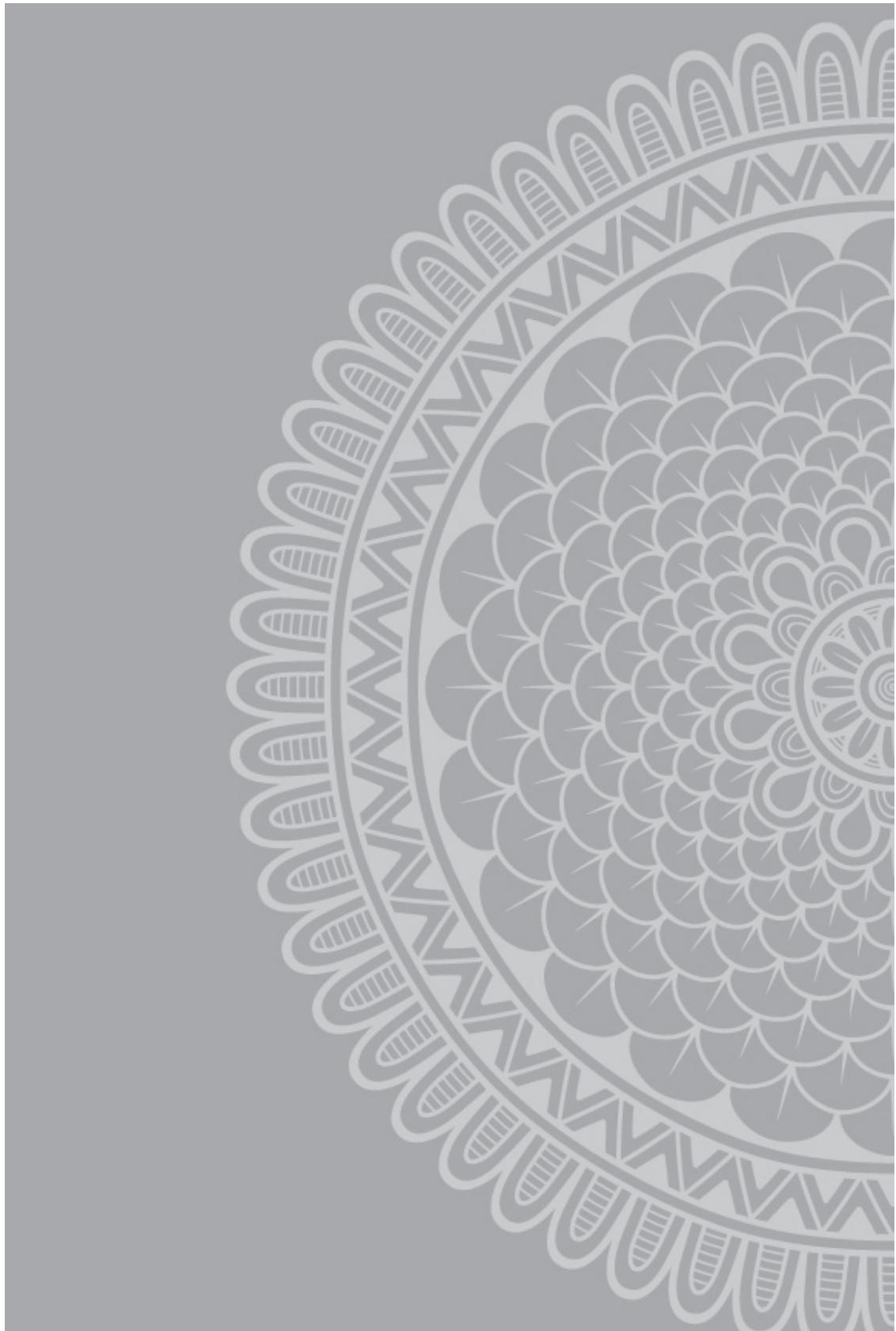
– Ao teu serviço, ó meu senhor.

– Minha hora derradeira está próxima: seja cuidadoso com sua esposa e sua mãe, e olhe, teme a Deus e honre seus pais. Admire a majestade do rei Requerente e tenha em mente que Ele ordena justiça e boas obras.

– Eu ouço e obedeço – respondeu o rei Hasan.

Depois disso, o velho rei demorou três dias e partiu para a misericórdia do Deus Todo-Poderoso. Assim, eles o levaram para fora e o envolveram e enterraram, e mantiveram sobre ele leituras do Alcorão, até o fim dos habituais quarenta dias. O rei Hasan, filho do vizir, reinou em seu lugar, e seus súditos se regozijaram com ele, e todos os seus dias foram alegres. Além disso, seu pai não deixou de ser seu chefe vizir, como seu braço

direito, e ele convocou outro vizir, para ficar à sua esquerda. Seu reinado foi próspero e bem organizado, e ele viveu uma longa vida como rei de Bagdá. Alá o abençoou, pela filha do velho rei, com três filhos, que herdaram o reino depois dele, e eles moraram no consolo da vida e seus prazeres até que chegasse a eles o Destruidor de prazeres e o Separador de sociedades. E a glória seja dada Àquele que é eterno e em cujas mãos está o poder de anular e confirmar.





## *O astrólogo sapateiro*

(de *As mil e uma noites*. Richard Francis Burton, 1885)

*A fumaça dos vizinhos é que te cega.*

Provérbio árabe

**N**a grande cidade de Isfahan, vivia o sapateiro Ahmed, um homem honesto e trabalhador, cujo desejo era passar pela vida em silêncio. Ele poderia ter feito isso se não tivesse se casado com uma bela esposa, que, embora tivesse concordado em aceitá-lo como marido, estava longe de se contentar com seu humilde estilo de vida.

Sittâra – esse era o nome da esposa de Ahmed – estava sempre criando esquemas tolos de riqueza e grandeza e, embora nunca os encorajasse, Ahmed era um marido apaixonado demais para negar as coisas que a faziam feliz. Um sorriso incrédulo ou um aceno de cabeça eram a única resposta dele aos seus devaneios e, assim, ela continuava convencida de que certamente estava destinada a uma grande fortuna.

Aconteceu uma noite, ainda com esse tipo de pensamento, que ela foi ao Hemmâm, onde viu uma senhora saindo vestida com um manto magnífico, coberta de joias e rodeada de servos. Aquela era a condição de vida que Sittâra sempre desejara e ela ansiosamente perguntou o nome da pessoa sortuda que tinha tantos servos e joias tão finas. Ela soube, então, que

aquela mulher era a esposa do astrólogo oficial do rei. Com essa informação, ela voltou para casa. Seu marido a recebeu na porta, mas foi recebido com o cenho franzido, e nem todos os seus carinhos conseguiram tirar dela um sorriso ou uma palavra. Por várias horas, ela continuou em silêncio e em aparente sofrimento. Por fim, ela disse:

- Cesse suas carícias, a menos que você esteja pronto para me dar uma prova de que você realmente me ama.
- Que prova de amor – exclamou o pobre Ahmed – você pode desejar que eu não lhe darei?
- Largue sua profissão. É um comércio vil e baixo e nunca rende mais de dez ou doze dinarares por dia. Vire astrólogo! Sua fortuna será feita, e terei tudo o que desejo e serei feliz.
- Astrólogo! – exclamou Ahmed. – Astrólogo! Você se esqueceu de quem eu sou? Um sapateiro, sem nenhum aprendizado? Como você quer que eu me engaje em uma profissão que requer tanta habilidade e conhecimento?
- Não penso nem me importo com suas qualificações – disse a esposa enfurecida.
- Tudo o que sei é que, se você não virar astrólogo imediatamente, estarei divorciada de você amanhã.

O sapateiro protestou, mas em vão. A figura da esposa do astrólogo, com suas joias e seus servos, havia tomado posse completa da imaginação de Sittâra. A noite toda isso a assombrou. Ela não sonhou com mais nada e, ao acordar, declarou que sairia de casa se o marido não atendesse aos seus desejos. O que o pobre Ahmed poderia fazer? Ele não era astrólogo, mas gostava muito da esposa e não suportava a ideia de perdê-la. Ele prometeu obedecer e, tendo vendido seu pequeno estoque, comprou um astrolábio, um almanaque astronômico e uma tabela dos doze signos do zodíaco.

Equipado com isso, ele foi ao mercado, gritando:

– Eu sou um astrólogo! Eu conheço o sol, a lua, as estrelas e os doze signos do zodíaco. Eu posso calcular natividades! Posso prever tudo o que vai acontecer!

Nenhum homem era mais conhecido do que Ahmed, o sapateiro. Uma multidão logo se reuniu em torno dele.

– O quê?! Amigo Ahmed – disse um –, você ficou louco de tanto trabalhar?

Essa e mil outras piadas assaltaram os ouvidos do pobre sapateiro, que, não obstante, continuou a exclarar que era astrólogo, tendo decidido fazer o que pudesse para agradar a sua bela esposa.

Acontece que o joalheiro do rei estava em apuros: ele estava em grande angústia, tendo perdido o rubi mais rico pertencente à coroa. Todas as buscas foram feitas para recuperar aquela joia inestimável, mas sem nenhum sucesso. Como o joalheiro sabia que não podia mais esconder do rei sua perda, ele esperava pela morte como algo inevitável. Nesse estado desesperador, enquanto vagava pela cidade, ele alcançou a multidão ao redor de Ahmed e perguntou o que estava acontecendo.

– Você não conhece Ahmed, o sapateiro? – disse um dos espectadores, rindo. – Ele resolveu virar astrólogo.

Um homem se afogando se segurará em um junco quebrado: assim que o joalheiro ouviu o som da palavra astrólogo, ele foi até Ahmed, contou-lhe o que havia acontecido e disse:

– Se você entende a sua arte, deve ser capaz de descobrir onde está o rubi do rei. Faça isso e eu lhe darei duzentas moedas de ouro. Mas, se você não tiver sucesso dentro de seis horas, usarei toda a minha influência a corte para condená-lo à morte como impostor.

O pobre Ahmed ficou pasmo. Ele ficou muito tempo sem poder se mover ou falar, refletindo sobre seus infortúnios e lamentando, acima de tudo, que sua esposa, a quem ele tanto amava, tivesse, por inveja e egoísmo, o forçado a uma alternativa tão terrível. Cheio desses pensamentos tristes, ele exclamou em voz alta:

– Ó mulher! És a decadência dos homens!

O rubi perdido havia sido escondido pela esposa do joalheiro, que, inquieta com o medo que sempre acompanha a culpa, enviou uma de suas servas para vigiar seu marido. Esta escrava, ao ver seu mestre falar com o astrólogo e ao ouvir a exclamação de Ahmed, ficou convencida de que sua senhora devia saber de tudo. Ela correu para a patroa e, tremendo de medo, gritou:

– Você foi descoberta, minha querida senhora, foi descoberta por um vil astrólogo. Antes de seis horas se passarem, toda a história será conhecida, e você se tornará famosa, se tiver a sorte de escapar com vida, a menos que encontre alguma maneira de convencê-lo a ser misericordioso.

Ela então relatou o que tinha visto e ouvido.

A esposa do joalheiro, apressadamente colocando seu véu, saiu em busca do temido astrólogo. Ao encontrá-lo, ela se jogou a seus pés, chorando:

– Poupe minha honra e minha vida, e eu vou confessar tudo!

– O que você pode ter que confessar para mim? – exclamou Ahmed espantado.

– Oh nada! Nada que você já não saiba. Você sabe muito bem que roubei o rubi da coroa do rei. Fiz isso para punir meu marido, que me usa da maneira mais cruel e pensei, dessa forma, em obter riquezas para mim mesma e mandá-lo para a morte. Mas você, homem maravilhoso, de quem nada está

escondido, descobriu e derrotou meu plano perverso. Eu imploro apenas por misericórdia e farei tudo o que você me ordenar.

Um anjo do céu não poderia ter trazido mais consolo a Ahmed do que a esposa do joalheiro. Ele assumiu toda a solenidade digna que se tornou seu novo personagem e disse:

– Mulher! Sei de tudo o que você fez e é uma sorte você ter vindo confessar o seu pecado e implorar por misericórdia antes que seja tarde demais. Volte para sua casa e coloque o rubi debaixo do travesseiro do sofá em que seu marido dorme. Deixe-o no lado mais afastado da porta e fique satisfeita de que tua culpa nunca será nem mesmo suspeitada.

A esposa do joalheiro voltou para casa e fez o que ele pediu. Em uma hora, Ahmed a seguiu e disse ao joalheiro que havia feito seus cálculos e descoberto pelo aspecto do sol e da lua e pela configuração das estrelas que o rubi estava naquele momento sob o travesseiro de seu sofá, do lado mais afastado da porta. O joalheiro achou que Ahmed devia ser louco, mas, como um raio de esperança é como um raio do céu para os miseráveis, ele correu para o seu sofá e lá, para sua alegria e admiração, encontrou o rubi no mesmo lugar descrito. Ele voltou para o encontro de Ahmed, abraçou-o, chamou-o de seu amigo mais querido e preservador de sua vida, e deu-lhe as duzentas moedas de ouro, declarando que ele era o melhor astrólogo da época.

Esses elogios não transmitiam alegria ao pobre sapateiro, que voltou para casa mais agradecido a Deus por sua preservação do que exultante por sua boa sorte. No momento em que ele entrou pela porta, sua esposa correu até ele e exclamou:

– Bem, meu querido astrólogo! Como foi?

— Aqui — disse Ahmed, muito gravemente — há duzentas moedas de ouro. Espero que você fique satisfeita agora e não me peça novamente para arriscar minha vida, como fiz esta manhã.

Ele então relatou tudo o que havia acontecido. Mas o relato causou na senhora uma impressão muito diferente da que Ahmed teve. Sittâra não viu nada além do ouro, que a capacitaria a competir com a esposa do astrólogo oficial no Hemmâm.

— Coragem! — disse ela. — Coragem, meu querido marido. Este é apenas seu primeiro trabalho em sua nova e nobre profissão. Vá em frente e prospere, e nos tornaremos ricos e felizes.

Em vão Ahmed protestou e indicou o perigo. Ela começou a chorar e acusou-o de não a amar, terminando com sua ameaça usual de insistir no divórcio.

O coração de Ahmed derreteu e ele concordou em fazer outro teste. Consequentemente, na manhã seguinte, ele saiu com seu astrolábio, seus doze signos do zodíaco e seu almanaque, exclamando, como antes:

— Eu sou astrólogo! Eu conheço o sol, a lua, as estrelas e os doze signos do zodíaco. Eu posso calcular natividades! Posso prever tudo o que vai acontecer!

Uma multidão novamente se reuniu em torno dele, mas agora era com admiração, e não com escárnio, pois a história do rubi se espalhara, e a voz da fama converteu o pobre sapateiro Ahmed no mais hábil e erudito astrólogo que já fora visto em Isfahan.

Enquanto todos olhavam para ele, uma senhora passou coberta com véus. Ela era esposa de um dos mercadores mais ricos da cidade e acabara de ir ao Hemmâm, onde perdera um colar e brincos valiosos. Ela agora estava voltando para casa em grande angústia, temendo que seu marido suspeitasse

que ela dera suas joias a algum amante. Vendo a multidão ao redor de Ahmed, ela perguntou o motivo da aglomeração e foi informada de toda a história do famoso astrólogo: como ele tinha sido um sapateiro, foi inspirado por conhecimentos sobrenaturais e como ele pode, com a ajuda de seu astrolábio, seus doze signos do zodíaco e seu almanaque, descobrir tudo o que já aconteceu ou iria acontecer no mundo. A história do joalheiro e do rubi do rei foi então contada a ela, acompanhada por mil circunstâncias maravilhosas que nunca aconteceram. A senhora, bastante satisfeita com sua habilidade, aproximou-se de Ahmed e mencionou sua perda, dizendo:

– Um homem com o seu conhecimento encontrará facilmente minhas joias: encontre-as e eu lhe darei cinquenta moedas de ouro.

O pobre sapateiro ficou bastante confuso e olhou para baixo, pensando apenas em como escapar sem expor publicamente sua ignorância. A senhora, ao se espremer entre a multidão, rasgou a parte inferior do véu. Os olhos baixos de Ahmed perceberam isso e, desejando informá-la de uma maneira delicada, antes que fosse percebido por outros, ele sussurrou para ela:

– Senhora, olhe para baixo para o rasgo.

A cabeça da senhora estava distante e ela estava naquele momento se esforçando para se lembrar de como isso poderia ter ocorrido. O discurso de Ahmed trouxe a lembrança imediatamente à sua mente, e ela exclamou com grande surpresa:

– Fique aqui alguns momentos, ó grande astrólogo. Voltarei imediatamente com a recompensa que você tanto merece.

Dizendo isso, ela o deixou e logo voltou, trazendo em uma das mãos o colar e os brincos, e na outra uma bolsa com as cinquenta moedas de ouro.

– Há ouro para ti – disse ela –, homem maravilhoso, a quem todos os segredos da natureza foram revelados! Eu tinha esquecido completamente onde coloquei as joias e, sem você, nunca as teria encontrado! Mas, quando desejaste que eu olhasse o rasgo abaixo, imediatamente me lembrei da rachadura perto da parte inferior da parede do banheiro, onde, antes de me despir, escondi-as. Agora posso voltar para casa em paz e conforto e tudo se deve a ti, o mais sábio dos homens!

Depois dessas palavras, ela foi embora, e Ahmed voltou para sua casa, grato pela sua sorte e por sua preservação e totalmente decidido a nunca mais tentá-la. Sua bela esposa, no entanto, ainda não podia rivalizar com a dama do astrólogo oficial em sua aparição no Hemmâm, então ela renovou suas súplicas e ameaças, para que seu querido marido continuasse sua carreira como astrólogo.

Por volta da mesma época, aconteceu que o tesouro do rei – quarenta baús de ouro e joias, que formavam a maior parte da riqueza do reino – foi roubado. O alto tesoureiro e outros oficiais do Estado usaram de toda diligência para encontrar os ladrões, mas em vão. O rei mandou chamar seu astrólogo oficial e declarou que, se os ladrões não fossem detectados no tempo determinado, ele e os principais ministros deveriam ser condenados à morte.

Restava apenas um dia do curto período que lhes foi concedido. Todas as buscas foram infrutíferas, e o astrólogo oficial do rei, que fez seus cálculos e exauriu sua arte inutilmente, havia aceitado seu destino, quando um de seus amigos o aconselhou a chamar o maravilhoso sapateiro, que tinha se tornado famoso por suas descobertas extraordinárias. Dois servos foram despachados imediatamente para buscar Ahmed, a quem ordenaram que os acompanhasse até seu senhor.

– Você vê os efeitos de sua ambição? – disse o pobre sapateiro à esposa. – Eu estou indo para a minha morte. O astrólogo do rei ouviu falar da minha presunção e está determinado a me executar como impostor.

O pobre Ahmed concluiu que tudo estava acabado e seguiu o mensageiro do rei, orando a Deus para que o livrasse desse perigo. Quando ele veio à presença do rei, ele curvou seu corpo no chão e desejou à sua majestade longa vida e prosperidade.

– Diga-me, Ahmed – disse o rei –, quem roubou meu tesouro?

– Não foi um homem – respondeu Ahmed, após pensar um pouco. – Havia quarenta ladrões envolvidos no roubo.

– Muito bem – disse o rei. – Mas quem eram eles? E o que eles fizeram com meu ouro e joias?

– Essas perguntas – disse Ahmed – não posso agora responder, mas espero satisfazer vossa majestade se me conceder quarenta dias para fazer meus cálculos.

– Concedo-lhe quarenta dias, mas, quando eles acabarem, se meu tesouro não for encontrado, pagará com sua vida.

Ahmed voltou para sua casa satisfeito, pois resolveu aproveitar o tempo concedido pelo rei e fugir da cidade onde sua fama provavelmente seria sua ruína.

– Bem, Ahmed – disse sua esposa, quando ele entrou –, que novidades você traz hoje?

– Nenhuma notícia – disse ele –, exceto que devo ser condenado à morte ao fim de quarenta dias, a menos que encontre quarenta baús de ouro e joias que foram roubados do tesouro real.

- Mas você vai descobrir quem foram os ladrões.
- Como? Por que meios poderei encontrá-los?
- Pela mesma arte que descobri o rubi e o colar da senhora.
- A mesma arte! – respondeu Ahmed. – Mulher tola! Tu sabes que não tenho arte e que apenas finge ter isso para te agradar. Mas tive habilidade suficiente para ganhar quarenta dias, durante os quais podemos facilmente escapar para alguma outra cidade; e com o dinheiro que agora possuo e com a ajuda de minha ocupação anterior, ainda podemos obter um meio de vida honesto.
- Um meio de vida honesto! – repetiu a mulher, com desprezo. – Seus sapatos, quer dizer, desgraçado sem espírito, alguma vez me capacitará a ir ao Hemmâm como a esposa do astrólogo oficial? Ouça-me, Ahmed! Pense apenas em descobrir o tesouro do rei. Você tem a mesma chance que tinha de encontrar o rubi, o colar e os brincos. Se você tentar fugir, eu informarei os oficiais do rei, e você será preso e condenado à morte, mesmo antes que os quarenta dias terminem. Tu me conheces muito bem, Ahmed, para duvidar que mantendo minha palavra. Portanto, tome coragem e se esforce para fazer sua fortuna e me colocar naquela categoria de vida a que minha beleza me dá direito.

O pobre sapateiro ficou consternado com esse discurso, mas, sabendo que não havia esperança de mudar a resolução de sua esposa, ele se resignou ao seu destino.

- Bem – disse ele –, sua vontade será obedecida. Tudo que desejo é passar os poucos dias restantes de minha vida o mais confortavelmente possível. Você sabe que não sou um erudito e tenho pouca habilidade em fazer contas; portanto, são quarenta tâmaras: dê-me uma delas todas as noites, depois de fazer minhas orações, para que eu possa colocá-las em uma jarra

e, contando-as, possa sempre ver quantos dos poucos dias que tenho de vida se foram.

A senhora, satisfeita em ter sua solicitação atendida, pegou as tâmaras e prometeu ser pontual em fazer o que seu marido desejava.

Enquanto isso, os ladrões que roubaram o tesouro do rei, tendo sido impedidos de deixar a cidade por medo de serem detectados e perseguidos, receberam informações precisas de todas as medidas tomadas para descobri-los. Um deles estava entre a multidão diante do palácio no dia em que o rei mandou chamar Ahmed e, ouvindo que o sapateiro havia declarado imediatamente o número exato de ladrões, correu assustado para seus companheiros e exclamou:

– Todos nós fomos descobertos! Ahmed, o novo astrólogo, disse ao rei que somos quarenta.

– Não era necessário nenhum astrólogo para dizer isso – disse o capitão da gangue. – Este Ahmed, com toda sua bondade simples, é um sujeito astuto. Depois de quarenta baús roubados, ele adivinhou naturalmente que devia haver quarenta ladrões e deu um bom palpite, só isso. Ainda assim, é prudente vigiá-lo, pois ele certamente fez algumas descobertas estranhas. Um de nós deve ir esta noite, depois de escurecer, ao terraço da casa desse sapateiro e ouvir sua conversa com sua bela esposa, pois dizem que ele gosta muito dela e, sem dúvida, dirá a ela o sucesso que teve em seus esforços para nos detectar.

Todos aprovaram esse esquema e, logo depois do anoitecer, um dos ladrões dirigiu-se ao terraço. Ele chegou lá assim que o sapateiro havia terminado suas orações noturnas, e sua esposa estava lhe dando a primeira tâmara.

– Ah! – disse Ahmed, ao pegar o fruto. – Um de quarenta!

O ladrão, ao ouvir essas palavras, correu consternado de volta à quadrilha e disse-lhes que, no momento em que assumiu seu posto, fora percebido pelo conhecimento sobrenatural de Ahmed, que imediatamente disse à esposa que um deles estava ali. Seus companheiros não creditaram na história do espião, pois, afinal, ele poderia ter se enganado. Em suma, o líder estava determinado a enviar dois homens na noite seguinte à mesma hora. Eles chegaram na casa no momento em que Ahmed, tendo terminado suas orações, recebera o segundo fruto e o ouviram exclamar:

– Minha querida esposa, esta noite são dois!

Os ladrões espantados fugiram e contaram aos seus ainda incrédulos camaradas o que tinham ouvido. Consequentemente, três homens foram enviados na terceira noite, quatro na quarta noite e assim por diante. Com medo de se aventurar durante o dia, eles sempre iam ao anoitecer e, no momento em que Ahmed recebia seu fruto, todos o ouviam dizer aquilo que os convencia de que ele estava ciente de sua presença. Na última noite, todos foram, e Ahmed exclamou em voz alta:

– O número está completo! Esta noite, temos quarenta!

Não havia mais dúvidas. Era impossível que Ahmed os tivesse descoberto por qualquer meio natural. Como ele poderia saber o número exato? E noite após noite, sem nunca ter se enganado? Ele devia ter descoberto por sua habilidade em astrologia. Mesmo o capitão cedeu e, apesar de sua incredulidade, declarou que era inútil iludir um homem assim talentoso. Ele, portanto, aconselhou que fizessem amizade com o sapateiro, confessando-lhe tudo e subornando-o para manter o segredo oferecendo uma parte do saque.

Seu conselho foi aprovado e, uma hora antes do amanhecer, eles bateram à porta de Ahmed. O pobre homem pulou da cama e, supondo que os soldados viessem conduzi-lo à execução, gritou:

- Tenha paciência! Eu sei o que você veio fazer. É uma ação muito injusta e perversa.
- Homem maravilhoso! – disse o capitão, quando a porta foi aberta. – Estamos plenamente convencidos de que sabes por que viemos e nem temos a intenção de justificar o que fizemos. Aqui estão duas mil moedas de ouro, que te daremos, desde que jure não dizer mais nada sobre o assunto.
- Não diga nada sobre isso! – disse Ahmed. – Você acha que é possível que eu possa sofrer tal erro e injustiça grosseiros sem reclamar e sem revelar isso a todo o mundo?
- Tenha misericórdia de nós! – exclamaram os ladrões, caindo de joelhos. – Poupe apenas nossas vidas, e nós restauraremos o tesouro real.

O sapateiro se assustou, esfregou os olhos para ver se estava dormindo ou acordado e, estando convencido de que aquilo era real e de que os homens à sua frente eram na verdade os ladrões, assumiu um tom solene e disse:

– Homens culpados! Estão convencidos de que não podem escapar de meu conhecimento, que alcança o sol e a lua e conhece a posição e o aspecto de cada estrela nos céus. Seu arrependimento oportuno lhes salvou. Mas vocês devem restaurar imediatamente tudo o que roubaram. Vão em frente e carreguem os quarenta baús exatamente como os encontraram e os enterrem a trinta centímetros de profundidade sob a parede sul do antigo Hemmâm em ruínas, além do palácio do rei. Se vocês fizerem isso pontualmente, suas vidas serão poupadadas, mas, se vocês falharem no menor detalhe, a destruição cairá sobre vocês e suas famílias.

Os ladrões prometeram obediência às suas ordens e partiram. Ahmed então caiu de joelhos e agradeceu a Deus por este sinal a seu favor. Cerca de duas horas depois, os guardas reais chegaram e pediram que Ahmed os seguisse. Ele disse que iria atendê-los assim que se despedisse de sua esposa, a quem

decidiu não contar o que havia acontecido até ver o resultado. Ele se despediu dela com muito carinho, e ela tentou convencê-lo a ter bom ânimo, dizendo algumas palavras sobre a bondade do destino. Mas o fato era que Sittâra imaginava que, se Deus tomasse o digno sapateiro para si, sua beleza poderia atrair algum amante rico que a capacitaria a ir ao Hemmâm com tanto esplendor quanto a senhora do astrólogo, cuja imagem, adornada com joias e roupas finas e cercada por escravos, ainda assombrava sua imaginação.

Os decretos do Céu são justos: uma recompensa adequada aos seus méritos esperava por Ahmed e sua esposa. O bom homem apresentou-se com semblante alegre diante do rei, que estava impaciente por sua chegada, e imediatamente disse:

- Ahmed, tua aparência é promissora. Encontraste o meu tesouro?
- Vossa majestade precisa dos ladrões ou do tesouro? As estrelas só vão conceder um ou outro – disse Ahmed, olhando para sua mesa de cálculos astrológicos. – Vossa majestade deve fazer sua escolha. Eu posso entregar qualquer um, mas não ambos.
- Eu deveria lamentar não punir os ladrões – respondeu o rei –, mas, se for assim, eu escolho o tesouro.
- E o senhor dá aos ladrões um perdão total e gratuito?
- Sim, desde que encontre meu tesouro intocado.
- Então – disse Ahmed –, se sua majestade me seguir, o tesouro será devolvido a você.

O rei e todos os seus nobres seguiram o sapateiro até as ruínas do antigo Hemmâm. Ali, olhando para o céu, Ahmed murmurou alguns sons, que os espectadores supunham ser conjurações mágicas, mas que, na realidade,

eram orações e ações de graças de um coração sincero e piedoso a Deus por sua maravilhosa libertação. Quando sua oração terminou, ele apontou para a parede sul e pediu que sua majestade ordenasse a seus assistentes que cavassem lá. O trabalho mal havia começado quando todos os quarenta baús foram encontrados no mesmo estado em que foram roubados, com o selo do tesoureiro sobre eles ainda intacto.

A alegria do rei não conhecia limites. Ele abraçou Ahmed e imediatamente o nomeou seu astrólogo oficial, designou-lhe um aposento no palácio e declarou que ele deveria se casar com sua única filha, pois era seu dever promover o homem a quem Deus tão singularmente favorecera e fizera de instrumento na restauração dos tesouros de seu reino. A jovem princesa, que era mais bonita do que a lua, não ficou insatisfeita com a escolha do pai, pois sua mente estava repleta de religião e virtude, e ela aprendera a valorizar, além de todas as qualidades terrenas, aquela piedade e conhecimento que ela acreditava que Ahmed possuía. A vontade real foi feita assim que formada. A roda da fortuna deu uma volta completa. Pela manhã, Ahmed havia acordado em uma cabana miserável, levantando-se de uma cama lamentável, na expectativa de perder a vida; à noite, ele era o senhor de um palácio rico e casado com a única filha de um rei poderoso. Mas essa mudança não alterou seu caráter. Como ele havia sido humilde nas adversidades, ele era modesto e gentil na prosperidade. Consciente de sua própria ignorância, continuou atribuindo sua boa fortuna apenas ao favor do destino. Ele se apegou cada vez mais à bela e virtuosa princesa com quem se casou e não podia deixar de contrastar o caráter dela com o de sua ex-esposa, a quem ele havia deixado de amar e de cuja vaidade irracional e insensível ele agora tinha plena consciência.

## *O cavalo mágico*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, c. 1700)

**E**ra a festa do Ano Novo, a mais antiga e esplêndida de todas as festas do reino da Pérsia, e o rei passara o dia na cidade de Schiraz, participando dos magníficos espetáculos preparados por seus súditos para homenagear o festival. O sol estava se pondo, e o monarca estava prestes a dar à sua corte o sinal para se retirar quando, de repente, um homem apareceu diante de seu trono, conduzindo um cavalo ricamente armado.

– Senhor – disse ele, prostrando-se enquanto falava –, embora eu apareça tão tarde diante de vossa alteza, posso assegurar-lhe que nenhuma das maravilhas que você viu durante o dia pode ser comparada a este cavalo.

– Não vejo nada nele – respondeu o rei – exceto uma inteligente imitação de um verdadeiro; e qualquer trabalhador habilidoso pode fazer o mesmo.

– Senhor – respondeu o homem –, não me refiro à aparência dele, mas a como posso usá-lo. Só tenho que montá-lo, desejar estar em algum lugar especial, e não importa o quão distante esteja, e em poucos segundos eu me encontrarei lá. É isso, senhor, que torna o cavalo tão maravilhoso e, se vossa alteza me permitir, posso comprovar o que estou afirmado.

O rei da Pérsia, que se interessava por todas as coisas fora do comum e nunca havia encontrado um cavalo com tais qualidades, ordenou ao homem que montasse o animal e mostrasse o que ele sabia fazer. Em um instante, o

homem saltou sobre o cavalo e perguntou para onde o monarca desejava enviá-lo.

– Você vê aquela montanha? – perguntou o rei, apontando para uma enorme massa que se erguia no céu a cerca de quinze quilômetros de Schiraz. – Vá e traz-me a folha de uma palmeira daquela árvore.

As palavras mal saíram da boca do rei e o homem girou um parafuso colocado no pescoço do cavalo, perto da sela, e o animal saltou como um relâmpago e logo estava além da vista até mesmo dos olhos mais atentos. Em um quarto de hora, o homem foi visto voltando, trazendo a folha na mão e, guiando seu cavalo até o pé do trono, desmontou e colocou a folha diante do rei.

Assim que o monarca viu como o cavalo era espantosamente veloz, quis comprá-lo e não teve dúvidas de que o homem o venderia para ele.

– Pela aparência dele, nunca saberia como ele é valioso! – disse o rei. – Agradeço-lhe por ter me mostrado meu erro. Diga quanto ele custa.

– Senhor – respondeu o homem –, nunca duvidei de que um soberano tão sábio e talentoso como vossa alteza faria justiça ao meu cavalo, uma vez que conheceu seu poder. Cheguei mesmo a pensar que era provável que o senhor quisesse comprá-lo. Pelo muito que o prezo, vou entregá-lo à vossa alteza com uma condição. O cavalo não foi feito por mim, mas foi dado a mim pelo inventor, em troca de minha única filha, que me fez jurar que eu nunca me separaria dele, exceto por algum objeto de igual valor.

– Escolha o que quiser – gritou o monarca, interrompendo-o. – Meu reino é grande e cheio de belas cidades. Você só precisa escolher a que prefere para se tornar seu governante até o fim da vida.

– Senhor – respondeu o indiano, a quem a proposta não parecia tão generosa como parecia ao rei –, estou muito grato à vossa alteza por sua

oferta e imploro que não se ofenda comigo se eu disser que só posso entregar meu cavalo em troca da mão da princesa sua filha.

Uma gargalhada irrompeu entre os cortesãos ao ouvir essas palavras, e o príncipe Firouz Schah, o herdeiro aparente, ficou furioso com a presunção do homem. O rei, entretanto, achou que não custaria muito se separar da princesa para ganhar um bem tão precioso e, enquanto ele hesitava em sua resposta, o príncipe interrompeu.

– Senhor, não é possível que você duvide por um instante qual resposta deveria dar a uma barganha tão insolente. Considere o que você deve a si mesmo e ao sangue de seus ancestrais.

– Meu filho – respondeu o rei –, você fala nobremente, mas não percebe nem o valor do cavalo, nem o fato de que, se eu rejeitar a proposta do homem, ele fará o mesmo a algum outro monarca, e eu deveria me encher de desespero ao pensar que alguém além de mim possa possuir esta Sétima Maravilha do Mundo. Claro, não digo que aceitarei suas condições, e talvez ele possa ser levado à razão, mas enquanto isso eu gostaria que você examinasse o cavalo e, com a permissão do proprietário, testasse seus poderes.

O homem, que tinha ouvido a fala do rei, pensou ter visto nela sinais de que ele fosse ceder à sua proposta; então, alegremente concordou com os desejos do monarca e se adiantou para ajudar o príncipe a montar o cavalo e mostrar-lhe como guiá-lo. Contudo, antes que tivesse tempo de dar a explicação, o jovem girou o parafuso e logo sumiu de vista.

Eles esperaram por algum tempo, desejando a cada momento que pudessem ver o príncipe retornando a distância, mas, por fim, o homem ficou com medo e, prostrando-se diante do trono, disse ao rei:

- Senhor, vossa alteza deve ter notado que o príncipe, na sua impaciência, não me permitiu dizer-lhe o que era preciso fazer para voltar ao lugar de onde partiu. Imploro-lhe que não me castigue pelo que não foi culpa minha.
- Mas por quê? – gritou o rei em uma explosão de medo e raiva. – Por que você não o chamou de volta quando o viu desaparecer?
- Senhor, a rapidez de seus movimentos me pegou tão de surpresa que ele já não podia ouvir antes de eu recuperar minha fala. Mas devemos esperar que ele perceba e gire um segundo parafuso, que terá o efeito de trazer o cavalo de volta.
- Mas supondo que ele faça isso – respondeu o rei –, o que impede o cavalo de descer direto ao mar ou despedaçá-lo nas rochas?
- Não tem, alteza – disse o homem –, o cavalo tem o dom de atravessar os mares e de levar seu cavaleiro aonde ele quiser.
- Bem, sua cabeça responderá por isso – respondeu o monarca – e, se em três meses ele não estiver seguro de volta comigo ou pelo menos não me enviar notícias de sua segurança, pagará com a sua vida.

Nisso, ele ordenou que seus guardas prendessem o homem e o jogassem na prisão.

Enquanto isso, o príncipe Firouz Schah havia subido alegremente no ar e por uma hora continuou a subir cada vez mais alto, até que as próprias montanhas não se distinguiam das planícies. Então ele começou a pensar que era hora de descer e presumiu que, para isso, bastaria girar o parafuso no sentido inverso, mas, para sua surpresa e horror, descobriu que, por mais que tentasse, nada acontecia. Ele então se lembrou de que nunca esperou para perguntar como faria para voltar à terra novamente e compreendeu o perigo em que se encontrava. Felizmente, ele não perdeu a cabeça e começou a examinar o pescoço do cavalo com muito cuidado, até que, por

fim, para sua grande alegria, descobriu uma pequena estaca, muito menor que a outra, perto da orelha direita. Ele se virou e se viu caindo no chão, embora mais devagar do que antes.

Já estava escuro e, como o príncipe não conseguia ver nada, ele foi obrigado, não sem algum sentimento de inquietação, a permitir que o cavalo seguisse seu próprio curso, e já havia passado de meia-noite quando o príncipe Firouz Schah tocou novamente o chão, desmaiando cansado da longa cavalgada e pelo fato de não ter comido nada desde o início da manhã.

A primeira coisa que fez ao desmontar foi tentar descobrir onde ele estava e, pelo que pôde descobrir na escuridão densa, viu-se no terraço do telhado de um enorme palácio, com uma balaustrada de mármore correndo em volta. Em um canto do terraço, havia uma pequena porta que dava para uma escada que descia para o palácio.

Algumas pessoas poderiam ter hesitado antes de explorar mais, mas não o príncipe.

– Não estou fazendo mal nenhum – disse ele – e, seja quem for o dono, ele não vai me tocar quando vir que estou desarmado.

Com medo de dar um passo em falso, desceu cautelosamente a escada. Em um patamar, ele notou uma porta aberta, além da qual havia um corredor levemente iluminado.

Antes de entrar, o príncipe fez uma pausa e prestou atenção, mas não escutou nada, exceto o som de homens roncando. À luz de uma lanterna suspensa no telhado, ele percebeu uma fileira de guardas dormindo, cada um com uma espada deitada ao lado, e ele entendeu que o salão deveria formar a antecâmara do quarto de alguma rainha ou princesa.

Parado, o príncipe Firouz Schah olhou em sua volta, até que seus olhos se acostumaram com a escuridão, e percebeu uma luz brilhante através de uma cortina em um canto. Ele então caminhou suavemente em direção a ela e, afastando suas dobras, passou para um magnífico aposento cheio de mulheres adormecidas, todas deitadas em sofás baixos, exceto uma, que estava em um sofá. Aquela, ele sabia, devia ser a princesa.

Gentilmente se aproximando de sua cama, ele olhou para ela e viu que ela era mais bonita do que qualquer mulher que ele já vira. Mas, fascinado como estava, ele estava bem ciente do perigo de sua posição, pois um grito de surpresa acordaria os guardas e causaria sua morte certa.

Ajoelhando-se silenciosamente, ele segurou a manga da princesa e puxou seu braço levemente em sua direção. A princesa abriu os olhos e, vendo diante dela um homem bonito e bem vestido, ficou muda de espanto.

O príncipe se curvou enquanto se ajoelhava e se dirigiu a ela:

– Vês, senhora, um príncipe em apuros, filho do rei da Pérsia, que, devido a uma aventura tão estranha que mal acreditarás, encontra-se aqui suplicante pela tua proteção. Ontem me encontrava na corte de meu pai, empenhado na celebração de nossa festa mais solene; hoje, estou em uma terra desconhecida, em perigo de vida.

Ora, a princesa era a filha mais velha do rei de Bengala, que descansava no palácio que seu pai construíra, a uma pequena distância da capital. Ela ouviu gentilmente o que ele tinha a dizer e então respondeu:

– Príncipe, não se preocupe. A hospitalidade e a humanidade são praticadas tão amplamente aqui quanto na Pérsia. A proteção que você pede será concedida por todos. Você tem minha palavra. – E quando o príncipe estava prestes a agradecê-la por sua bondade, ela acrescentou rapidamente:

– Por maior que seja minha curiosidade em saber como você viajou até aqui tão rapidamente, eu sei que você deve estar desmaiando por falta de comida, então eu darei ordens às minhas servas para levá-lo a um dos meus aposentos, onde lhe darão comida e você poderá descansar.

A essa altura, as servas da princesa já estavam todas acordadas e ouvindo a conversa. A um sinal de sua senhora, elas se levantaram, vestiram-se apressadamente e, pegando algumas das velas que iluminavam o quarto, conduziram o príncipe a um quarto grande e alto, onde duas delas prepararam sua cama, e o restante desceu para a cozinha, de onde logo voltaram com todo tipo de pratos. Então, mostrando-lhe armários cheios de vestidos e linho, eles deixaram o quarto.

Durante sua ausência, a princesa, que ficara muito impressionada com a beleza do príncipe, tentou em vão dormir novamente. Não adiantou: ela se sentia bem acordada e, quando suas criadas entraram na sala, ela perguntava ansiosamente se o príncipe tinha tudo o que queria e o que pensavam dele.

– Senhora – responderam elas –, é claro qual impressão este jovem causou em você. Para nós mesmas, pensamos que você teria sorte se o rei seu pai permitisse que você se casasse com alguém tão amável. Certamente não há ninguém na corte que possa ser comparado a ele.

Essas observações lisonjeiras não desagradaram de forma alguma a princesa, mas, como ela não queria trair seus próprios sentimentos, ela apenas disse:

– Vocês todas são um bando de tagarelas; voltem para a cama e me deixem dormir.

Ao se vestir na manhã seguinte, as criadas notaram que, ao contrário de seu hábito, a princesa estava muito exigente com sua higiene e insistia que seu cabelo fosse penteadas duas ou três vezes. “Se minha aparência não

desagradou o príncipe quando ele me viu na condição em que eu estava, ele ficará mais encantado se eu estiver arrumada”, pensou.

Então ela colocou no cabelo os maiores e mais brilhantes diamantes que conseguiu encontrar, com um colar, pulseiras e cinto, todos de pedras preciosas. E, sobre os ombros, suas damas colocaram um manto do material mais rico de todas as Índias, que ninguém tinha permissão de usar, exceto os membros da família real. Quando já estava totalmente vestida de acordo com seus desejos, ela mandou saber se o príncipe da Pérsia estava acordado e pronto para recebê-la, porque ela desejava se apresentar a ele.

Quando o mensageiro da princesa entrou em seu quarto, o príncipe Firouz Schah respondeu:

– A vontade dela é minha lei, só estou aqui para obedecer às suas ordens.

Em alguns instantes, a própria princesa apareceu e, depois que os elogios habituais foram trocados entre eles, a princesa sentou-se em um sofá e começou a explicar ao príncipe suas razões para não falar com ele em seus próprios aposentos.

– Se eu tivesse feito isso – disse ela –, poderíamos ter sido interrompidos a qualquer hora pelo chefe, que tem o direito de entrar quando quiser, considerando que este é um terreno proibido. Estou totalmente impaciente para saber o maravilhoso acaso que proporcionou a sua chegada e é por isso que vim aqui, onde ninguém pode se intrometer. Comece então a sua história, eu imploro, sem demora.

Assim, o príncipe começou a narrativa do início, contando toda a história do festival de Nedrouz, realizado anualmente na Pérsia, e dos esplêndidos espetáculos celebrados em sua homenagem. Mas, quando ele chegou à parte do cavalo encantado, a princesa declarou que ela nunca poderia ter imaginado algo tão surpreendente.

– Bem, então – continuou o príncipe –, você pode facilmente entender como o rei, meu pai, que tem paixão por todas as coisas curiosas, foi tomado por um desejo violento de possuir este cavalo e perguntou ao homem por quanto o venderia. A resposta do homem foi absurda: não foi nada menos que a mão da princesa, minha irmã. Embora todos os espectadores rissem e zombassem e eu estivesse fora de mim de raiva, meu pai considerou a proposta. Tentei argumentar com ele, mas em vão. Ele apenas me pediu que eu examinasse o cavalo.

O príncipe continuou:

– Para agradar a meu pai, montei o cavalo e, sem esperar nenhuma instrução do homem, girei o parafuso como o vira fazer. Em um instante, estava voando, muito mais rápido do que uma flecha poderia voar, e senti como se estivesse me aproximando tanto do céu que em breve bateria a cabeça contra ele! Não conseguia ver nada abaixo de mim e, por algum tempo, fiquei tão confuso que nem sabia em que direção estava viajando. Ao escurecer, encontrei outro parafuso e, ao girá-lo, o cavalo começou a descer lentamente em direção à terra. Fui obrigado a confiar no acaso e a ver o que o destino reservava, e já passava da meia-noite quando me vi no telhado deste palácio. Desci sorrateiramente a escadaria e fui direto para uma luz que percebi por uma porta aberta, então espiei com cautela e vi, como você deve imaginar, os guardas dormindo no chão. Eu sabia dos riscos que corria, mas minha necessidade era tão grande que não dei atenção a eles e atravessei para a cortina que escondia sua entrada.

– O resto, princesa, você sabe, e só me resta agradecer a gentileza que você tem me mostrado e assegurar-lhe minha gratidão. Pela lei das nações, eu já sou seu escravo, e só tenho meu coração, que é meu, para lhe oferecer. Mas o que estou dizendo? Senhora, meu coração foi seu desde o primeiro momento em que a vi!

O ar com que ele disse essas palavras não poderia ter deixado dúvidas na mente da princesa quanto ao efeito de seus encantos, e o rubor que atingiu seu rosto apenas aumentou sua beleza.

– Príncipe – respondeu ela assim que sua confusão lhe permitiu falar –, deixe-me dizer o quanto devo ao acaso que o levou para a minha casa; você não poderia ter entrado em nenhum lugar que lhe daria uma recepção mais calorosa. Quanto a ser um escravo, declaro que isso é apenas uma piada, e minha própria recepção deveria ter lhe garantido que você é tão livre aqui quanto na corte de seu pai. Quanto ao seu coração – continuou ela em tom de encorajamento –, tenho certeza de que deve ter sido disposto, muito tempo atrás, para alguma princesa digna disso, e eu não poderia pensar em ser a causa de sua infidelidade para com ela.

O príncipe Firouz Schah ia protestar que não havia outra mulher, mas foi impedido pela entrada de uma das acompanhantes da princesa, que anunciou que o jantar estava servido, e, afinal, nenhum dos dois lamentou a interrupção.

O jantar foi servido em um magnífico aposento, com a mesa coberta com deliciosas frutas, enquanto, durante a refeição, garotas ricamente vestidas cantavam suave e docemente ao som de instrumentos de cordas. Depois que o príncipe e a princesa terminaram, eles passaram para uma pequena sala forrada de azul e dourado, dando para um jardim repleto de flores e medronheiros, bem diferente de qualquer um que se encontrava na Pérsia.

– Princesa – observou o jovem –, até agora sempre acreditei que a Pérsia pudesse se orgulhar de palácios mais bonitos e jardins mais lindos do que qualquer reino na terra, mas meus olhos foram abertos e começo a perceber que, onde quer que haja um grande rei, ele se cercará de edifícios dignos dele.

– Príncipe – respondeu a princesa de Bengala –, não tenho ideia de como é um palácio persa, por isso, não posso fazer comparações. Não desejo depreciar meu próprio palácio, mas posso lhe assegurar que é muito pobre comparado ao do rei, meu pai, como você verá quando estiver lá para cumprimentá-lo, como espero que faça em breve.

Agora a princesa esperava que, ao promover um encontro entre o príncipe e seu pai, o rei ficasse tão impressionado com o ar distinto e as maneiras finas do jovem que lhe oferecesse sua filha como esposa. Mas a resposta do príncipe da Pérsia à sua sugestão não foi bem o que ela desejava.

– Senhora – disse ele –, aproveitando sua proposta de visitar o palácio do rei de Bengala, eu deveria satisfazer não apenas minha curiosidade, mas também os sentimentos de respeito com os quais a considero, mas, princesa, você concordará que não posso me apresentar diante de um soberano tão grande sem os servos adequados à minha categoria. Ele me consideraria um aventureiro.

– Se for esse o problema – respondeu ela –, você poderá ter quantos servos quiser. Há muitos mercadores persas e, quanto a dinheiro, meu tesouro está sempre aberto para você. Leve o que quiser.

O príncipe Firouz Schah adivinhou o que motivou tanta gentileza por parte da princesa e ficou muito tocado por isso. Mesmo assim, sua paixão, que aumentava a cada momento, não o fazia esquecer seu dever. Então ele respondeu sem hesitar:

– Eu não sei, princesa, como expressar minha gratidão por sua oferta, que eu aceitaria imediatamente se não fosse pela lembrança de todo o mal-estar que o rei, meu pai, deve estar sofrendo por minha causa. Eu seria indigno, na verdade, de todo o amor que ele derrama sobre mim se eu não voltasse para ele no primeiro momento possível. Enquanto eu estou desfrutando da companhia da mais amável de todas as princesas, ele está, tenho certeza,

mergulhado em profunda tristeza, tendo perdido todas as esperanças de me ver novamente. Tenho certeza de que você vai entender minha posição e vai sentir que ficar longe um instante a mais do que o necessário seria não apenas ingrato de minha parte, mas talvez até um crime, pois como posso saber se minha ausência não pode partir seu coração?

O príncipe continuou:

– Tendo obedecido à voz de minha consciência, contarei minutos até que possa, com sua graciosa permissão, me apresentar ao rei de Bengala, não como um andarilho, mas como um príncipe, para implorar o favor de sua mão.

A princesa de Bengala achou razoável não aceitar a explicação oferecida pelo príncipe Firouz Schah, mas ficou muito perturbada com sua intenção de partir imediatamente, pois temia que, assim que ele a deixasse, a impressão que ela causara iria desaparecer. Então ela fez mais um esforço para mantê-lo e, depois de assegurar-lhe que aprovava inteiramente sua ansiedade em ver o pai, implorou que lhe desse um ou dois dias a mais de sua companhia.

O príncipe não conseguiu recusar esse pedido, e a princesa começou a inventar todo tipo de diversão para ele e teve tanto sucesso que dois meses se passaram quase despercebidos, com bailes, espetáculos e caça. Um dia, entretanto, ele declarou finalmente que não poderia mais negligenciar seu dever e rogou-lhe que não colocasse mais obstáculos em seu caminho, prometendo voltar o mais rápido possível, com toda a magnificência devida.

– Princesa – acrescentou ele –, pode ser que em seu coração você veja como aqueles falsos amantes cuja devoção não pode resistir ao teste da ausência. Se o fizer, você me prejudicará; e se não fosse por medo de offendê-la, eu imploraria que você viesse comigo, pois minha vida só será

feliz com você ao meu lado. Quanto à sua recepção na corte persa, será tão calorosa quanto seus méritos merecem e, quanto ao que diz respeito ao rei de Bengala, se ele não consentir com nosso casamento, isso significa que ele é muito mais indiferente ao seu bem-estar do que você me fez acreditar.

A princesa não encontrou palavras para responder aos argumentos do príncipe da Pérsia, mas seu silêncio e seu olhar abatido falavam por ela. Por fim, declarou que ela não tinha objeções a acompanhá-lo em suas viagens.

A única dificuldade que ocorreu a ela foi que o príncipe Firouz Schah não sabia como lidar com o cavalo, e ela temeu que eles pudessem se ver na mesma situação de antes; mas o príncipe acalmou seus medos com tanto sucesso que ela não teve outro pensamento a não ser providenciar sua fuga tão secretamente que ninguém no palácio deveria suspeitar disso.

Na manhã seguinte, quando todo o palácio estava dormindo, ela subiu sorrateiramente no telhado, onde o príncipe já a esperava, com a cabeça do cavalo voltada em direção à Pérsia. Ele montou primeiro e ajudou a princesa a subir; então, ele tocou o parafuso, e o cavalo começou a deixar a terra rapidamente para trás.

Ele viajou com sua velocidade costumeira, e o príncipe Firouz Schah o guiou tão bem que, em duas horas e meia desde o momento da partida, ele viu a capital da Pérsia abaixo dele. Decidiu descer não na grande praça de onde partira, nem no palácio do sultão, mas em uma casa de campo a uma pequena distância da cidade. Lá, ele mostrou à princesa uma bela suíte e implorou que ela descansasse, enquanto informava a seu pai de sua chegada e preparava uma recepção pública digna de sua posição. Então ele ordenou que um cavalo fosse selado e partiu.

Em todo o percurso pelas ruas, foi recebido com gritos de alegria pelo povo, que há muito havia perdido a esperança de revê-lo. Ao chegar ao palácio, ele encontrou o sultão cercado por seus ministros, todos vestidos com o

mais profundo luto, e seu pai quase enlouqueceu de surpresa e deleite com o simples som da voz de seu filho. Quando se acalmou um pouco, implorou ao príncipe que relatasse suas aventuras.

O príncipe imediatamente aproveitou a abertura que lhe era dada e contou toda a história do tratamento que recebera da princesa de Bengala, nem mesmo ocultando o fato de que ela se apaixonara por ele.

– E, senhor – concluiu o príncipe –, tendo dado minha palavra real de que o senhor não recusaria seu consentimento em nosso casamento, persuadi-a a voltar comigo no cavalo. Eu a deixei em uma das casas de campo de sua alteza, onde ela está esperando ansiosamente para ter certeza de que eu não prometi em vão.

Ao dizer isso, o príncipe estava prestes a se lançar aos pés do sultão, mas seu pai o impediu e, abraçando-o novamente, disse ansiosamente:

– Meu filho, não apenas consinto de bom grado em seu casamento com a princesa de Bengala, mas também me apressarei em prestar meus respeitos a ela e agradecê-la pessoalmente pelos benefícios que ela lhe conferiu. Eu a trarei de volta comigo, e faça todos os preparativos para que o casamento seja celebrado hoje.

Assim, o sultão deu ordens para que fossem abandonados os hábitos de luto do povo e que houvesse um concerto de tambores, trombetas e címbalos. Ele também ordenou que o homem que vendera o cavalo deveria ser tirado da prisão e trazido à sua presença.

Suas ordens foram obedecidas, e o vendedor foi conduzido até sua presença, cercado por guardas.

– Eu o mantive trancado – disse o sultão – para que, caso meu filho se perdesse, sua vida pagasse o preço. Ele agora voltou. Portanto, pegue seu cavalo e vá embora para sempre.

O homem abandonou apressadamente a presença do sultão e, ao sair, perguntou ao homem que o havia tirado da prisão onde o príncipe estivera realmente todo esse tempo e o que ele estivera fazendo. Contaram-lhe toda a história e como a princesa de Bengala já então esperava no palácio rural o consentimento do sultão, o que imediatamente pôs na cabeça do indiano um plano de vingança pelo tratamento que sofrera. Indo direto para a casa de campo, informou ao porteiro que ficara no comando que fora enviado pelo sultão e pelo príncipe da Pérsia para buscar a princesa no cavalo encantado e levá-la ao palácio.

O porteiro conhecia o vendedor de vista e, é claro, sabia que quase três meses antes ele havia sido lançado na prisão pelo sultão. Ao vê-lo em liberdade, o homem deu por certo que ele falava a verdade e não teve dificuldade em conduzi-lo até a princesa de Bengala.

O vendedor, encantado com o sucesso de seu esquema, montou no cavalo, ajudou a princesa a montar atrás dele e girou o parafuso no momento em que o príncipe estava saindo do palácio de Schiraz para a casa de campo, seguido de perto pelo sultão e toda a corte. Sabendo disso, o homem dirigiu deliberadamente o cavalo bem acima da cidade, a fim de que sua vingança pela prisão injusta fosse ainda mais rápida e doce.

Ao ver o cavalo e os seus cavaleiros, o sultão da Pérsia parou com espanto e horror e irrompeu em pragas e maldições, que o homem ouviu sem se comover, sabendo que estava perfeitamente a salvo de uma perseguição. Por mais mortificado e furioso que o sultão estivesse, sua ira não era nada perto da do príncipe Firouz Schah, que viu a mulher por quem estava apaixonado sendo levada embora rapidamente. Enquanto ele estava sem palavras devido à tristeza e ao remorso por não a ter guardado melhor, ela desapareceu rapidamente de sua vista. O que ele deveria fazer? Ele deveria seguir seu pai ao palácio e ali dar rédeas ao seu desespero? Tanto seu amor quanto sua coragem o proibiam e ele continuou seu caminho para o palácio.

Ao ver o príncipe, o porteiro percebeu a tolice ele cometera e, atirando-se aos pés de seu mestre, implorou seu perdão.

– Levante-se – disse o príncipe –, eu sou a causa deste infortúnio, e não você. Vá e encontre-me uma veste de dervixe, mas tenha cuidado de dizer que é para mim.

A uma curta distância da casa de campo, ficava um convento de dervixes, e o superior era amigo do porteiro. Assim, por meio de uma falsa história inventada no calor do momento, foi fácil conseguir uma veste de dervixe, que o príncipe vestiu imediatamente, em vez da sua. Disfarçado assim e escondendo sobre si uma caixa de pérolas e diamantes que pretendia dar de presente à princesa, ele saiu de casa ao cair da noite, sem saber para onde deveria ir, mas decidido firmemente a não voltar sem ela.

Enquanto isso, o vendedor havia virado o cavalo em tal direção que, antes de muitas horas se passarem, ele havia entrado em um bosque próximo à capital do reino de Cashmere. Sentindo muita fome e supondo que a princesa também pudesse estar precisando de comida, ele levou seu corcel para a terra e deixou a princesa em um lugar sombrio, às margens de um riacho claro.

No início, quando a princesa se viu sozinha, ocorreu-lhe a ideia de tentar escapar e se esconder, mas, como quase não havia comido desde que deixara Bengala, ela se sentia fraca demais para se aventurar longe e foi obrigada a abandonar seu projeto. O homem voltou com vários tipos de carne, e ela começou a comer vorazmente e logo recuperou coragem suficiente para responder às suas observações insolentes. Instigada por suas ameaças, ela se levantou rapidamente, gritando em voz alta por socorro e, felizmente, seus gritos foram ouvidos por uma tropa de cavaleiros, que cavalgou até lá para perguntar o que estava acontecendo.

O líder desses cavaleiros era o sultão de Cashmere, retornando da perseguição, e ele imediatamente se voltou para o vendedor para perguntar quem ele era e quem estava com ele. O homem respondeu rudemente que era sua esposa e que não havia motivo para mais ninguém interferir entre eles.

A princesa, que, é claro, ignorava a posição de seu libertador, negou totalmente a história do vendedor.

— Meu senhor — gritou ela —, quem quer que seja, não tenha fé neste impostor. Ele é um mago abominável, que neste dia me arrancou do príncipe da Pérsia, meu marido destinado, e me trouxe aqui neste cavalo encantado.

Ela teria continuado, mas suas lágrimas a sufocaram, e o sultão de Cashmere, convencido da verdade de sua história devido à sua beleza e a seu ar distinto, ordenou a seus seguidores que cortassem a cabeça do vendedor, o que foi feito imediatamente.

Apesar de ter sido resgatada de um perigo, parecia que ela havia caído em outro. O sultão ordenou que um cavalo fosse dado a ela, conduziu-a para um aposento em seu próprio palácio e selecionou escravas para atendê-la. Então, sem lhe dar tempo para agradecer por tudo o que havia feito, ele pediu que ela descansasse, dizendo que ela deveria lhe contar suas aventuras no dia seguinte.

A princesa adormeceu, lisonjeando-se de que só precisava contar sua história para que o sultão fosse tocado pela compaixão e a devolvesse ao príncipe sem demora.

Entretanto, quando o rei de Cashmere deixou sua presença na noite anterior, ele decidira que o sol não deveria se pôr novamente sem que a princesa se tornasse sua esposa, e ao amanhecer a proclamação de sua intenção foi feita

por toda a cidade, ao som de tambores, trombetas, pratos e outros instrumentos escolhidos para encher o coração de alegria. A princesa de Bengala foi acordada cedo com o barulho, mas nem por um momento imaginou que tivesse algo a ver com ela, até que o sultão, chegando assim que ela estava vestida para perguntar sobre sua saúde, informou-a de que a trombeta e as explosões que ela ouvira faziam parte das cerimônias solenes de casamento, para as quais ele implorou que ela se preparasse. Esse anúncio inesperado causou à princesa tanto terror que ela desmaiou.

Os escravos que estavam esperando correram em seu socorro, e o próprio sultão fez o possível para trazê-la de volta à consciência, mas por um longo tempo tudo foi em vão. Por fim, seus sentidos começaram a voltar lentamente e, então, em vez de romper a fé com o príncipe da Pérsia consentindo em tal casamento, ela decidiu fingir loucura. Ela começou dizendo todos os tipos de absurdos e usando todos os tipos de gestos estranhos, enquanto o sultão permanecia olhando para ela com tristeza e surpresa. Mas, como esse ataque repentino não dava sinais de diminuir, ele a deixou com suas damas, ordenando-lhes que tomassem o maior cuidado com ela. Ainda assim, com o passar do dia, a doença parecia piorar e à noite era quase violenta.

Os dias se passaram dessa maneira, até que por fim o sultão de Cashmere decidiu convocar todos os médicos de sua corte para se consultarem sobre o triste estado dela. A resposta deles foi que a loucura tem tantos tipos diferentes que era impossível opinar sobre o caso sem ver a princesa. O sultão então deu ordens para que fossem levados ao seu quarto, um por um, cada homem de acordo com sua posição.

Essa decisão havia sido prevista pela princesa, que sabia muito bem que, se permitisse aos médicos sentir seu pulso, até o mais ignorante deles descobriria que ela estava em perfeito estado de saúde e que sua loucura era fingida. Cada vez que um homem se aproximava, ela fingia estar tendo

ataques tão violentos que ninguém se atreveu a encostar um dedo nela. Alguns, que fingiam ser mais espertos do que os outros, declararam que podiam diagnosticar doentes só de olhá-los, prescrevendo então certas poções, que ela não teve dificuldade em tomar, pois estava convencida de que eram todas inofensivas.

Quando o sultão de Cashmere viu que os médicos da corte nada podiam fazer para curar a princesa, chamou os da cidade, que não se saíram muito melhor. Em seguida, ele recorreu aos médicos mais famosos nas outras grandes cidades, mas, descobrindo que nenhum estava apto para examiná-la, finalmente enviou mensageiros para os outros estados vizinhos, com um memorando contendo todos os detalhes da loucura da princesa e oferecendo-se, ao mesmo tempo, para pagar as despesas de qualquer médico que viesse ver por si mesmo, além de uma bela recompensa para quem a curasse.

Muitos médicos estrangeiros foram até Cashmere, mas naturalmente não tiveram mais sucesso do que os outros, já que a cura não dependia nem deles nem de sua habilidade, mas apenas da própria princesa.

Isso foi o suficiente para induzir o príncipe a pegar a estrada para Cashmere e perguntar, na primeira pousada em que ele se hospedou na capital, sobre todos os detalhes da história. Quando soube que havia finalmente encontrado a princesa perdida por tanto tempo, ele começou a elaborar um plano para resgatá-la.

A primeira coisa que fez foi procurar uma túnica de médico, para que suas roupas, somadas à longa barba que deixara crescer em suas viagens, pudesse dar credibilidade à sua falsa profissão. Ele, então, não perdeu tempo em ir ao palácio e, enquanto se desculpava por sua ousadia em presumir que ele poderia curar a princesa sendo que tantos outros haviam

falhado, declarou que tinha certos remédios secretos, que até então nunca deixaram de fazer efeito.

O chefe dos oficiais de diligência garantiu-lhe que era calorosamente bem-vindo e que o sultão o receberia com prazer. Disse também que, em caso de sucesso, ele receberia uma recompensa magnífica.

Quando o príncipe da Pérsia, disfarçado de médico, foi trazido à sua presença, o sultão o conduziu até uma sala sob o telhado, que tinha uma abertura através da qual ele poderia observar a princesa, sem que ele mesmo fosse visto.

O príncipe olhou e viu a princesa reclinada em um sofá com lágrimas nos olhos, cantando baixinho para si mesma uma canção lamentando seu triste destino, que a privara, talvez para sempre, de um ser que ela tanto amava. O coração do jovem batia rápido enquanto ele ouvia, pois não precisava de mais nenhuma prova de que sua loucura era fingida e de que fora o amor por ele que a levara a recorrer a esse tipo de truque. Ele então saiu de seu esconderijo e voltou ao sultão, a quem relatou estar certo, por certos sinais, de que a enfermidade da princesa não era incurável, mas que deveriavê-la e falar com ela a sós.

O sultão logo consentiu e ordenou que o príncipe fosse conduzido ao aposento da princesa. No momento em que ela avistou a túnica de médico dele, ela saltou de sua cadeira em fúria e proferiu insultos contra ele. O príncipe não se abalou com o comportamento dela e, aproximando-se bastante, para que suas palavras pudessem ser ouvidas apenas por ela própria, disse sussurrando:

– Olhe para mim, princesa, e você verá que não sou médico, mas o príncipe da Pérsia, que veio para libertá-la.

Ao som de sua voz, a princesa de Bengala de repente se acalmou e uma expressão de alegria se espalhou por seu rosto, como ocorre quando aquilo que mais desejamos, mas temos poucas esperanças, acontece de repente. Por algum tempo, ela ficou encantada demais para falar, e o príncipe Firouz Schah aproveitou seu silêncio para lhe explicar tudo o que havia acontecido, seu desespero ao vê-la desaparecer diante de seus olhos, o juramento que havia feito de procurá-la pelo mundo e seu êxtase ao finalmente descobri-la no palácio de Cashmere. Quando ele terminou, ele implorou que a princesa lhe contasse como havia chegado ali, para que ele pudesse conceber melhor algum meio de resgatá-la da tirania do sultão.

Bastaram algumas palavras da princesa para que ele se inteirasse de toda a situação e de como ela havia sido forçada a fazer o papel de uma mulher louca para escapar de um casamento com o sultão, que nem mesmo teve a polidez suficiente para pedir seu consentimento. Se necessário, ela havia resolvido morrer antes de se permitir ser forçada a tal união e quebrar a promessa com o príncipe a quem amava.

O príncipe então perguntou se ela sabia o que havia acontecido com o cavalo encantado desde a morte do vendedor, mas a princesa não tinha ouvido nada sobre isso. Mesmo assim, ela não imaginou que o cavalo pudesse ter sido esquecido pelo sultão, depois de tudo que ela lhe contara sobre seu valor.

O príncipe concordou, e eles tentaram criar um plano para que ela pudesse escapar e voltar com ele para a Pérsia. E, como primeiro passo, ela deveria se vestir com cuidado e receber o sultão com civilidade quando ele a visitasse na manhã seguinte.

O sultão ficou emocionado ao saber o resultado da suposta consulta do médico. No entanto, ele se contentou em garantir a ela o quanto estava feliz por ver a saúde da princesa tão melhorada e a exortou a recorrer a um

médico tão hábil e a depositar nele toda a confiança. Em seguida, retirou-se, sem esperar resposta da princesa.

O príncipe da Pérsia saiu da sala ao mesmo tempo e perguntou se ele poderia humildemente perguntar por quais meios a princesa de Bengala havia chegado a Cashmere, que ficava tão distante do reino de seu pai, e como ela viera parar lá sozinha. O sultão achou a pergunta muito natural e contou-lhe a mesma história que a princesa de Bengala contara, acrescentando que havia ordenado que o cavalo encantado fosse guardado junto ao tesouro real, embora ele não tivesse nenhuma ideia de como o cavalo poderia ser usado.

– Senhor – respondeu o falso médico –, a história de vossa alteza me forneceu a pista de que eu precisava para completar a recuperação da princesa. Durante sua viagem para cá em um cavalo encantado, uma parte de seu encantamento foi de alguma forma passada a ela e só pode ser destruída por certos perfumes dos quais possuo o segredo. Se vossa alteza se dignar a consentir a dar à corte e ao povo um dos espetáculos mais surpreendentes que já viram, ordene que o cavalo seja trazido para a grande praça fora do palácio e deixe o resto comigo. Eu prometo que em poucos segundos, na presença de toda a multidão reunida, você verá a princesa tão saudável em mente e corpo como sempre foi em sua vida. E, para tornar o espetáculo o mais impressionante possível, eu sugeriria que ela fosse ricamente vestida e coberta com as mais nobres joias da coroa.

O sultão concordou prontamente com tudo o que o príncipe propôs e, na manhã seguinte, ordenou que o cavalo encantado fosse retirado do tesouro e levado para a grande praça do palácio. Logo começou a se espalhar o boato de que algo extraordinário estava para acontecer, e uma tal multidão começou a se juntar que os guardas tiveram que ser chamados para manter a ordem e abrir caminho para o cavalo encantado.

Quando tudo estava pronto, o sultão apareceu e ocupou seu lugar em uma plataforma, rodeado pelos principais nobres e oficiais de sua corte. Ao se sentarem, viram a princesa de Bengala saindo do palácio, acompanhada pelas damas que lhe haviam sido designadas pelo sultão.

Ela se aproximou lentamente do cavalo encantado e, com a ajuda de suas damas, montou nele. Imediatamente ela estava na sela, com os pés nos estribos, e o príncipe jogou por cima deles um perfume composto de todos os tipos de aromas deliciosos. Em seguida, cruzou as mãos sobre o peito e, com os olhos baixos, caminhou três vezes em volta do cavalo, murmurando certas palavras. Logo subiu dos braseiros em chamas uma fumaça densa que quase escondeu o cavalo e a princesa, e esse era o momento que ele esperava. Saltando atrás da princesa, ele se inclinou para frente e girou o parafuso. Assim que o cavalo disparou pelo ar, ele gritou alto de modo que suas palavras foram ouvidas por todos os presentes:

– Sultão de Cashmere, quando você deseja se casar com princesas que buscaram sua proteção, aprenda primeiro a obter o consentimento delas.

Foi assim que o príncipe da Pérsia resgatou a princesa de Bengala e voltou com ela para a Pérsia, onde desceram desta vez diante do palácio do próprio rei. O casamento foi adiado apenas o suficiente para tornar a cerimônia o mais brilhante possível e, assim que as comemorações terminaram, um embaixador foi enviado ao rei de Bengala para informá-lo do que havia acontecido e pedir uma aliança entre os dois países, o que ele consentiu de coração.

# *As viagens e aventuras de Simbad, o Marujo*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, 1704)<sup>2</sup>

*A vida de Simbad é cheia de perigos,  
Cheia de naufrágios, cheia de fome;  
Cheia de riquezas de grande valor,  
Cheia de tudo, menos da verdade.*

*As viagens de Simbad, o marujo, são um ciclo de histórias de origem no Oriente Médio. Simbad, o herói destas histórias, é um marinheiro fictício originário de Bagdá, que, no curso de sete viagens pelos mares a leste da África e ao sul da Ásia, vive aventuras fantásticas em reinos mágicos, encontrando monstros e testemunhando fenômenos sobrenaturais.*

**N**os tempos do califa Haroun-al-Raschid, vivia na cidade de Bagdá um pobre carregador chamado Hindbad. Um dia, quando o tempo estava excessivamente quente, Hindbad foi contratado para carregar um fardo pesado até muito longe na cidade onde morava. Quase desmaiando com o calor, muito cansado e tendo ainda um longo caminho a percorrer, ele entrou em uma rua onde uma brisa refrescante soprava em seu rosto e a calçada cheirava a água de rosas. Feliz por encontrar tal lugar de descanso, ele largou sua carga e sentou-se ao seu lado, perto de uma grande casa.

As janelas estavam abertas, e Hindbad percebeu o cheiro dos perfumes mais ricos que vinham de dentro. Em seguida, ele ouviu um maravilhoso concerto de todos os tipos de instrumentos musicais, misturados com as melhores vozes e as notas melodiosas de rouxinóis e outros pássaros raros. Hindbad nunca tinha estado naquele bairro da cidade antes e sentiu um grande desejo de saber a quem pertencia aquela magnífica casa. Vendo um criado parado no portão em uma libré esplêndida, ele avançou em direção a ele e, com grande humildade, perguntou o nome do dono da casa.

– Será possível – disse o servo – que você seja um habitante de Bagdá e não saiba que esta é a casa de Simbad, o Marujo, o famoso viajante que deu a volta ao mundo?

O pobre Hindbad, que sempre tinha ouvido falar das maravilhosas riquezas de Simbad, o Marujo, virou-se tristemente e sentou-se outra vez ao lado do grande fardo que tinha que carregar, gritando em voz alta:

– Ai de mim! Qual a diferença entre este homem afortunado e eu? Estou todos os dias exposto às maiores fadigas e a todas as misérias da extrema pobreza. Dificilmente poderei ganhar o suficiente para comprar um pão de cevada para sustentar minha família, enquanto o feliz Simbad gasta profusamente riquezas e leva uma vida de conforto e prazer contínuos. Ó céus! O que ele fez para ter tanta sorte? E por que estou condenado a tanta miséria?

Assim dizendo, Hindbad, dominado pela tristeza, jogou-se no chão e chorou amargamente.

Enquanto o pobre homem tolerava sua dor, um criado saiu da casa e, pegando-o pelo braço, disse-lhe que o senhor Simbad desejava falar com ele imediatamente. Hindbad ficou com muito medo, pensando que Simbad tinha ouvido suas lamentações e iria reprová-lo ou puni-lo. Portanto, tentou evitar de entrar em casa, dizendo que estava com pressa e que não podia

deixar seu fardo na rua. O servo de Simbad, no entanto, não aceitaria uma recusa, porque as ordens de seu mestre eram absolutas e, chamando outro criado para cuidar das mercadorias, conduziu o homem a um grande salão, no qual um grande grupo estava sentado em volta de uma mesa coberta com todos os tipos de iguarias servidas em pratos de prata e ouro. Na ponta da mesa, estava Simbad, um homem formoso e venerável com uma longa barba branca.

O terror de Hindbad aumentou ao ver tantas pessoas, então ele tremeu e ficou para trás, até que Simbad, da maneira mais cortês que se possa imaginar, pediu que ele se aproximasse, serviu-lhe dos pratos mais escolhidos e deu-lhe um excelente vinho em uma taça de cristal.

Ao terminarem o jantar, Simbad perguntou seu nome e sua ocupação.

- Meu nome é Hindbad, senhor, e eu não sou nada além de um pobre carregador.
- Bem, Hindbad – respondeu o dono da casa –, eu e meus amigos aqui estamos muito felizes em vê-lo: mas eu o chamei por causa de algumas palavras que ouvi você dizer, enquanto estava perto daquela janela.
- Ai de mim! – exclamou Hindbad, levantando-se da cadeira e corando excessivamente. – Confesso que meu cansaço e o calor do dia me deixaram de mau humor e me fizeram falar muitas coisas indiscretas, que imploro para que me perdoem.
- Meu bom amigo – respondeu Simbad –, não sou tão injusto a ponto de ficar ofendido com você, pelo contrário, tenho pena de sua condição. Quando ordenei que fosse trazido para cá, foi para te convencer de que não atingi essa condição feliz sem suportar mais sofrimentos e encontrar maiores perigos do que se pode bem imaginar. Sim, senhores – acrescentou, olhando em volta da mesa para seus convidados –, garanto-lhes que minhas

dificuldades foram tão extraordinárias que seriam suficientes para desencorajar o homem mais cobiçoso de correr os mesmos perigos em busca de riquezas. Para convencê-los da verdade do que afirmo, irei, se estiverem dispostos a me ouvir, relatar a história das aventuras extraordinárias que encontrei no decorrer de minhas sete viagens.

Todos pareceram entusiasmados, e Simbad, tendo ordenado a um servo que carregasse a carga de Hindbad para o local designado, começou sua narração assim:

## A primeira viagem de Simbad

Meu pai morreu quando eu era muito jovem e me deixou uma fortuna considerável. Sem ninguém para me guiar ou me controlar e estando rodeado apenas por pessoas perdulárias, continuei meus excessos até que fiquei doente. Meus amigos desordeiros então me abandonaram e eu fui deixado sozinho para lutar contra minhas doenças e suportar a severidade do remorso. Por fim, recuperei-me e, decidido a nunca mais voltar ao meu antigo modo de vida, juntei os restos de minha fortuna, vendi meus móveis e embarquei com vários mercadores a bordo de um navio, que tínhamos carregado conjuntamente com mercadorias, para o porto de Balsora.

No decorrer da nossa viagem, visitamos várias ilhas, onde vendemos ou trocamos nossas mercadorias. Um dia, estávamos em uma calmaria perto de uma pequena ilha quase no nível da superfície da água, quando o capitão ordenou que suas velas fossem enroladas, e nós mercadores, decidiram carregar nossas provisões e jantar por lá. Enquanto estávamos no meio dos preparativos para o jantar, rindo e acendendo uma grande fogueira para preparar a refeição, a ilha começou a se mover e, no mesmo momento, aqueles que ficaram no navio nos chamaram para voltar.

– Embarquem imediatamente ou estaremos todos perdidos! O que pensávamos ser uma ilha é o dorso de uma baleia monstruosa!

Os mais ágeis pularam nas ondas e começaram a nadar, mas, eu ainda estava nas costas da baleia quando ela mergulhou no mar e só tive tempo de agarrar-me ao largo pedaço de madeira que nos servia de mesa. Com ele, eu flutuei, mas a corrente me levou para longe do navio e, tendo o capitão recebido a bordo todos menos eu, concluiu que eu havia morrido. Com um vento forte favorável surgindo, ele içou as velas e prosseguiu sua viagem.

Lutei para me salvar o resto do dia e da noite. Na manhã seguinte, descobri que minhas forças haviam acabado, mas felizmente uma onda me jogou contra uma ilha. A margem era íngreme, porém, mesmo fraco e exausto como estava, escalei algumas raízes de árvores, que pareciam ter sido preservadas naquele lugar para minha segurança. Me deitei até o sol aparecer, quando, rastejando sobre minhas mãos e joelhos em busca de algumas ervas para comer, encontrei uma fonte de água excelente. Após me refrescar muito com a água, avancei mais ao longo da costa alta da ilha até chegar a uma caverna. Me deitei e dormi profundamente durante muitas horas. Quando acordei, era quase o pôr do sol. Saí apressadamente de minha caverna em busca de alguma habitação. Não encontrei nenhuma, mas logo cheguei a uma pequena planície, rodeada de belas árvores com todos os tipos de frutos. O que mais me surpreendeu, entretanto, foi ver um grande número de belos potros pastando juntos, mas nenhum vestígio de qualquer outro animal. Jantei frutas e subi nos galhos de uma árvore alta para me hospedar. Por volta da meia-noite, fiquei muito surpreso ao ouvir o som de trombetas, que pareciam atravessar por toda a ilha e continuaram durante a noite. Quando amanheceu, porém, tudo ainda parecia deserto. No dia seguinte, descobri que a ilha era pequena e redonda, não havia outra terra à vista e me dei como morto. Cada parte da costa estava repleta de enormes cobras marinhas e de peixes gigantes, alguns com cabeças de

corujas e outros com rostos humanos. Esses monstros marinhos me pareceram inofensivos, pois, depois de me virem chacoalhar dois gravetos, eles mergulharam no mar, e eu não os vi mais.

Subi em minha árvore novamente naquela noite, e os tambores e as trombetas da madrugada pareciam estar ainda mais altos do que antes. No terceiro dia, para minha grande alegria, um grupo de homens desembarcou na ilha e ficaram completamente surpresos ao me encontrar ali. Tendo relatado a eles o estranho acidente que se abatera sobre mim, eles me deram algumas provisões, e me informaram que eram os cavalariços do rei Mihrage. Disseram também que a ilha na qual fui parar se chamava Cassel e pertencia ao gênio guerreiro Degial, que a visitava todas as noites com tambores e trombeta. Contaram-me que o gênio, sendo amigo do rei Mihrage, permitiu-lhe treinar seus jovens potros na ilha, que tinha um pasto admirável, para que eles se tornassem os cavalos mais rápidos e melhores do mundo. Soube também que eles, os cavalariços do rei, eram enviados a cada seis meses para a ilha, para selecionar os cavalos jovens que pudesse ser colocados nos estábulos reais.

Os cavalariços me levaram com eles para a capital do rei Mihrage, que era um belo porto, onde navios chegavam diariamente de todos os cantos do mundo. O rei ofereceu-me um quarto em um de seus palácios e ficou muito contente com minha conversa.

Um dia, tendo caminhado até o cais principal, vi que vários marinheiros estavam ocupados descarregando um navio recém-chegado. Ao lançar os olhos sobre alguns dos fardos de mercadorias que desembarcavam, percebi que, pelas marcas que eram os mesmos que eu colocara a bordo quando embarquei para Balsora. Eu também conhecia o capitão, mas, supondo que ele acreditasse que eu havia morrido, perguntei descuidadamente a quem pertenciam aqueles fardos.

– A um comerciante de Bagdá – respondeu ele – que infelizmente morreu no mar e pretendo vender suas mercadorias até me encontrar com alguns de sua família, a quem prestarei contas do lucro.

– Capitão – disse eu –, sou Simbad e esses fardos são meus.

O capitão, levantando as mãos e os olhos com espanto, gritou em voz alta:

– Não resta fé entre os homens? Eu e muitos dos meus passageiros vimos Simbad engolido pelas ondas, muitas centenas de léguas daqui, e ainda assim você me diz que é Simbad. Como ousa? Você parece um homem honesto e ainda assim diz uma falsidade horrível para se possuir daquilo que não pertence a você.

Mas algumas pessoas vindas do navio me reconheceram instantaneamente, e não demorei a convencer o capitão de que eu era o verdadeiro Simbad, não um impostor. Ofereci-lhe parte de meus bens em retribuição por sua probidade, mas ele recusou firmemente.

Em seguida, selecionei os artigos mais valiosos de meus fardos e os apresentei ao rei Mihrage, que aceitou meu presente. Despedi-me dele e de toda a corte, embarcando no mesmo navio, depois de ter trocado minhas mercadorias pelas mercadorias do campo. Vim para a cidade com cem mil moedas de ouro, e aqui comprei escravos de ambos os sexos, belas terras, construí uma grande casa e me estabeleci, determinado a esquecer os perigos do passado e a desfrutar dos prazeres da vida.

Simbad então ordenou que os músicos continuassem com o concerto e, quando terminou, deu uma bolsa com cem moedas de ouro a Hindbad, dizendo:

– Pegue isto, Hindbad, volte para casa e aproveite a noite com sua família, mas volte amanhã, quando ouvirá aventuras muito mais extraordinárias que se abateram sobre mim do que as da minha primeira viagem.

O homem voltou para casa espantado com a honra que lhe foi prestada; e sua esposa e filhos, em sua abundante ceia, oraram a Deus para conceder uma vida longa ao generoso Simbad.

No dia seguinte, Hindbad vestiu suas melhores roupas e voltou para a casa do generoso viajante, que o recebeu gentilmente e, depois de um suntuoso jantar, ele começou a história de sua segunda viagem.

## A segunda viagem de Simbad

Planejei, depois de minha primeira viagem, passar o resto de meus dias em Bagdá, mas logo me cansei de uma vida tranquila. Consequentemente, comprei mercadorias valiosas e fui para o mar uma segunda vez, com alguns outros mercadores. Um dia, aportamos em uma ilha desabitada, quase inteiramente coberta de árvores com frutos deliciosos. Enquanto uns se divertiam colhendo flores e outros colhendo frutas, peguei meu vinho e alimentos e me sentei à beira de um riacho, entre duas grandes árvores, que formavam uma sombra agradável. Depois de comer, adormeci. Não sei dizer quanto tempo dormi, mas, quando acordei, não apenas meus companheiros, mas o próprio navio havia partido. Nada poderia exceder minha tristeza e consternação naquele momento. Gritei de agonia e me joguei no chão, onde fiquei um dia na mais profunda aflição, e repreendi amargamente minha loucura por não ter me contentado em permanecer em paz e segurança em casa.

Depois de um longo intervalo, conformei-me com meu infortúnio. Subi ao topo de uma árvore muito alta para ver se havia alguma coisa que pudesse me dar esperança. Quando olhei para o mar, não vi nada além do céu e da água; mas, olhando em direção à ilha, percebi algo grande e branco. A distância era grande demais para me permitir distinguir o que realmente era; desci rapidamente da árvore e corri em sua direção.

Ao me aproximar, pensei que fosse uma grande tigela branca e, quando cheguei bem perto da coisa e a toquei, descobri que era lisa como marfim. Dei a volta, para ver se estava aberta de algum lado, mas não estava e era impossível subir até o topo de tão lisa e escorregadia que era a superfície. Ela tinha pelo menos cinquenta metros de largura.

A essa altura, o sol estava quase se pondo e, de repente, o céu escureceu bastante. Eu olhei para cima para ver o que havia ocasionado essa escuridão repentina e vi um pássaro de tamanho enorme movendo-se como uma grande nuvem negra em minha direção. Imediatamente me lembrei de ter ouvido marinheiros falarem de um pássaro chamado roc, tão grande que podia carregar elefantes jovens, e concluí que a grande tigela branca que eu tanto admirava devia ser seu ovo. Eu estava certo em minha suposição, pois o pássaro pousou e sentou-se sobre ele. Ao percebê-lo chegando, aproximei-me do ovo para me abrigar, de modo que tive diante de mim uma das pernas do pássaro, que era tão grande quanto o tronco de uma árvore.

Amarrei-me firmemente à perna do roc com o tecido do meu turbante, na esperança de que, quando ele voasse na manhã seguinte, me carregasse para fora da ilha deserta. Tendo passado a noite nessa condição, o pássaro voou na manhã seguinte e me carregou tão alto no ar que eu não pude ver a terra; e de repente desceu tão rápido que perdi meus sentidos. Ao voltar a mim e encontrar o roc no chão, desamarrei rapidamente o pano que me prendia à sua perna e mal havia conseguido me soltar quando o pássaro, tendo apanhado uma grande serpente em seu bico, voltou a voar.

O lugar em que o roc me deixou era um vale profundo, cercado por todos os lados por altas montanhas, cujos cumes elevados pareciam alcançar as nuvens. Seus lados eram tão íngremes que era impossível subir. Quando comparei aquele vale com a ilha deserta de onde o roc me levara, descobri que não havia ganhado nada com a troca.

Enquanto eu caminhava para cima e para baixo no vale, meditando sobre minha má sorte, observei que o solo estava coberto de diamantes de tamanho surpreendente. Tive grande prazer em olhar para eles, mas também vi seres que não poderia contemplar sem terror e consternação: eram serpentes espiando para fora dos buracos nas rochas.

Afastei-me delas o máximo que pude e passei o dia pensando em como poderia escapar daquela cena de horror. Quando a noite chegou, abriguei-me em uma caverna, cuja entrada cobri com grandes pedras para me proteger das cobras, mas seus assobios eram tão contínuos durante toda a noite que eu não conseguia fechar os olhos. Quando o dia amanheceu, as serpentes retiraram-se para suas tocas e eu saí da caverna tremendo.

Andei muito tempo pelos diamantes sem a menor inclinação em tocar nenhum deles. Por fim, sentei-me e, dominado pelo cansaço, adormeci. Fui acordado pelo barulho de algo caindo perto de mim. Era um ótimo pedaço de carne fresca, e imediatamente vi vários outros caírem das rochas em diferentes lugares.

Imediatamente me ocorreu o relato que tinha ouvido sobre o famoso Vale do Diamante e os estratagemas usados para obter joias de lá: que os mercadores chegavam ao topo dessas montanhas, perto de onde as águias constroem seus ninhos, e jogavam pedaços de carne crua no vale, nos quais os diamantes grudavam. Então as águias, atraídas pelo cheiro da carne, atacam-na com grande fúria e a carregam para seus ninhos para alimentar seus filhotes, então, os mercadores espantam as águias e levam os diamantes.

A queda da carne no vale deu-me esperanças de sair com vida daquele abismo terrível. Portanto, apressei-me a apanhar alguns dos maiores diamantes que pude encontrar, os quais coloquei cuidadosamente em uma pequena bolsa e a preendi ao meu cinto. Escolhi o maior pedaço de carne do

vale, o amarrei à cintura com o pano do turbante, e me deitei de bruços para esperar a descida das águias. Elas não demoraram a chegar, e uma das mais fortes, tendo se lançado sobre a carne nas minhas costas, voou comigo para seu ninho no topo da montanha.

Os mercadores começaram a gritar para assustar as águias e, quando as obrigaram a abandonar a presa, um deles foi ao ninho onde eu estava. No começo, ele ficou muito assustado ao me ver, mas, recuperando-se, começou a brigar comigo e me acusou de roubar seus bens.

– Não se preocupe, eu tenho diamantes suficientes para você e para mim também, muito mais do que todos os outros mercadores juntos.

Eu mal tinha acabado de falar quando os mercadores se reuniram ao nosso redor. Contei minha história a eles, que ficaram igualmente surpresos com ela. Quando me levaram até o local onde se abrigaram, abri a bolsa e eles declararam que nunca haviam visto diamantes do mesmo tamanho e brilho. Pedi ao comerciante, para cujo ninho eu fora transportado, que levasse quantos quisesse, mas ele se contentou em levar um dos menores, declarando que era de valor suficiente para fazer fortuna.

Passei a noite com os mercadores, aos quais contei pela segunda vez minha história. Não consegui moderar a alegria que sentia por ter escapado daquele perigo. De fato, às vezes, parecia-me que estava sonhando e, muitas vezes, me questionava se realmente estava em segurança fora do vale inacessível.

Quando os mercadores reuniram os seus diamantes, saímos do local na manhã seguinte, atravessando as montanhas até chegarmos a um porto. Desembarcamos na ilha de Roha, onde crescem as árvores que produzem cânfora. Troquei alguns de meus diamantes por outras mercadorias e de lá partimos para Balsora, continuamos minha viagem por terra até Bagdá; e,

mais uma vez, cheguei à minha cidade natal. Eu dei grandes esmolas aos pobres e vivi lá por algum tempo.

Assim, Simbad encerrou a história de sua segunda viagem, presenteou Hindbad com outra bolsa e desejou que ele voltasse no dia seguinte, o que o jovem não deixou de fazer. Terminado o jantar, o mestre da festa retomou a narração.

## A terceira viagem de Simbad

Os prazeres e confortos de que agora desfruto me fizeram esquecer de minhas dificuldades anteriores. Eu ainda estava na flor da idade, sentia-me disposto e tinha grande desejo de fazer uma terceira viagem e, levando as mercadorias mais ricas do Egito, embarquei mais uma vez no porto de Balsora.

Depois de algumas semanas no mar, fomos surpreendidos por uma terrível tempestade, que quase partiu o navio em pedaços. Navegamos à mercê dos ventos e das ondas durante vários dias e, por fim, fomos obrigados a lançar âncora diante de uma ilha, para a qual o capitão se esforçara em vão para guiar. Ele nos informava que esta e várias outras ilhas vizinhas eram habitadas por selvagens, cobertos de pelos, que nos atacariam rapidamente em grande número.

Logo descobrimos que as informações do capitão eram verdadeiras. Um bando de selvagens terríveis, com cerca de sessenta centímetros de altura e totalmente cobertos de cabelos ruivos, veio nadando em nossa direção e embarcou no navio, falando em uma língua que não podíamos compreender uma palavra. Em um instante, eles tiraram as velas, cortaram o cabo, rebocaram o navio para a terra e, obrigando todos a desembarcarem, levaram nosso navio em triunfo para outra ilha.

Adentramos a ilha onde paramos, profundamente consternados, sem esperar nada além da morte. Quando avançamos um pouco, avistamos uma enorme construção e fomos até lá. Descobrimos que era um palácio elevado, com um portão dobrável de ébano, entramos em um pátio espaçoso, que levava a um vasto aposento com varanda, tendo de um lado um grande monte de ossos humanos e do outro vários espetos para assar. Diante daquele espetáculo terrível, nossas pernas tremeram sob nós e caímos no chão, onde ficamos imóveis de medo, pensando que poderíamos compartilhar o mesmo destino.

O portão do aposento se abriu e saiu de lá um monstro preto da altura de uma palmeira. Ele tinha apenas um olho, que estava bem no meio da testa, e parecia uma bola de fogo. Seus dentes eram longos e afiados, o lábio inferior pendia sobre o peito, suas orelhas pareciam as de um elefante e cobriam seus ombros, e suas unhas eram muito longas e tortas.

Ao ver um gigante tão horrível, quase desmaiamos enquanto ele se sentava na varanda olhando para nós. Finalmente, ele avançou e me pegou pela pele do pescoço, mas, tendo-me observado bem e percebido que não passava de pele e osso, atirou-me ao chão com desdém. Pegou todo o resto, um por um, e examinou-os da mesma maneira, e o pobre capitão, sendo o mais gordo de nós, caiu vítima de seu apetite selvagem: ele foi morto, assado e comido pelo monstro terrível.

Quando o gigante de um olho acabou sua refeição selvagem, ele se esticou sobre um grande banco de pedra no pórtico e adormeceu roncando mais alto que um trovão. Assim dormiu até de manhã. De nossa parte, era impossível dormirmos e passamos a noite nos temores mais angustiantes que se possa imaginar. Chegando o dia, o gigante acordou, levantou-se, espreguiçou-se e saiu, deixando-nos no palácio, que agora ressoava com nossos gritos e lamentações. Por fim, clamei aos meus companheiros de infortúnio:

– Não percamos tempo com tristezas inúteis. Façamos boias com a madeira que vimos na costa e nelas nos entreguemos ao mar. É melhor nos confiarmos à misericórdia dos ventos e das ondas do que continuar aqui para morrer um após o outro, vítimas do apetite daquele monstro devorador.

Meu conselho foi avidamente adotado. Descemos rapidamente para a costa do mar, levando conosco as ferramentas do aposento, e trabalhamos duro para preparar nossas boias para nos levar para o mar, antes que o gigante descobrisse que havíamos partido. Só as havíamos terminado à noite e, antes que pudéssemos empurrá-las da praia, nosso tirano veio à nossa procura e nos conduziu como um rebanho de ovelhas diante dele para o palácio. Tivemos a angústia de ver outro de nossos desafortunados camaradas assado para o jantar, e, farto com o banquete brutal, ele se deitou de costas e começou a roncar tão alto que o lugar ecoou com o barulho.

Nossa situação desesperadora nos deu coragem para tentar algumas formas de escapar. Nove dos mais resolutos de nós se levantaram suavemente e, pegando nove espertos, seguraram suas pontas no fogo até que estivessem em brasa e, em seguida, enfiaram todos de uma vez no olho do monstro, cegando-o. A dor o fez soltar um grito terrível, e ele começou a tatear com as mãos para nos pegar, para nos sacrificar à sua raiva, mas tomamos o cuidado de nos manter fora de seu alcance e, tendo nos procurado há algum tempo em vão, ele abriu o portão de ébano e saiu do palácio uivando terrivelmente.

Não ficamos muito atrás dele, mas corremos para nos esconder e esperamos o raiar do dia para embarcar. Mal era visível o primeiro raio de sol quando vimos nosso monstruoso inimigo se aproximando da costa, liderando outros da mesma espécie. Imediatamente pulamos sobre nossas boias e as empurramos da costa o mais rápido possível. A maré nos ajudou muito, mas os gigantes, nos vendo com possibilidade de escapar, arrancaram grandes pedaços de rocha dos penhascos e, entrando na água até a cintura, os

lançaram contra nós com todas as suas forças. Imediatamente afundaram todas as boias, exceto aquela em que eu estava, e todos os meus companheiros, menos os dois comigo, morreram afogados. Assim, com grande dificuldade, escapamos do destino de nossos companheiros.

Durante dois dias, ficamos no mar e acreditamos que morreríamos por falta de comida, isso se não fôssemos engolidos pelas ondas. Na noite do segundo dia, porém, chegamos a uma ilha, onde encontramos excelentes frutas e boa água, com as quais nos refrescamos e deitamos para dormir à sombra das árvores.

Fomos logo acordados pelos terríveis assobios de uma enorme serpente, que vinha deslizando pelo chão com incrível rapidez. Um de meus infelizes camaradas foi engolido, enquanto eu e o outro fugimos, escalando a árvore mais alta que encontramos para nos proteger de seu ataque. Logo, a serpente veio sibilando para a raiz da árvore e, enrolando-se em torno do tronco, ergueu a cabeça tão alto que logo alcançou meu único companheiro restante, que se sentou muito mais baixo na árvore do que eu, e o devorou como o anterior. Fiquei sentado imóvel de terror, já mais morto do que vivo, mas a criatura monstruosa se desenrolou da árvore e deslizou para longe.

Esperei na árvore até tarde do dia seguinte e, sem sinal algum da serpente, me aventurei a descer. Meu medo tirou todas as minhas forças e eu era incapaz de explorar a ilha em busca de um lugar seguro. Não pude deixar de desejar que meu barco tivesse sido afundado pelos gigantes junto com os outros, pois parecia-me que minha vida apenas se prolongava para que pudesse suportar o mais cruel dos sofrimentos. Juntei uma grande quantidade de pequenas madeiras, amoreiras e espinhos secos e, transformando-os em gravetos, formei com eles um grande círculo ao redor da árvore e preendi a parte superior aos galhos da árvore. Tendo terminado meu trabalho, fechei-me dentro do círculo, e quando retornou, a serpente não conseguiu entrar, como eu esperava. Ela deu voltas e mais voltas na

árvore em busca de uma entrada, mas a muralha que eu fizera me protegeu com eficácia. Ela ficou deitada até o raiar do dia como um gato olhando um rato. Ao amanhecer, ela retirou-se e, depois que o sol nasceu, arrisquei a deixar meu esconderijo.

Estava tão exausto com a falta de sono e tinha sofrido tanto com seu hálito venenoso que a morte me parecia mais desejável do que viver, então corri em direção ao mar, decidido a me jogar. Quando estava prestes a cumprir minha determinação precipitada, percebi um navio a toda vela a uma distância considerável. Gritei o mais alto que pude pedindo ajuda, e o capitão mandou seu barco me buscar. Assim que subi a bordo, o capitão, vendo que eu estava em frangalhos, deu-me alguns de seus ternos e tratou-me com grande atenção em todos os aspectos.

Quando ancoramos no porto de Jalabat, o capitão chamou-me e disse:

– Senhor, tenho aqui alguns fardos de mercadorias que pertenciam a um comerciante que navegou comigo há algum tempo, e, tendo em vista que ele está morto, pretendia dispor deles para o benefício de seus herdeiros.

Perguntei ansiosamente o nome do proprietário morto e, para minha surpresa, me disseram que se chamava Simbad.

Não pude ouvir o meu nome sem emoção e, olhando com seriedade para o capitão, lembrei-me de ter sido ele que, na minha segunda viagem, me deixou na ilha onde adormeci e zarpou sem mim.

– Você acredita, então – disse eu –, que Simbad está morto?

– Certamente – respondeu ele –, pois um dia, quando chegamos a uma pequena ilha desabitada para coletar água, não sei por que motivo, zarpei sem observar que ele não estava a bordo com os outros passageiros e só me dei conta de sua ausência quatro horas depois. Portanto, não pode haver dúvida de que ele morreu naquela ilha desabitada.

– Não, capitão – exclamei –, não morri. Você está na frente de Simbad, que escapou desse e de muitos outros perigos.

O capitão ficou convencido e ansiosamente me entregou as mercadorias, prestando contas daquelas que ele já havia vendido.

Continuei minha viagem com o capitão honesto, vendi minha mercadoria com muito lucro e, finalmente, retornoi a Bagdá com grande aumento de riquezas.

Tendo terminado a narração de sua terceira viagem, Simbad levantou-se da mesa e, dando outro presente a Hindbad, convidou-o para jantar no dia seguinte, para ouvir as aventuras da quarta viagem.

## A quarta viagem de Simbad

Após resolver meus negócios, comecei uma viagem por terra para a Pérsia e, tendo comprado um grande estoque das belas manufaturas daquele país, carreguei um navio e embarquei com minhas mercadorias. Estávamos no mar há poucos dias quando o navio bateu em uma rocha e logo se despedaçou. A carga foi para o fundo, e muitos dos mercadores e marinheiros morreram afogados.

Eu e alguns outros nos salvamos em uma prancha e fomos carregados pela corrente para uma ilha que estava diante de nós. Chegamos em segurança à costa, e assim que entramos na ilha, fomos cercados por selvagens, que nos agarraram e nos dividiram entre eles.

Eu e cinco de meus companheiros fomos levados por um homem que ordenou que nos sentássemos e nos deu algumas ervas para comer. Meus companheiros comeram as ervas com avidez, mas eu as mantive na mão sem ingeri-las. Logo observei que meus companheiros perdiam o juízo e, quando falavam, não sabiam o que diziam. Joguei, fora as ervas, decidindo

nunca as provar. Arroz preparado com óleo de cacau foi dado a nós em seguida, e meus infelizes camaradas o devoraram avidamente.

Logo percebi que os selvagens nos deram ervas para roubar nossos sentidos, nos engordar e depois nos devorar. Assim, vi os canibais comerem meus camaradas, um após o outro; mas eu, em vez de engordar, tornei-me mais magro a cada dia e caí em desnutrição. isso acabou me salvando, pois os selvagens não me consideravam digno de ser comida. Eles me negligenciavam totalmente e, um dia, quando foram para a floresta, resolvi fugir. Tive o cuidado de providenciar o máximo de arroz que meu estado de fraqueza permitiria e roubei.

Eu peguei o caminho contrário ao que os selvagens haviam ido e viajei a noite toda, então parei e jantei meu arroz. Depois de descansar com um sono rápido, continuei minha jornada. Viajei dessa maneira durante sete dias e, no oitavo dia, avistei a orla, onde vi várias pessoas como eu colhendo pimenta.

Aproximei-me deles sem medo, e eles correram ao meu encontro e me questionaram em árabe sobre quem eu era e de onde vim. Rapidamente satisfiz sua curiosidade, contando-lhes meu naufrágio e minha fuga dos selvagens. Essas pessoas dividiram sua comida comigo e, em poucos dias, recuperei minhas forças e naveguei com eles para a ilha de onde vieram. Eles me apresentaram ao seu rei, que era um bom príncipe; ele ouviu minhas aventuras, me deu roupas e ordenou que eu fosse cuidado. Eu me considero muito afortunado pelo tratamento gentil que recebi desse generoso monarca.

Pareceu-me muito extraordinário ver que, quando o rei e seus nobres iam caçar, montavam seus cavalos sem rédeas ou sela. Não pude deixar de questionar vossa majestade sobre o motivo para isso. O rei me ouviu com uma expressão de surpresa e então me garantiu que não sabia o que eu

queria dizer com “rédeas e sela”. Depois disso, procurei um trabalhador muito habilidoso e dei-lhe o modelo de uma sela e, sob minha supervisão constante, ele a fez muito bem. Eu mesmo a cobri com veludo bordado. Fui então a outro homem, para quem desenhei as rédeas e os estribos.

Coloquei-os sobre um dos cavalos do rei e apresentei-o à sua majestade, que ficou tão encantado que montou imediatamente e cavalgou pelos terrenos pertencentes ao palácio quase todo o dia, enquanto os seus ministros, os principais oficiais da corte e outros da nobreza reuniram-se ao meu redor, implorando que os desenhasse para eles. Recebi presentes tão magníficos para minhas selas e freios que logo fiquei rico.

Fiz minha corte muito constantemente ao rei, que um dia me disse:

– Simbad, eu te amo, e todos os meus súditos seguem meu exemplo e te valorizam de acordo com teus méritos. Eu desejo fazer de ti um de meus súditos. Você deve se casar e se estabelecer em meus domínios.

Ele então me ofereceu a mão de uma de suas damas da corte, que era jovem, nobre, rica, bonita e virtuosa. Terminadas as cerimônias de casamento, retiramo-nos para a casa de minha esposa, onde vivemos em grande harmonia e contentamento.

Eu havia construído uma intimidade estrita com um de meus vizinhos e, um dia, quando estava me sentando para jantar, fui informado que sua esposa havia acabado de morrer. Apressei-me imediatamente em dar-lhe algum consolo em seu infortúnio.

– Ai! – disse ele. – Que consolo posso ter se não tenho mais de uma hora de vida restante? É a lei estabelecida neste país que o marido vivo seja sepultado com a esposa morta e a esposa com o marido morto. Nada, portanto, pode me salvar e todos devem se submeter a esta lei.

Quase desmaiei ao ouvir sobre essa lei cruel e, antes que me recuperasse de minha consternação, seus parentes, amigos e vizinhos vieram assistir a essa cerimônia bárbara. Eles vestiram a mulher com suas roupas mais ricas e a adornaram com todas as suas joias e, então, colocando-a em um caixão aberto, começaram sua marcha em direção ao local do enterro. O marido seguiu o cadáver e depois dele uma longa série de parentes e amigos, entre os quais eu era espectador. Eles subiram uma montanha extremamente alta, em cujo cume a procissão parou, e uma grande pedra foi removida, que cobria a boca de um poço muito profundo. O cadáver foi descido para a cova, e então o marido, abraçando seus parentes e amigos, deixou-se colocar em outro caixão aberto, no qual foram colocados um pote de água e sete pães pequenos, sendo então descido da mesma maneira. Terminada a cerimônia, eles cobriram o buraco novamente e voltaram para suas respectivas casas.

Fui para casa profundamente transtornado e, dia e noite, não pensei em nada além de como fugir dali. Mas, enquanto eu estava organizando mil projetos para escapar desse mal, meus piores temores se confirmaram, pois minha esposa adoeceu e morreu.

Você pode imaginar minha tristeza quando vi os preparativos para meu próprio funeral, no qual o rei e toda a sua corte, para mostrar sua consideração por mim, pretendiam ajudar.

O cadáver, em seu traje mais magnífico, foi colocado em seu caixão, e a cavalgada começou. Segui o cadáver, com os olhos cheios de lágrimas e o coração a explodir de desespero. Quando chegamos à montanha, não pude mais conter minha angústia e, jogando-me aos pés do rei, roguei-lhe, nos termos mais comoventes, que tivesse compaixão de mim, pouasse minha vida e me deixasse voltar ao meu país natal. Mas tudo que eu disse foi em vão, eles apenas se apressaram em abaixar minha esposa na cova e, no momento seguinte, fui colocado atrás dela em um caixão aberto, com um

pote de água e sete pães. Em suma, eles tamparam a cova, apesar da minha dor e dos gritos lamentáveis.

Ao me aproximar do fundo, descobri, com a ajuda de uma pequena luz que vinha de cima, a natureza desse lugar subterrâneo. Era uma caverna longa, com muitos metros de profundidade. Imediatamente senti um fedor insuportável da multidão de cadáveres que vi à direita e à esquerda e até imaginei ter ouvido alguns deles suspirar e gemer. Apressei-me em deixar meu caixão e, afastando-me dos cadáveres, deitei-me no chão, onde me sentei por muito tempo banhado em lágrimas e censurando-me por ter deixado meu lar feliz.

Mesmo assim, eu ainda sentia vontade de viver e tateei o caminho de volta ao caixão em busca de um pouco do pão e da água nele, com os quais vivi por alguns dias e, depois de tudo terminado, me preparei para a morte.

Tendo vagado muito para dentro da caverna, de repente, eu ouvi algo ofegante muito forte perto de mim. Eu dei um grito, e a coisa fugiu. Eu o persegui e continuei essa perseguição por tanto tempo que finalmente vi uma luz cintilante. Isso redobrou minha ansiedade. Continuei e, às vezes, o perdia de vista, mas sempre o encontrava de novo e, por fim, descobri que vinha de um buraco na rocha, grande o suficiente para um homem sair. Eu rastejei pelo buraco e me encontrei na praia. Deixo você imaginar o tamanho de minha alegria. Quando me recuperei da surpresa, percebi que estava perseguindo um monstro marinho.

Eu examinei a montanha e descobri que ela se estendia por alguns quilômetros entre a cidade e o mar. Caí de joelhos para agradecer a Deus por minha libertação e, depois de me alimentar com alguns moluscos que encontrei na costa, voltei para a caverna e tateei entre os caixões em busca de todos os diamantes, rubis, pérolas, pulseiras de ouro e coisas de valor que pude encontrar. Carreguei-as para a praia e, amarrando-as em fardos

com as cordas que baixavam os caixões, coloquei-as na areia, esperando até que algum navio passasse.

Em dois dias, um navio saiu do porto e passou por aquela parte da costa. Fiz um sinal com o turbante e mandaram um barco para me levar a bordo. Eu disse aos marinheiros que havia naufragado e acabado de chegar à costa com os fardos que viram. O capitão não me questionou mais. Encontrei um navio pronto para partir para Balsora, a bordo do qual embarquei.

O resto da minha viagem foi próspera e cheguei a Bagdá com um grande aumento de riquezas.

Simbad deu outro presente para Hindbad, com a incumbência de retornar no dia para ouvir aventuras mais surpreendentes.

## A quinta viagem de Simbad

Esquecendo os perigos que havia sofrido, construí um navio às minhas próprias custas, carregado com uma rica carga, e partimos com um bom vento.

Depois de várias semanas no mar, chegamos em uma ilha deserta em busca de água doce, onde encontramos um ovo de roc, de tamanho igual ao que mencionei anteriormente. Os mercadores e marinheiros se reuniram em torno dele com grande espanto e, embora eu os suplicasse que não tocassem no ovo, eles não desistiram, fizeram um buraco nele com suas machadinhas e assaram o jovem roc.

Mal haviam acabado a refeição quando surgiram no ar, a distância, duas grandes nuvens. Eu sabia que eram os pais do jovem pássaro e, convocando os homens, fiz com que embarcassem e partissem.

Os dois rocs pousaram e, ao verem o ovo destruído, fizeram um barulho terrível. Logo eles levantaram voo e desapareceram. Não demorou muito para que eles voltassem com pedras, ou melhor, rochas, de um tamanho monstruoso entre suas garras. Quando eles chegaram diretamente ao meu navio, pairaram, e um deles deixou cair a pedra, mas ela caiu no mar. O outro roc jogou a pedra com tanta exatidão bem no meio do navio que ele se partiu em mil pedaços. Os marinheiros e passageiros morreram ou foram atirados ao mar. Este último foi meu destino, mas felizmente peguei um pedaço de madeira do barco destruído, que me levou a uma ilha cuja costa era muito íngreme.

A ilha parecia ser um jardim delicioso, repleto das melhores árvores frutíferas de todos os tipos. Ao avançar, vi um velhinho sentado na margem de um riacho. Achei que ele fosse uma pessoa infeliz que naufragara como eu e, chegando mais perto, saudei-o, mas ele apenas curvou a cabeça em resposta. Ele implorou por sinais que eu o carregaria nas minhas costas sobre o riacho. Não tive dúvidas de que ele estava enfermo e carente de ajuda, e prontamente o peguei nas minhas costas e atravessei o riacho, quando, em vez de descer, ele apertou as pernas com tanta força em volta da minha garganta que quase fui estrangulado. Incapaz de me livrar dele, desmaiei de dor e medo. Apesar do meu desmaio, o velho agarrou-se ao meu pescoço e, quando recuperei os meus sentidos, deu-me um golpe tão rude no lado que fui forçado a me levantar contra a minha vontade.

Ele então me obrigou a caminhar sob as árvores, enquanto se divertia colhendo os frutos. Ele nunca me deixou por um só momento. Quando me deitava à noite, ele se deitava comigo, com suas pernas sempre firmes em volta do meu pescoço, e todas as manhãs ele me obrigava a levantar assim que o dia amanhecesse, a partir do qual até o pôr do sol eu era forçado a suportar esse fardo odioso.

Um dia encontrei no meu caminho várias cabaças secas. Peguei uma grande e, após limpá-la, coloquei nela um pouco de suco de algumas uvas, que abundavam na ilha. Depois de encher a cabaça, deixei-a de lado por vários dias e, ao voltar a ela,achei que era um vinho excelente.

O velho, percebendo o efeito que esta bebida teve sobre mim, fez sinal para que eu lhe desse um pouco. Dei-lhe a cabaça e, como a bebida agradava seu paladar, ele bebeu tudo e ficou completamente bêbado e, aos poucos, soltou as pernas do meu pescoço, de modo que pude jogá-lo no chão, onde logo teve convulsões e tive a satisfação de testemunhar sua morte.

Fiquei extremamente feliz por ter sido libertado daquele velho detestável. Corri para a beira-mar, onde encontrei a tripulação de um navio que acabara de lançar âncora. Eles ficaram muito surpresos ao me ver e ao ouvir sobre minhas aventuras.

– Você caiu – disseram eles – nas mãos do velho do mar, e você é a primeira pessoa que escapou de ser estrangulada por ele.

Eles me levaram a bordo de seu navio e, quando chegamos ao porto de uma grande cidade, um dos mercadores me levou até algumas pessoas que moravam ali, cuja função era colher cacau, e recomendou-me aos seus cuidados. Ele também me deu uma grande bolsa com comida para a viagem.

Eu os segui e chegamos a uma grande floresta de coqueiros altos e retos, cuja casca era tão perfeitamente lisa que era impossível para qualquer homem subir até os galhos. Quando entramos na floresta, vimos um número surpreendente de macacos, que imediatamente correram para o topo das árvores com a maior rapidez.

Os mercadores com quem eu estava pegavam pedras e atiravam nos macacos, que, para se vingarem, juntavam cacau e atiravam em nós.

Pegamos as nozes de cacau e continuamos atirando pedras para provocar os macacos, até que tínhamos todas as nozes que podíamos carregar. Voltamos então para a cidade, onde os mercadores me pagaram pelas minhas nozes e me aconselharam a fazer o mesmo todos os dias até que tivesse dinheiro suficiente para me levar para casa. Logo acumulei uma soma considerável e, despedindo-me de todos os mercadores gentis, embarquei alegremente a bordo de um navio e voltei para casa em segurança.

Quando Simbad terminou, ele deu a Hindbad seu presente habitual, e ele voltou para jantar no dia seguinte, quando Simbad fez o relato de sua sexta viagem.

## A sexta viagem de Simbad

No final de um ano, preparei-me para uma sexta viagem, contra as súplicas de minha parentela. Comecei minha viagem, que se revelou muito longa, e, para piorar, o capitão perdeu o curso e não sabia para que lado virar. Por fim, ele descobriu onde estava e exclamou que todos morreríamos inevitavelmente, pois, dentro de um quarto de hora, o navio se espatifaria contra uma montanha. Era verdade: as velas logo se partiram e as cordas estouraram com a força com a qual o navio se chocou contra o sopé de uma montanha inacessível, mas salvamos nossas vidas e a maior parte de nossa comida e de nossos bens.

Olhamos ao nosso redor e vimos a costa toda coberta com pedaços de destroços de navios e grandes montes de ossos de homens, com quantidades incríveis de riquezas, o que mostrou quantas pessoas infelizes deviam ter morrido ali. Subir a montanha, que quase chegava aos céus, era impossível.

Naquele lugar miserável, continuamos até que meus camaradas morreram um após o outro. Eu sobrevivi a todos eles e, quando meu estoque de comida se esgotou, de repente, tomei a resolução desesperada de confiar em

mim e seguir a corrente de um grande rio negro que entrava em uma caverna na montanha.

Improvisei uma boia e a carreguei com aquelas riquezas. Prendendo minha carga com cordas, subi a bordo com dois pequenos remos que havia feito e a deixei à mercê da corrente.

Assim que entrei na caverna, fiquei na escuridão. Eu flutuei por alguns dias e, por sorte, consegui dormir. Quando acordei, encontrei-me em um vasto país, à beira de um rio, onde minha boia estava amarrada, em meio a um grande número de homens. Exclamei em voz alta:

– Alá, seja louvado!

E um dos homens, que entendia bem a língua árabe, veio em minha direção e disse:

– Irmão, viemos aqui hoje para cavar canais deste rio, que sai daquela montanha, para regar nossos campos, quando o encontramos flutuando dessa maneira.

Implorei a eles que me dessem comida e, depois de aplacar minha fome, fiz um relato de tudo o que havia acontecido comigo. Eles pediram que eu fosse com eles ao seu rei e me colocaram em um belo cavalo, trazendo minha carga e boia atrás de mim.

Marchamos assim até chegarmos a Serindib, pois foi naquela ilha que desembarquei.

Prostrei-me diante do monarca, a quem contei minha história. Ele ficou tão surpreso e satisfeito que ordenou que fosse escrita em letras de ouro e também que um de seus oficiais cuidasse de mim.

Ao visitá-lo novamente, pedi-lhe que me permitisse retornar ao meu próprio país, pedido que ele atendeu, e enviou por mim uma carta e um presente

brilhante para o soberano, o califa Haroun Alraschid. Voltei para Bagdá, onde minha primeira preocupação foi me apresentar ao califa, que recebeu a carta e o presente do rei de Serindib com a maior satisfação.

Simbad parou de falar, e todos eles voltaram no dia seguinte para ouvir o relato da última viagem.

## A sétima e última viagem de Sindbad

Ao retornar de minha sexta viagem, deixei de lado absolutamente todos os pensamentos de viajar mais longe. Entretanto, um dia, enquanto eu estava dando uma festa com meus amigos, fui chamado pelo califa.

– Simbad – disse o monarca –, eu preciso de seus serviços. Você deve levar uma resposta ao rei de Serindib.

Tentei recusar, mas foi em vão. Ao fim, o rei me deu mil moedas pelas despesas de minha viagem.

Embarquei e fiz uma viagem agradável. Quando cheguei a Serindib, entreguei a carta e o presente do califa, que ele recebeu com satisfação.

Um pouco depois, solicitei licença para partir. Não tínhamos estado muito tempo no mar quando fomos atacados por corsários, que tomaram nosso navio e nos levaram como escravos.

Fomos todos vendidos como escravos. Eu mesmo fui comprado por um rico comerciante. Ele perguntou se eu sabia usar o arco e a flecha e assegurei a ele que sim. Ele então me deu um arco e flechas e, sentado atrás dele sobre um elefante, fomos para uma floresta. Paramos perto de uma árvore extremamente alta. Meu mestre mandou-me subir naquela árvore, dizendo que eu deveria esperar lá até que uma tropa de elefantes passasse e então atirar neles. Se alguém caísse, eu deveria voltar correndo para a cidade para

avisá-lo. Tendo me dado instruções adequadas, ele me deixou um saco de comida e voltou para a cidade.

Assim que o sol nasceu na manhã seguinte, vi um grande número de animais. Atirei várias flechas neles e, por fim, um dos elefantes caiu. O restante retirou-se imediatamente e me deixou livre para ir informar meu patrono sobre meu sucesso. Ele elogiou minha diligência, e voltamos para a floresta e cavamos um buraco para enterrar o elefante, até que ele apodrecesse, quando então o comerciante pretendia arrancar seus dentes, pois ele vendia marfim.

Continuei este curso por dois meses. Certa manhã, um dos maiores elefantes enrolou sua tromba no tronco da árvore em que eu estava e arrancou-a pela raiz.

Eu caí com a árvore, e o mesmo elefante, pegando-me com sua tromba, me colocou em suas costas, me carregou até uma colina e lá me deixou. Aventurei-me a subir e descobri a colina coberta por ossos e dentes de elefantes. Voltei para o meu mestre e o conduzi até a colina.

Meu mestre então me deu a liberdade para retornar ao meu próprio reino. Ele carregou um navio com uma carga valiosa para mim e abundância de provisões.

Nós zarpamos e, finalmente, vim a salvo para Bagdá e me apresentei ao califa.

Simbad então deu a Hindbad cem moedas, desejou que ele largasse o emprego de carregador e viesse todos os dias jantar com ele, para que ele tivesse motivos para se lembrar de Simbad, o Marujo.

---

2. Aviso de conteúdo. Esta história apresenta ideias ou usa palavras ou frases que são ofensivas e não condizem com os princípios da editora.





## *O pequeno corcunda*

(de *As mil e uma noites*. Richard Francis Burton, 1885)

**N**o reino de Kashgar, que é situado nas fronteiras da Grande Tartária, viviam um alfaiate e sua esposa, que se amavam muito. Um dia, quando o alfaiate estava trabalhando, um pequeno corcunda sentou-se na entrada da loja e começou a cantar e tocar seu pandeiro. O alfaiate divertia-se com as travessuras do sujeito e pensou em levá-lo para casa para mostrá-lo à esposa. O corcunda aceitou a proposta, então o alfaiate fechou a loja e partiram juntos.

Ao chegarem em casa, encontraram a mesa pronta para o jantar e, em poucos minutos, os três estavam sentados diante de um delicioso peixe que a esposa do alfaiate cozinhara. Mas, infelizmente, o corcunda engoliu uma grande espinha e, apesar de tudo que o alfaiate e sua mulher tentaram, morreu sufocado em um instante. Além de sentir muita pena do pobre homem, o alfaiate e sua mulher ficaram muito assustados, pois, se a polícia soubesse disso, o nobre casal corria o risco de ser preso por homicídio.

A fim de evitar essa terrível calamidade, os dois começaram a inventar algum plano que levantaria suspeitas sobre outra pessoa e, por fim, decidiram que o melhor que poderiam fazer é acusar, como autor do crime, um médico que vivia perto. O alfaiate pegou o corcunda pela cabeça enquanto sua esposa o arrastava para a casa do médico. Em seguida, bateram à porta, que dava para uma escada íngreme. Uma criada logo apareceu, tateando a escada escura, e perguntou o que eles queriam.

– Diga a seu amo – disse o alfaiate – que trouxemos um homem muito doente para curar e – acrescentou, estendendo-lhe algum dinheiro – dê-lhe isso com antecedência para que ele não sinta que está perdendo tempo.

A serva subiu novamente as escadas para dar a mensagem ao médico e, assim que ela sumiu de vista, o alfaiate e sua esposa carregaram o corpo rapidamente atrás dela, apoiaram-no no topo da escada e correram para casa tão rápido quanto suas pernas conseguiam correr.

O médico ficou tão contente com a notícia de um paciente (pois ele era jovem e não tinha muitos), que se emocionou.

– Pegue uma luz – disse chamando a serva – e siga-me o mais rápido que puder!

Correndo para fora de seu quarto, ele foi em direção à escada. Ele quase caiu por cima do corpo do corcunda e, sem saber o que era, deu-lhe um pontapé tão forte que o corpo saiu rolando.

– Uma luz! Uma luz! – gritou de novo e, quando a luz foi trazida e ele viu o que tinha feito, ficou quase fora de si de terror.

– Santo Moisés! – exclamou ele. – Por que não esperei pela luz? Eu matei o doente que eles me trouxeram. Não demorará muito para que eu seja levado para a prisão como assassino.

Por mais agitado que estivesse, e com razão, o médico não se esqueceu de fechar a porta da casa para que alguns transeuntes não pudessem ver o que havia acontecido. Ele então pegou o cadáver e carregou-o para o quarto de sua esposa, quase a deixando louca de medo.

– Estamos em apuros – lamentou ela – se não conseguirmos encontrar um meio de tirar o corpo de casa. Assim que o sol nascer, não poderemos mais escondê-lo! Como você foi levado a cometer um crime tão terrível?

– Não se preocupe – respondeu o médico –, o que importa é encontrar uma saída.

Por um longo tempo, o médico e sua esposa continuaram a pensar em uma forma de escapar, mas não conseguiram encontrar nenhuma que parecesse suficientemente boa. Por fim, o médico desistiu por completo e resignou-se a suportar a pena de sua desgraça.

Contudo, sua esposa, que era mais inteligente que ele, gritou de repente:

– Eu pensei em algo! Vamos carregar o corpo até o telhado da casa e baixá-lo pela chaminé de nosso vizinho. Esse homem era empregado do sultão e abastecia sua mesa com óleo e manteiga. Parte de sua casa era ocupada por um grande depósito, que ratos e camundongos gostavam de visitar.

O médico concordou com o plano de sua esposa, e eles pegaram o corcunda e, passando cordas por baixo de suas axilas, o desceram para o quarto do fornecedor tão suavemente que ele realmente parecia estar encostado na parede. Quando sentiram que ele estava tocando o chão, puxaram as cordas e o deixaram lá.

Mal tinham voltado para sua casa quando o fornecedor entrou em seu quarto. Ele havia passado a noite em uma festa de casamento e tinha uma lanterna na mão. Na penumbra, ficou surpreso ao ver um homem parado em sua chaminé, mas, sendo naturalmente corajoso, agarrou uma vara e foi direto para o suposto ladrão.

– Ah! – gritou. – Então é você, e não os ratos e camundongos, que rouba minha manteiga. Vou dar-lhe uma lição para que você não queira voltar aqui!

Dizendo isso, ele desferiu vários golpes fortes. O cadáver caiu no chão, mas o homem apenas redobrou os golpes, até que por fim lhe ocorreu que era estranho que o ladrão ficasse tão quieto e não fizesse resistência. Então,

descobrindo que ele estava morto, um arrepio frio de medo tomou conta dele.

– Desgraçado que sou – disse ele – matei um homem. Ah, minha vingança foi longe demais. Sem a ajuda de Alá, estou perdido! Malditos sejam os bens que me conduziram à ruína.

Mas quando superou o primeiro choque, começou a pensar em uma maneira de sair da dificuldade e, agarrando o corcunda nos braços, carregou-o para a rua e encostou-o na parede de uma loja. Deixando-o lá, correu para sua própria casa, sem olhar para trás nem uma vez.

Poucos minutos antes do nascer do sol, um rico comerciante cristão, que abastecia o palácio com todos os gêneros de primeira necessidade, saiu de casa, após uma noite de banquete, para ir ao banho. Embora estivesse muito bêbado, ainda estava sóbrio o suficiente para saber que o amanhecer estava próximo e que todos os bons muçulmanos logo iriam rezar. Por isso, apressou os passos para não encontrar alguém a caminho da mesquita, que, vendo sua condição, mandaria ele para a prisão por estar bêbado. Na pressa, esbarrou no corcunda, que caiu pesadamente sobre ele, e o comerciante, pensando que estava sendo atacado por um ladrão, derrubou-o com um golpe. Ele então gritou em voz alta por ajuda, espancando o homem caído o tempo todo.

O chefe da polícia do bairro veio correndo e encontrou um cristão maltratando um muçulmano.

– O que você está fazendo? – ele perguntou indignado.

– Ele tentou me roubar – respondeu o comerciante – e quase me sufocou.

– Bem, você se vingou – disse o homem, agarrando-o pelo braço.

Enquanto falava, o policial estendeu a mão ao corcunda para ajudá-lo a se levantar, mas o corcunda não se mexeu.

– Oh! – continuou ele, olhando mais de perto. – Então é assim que um homem de fé trata o outro?

E, agarrando o comerciante com firmeza, levou-o ao inspetor de polícia, que o jogou na prisão até que o juiz estivesse fora da cama e pronto para cuidar de seu caso. Tudo isso trouxe o comerciante à razão, porém, quanto mais pensava nisso, menos conseguia entender como o corcunda poderia ter morrido apenas com os golpes que recebera.

O comerciante ainda refletia sobre o assunto quando foi intimado perante o delegado e questionado sobre seu crime, o que não pôde ser negado. Como o corcunda era um dos bufões particulares do sultão, o chefe de polícia resolveu adiar a sentença de morte até que ele consultasse seu mestre. Ele foi ao palácio para exigir uma audiência e contou sua história ao sultão, que apenas respondeu:

– Não há perdão para um homem que mata o outro. Cumpra seu dever.

Assim, o chefe de polícia ordenou que fosse erguida uma força e enviou pregoeiros para proclamar em todas as ruas da cidade que um cristão seria enforcado naquele dia por ter matado um muçulmano.

Quando tudo estava pronto, o comerciante foi trazido da prisão e conduzido ao pé da forca. O carrasco amarrou a corda com firmeza em volta do pescoço do infeliz e estava prestes a balançá-lo no ar quando o fornecedor do sultão disparou no meio da multidão e gritou, ofegante, para o carrasco:

– Pare, pare, não tenha tanta pressa. Não foi ele que matou, fui eu.

O delegado, que esteve presente para ver se tudo estava em ordem, fez várias perguntas ao fornecedor, que lhe contou toda a história da morte do

corcunda e como ele havia carregado o corpo até o local onde fora encontrado.

– Você vai – disse ele ao chefe da polícia – matar um homem inocente, pois é impossível que ele tivesse assassinado uma criatura que já estava morta. Já é ruim o suficiente eu ter matado um homem, imagine saber que uma pessoa inocente deveria sofrer por minha culpa.

Esta vez, o discurso do fornecedor havia sido feito em voz alta e foi ouvido por toda a multidão e, mesmo que ele quisesse, o chefe de polícia não poderia libertar o comerciante.

– Afrouxe as cordas do pescoço do homem – ordenou ele, voltando-se para o carrasco – e pendure este homem em seu lugar, visto que, por sua própria confissão, ele é o assassino.

O carrasco obedeceu e estava amarrando a corda com firmeza quando foi interrompido pela voz do médico, implorando-lhe que fizesse uma pausa, pois tinha algo muito importante a dizer. Ele abriu caminho através da multidão e alcançou o chefe de polícia.

– Adorável senhor – começou ele –, este homem a quem você deseja enforcar não é digno de morte. Só eu sou culpado. Na noite passada, um homem e uma mulher que eram estranhos para mim bateram à minha porta, trazendo consigo um paciente para eu curar. A criada abriu a porta, mas, sem luz, mal conseguiu distinguir seus rostos, embora prontamente tivesse concordado em me acordar e me repassar o pagamento por meus serviços. Enquanto ela me contava a história, parece que carregaram o doente até o topo da escada e o deixaram lá. Pulei com pressa sem esperar por uma lanterna e, na escuridão, bati contra algo, que caiu de cabeça escada abaixo e não parou até chegar ao chão. Quando examinei o corpo, descobri que estava morto, e o cadáver era de um homem corcunda. Apavorados com o que havíamos feito, minha esposa e eu levamos o corpo ao telhado e o

jogamos na chaminé de nosso vizinho, o fornecedor, que você estava prestes a enforcar. O fornecedor, encontrando-o em seu quarto, pensou naturalmente que ele era um ladrão e deu-lhe um golpe tão forte que o homem caiu e ficou imóvel no chão. Abaixando-se para examiná-lo e encontrando-o morto como uma pedra, o fornecedor supôs que o homem tivesse morrido com o golpe que recebera; mas é claro que isso foi um erro, como você verá pelo meu relato. Eu sou o assassino e, embora eu seja inocente de qualquer desejo de cometer um crime, devo ser punido por isso mesmo assim ou então terei o sangue de dois homens na minha consciência. Portanto, mande este homem embora, eu lhe peço, e deixe-me ocupar o seu lugar, pois sou eu o culpado.

Ao ouvir a declaração do médico, o chefe de polícia ordenou que ele fosse levado para a força e o fornecedor do sultão fosse solto. A corda foi colocada em volta do pescoço do homem, e seus pés já haviam parado de tocar o chão quando a voz do alfaiate foi ouvida implorando ao carrasco que fizesse uma pausa e ouvisse o que ele tinha a dizer.

– Oh, meu senhor – gritou ele, virando-se para o chefe de polícia –, você quase causou a morte de três pessoas inocentes! Mas, se você tiver paciência para ouvir minha história, saberá quem é o verdadeiro culpado. Se alguém tem que sofrer, devo ser eu! Ontem, ao entardecer, eu trabalhava na minha oficina com o coração leve, quando o pequeno corcunda veio sentar-se à minha porta. Ele cantou várias canções para mim, e então o convidei para terminar a noite em minha casa. Ele aceitou meu convite e partimos juntos. No jantar, ajudei-o a cortar uma fatia de peixe, mas, ao comê-la, uma espinha ficou presa na garganta e, apesar de tudo o que fizemos, ele morreu em poucos minutos. Sentimos profundamente por sua morte, mas, temendo ser responsabilizados, carregamos o cadáver para a casa do médico. Bati e pedi à criada que implorasse a seu senhor que descesse o mais rápido possível e visse um homem doente que havíamos trazido para

curar; e, a fim de acelerar seus movimentos, coloquei dinheiro na mão dela como pagamento do médico. Assim que ela desapareceu, arrastei o corpo até o topo da escada e depois me apressei com minha esposa de volta para nossa casa. Ao descer as escadas, o médico accidentalmente derrubou o cadáver e, encontrando-o morto, acreditou que ele mesmo era o assassino. Mas agora que você sabe a verdade, liberte-o e me deixe morrer em seu lugar.

O chefe de polícia e a multidão de espectadores se maravilharam com os estranhos acontecimentos que deram origem à morte do corcunda.

– Solte o médico – disse ele ao carrasco – e amarre o alfaiate no lugar, já que ele confessou seu crime. Realmente, não se pode negar que esta é uma história muito singular e que merece ser escrita com letras de ouro.

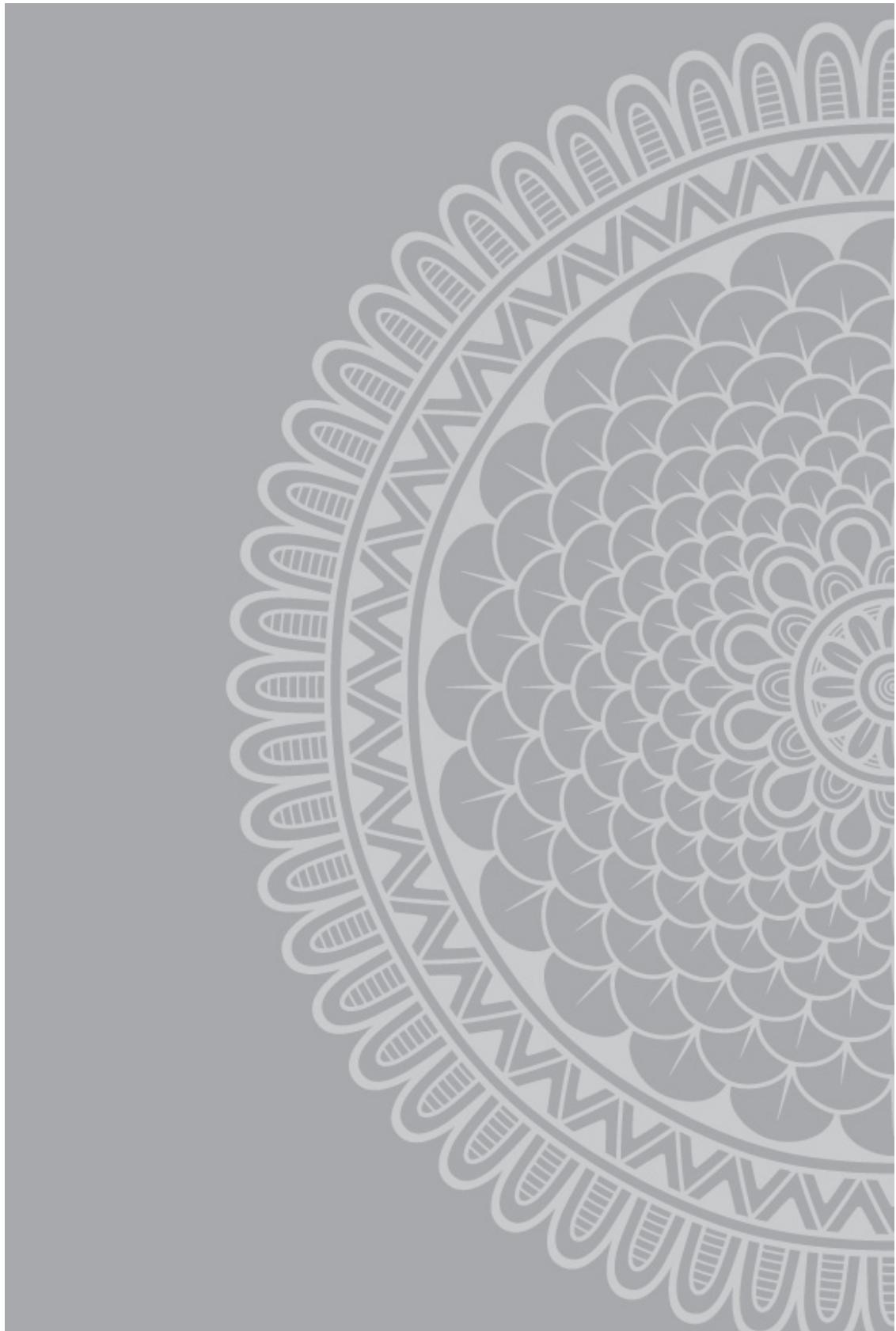
O carrasco desamarrou rapidamente os nós que prendiam o médico e estava passando a corda no pescoço do alfaiate quando o sultão de Kashgar, que perdera seu bobo da corte, indagou seus oficiais sobre o que havia acontecido com ele.

– Senhor – responderam eles –, o corcunda, tendo bebido mais do que lhe convinha, escapou do palácio e foi visto vagando pela cidade, onde esta manhã foi encontrado morto. Um homem foi preso por ter causado sua morte e mantido sob custódia até a construção de uma forca. No momento em que ele estava para ser punido, primeiro chegou um homem, depois outro, cada um se responsabilizando pelo assassinato, e isso se prolongou por um longo tempo, e no momento o chefe de polícia está empenhado em interrogar um homem que declara que ele é o verdadeiro assassino.

Assim que ouviu essas palavras, o sultão de Kashgar ordenou a um porteiro que fosse ao chefe de polícia e trouxesse todas as pessoas envolvidas na morte do corcunda, juntamente com o cadáver, que ele desejava ver novamente. O porteiro apressou-se em cumprir sua missão, mas chegou

bem a tempo, pois o alfaiate já estava balançando no ar quando sua voz caiu sobre o silêncio da multidão, ordenando ao carrasco que cortasse a corda. O carrasco, reconhecendo o porteiro como um dos servos do rei, cortou a corda, e o porteiro, vendo que o homem estava seguro, procurou o chefe de polícia e lhe deu a mensagem do sultão. Assim, o chefe de polícia partiu imediatamente para o palácio, levando consigo o alfaiate, o médico, o fornecedor e o comerciante, que carregava o corcunda morto nos ombros.

Quando a procissão chegou ao palácio, o chefe de polícia prostrou-se aos pés do sultão e contou tudo o que sabia sobre o assunto. O sultão ficou tão impressionado com as circunstâncias que ordenou a seu historiador particular que escrevesse um relato exato do que havia acontecido, de modo que, nos anos seguintes, a escapatória milagrosa dos quatro homens que se julgavam assassinos jamais pudesse ser esquecida.





## *Ameen e o Ghoul*

(Charles John Tibbitts, 1889)

*Ghouls são conhecidas por serem criaturas horrendas que, ao tirarem a vida de alguém, alimentam-se de seus restos mortais. Nessa história, um corajoso homem decide desafiar essas criaturas. E foi assim que aconteceu.*

**E**xiste um lugar terrível na Pérsia chamado de Vale do Anjo da Morte. O anjo, esse terrível ministro da ira de Deus, tem, de acordo com a tradição, lugares de descanso na terra e até suas moradas favoritas. Ele está rodeado de ghouls, seres horríveis que, ao tirar a vida de alguém, alimentam-se com as carcaças.

A forma natural desses monstros é medonha, mas eles podem assumir também a forma de animais, como vacas ou camelos, ou de qualquer coisa que quiserem, muitas vezes aparecendo para os homens como seus parentes ou amigos. Então, eles não apenas mudam de forma, mas suas vozes também são alteradas. Os gritos e berros assustadores que essas temíveis ravinas geralmente produzem são substituídos por notas suaves e vozes melodiosas. Viajantes incautos, iludidos pela aparência de amigos ou cativados pelas formas e encantados pela música desses demônios, são desviados para longe de seu caminho e, após festejar por algumas horas em todos os luxos, são condenados à destruição.

O número desses ghouls diminuiu muito desde o nascimento do Profeta, e eles não têm poder para ferir aqueles que pronunciam seu nome com sinceridade e fé. Essas criaturas são as mais baixas do mundo sobrenatural e, além de tímidas, são extremamente estúpidas e consequentemente muitas vezes são desafiadas por homens astutos.

Os nativos de Isfahan, embora não muito corajosos, são as pessoas mais astutas e perspicazes da terra. Um habitante dessa cidade já foi compelido a viajar sozinho à noite por este vale terrível. Ele era um homem de bom humor e gostava de aventuras e, embora não fosse um leão, tinha grande confiança em sua astúcia, que já o havia feito superar centenas de dificuldades e perigos que teriam constrangido ou destruído qualquer homem de valor.

Este homem, cujo nome era Ameen Beg, tinha ouvido muitas histórias sobre os ghouls do Vale do Anjo da Morte e pensou que provavelmente encontraria um se fosse até lá. Ele se preparou de acordo, colocando um ovo e um pedaço de sal no bolso. O homem não tinha ido muito longe entre as rochas, quando ouviu uma voz gritando:

– Holloa, Ameen Beg Isfahânee! Você está indo pelo caminho errado e assim você se perderá. Venha por aqui. Eu sou seu amigo Kerreem Beg; conheço seu pai, o velho Kerbela Beg, e a rua em que você nasceu.

Ameen conhecia bem o poder que os ghouls tinham de assumir a forma de qualquer pessoa que escolhessem, assim como sua habilidade como genealogistas e seu conhecimento de cidades de nascimento. Ele tinha, portanto, poucas dúvidas de que o que via na sua frente era uma daquelas criaturas o atrairindo para a destruição. Ele, no entanto, decidiu encontrá-lo e confiar em sua arte para escapar.

– Fique parado, meu amigo, até eu chegar perto de você – respondeu ele.

Ao chegar perto do ghoul, Ameen disse:

– Você não é meu amigo Kerreem; você é um demônio mentiroso, mas era bem você que eu desejava encontrar. Tentei minha força contra todos os homens e todas as feras que existem no mundo natural, e não consigo encontrar nada que se compare a mim. Vim, portanto, a este vale na esperança de encontrar um ghoul para poder provar minha destreza sobre ele.

O ghoul, surpreso por ser tratado dessa maneira, olhou intensamente para ele e disse:

– Filho de Adão, você não parece tão forte.

– As aparências enganam – respondeu Ameen –, mas darei a vocês uma prova de minha força. Veja – disse ele, pegando uma pedra de um riacho –, esta pedra contém um fluido; tente apertá-la de forma que o líquido saia.

O ghoul pegou a pedra, mas, após uma breve tentativa, devolveu-a, dizendo:

– Isso é impossível de se fazer.

– Muito fácil – disse o Isfahânee, pegando a pedra e colocando-a na mão em que segurava o ovo. – Olhe!

E o ghoul, atônito, enquanto ouvia o que julgava ser a pedra se quebrando, viu o líquido escorrer por entre os dedos de Ameen, e isso aparentemente sem nenhum esforço.

Ameen, ajudado pela escuridão, colocou a pedra no chão enquanto ele pegava outra de um tom mais escuro.

– Veja – disse ele –, posso ver que esta pedra contém sal, como você descobrirá se conseguir amassá-la entre os dedos.

O ghoul, olhando para ele, confessou que não tinha conhecimento para descobrir suas qualidades nem força para quebrá-la.

– Dê-me – disse seu companheiro, impaciente, e, tendo-a colocado na mesma mão que estava o sal, entregou-a ao ghoul, que, vendo-a aparentemente reduzida a pó, ficou em total espanto com a habilidade e a força daquele maravilhoso homem.

A criatura estava com medo que Ameen usasse aquela força contra ele, mas não via vantagem em recorrer a outra forma – como a de uma besta, por exemplo –, pois Ameen o avisara que, se ele começasse qualquer negociação injusta, ele o mataria instantaneamente, já que os ghouls, embora tenham vida longa, não são imortais.

Nessas circunstâncias, ele julgou que seu melhor plano era tentar conseguir a amizade de seu novo companheiro até que encontrasse uma oportunidade de destruí-lo.

– Incrível homem – disse ele –, você honrará minha morada com sua presença? Não é muito longe daqui, e lá você encontrará todos os refrescos e, depois de uma confortável noite de descanso, você pode retomar sua jornada.

– Não tenho nenhuma objeção, amigo ghoul, a aceitar sua oferta, mas preste atenção: eu sou, em primeiro lugar, um homem muito emotivo e não devo ser provocado por quaisquer expressões que sejam minimamente desrespeitosas. Além disso, sou um homem perspicaz e posso decifrar seus planos tão claramente quanto vi o sal por dentro daquela pedra dura. Portanto, tome cuidado para não ter atitudes más ou você sofrerá por isso.

O ghoul declarou que os ouvidos de seu hóspede não seriam incomodados por nenhuma expressão que não fosse digna dele e jurou pela cabeça de seu

senhor feudal, o anjo da morte, que respeitaria fielmente os direitos de hospitalidade e amizade.

Assim satisfeito, Ameen seguiu o ghoul por uma série de caminhos tortuosos, penhascos acidentados e ravinas profundas, até que chegaram a uma grande caverna, que era mal iluminada.

– Aqui – disse o ghoul – eu moro e aqui meu amigo encontrará tudo o que pode desejar para se refrescar e descansar.

Dizendo isso, ele o levou a vários aposentos, nos quais estavam acumuladas todas as espécies de grãos e todos os tipos de mercadorias, saqueados de viajantes que haviam sido iludidos até aquele covil, cujo destino Ameen estava muito bem informado devido aos ossos sobre os quais ele tropeçava de vez em quando e pelo cheiro pútrido produzido por algumas carcaças meio consumidas.

– Isso será suficiente para o seu jantar, espero – disse o ghoul, pegando um grande saco de arroz. – Um homem com sua destreza deve ter um apetite considerável.

– É verdade – disse Ameen –, mas comi uma ovelha e arroz antes de começar a viagem. Consequentemente, não estou com fome, mas vou comer um pouco para não ofender sua hospitalidade.

– Eu vou cozinhá-lo para você – disse o demônio. – Você não come grãos e carne crua, como nós. Aqui está uma chaleira – disse ele, pegando uma que estava por perto. – Vou buscar lenha para o fogo, enquanto você vai buscar água com ela.

Ameen esperou até ver seu anfitrião deixar a caverna e entrar na floresta e, então, com grande dificuldade, arrastou a enorme chaleira para a margem de um córrego escuro, que saía das rochas na outra extremidade da caverna e desaparecia no subsolo.

– Como poderei – pensou Ameen – evitar que minha fraqueza seja descoberta? Essa chaleira eu dificilmente conseguiria carregar quando estava vazia; quando cheia, seriam necessários vinte homens fortes para carregá-la. O que devo fazer? Eu certamente serei devorado por este ghoul canibal, que agora só está controlado porque acredita na minha grande força.

Após alguns minutos de reflexão, o Isfahânee pensou em um esquema e começou a cavar um pequeno canal do riacho em direção ao local onde sua ceia estava sendo preparada.

– O que você está fazendo? – vociferou o ghoul, enquanto avançava em sua direção. – Mandei você buscar água para ferver um pouco de arroz, e você demorou uma hora nisso. Não dava para encher a chaleira e voltar?

– Certamente daria – disse Ameen. – Se eu estivesse contente, depois de toda sua gentileza, em mostrar minha gratidão meramente por feitos de força bruta, eu poderia levantar seu riacho se você tivesse uma chaleira grande o suficiente para colocar toda a água. Mas aqui – disse ele, apontando para o canal que havia começado –, aqui está o início de uma obra na qual a mente de um homem é empregada para diminuir o trabalho de seu corpo. Este canal, por menor que pareça, levará um riacho para a outra extremidade da caverna, onde construirei uma represa que você poderá abrir e fechar quando quiser, evitando, assim, infinitos problemas para buscar água. Mas deixe-me em paz até que termine – disse começando a cavar.

– Absurdo! – disse o ghoul, agarrando a chaleira e enchendo-a. – Eu mesmo carregarei a água, e aconselho-o a deixar o seu canal, como você o chama, e me seguir para que você possa jantar e dormir. Você pode terminar este bom trabalho, se quiser, amanhã de manhã.

Ameen se parabenizou pela fuga e não demorou a seguir o conselho do anfitrião. Depois de comer com gosto a ceia preparada, ele foi repousar em uma cama feita com as mais ricas mantas e travesseiros, que foram retirados de um dos depósitos de mercadorias saqueadas. O ghoul, cuja cama também ficava na caverna, mal se deitou e caiu em um sono profundo. A ansiedade da mente de Ameen o impediu de seguir seu exemplo. Ele se levantou com cuidado e, tendo enfiado um longo travesseiro no meio da cama para dar a impressão de que ainda estava lá, retirou-se para um lugar escondido na caverna para observar como o ghoul agiria.

Este acordou pouco antes do raiar do dia e, levantando-se, dirigiu-se, sem fazer barulho, até a cama de Ameen, onde, vendo-o sem se mexer, ficou satisfeito por seu hóspede estar em sono profundo. Ele então pegou uma de suas bengalas, que tinha o tamanho do tronco de uma árvore, e deu um golpe terrível no que supôs ser a cabeça de Ameen. Ele sorriu ao não ouvir um gemido, pensando que o havia matado, mas, para ter certeza de seu trabalho, ele repetiu o golpe sete vezes. O ghoul então voltou a descansar, mas mal havia se acomodado para dormir quando Ameen, que se arrastara de volta para a cama, ergueu a cabeça acima dos lençóis e exclamou:

– Amigo ghoul, que inseto poderia ter me incomodado com suas batidas? Contei sete vezes o bater de suas asinhas na colcha. Esses vermes são muito irritantes, pois, embora não possam machucar um homem, eles perturbam seu descanso!

A consternação do ghoul ao ouvir Ameen falar foi grande, mas aumentou para pavor quando o ouviu descrever sete golpes, qualquer um dos quais teria derrubado um elefante, como sete batidas da asa de um inseto. Não havia segurança, ele pensou, perto de um homem tão maravilhoso, e ele logo depois se levantou e fugiu da caverna, deixando o Isfahânee como seu único mestre.

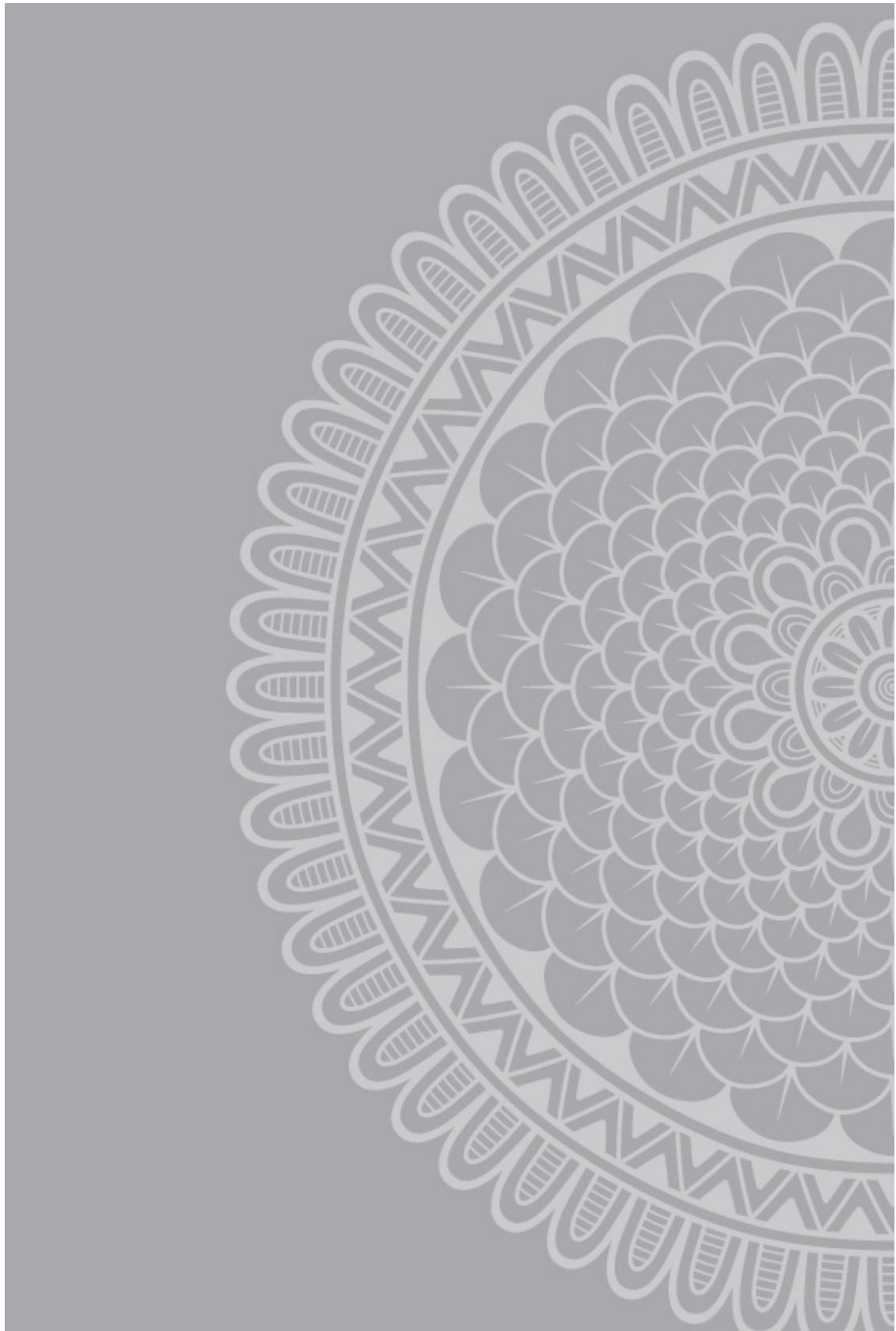
Quando Ameen descobriu que seu anfitrião havia partido, ele imediatamente começou a examinar os tesouros que o cercavam e a pensar em meios para transportá-los para sua casa.

Depois de examinar o conteúdo da caverna e se armar com objetos que pertenceram a alguma vítima do ghoul, ele partiu. Mal havia caminhado e Ameen encontrou o ghoul voltando com um grande taco de madeira na mão, e acompanhado por uma raposa. O conhecimento de Ameen sobre o animal astuto imediatamente o levou a suspeitar que o que fizera havia sido descoberto, mas sua presença de espírito não o abandonou.

– Tome isso. – Disse ele para a raposa, golpeando-a na cabeça. – Tome isso por você não cumprir minhas ordens. Aquele bruto prometeu me trazer sete ghouls para que eu pudesse acorrentá-los e levá-los para Isfahan, e trouxe apenas você, que já é minha escrava.

Assim dizendo, ele avançou em direção ao ghoul, mas este já havia fugido e sumido de vista.

Tendo Ameen memorizado o caminho da caverna até a estrada, foi até a cidade mais próxima e alugou camelos e mulas para transportar as riquezas que havia adquirido. Depois de fazer a restituição a todos os que permaneceram vivos para que aproveitassem seus bens, ele se tornou um homem rico, tudo devido à inteligência e arte que sempre superaram a força bruta.





## *As duas gatas*

(Charles John Tibbitts, 1889)

*Nesta história, saberemos como uma pobre gata chegou à conclusão que o conteúdo, ainda que humilde, é preferível à soberba frugal.*

**A**ntigamente, havia uma velha que vivia em uma cabana mais confinada do que as mentes dos ignorantes e mais escura do que os túmulos dos avarentos. Sua companheira era uma gata, mas mal a alimentava. De vez em quando, o bichano encontrava algum rato e sentia-se como se tivesse encontrado um tesouro. Suas bochechas brilhavam de êxtase e a dor do passado era consumida pela alegria presente.

O banquete duraria uma semana ou mais e, enquanto devorava o rato, a gata pensava: “Será que estou sonhando? Será que finalmente experimentarei tanta prosperidade depois de tantas adversidades?”.

Mas, como a morada da velha era em geral a mansão da fome para este gato, a gata estava sempre reclamando e imaginando esquemas para uma nova vida. Um dia, quando reduzida à extrema fraqueza, ela, com muito esforço, chegou ao topo da cabana. De lá, ela observou uma outra gata espreitando na parede da casa de um vizinho, que, como um tigre feroz, avançava com passos cautelosos e estava tão carregada de carne que ela mal conseguia levantar os pés. A amiga da velha ficou surpresa ao ver alguém de sua própria espécie tão gorda e esguia e disse:

– Seus passos majestosos trouxeram você aqui finalmente. Por favor, me diga de onde você vem? De onde você veio com uma aparência tão linda? Onde você adquiriu tal formosura?

A outra gata respondeu:

– Eu sou a comedora de migalhas do sultão. Todas as manhãs, quando abrem a mesa de convívio, vou ao palácio e aí exibo a minha morada e coragem. Entre as carnes ricas e bolos de trigo, eu escolho alguns pedaços refugados. Eu então me deito e passo meu tempo até o dia seguinte, descansando deliciosamente.

A gata da velha pediu para saber o que era carne rica e que gosto tinham os bolos de trigo. Acrescentou, em tom melancólico:

– Quanto a mim, durante a minha vida, não comi nem vi nada além do mingau da velha e da carne de rato.

A outra, sorrindo, disse:

– Isso explica a razão de eu estar com dificuldades em distinguir você de uma aranha. Sua forma e estatura dão vergonha aos gatos, especialmente por uma aparência tão miserável. Você certamente tem as orelhas e a cauda de um gato, mas em outros aspectos você é uma aranha completa. Se você visse o palácio do sultão e cheirasse suas deliciosas iguarias, sem dúvida esses ossos murchos seriam restaurados. Você receberia uma nova vida, sairia de trás da cortina de invisibilidade para o plano de observação.

A gata da velha se dirigiu à outra da maneira mais suplicante:

– Ó minha irmã! – exclamou. – Não estamos ligadas pelos laços de parentesco? O que a impede de dar uma prova de amizade, levando-me com você na próxima visita ao palácio? Talvez de seu favor muito possa fluir para mim e de seu patrocínio eu possa alcançar dignidade e honra.

O coração da comedora de migalhas do sultão ficou comovido com aquele pedido e ela prometeu à sua nova amiga que iria acompanhá-la na próxima visita ao palácio. Esta última, muito feliz, desceu imediatamente do terraço e comunicou todos os detalhes à velha, que lhe dirigiu o seguinte conselho:

– Não se engane, minha querida amiga, com a linguagem mundana que você ouviu. Não abandone o seu lugar de contentamento, pois o cálice dos avarentos só será preenchido com o pó da sepultura, e o olho da estupidez e da esperança só poderá ser fechado pela agulha da mortalidade e pelo fio do destino. É o conteúdo que torna os homens ricos. Observe os avarentos, que percorrem o mundo: eles não conhecem nem prestam adoração a seu Deus, que está insatisfeito com sua condição e fortuna.

Mas o banquete esperado havia se apossado tanto da imaginação da pobre gatinha que o conselho da velha foi ignorado.

O bom conselho de alguém é como vento em uma gaiola, ou água em uma peneira, quando dado ao obstinado.

Para concluir, no dia seguinte, acompanhada por sua amiga, a gata meio faminta foi mancando até o palácio do sultão. Antes que este infeliz miserável viesse, como está decretado que os avarentos ficarão desapontados, um acontecimento extraordinário havia ocorrido e, devido ao seu destino maligno, a água da decepção foi derramada sobre a chama de sua ambição imatura.

O caso era o seguinte: no dia anterior, toda uma legião de gatos cercara a festa e fez tanto barulho que incomodou os convidados. Em consequência, o sultão ordenou que alguns arqueiros armados com arcos da Tartária deveriam, neste dia, ficar escondidos e que qualquer gato que avançasse para o local com valentia, coberto com o escudo da audácia, deveria, ao comer o primeiro pedaço, ser atingido por suas flechas. A gatinha da velha

não sabia desta ordem. No momento em que sentiu o cheiro da comida, ela voou como uma águia para o lugar de sua presa.

Mal sentira o gosto da carne, uma flecha perfurou seu peito.

O sangue começou a jorrar da ferida. Ela fugiu, com medo da morte, depois de ter exclamado:

– Se eu escapar deste arqueiro terrível, ficarei satisfeita com meu rato e a cabana miserável de minha velha senhora. Minha alma rejeita o mel se acompanhado da picada. O conteúdo, ainda que humilde, é preferível.

## *As três maçãs*

(de *As mil e uma noites*. Antoine Galland, 1704)

*Nesta história contada por Sherazade nas Mil e uma noites, o califa Haroon al Rusheed fica sabendo de um assassinato e ordena que seu vizir, Jaffier, resolva o caso em três dias. Para a surpresa de todos, o caso é ainda mais trágico do que parecia ser.*

**O**califa Haroon al Rusheed um dia ordenou que o grão-vizir Jaffier fosse ao seu palácio na noite seguinte.

– Vizir – disse ele –, vou dar uma volta pela cidade para me informar sobre o que as pessoas dizem e se estão satisfeitas com meus oficiais de justiça. Se houver alguma reclamação justa, nós os expulsaremos e colocaremos outros em seu lugar. Se, pelo contrário, alguém for elogiado, daremos a ele o reconhecimento que ele merece.

No dia seguinte, o califa, ele e Mesrour, o chefe dos eunucos, disfarçaram-se para que não pudessem ser reconhecidos e saíram todos os três juntos.

Eles passaram por vários lugares e por vários mercados. Quando entraram em uma pequena ruela, eles perceberam, devido à luz da lua, um homem alto, de barba branca, que carregava redes em sua cabeça e um bastão na mão.

– A julgar pela aparência dele – disse o califa –, aquele senhor não é rico. Vamos conversar com ele e perguntar sobre as circunstâncias em que vive.

– Homem honesto – disse o vizir –, quem és tu?

O velho respondeu:

– Senhor, eu sou um pescador, mas um dos mais pobres e miseráveis do comércio. Saí de casa por volta do meio-dia para pescar e até agora não fui capaz de pegar um peixe. Tenho uma esposa e filhos pequenos e nenhum dinheiro para sustentá-los.

O califa, comovido de compaixão, disse ao pescador:

– O senhor arriscaria voltar e lançar a rede mais uma vez? Nós lhe daremos cem moedas pelo que você pescar.

O pescador, esquecendo-se de todo o trabalho do dia fracassado, aceitou a proposta do califa e voltou para o Tigre, acompanhado do califa Jaffier e Mesrour. Enquanto andava, pensava consigo mesmo: “Esses senhores parecem muito honestos e razoáveis para não recompensarem minhas dores; e, se eles me derem a centésima parte do que eles prometem, já será uma grande recompensa”.

Eles chegaram à margem do rio, e o pescador jogou sua rede novamente. Desta vez, ao puxar, trouxe à superfície um baú bem fechado e muito pesado. O califa fez o grão-vizir pagar ao homem cem moedas imediatamente e o mandou embora.

Mesrour, por ordem de seu mestre, carregou o baú no ombro, e o califa estava tão ansioso para saber o que continha que eles voltaram ao palácio a toda a velocidade.

Ao abrirem o baú, encontraram nele uma grande cesta feita de folhas de palmeira, com a tampa costurada com linha vermelha. Para satisfazer o

califa, que estava impaciente, cortaram a linha com uma faca e tiraram do baú um embrulho amarrado por uma corda. Desamarrando aquele estranho pacote, encontraram, para seu grande espanto, o cadáver de uma jovem, mais branco que a neve, todo cortado em pedaços.

O espanto do califa foi grande com aquela terrível visão. Sua surpresa foi instantaneamente transformada em ódio e, lançando um olhar zangado para o vizir, disse:

– Desgraçado, é assim que você fiscaliza as ações do meu povo? Deixá-los cometerem tais assassinatos ímpios sob o teu ministério em minha capital e jogar meus súditos no Tigre, para que chorem por vingança contra mim no dia do julgamento? Se você não vingar rapidamente o assassinato desta mulher, matando seu assassino, eu juro pelos céus que mandarei matar a ti e mais quarenta familiares seus.

– Comandante dos fiéis – respondeu o grão-vizir –, peço à vossa majestade que me conceda tempo para este trabalho.

– Você terá apenas três dias – disse o califa.

O vizir Jaffier voltou para casa em grande perplexidade.

– Ai de mim! Como será possível, em uma cidade tão vasta e populosa como Bagdá, detectar um assassino, que sem dúvida cometeu o crime sem nenhuma testemunha por perto e talvez já esteja longe daqui? Qualquer outro vizir além de mim escolheria algum miserável na prisão e faria com que ele fosse condenado à morte para satisfazer o califa, mas não vou sobrekarregar minha consciência com tal ação bárbara! Prefiro morrer a preservar minha vida pelo sacrifício de outra pessoa inocente.

Ele ordenou que os guardas começassem a procurar o criminoso. Nenhum teve um segundo de descanso, porque não estavam menos preocupados que o vizir. Mas todos os seus esforços foram em vão: por mais que tentassem,

eles não conseguiam descobrir quem fora o assassino, de modo que o vizir concluiu que ele seria condenado à morte.

Ao chegar o terceiro dia, um oficial veio ao infeliz vizir solicitando que o seguisse, o que o vizir obedeceu.

O califa perguntou a ele pelo assassino. Ele respondeu:

– Comandante dos fiéis, não encontrei o responsável pelo crime.

O califa, cheio de fúria e raiva, disse várias palavras de reprovação e ordenou a morte do vizir.

Enquanto oficiais eram enviados para apreender as outras quarenta pessoas em suas casas, um pregoeiro foi chamado à cidade por ordem do califa, para clamar assim:

– Aqueles que desejam ver o grão-vizir Jaffier ser morto, junto com quarenta parentes seus, que venham para a praça na frente palácio.

Quando todas as coisas estavam prontas, os guardas do palácio trouxeram o grão-vizir com os quarenta parentes. A multidão de pessoas que enchiam a praça observava com tristeza, porque o grão-vizir era amado por causa de sua generosidade e imparcialidade, não apenas em Bagdá, mas em todos os domínios do califa.

A sentença estava prestes a ser aplicada e as vidas de todas aquelas pessoas iam ser sacrificadas quando um belo jovem, espremendo-se através da multidão, veio até o grão-vizir e, depois de beijar sua mão, disse:

– Excelente vizir, chefe dos emires desta corte e consolador dos pobres, você não é culpado do crime pelo qual está pagando aqui. Retire-se e deixe-me pagar pela morte da senhora que foi jogada no Tigre. Fui eu que a matei e eu mereço ser punido pelo meu crime.

Embora essas palavras tenham ocasionado grande alegria para o vizir, ainda assim ele não pôde deixar de sentir pena do jovem, em cujo olhar ele viu algo que, em vez de evidenciar culpa, era envolvente. Quando estava prestes a responder a ele, um homem alto e avançado em anos, que também tinha se espremido através da multidão, aproximou-se dele, dizendo:

- Não acredite no que este jovem lhe diz, eu matei aquela senhora que foi encontrada no baú, e esta punição só deve recair sobre mim. Eu imploro, em nome de Deus, que não puna os inocentes.
- Senhor – disse o jovem ao vizir –, afirmo que fui eu que cometeu esse crime e ninguém mais está envolvido nisso.
- Meu filho – disse o velho –, é o desespero que o trouxe aqui e você anteciparia seu destino. Eu vivi muito tempo no mundo e está na minha hora de partir. Deixe-me, portanto, sacrificar minha vida pela sua.
- Senhor – disse ele novamente ao vizir –, digo-lhe mais uma vez que sou eu o assassino; deixe-me morrer sem demora.

A polêmica entre o velho e o jovem induziu o grão-vizir a levá-los até o califa. Ao chegar em frente ao califa, beijou o chão sete vezes e falou assim:

- Comandante dos fiéis, eu tenho aqui diante de sua majestade este velho e este jovem, cada um dos quais se declara o único assassino da senhora.

O califa perguntou aos criminosos qual deles havia assassinado aquela senhora com tanta crueldade e a jogado no Tigre.

O jovem assegurou-lhe que era ele, mas o velho continuou insistindo.

- Vá – disse o califa ao grão-vizir – e faça com que os dois sejam mortos.

– Mas, senhor – disse o vizir –, se apenas um deles é o culpado, seria injusto tirar a vida de ambos.

Com essas palavras, o jovem falou novamente:

– Eu juro pelo grande Deus, que elevou os céus tão alto, que fui eu que matou a senhora, cortou-a em pedaços e, cerca de quatro dias atrás, jogou-a no Tigre. Eu renuncio minha parte de felicidade entre os justos no dia do julgamento se o que eu digo não for verdade; portanto, sou eu que devo ser penalizado.

O califa, sendo pego de surpresa com aquele juramento, acreditou nele. Então, voltando-se para o jovem, disse:

– Desgraçado – disse ele –, o que o fez cometer aquele crime detestável e o que o move a oferecer-se voluntariamente para morrer?

– Saiba, ó Comandante dos Fiéis – respondeu o jovem –, que esta donzela era minha esposa e filha deste velho, que é irmão de meu pai. Deus me abençoou com três filhos do sexo masculino com ela, e ela me amou e me serviu, e eu também a amei com um amor excessivo e não vi mal nela. Vivemos felizes juntos até o início deste mês, quando ela adoeceu gravemente. Chamei os médicos para ela e ela se recuperou lentamente; e eu gostaria que ela tomasse banho, mas ela disse:

– Há algo que desejo antes de ir para o banho.

– O que é isso? – perguntei eu, e ela respondeu:

– Tenho saudades de uma maçã, gostaria de cheirá-la e morder um pedaço dela.

Por isso, fui imediatamente à cidade e procurei maçãs, que compraria pelo preço que fosse, mas não consegui encontrar nenhuma. Fiquei irritado com isso e fui para casa e disse à minha esposa:

– Por Alá, não consegui encontrar nenhuma.

Ela estava angustiada, pois ainda estava fraca, e sua fraqueza aumentou muito naquela noite, e eu passei a noite cheio de ansiedade. Assim que amanheceu, saí de novo e dei uma volta pelos jardins, mas não encontrei maçãs em lugar nenhum. Por fim, encontrei um velho jardineiro, a quem perguntei por maçãs, e ele me disse:

– Ó meu filho, este fruto é raro entre nós e impossível de ser encontrado em outro lugar senão no jardim do Comandante dos Fiéis em Bassora, onde o jardineiro os guarda para a mesa do califa.

Voltei para casa, preocupado com meu fracasso, e meu amor e preocupação por ela me levaram a empreender a jornada para Bassora. Então, parti e viajei para lá e comprei três maçãs do jardineiro por três dinares, com as quais voltei a Bagdá, depois de ter estado ausente quinze dias e noites, indo e vindo. Fui até minha esposa e dei-lhe as maçãs, mas ela não teve prazer com elas e as deixou repousar ao seu lado, pois a fraqueza e a febre haviam aumentado, e não a deixei por dez dias, ao final dos quais ela começou a se curar. Então eu saí de casa e fui para minha loja, onde me sentei para trabalhar. Por volta do meio-dia, um grande escravo negro entrou no bazar, tendo em sua mão uma das três maçãs, então eu o chamei e disse:

– Bom escravo, diga-me de onde você tirou essa maçã.

Ele riu e respondeu:

– Estive ausente e, na minha volta, encontrei a minha senhora deitada doente, com três maçãs ao lado. Ela me disse que seu marido havia viajado para conseguir-las e que pagara por elas três dinares. Então eu comi e bebi com ela e peguei esta maçã.

Quando ouvi isso, o mundo escureceu em meus olhos e me levantei, fechei minha loja e fui para casa, fora de mim por excesso de raiva. Procurei as

maçãs, encontrando apenas duas delas e disse à minha esposa:

– Onde está a terceira maçã?

Ela disse:

– Eu não sei onde ela foi parar.

Isso me convenceu da veracidade da história do escravo, então peguei uma faca e, vindo por trás dela, sem dizer nenhuma palavra, subi em seu peito e cortei sua garganta; depois disso, cortei-a em pedaços e, enrolando-a no véu e em um pedaço de tapete, costurei tudo às pressas na cesta. Então coloquei a cesta no baú e fechei-a, coloquei na minha mula e joguei no Tigre com minhas próprias mãos. Portanto, Deus sobre ti, ó Comandante dos Fiéis, apressa-te a enforcar-me, pois temo que ela me peça por vingança no dia da ressurreição! Pois, quando a joguei no rio, sem que ninguém soubesse, voltei para casa e encontrei meu filho mais velho chorando, embora não soubesse o que eu tinha feito com sua mãe. Então lhe perguntei:

– Por que choras, meu filho?

Ele respondeu:

– Peguei uma das maçãs de minha mãe e descia com ela para a rua para brincar com meus irmãos, quando eis que um escravo alto e negro a tirou de minha mão, perguntando onde eu a havia conseguido e respondi que meu pai viajara para Bassora para buscá-la e a trouxera para minha mãe, que está doente, com duas outras maçãs pelas quais ele pagou três dinaras. Pedi que a devolvesse para mim e não me colocasse em apuros por isso. Ele não prestou atenção às minhas palavras, e eu exigi a maçã uma segunda e uma terceira vez, mas ele me bateu e foi embora. Eu estava com medo de que minha mãe me batesse por causa da maçã; então, por medo dela, eu saí da cidade com meus irmãos e permaneci lá até que a noite caísse sobre nós.

Então, por Alá, ó meu pai, não diga nada a ela sobre isso ou isso a deixará mais doente.

Quando ouvi o que a criança disse, soube que quem havia mentido era o escravo e percebi que havia matado minha esposa injustamente. Por isso, chorei muito e, pouco depois, este velho, o pai dela, entrou e contei-lhe o que tinha acontecido. Ele sentou-se ao meu lado e chorou e nós não paramos de chorar a noite toda. Isso foi há cinco dias e, desde então, nunca mais deixamos de lamentar, lamento profundamente por ela ter sido injustamente condenada à morte. Tudo isso veio da história mentirosa do escravo, e esta foi a forma como a matei; portanto, eu lhe peço, pela honra de seus antepassados, apresse-se em me matar e fazer a justiça, pois não há vida para mim depois dela.

O califa se admirou de sua história e disse:

– Por Alá, o jovem é desculpável, e eu não irei enforcar ninguém além do maldito escravo!

Então ele se irritou com Jaffier e disse-lhe:

– Traga-me o escravo que foi a causa desta calamidade e, se não o trouxer em três dias, sofrerás em seu lugar.

Jaffier saiu chorando e dizendo:

– Na verdade, estou cercado de mortes. Não há nada que possa fazer, aquele que me salvou da primeira vez não pode me salvar novamente. Por Alá, não sairei de minha casa durante os três dias que me restam, e Deus, que é a Verdade, fará o que Ele quiser.

Assim, ele ficou três dias em casa e, no quarto dia, fez as suas últimas disposições e despediu-se dos filhos, chorando. Logo chegou um mensageiro do califa e disse-lhe:

– O Comandante dos Fiéis está mais do que furioso à sua procura, jura que o dia não passará sem que você seja enforcado.

Ao ouvir isso, Jaffier chorou, e seus filhos e escravos e todos os que estavam na casa choraram com ele. Em seguida, trouxeram-lhe sua filhinha para que ele pudesse se despedir dela. Ele a amava mais do que todos os outros filhos; então ele a apertou contra o peito, beijou-a e chorou por ter que se separar dela, quando eis que ele sentiu algo em seu peito e disse-lhe:

– O que é isso em seu peito?

– Ó meu pai – respondeu ela –, é uma maçã com o nome de nosso senhor, o califa, escrito nela. Nosso escravo Rihan trouxe para mim há quatro dias e não me deixou ficar com ela até que eu lhe desse dois dinares por ela.

Quando Jaffier ouviu isso, ele colocou a mão em seu peito, tirou a maçã e se alegrou, dizendo:

– Ó, rápida solução para o problema!

Então ele mandou chamar o escravo e disse-lhe:

– Harkye Rihan, de onde tiraste esta maçã?

– Por Alá, ó meu senhor – respondeu ele –, embora mentir possa me tirar do perigo, é mais seguro dizer a verdade! Não a roubei do teu palácio, nem do palácio de sua alteza, nem do jardim do Comandante dos Fiéis. O fato é que alguns dias atrás eu estava passando por um certo beco desta cidade quando vi algumas crianças brincando e esta maçã na mão de uma delas. Então, eu a tirei dele, e ele chorou e disse:

– Ó, jovem, esta maçã é da minha mãe e ela está doente. Ela ansiava por maçãs, e meu pai viajou para Bassora e comprou para ela três maçãs por três dinares, e eu trouxe uma delas para cá.

Mas não prestei atenção ao que ele disse, saí com a maçã e vendi-a para minha querida patroa por dois dinares.

Quando Jaffier ouviu isso, ele se perguntou se a morte da mulher e toda essa miséria teriam sido causadas por seu escravo e lamentou pela relação do escravo consigo mesmo, enquanto se regozijava com sua própria entrega. E ele repetiu os seguintes versos:

“Se por um servo o infortúnio te sobrevier, não poupeis salvar tua própria vida às custas dele.

“Você encontrará servos em abundância para substituí-lo, vida por vida nunca, uma vez que esteja perdida.”

Em seguida, ele levou o escravo ao califa, a quem contou toda a história. O chefe ficou muito surpreso e riu até cair para trás e ordenou que a história fosse registrada e publicada entre o povo. Então Jaffier disse:

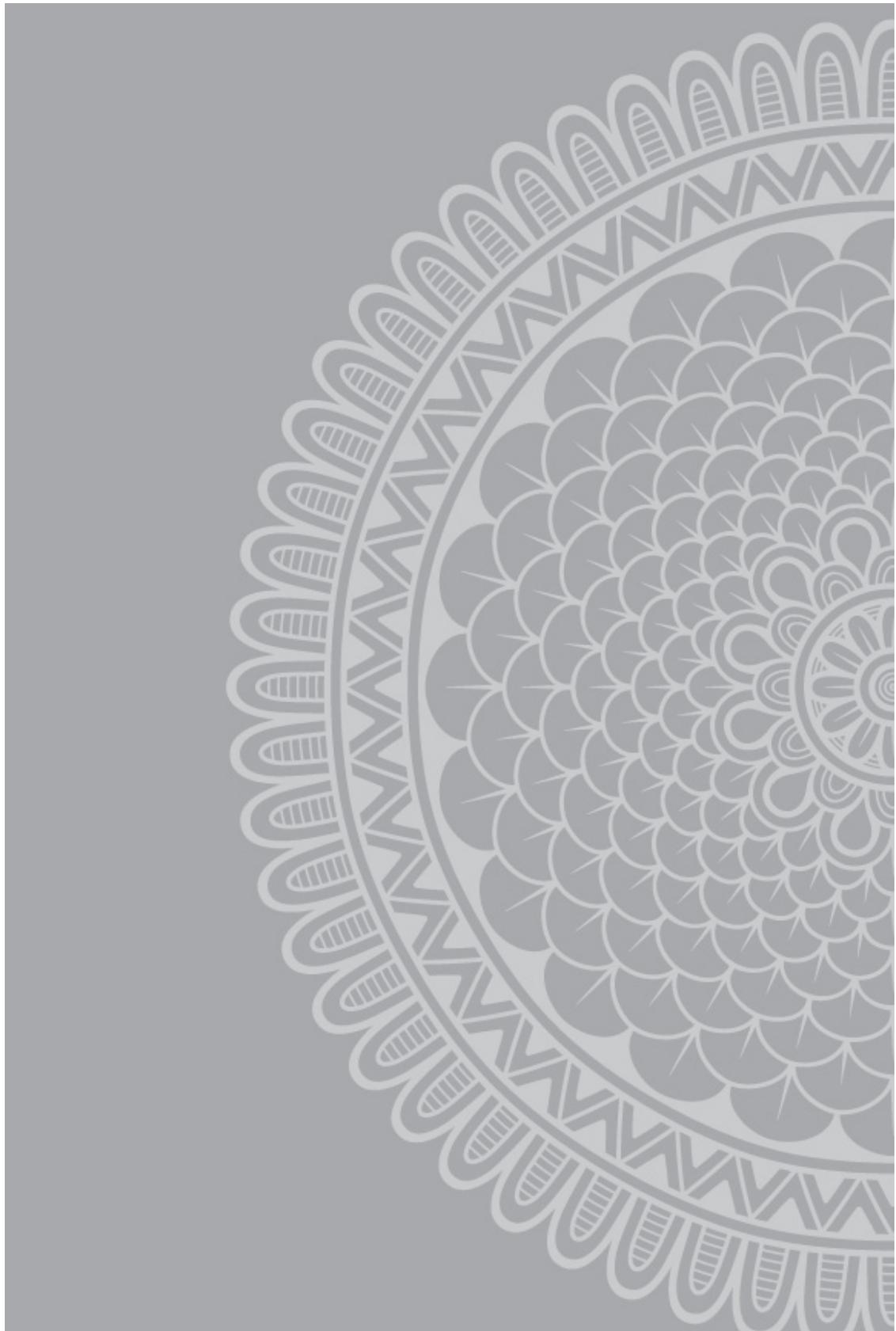
– Ó, Comandante dos Fiéis, não se maravilhe com esta história, pois não é mais maravilhosa do que a de Noureddin Ali do Cairo e seu filho Bedreddin Hassan.

– O que é isso? – perguntou o califa. – E como pode ser mais maravilhosa do que esta história?

– Ó, Comandante dos Fiéis – respondeu Jaffier –, eu não a contarei a menos que perdoes meu escravo.

– Se for realmente mais maravilhosa do que as três maçãs, eu te concedo a vida de teu escravo; mas, se não, vou matá-lo.

E Jaffier contou sua história.





## *O homem que nunca riu*

(Muhammad Vandestra, 2018)

*Um jovem rapaz órfão em Bagdá é acolhido por um grupo de sheiks, que, por algum motivo misterioso, passavam seus dias chorando. Após a morte deles, o jovem decide tentar descobrir o misterioso motivo do choro, mas aprende uma grande lição.*

**E**m Bagdá, há muitos anos, havia um homem, daqueles que possuem casas e riquezas, que tinha servos, escravos e muitas outras coisas. Um dia, ele deixou o mundo para receber a misericórdia de Deus, deixando aqui um filho pequeno. Quando o filho cresceu, ele começou a gastar todo seu dinheiro em comida, bebida, presentes e excessos, gastando as riquezas que seu pai tinha deixado para ele até que todo seu dinheiro acabou. Ele então começou a vender escravos e outras posses, mas também gastou tudo o que seu pai lhe deixara e ficou tão pobre que teve que trabalhar como os trabalhadores normais faziam. Nesse estado ele permaneceu por muitos anos. Um dia, enquanto ele estava sentado em frente a uma parede, esperando para ver se chegavam compradores, eis que um homem de fisionomia e trajes bonitos aproximou-se dele e o saudou. Então o jovem disse a ele:

– Ó tio, já me conheces?

O homem respondeu-lhe:

– Não te conheço, absolutamente, ó meu filho; mas vejo os traços de riqueza sobre ti, embora estejas nesta condição.

O jovem respondeu:

– Ó tio, o que o destino ordenou aconteceu. Mas tu tens, ó tio de rosto bonito, algum negócio para me empregar?

– Ó meu filho, desejo empregá-lo em um trabalho fácil.

– E que trabalho seria esse? – perguntou o menino.

– Tenho comigo dez *sheiks* em uma morada e não temos ninguém para atender às nossas necessidades. Receberás de nós em alimentos, roupas e dinheiro o que for suficiente e nos servirás. Talvez, também, Deus restaurará a ti tua riqueza por nossos meios.

O jovem, animado com a ideia, respondeu:

– Ouço-o e o obedecerei!

– Tenho, contudo, uma condição a impor a ti – continuou o *sheik*.

– E qual é a tua condição, ó tio? – perguntou o jovem.

– Ó meu filho, é que guardes nosso segredo com respeito às coisas que nos verás fazer e, quando nos vir chorar, não pergunte nunca a causa de nosso choro.

– Assim será, ó tio.

– Ó meu filho, venha conosco, contando com a bênção de Deus!

E o jovem seguiu o *sheik* até que ele o conduziu ao banho; depois disso, enviou um homem, que lhe trouxe uma bela vestimenta de linho. Após colocar suas novas roupas, o jovem foi aos aposentos ao encontro dos outros. Logo, ele descobriu que era uma mansão alta, com ângulos

elevados, ampla, com câmaras, uma de frente para a outra, e salões, e que em cada salão havia uma fonte de água, e pássaros cantavam sobre ela. Também havia janelas que davam para todos os lados e um lindo jardim dentro da mansão. O *sheik* o conduziu a uma das câmaras decorada com mármores coloridos, teto de ouro e cheia de tapetes de seda. Lá, estavam dez *sheiks* usando seus trajes de luxo, sentados um frente ao outro, chorando a prantos.

O jovem se perguntou o que estaria acontecendo e estava prestes a questionar o *sheik* que o trouxera, mas ele então se lembrou da condição e, portanto, conteve sua língua. O *sheik* confiou ao jovem um baú que continha trinta mil moedas de ouro, dizendo-lhe:

– Ó meu filho, gaste o dinheiro de acordo com o que é justo, seja fiel, e cuide daquilo que te confiei.

E o jovem respondeu:

– Assim será.

Depois de um período de dias e noites, um dos *sheiks* morreu e seus companheiros lavaram o corpo, envolveram-no em um pano fino e o enterraram em um jardim atrás da mansão.

Acontece que acabou morrendo um *sheik* atrás do outro, até que restou apenas aquele que havia convidado o jovem. Eles ficaram juntos naquela mansão e assim permaneceram por muitos anos. Então o *sheik* também adoeceu, e o jovem, em prantos, disse-lhe:

– Ó tio, eu te servi e não falhei em teu serviço nenhuma vez em doze anos, e sim agi e servi fielmente a você de acordo com meu poder e capacidade.

– Sim, ó meu filho – respondeu o *sheik* –, tu nos serviste até que os *sheiks* fossem levados ao encontro de Deus. Devemos inevitavelmente morrer.

– Ó meu mestre, já que estás em estado delicado, desejo que me informes qual foi a causa do teu choro, do teu luto e da tua tristeza.

Ele respondeu:

– Ó meu filho, não te preocupes com isso e não exija que eu faça o que sou incapaz, pois roguei a Deus que não afiguisse ninguém com a minha aflição. Agora, se desejas estar a salvo daquilo em que caímos, não abra essa porta – disse apontando para uma porta com a mão –, mas, se desejas que tudo o que nos aconteceu aconteça contigo, abra-a e saberás a causa disso tudo, mas tu te arrependerás e não vai valer a pena.

Então o *sheik* ficou mais doente e morreu. O jovem o lavou com suas próprias mãos, envolveu-o em um pano fino e sepultou-o com seus companheiros.

Ele permaneceu no palácio, em posse de todo o tesouro, mas, apesar disso, ele estava inquieto, refletindo sobre o motivo de os *sheiks* terem chorado. Um dia, enquanto estava meditando sobre as palavras do *sheik* e sua ordem para que não abrisse a porta, ocorreu-lhe que dar apenas uma olhada nela não fosse causar problemas.

Indo até ela, encontrou uma porta elegante, sobre a qual uma aranha havia tecido suas teias, e que continha quatro fechaduras de aço. Ao vê-la, lembrou-se de como o *sheik* o advertira e se afastou. Sua alma desejou que ele abrisse a porta, mas ele conteve o desejo por um período de sete dias, porém, no oitavo dia, sua alma o venceu e ele disse:

– Devo abrir aquela porta e ver o que acontecerá comigo, pois nada repelirá o que Deus decreta e predestina, e nenhum evento acontecerá senão por Sua vontade.

Assim, ele se levantou e abriu a porta, após ter quebrado as fechaduras. Ao abri-la, viu uma passagem estreita, por onde ele caminhou por três horas até

chegar à margem de um grande rio. Ele continuou caminhando ao longo da margem, olhando para a direita e para a esquerda, e viu uma grande águia descer do céu. Prendendo o jovem com as garras, o pássaro voou com ele entre o céu e a terra, até transportá-lo para uma ilha no meio do mar. Lá, a águia o jogou no chão e se afastou.

O jovem ficou perplexo e sem saber para onde ir, mas, um dia, enquanto ele estava sentado, avistou a vela de um navio no mar, como uma estrela no céu. O coração do jovem se concentrou no barco, na esperança de que pudesse fugir nele. Quando a embarcação se aproximou, ele encontrou um barco de marfim e ébano, cujos remos eram de sândalo e aloés, e todo ele estava envolto em placas de ouro brilhante. Havia também nele dez donzelas, lindas como luas. As donzelas o viram e aproximaram-se dele. Beijaram-lhe as mãos e disseram:

– Tu és o rei, o noivo.

Então, avançou até ele uma donzela que era como o sol brilhando no céu claro e que tinha na mão um lenço de seda, no qual havia um manto real e uma coroa de ouro engastada com variedades de jacintos. Tendo avançado até ele, ela o vestiu e o coroou; depois disso, as donzelas o carregaram para dentro, onde ele encontrou variedades de tapetes de seda de diversas cores. Elas então espalharam as velas e avançaram pelas profundezas do mar.

O jovem teve certeza de que aquilo era um sonho e não sabia para onde estavam indo com ele. Quando avistaram a terra, trouxeram-lhe cinco cavalos marcados com selas de ouro, incrustados com variedades de pérolas e pedras preciosas, e o jovem montou em um deles. Mesmo não acreditando que aquilo fosse real, e sim imaginando que era o resultado de sonhos confusos, foram adiante até avistar uma campina verde, na qual havia palácios e jardins, árvores, rios, flores e pássaros proclamando a perfeição de Deus.

Um exército apareceu entre os jardins. Quando as tropas se aproximaram do jovem, fizeram uma saudação e eis que um rei avançou entre eles, cavalgando sozinho, precedido por alguns de seus oficiais principais caminhando.

O rei desceu de seu corcel, e o jovem, vendo-o fazer isso, também desceu. Eles se saudaram com a mais cortês saudação e então montaram novamente em seus cavalos.

O rei disse ao jovem:

– Acompanhe-nos, pois tu és meu convidado.

O jovem o acompanhou, e eles conversaram muito enquanto as tropas imponentes seguiam diante deles para o palácio do rei, onde desceram e todos entraram, junto com o rei e o jovem. O rei então se sentou no trono de ouro e pediu que o jovem se sentasse ao lado dele. Quando o rei descobriu o rosto, o jovem percebeu que o suposto monarca era, na verdade, uma donzela; uma dama de beleza, elegância e perfeição únicas. O jovem viu grande riqueza e grande prosperidade e se maravilhou com a beleza da donzela. Então a rainha disse a ele:

– Saiba, ó rei, que eu sou a rainha desta terra, e todas essas tropas que você viu, seja de cavalaria ou infantaria, são formadas por mulheres. Não há nenhum homem entre elas. Os homens entre nós, nesta terra, cultivam, semeiam e colhem, empregando-se no cultivo da terra, na construção e reparo das cidades e no atendimento aos assuntos do povo, pela busca de todo tipo de arte e comércio. Quanto às mulheres, elas são as governantes, magistradas e soldadas.

E o jovem ficou extremamente surpreso com aquilo. Enquanto eles estavam conversando, o suposto vizir entrou, e eis que o jovem descobriu se tratar de uma velha grisalha de aparência venerável e digna. A rainha disse-lhe:

– Traga-nos a Kádee e as testemunhas.

A velha saiu com esse propósito. A rainha voltou-se para o jovem, conversou com ele e dissipou seu medo com palavras gentis. Depois, com cortesia, disse-lhe:

– Você ficará contente que eu seja sua esposa?

Ele se levantou e beijou o chão diante dela, mas ela o proibiu. Ele respondeu:

– Ó minha senhora, sou menos do que os servos que te servem.

Ela então disse a ele:

– Não vês estes servos, soldados, riquezas, tesouros e reservas?

– Sim.

– Todos eles estão à tua disposição. Deverás fazer uso deles e dá-los ou concedê-los como te parecer adequado.

Então ela apontou para uma porta fechada e disse:

– De todas estas coisas tu disporás, mas nunca abra essa porta, pois, se a abrires, te arrependerás.

A Kádee e as testemunhas, todas velhas com os cabelos espalhados pelos ombros e de aspecto venerável e digno, entraram. Quando elas se apresentaram à rainha, ela ordenou que realizassem a cerimônia do contrato de casamento e eles se casaram. Após as festividades, ele residiu com ela sete anos, passando a vida mais agradável e confortável que podia imaginar.

Mas um dia ele pensou sobre a porta que lhe fora proibida: “Se não houvesse grandes tesouros dentro dela, melhores do que o que tenho visto, ela não me proibiria de abri-la”, pensou.

Ele então se levantou e abriu a porta, e eis que dentro dela estava o pássaro que o carregara da margem do grande rio e o depositara na ilha. Quando o pássaro o viu, disse-lhe:

– Boas-vindas a um rosto que nunca será feliz!

Então, vendo-o, o jovem tentou fugir, mas o pássaro o seguiu e o carregou, voou com ele entre o céu e a terra por uma hora e, por fim, colocou-o no lugar de onde o havia levado, desaparecendo logo depois. Ele se sentou naquele lugar e, voltando à sua razão, refletiu sobre o que ele tinha visto de riqueza, glória e honra. O jovem chorou e lamentou. Ele permaneceu na margem do grande rio, onde aquele pássaro o havia colocado, por dois meses, desejando que ele pudesse voltar para sua esposa; mas uma noite, enquanto estava acordado, lamentando e meditando, uma voz falou:

– Quão grandes foram as delícias! Longe, longe de ti está o retorno do passado! E quantos, portanto, serão os suspiros!

Ao ouvir isso, o jovem ficou desesperado de vontade de encontrar novamente aquela rainha e de voltar para a riqueza na qual ele vivia. Ele então entrou na mansão onde os *sheiks* haviam residido e soube que eles haviam experimentado algo semelhante e que essa era a causa de seu choro. A tristeza e a ansiedade tomaram conta do jovem e ele entrou em seu quarto e não parou de chorar e gemer, renunciando à comida e bebida, aos cheiros agradáveis e aos risos, até que morreu, sendo enterrado ao lado dos *sheiks*.





## *Os pássaros que viraram amigos do rei*

(Recontados por Constance Armfield, 1920)

*Quando o Islã foi fundado, havia considerável influência judaica na Arábia, por isso, muitas histórias do Antigo Testamento e suas elaborações judaicas foram incorporadas ao Alcorão.*

*Salomão é retratado no Alcorão não apenas como um grande e rico rei com poder sobre os animais, mas também como um profeta de Deus. Nesta história, ele conhece a rainha Belkis e, acreditando que a rainha adorava o Sol em vez de Deus, Salomão escreveu a ela, chamando-a para vir a ele “em humilde submissão” (Alcorão Sura 27:31). A rainha respondeu com uma carta e presentes e partiu para visitar Salomão em seu palácio de cristal.*

**E**ssa é a história de como os passarinhos conheceram o grande rei Salomão.

Certa vez, o rei encontrava-se longe, no deserto, pois não havia nenhuma parte de seu reino que Salomão não visitasse. Ele tinha sido notificado de que a grande cidade-armazém havia sido terminada a seu gosto e, assim, abriu caminho através da areia, com os camelos e os dromedários e seus

panos de sela bordados brilhantes como flores e joias brilhando tão intensamente quanto o próprio sol.

Mas fazia muito sol e o rei Salomão desejou ficar na sombra. Como que em resposta ao seu desejo, um bando de passarinhos apareceu. Curiosos por natureza, eles circularam até chegarem ao camelo do rei e mantiveram-se acima da cabeça dele, para que pudesse observar o mais famoso de todos os monarcas e, quem sabe, ouvir alguma palavra de sabedoria. Assim, os passarinhos fizeram uma sombra sobre o rei durante toda a sua jornada e foram ricamente recompensados por isso, pois Salomão era sempre educado, até com a criatura mais humilde de seu reino.

Quando chegaram ao palácio, ele agradeceu o serviço que lhe prestaram e perguntou o que poderia fazer em troca. Os passarinhos haviam começado sua conversa com Salomão de maneira bastante modesta; na verdade, eles ficaram muito surpresos de o rei ter falado com eles. O monarca, entretanto, questionava-os tão gentilmente sobre seus modos de vida e seus gostos que eles perderam o medo e foram até seu maravilhoso palácio, viram todos os servos em suas vestes brilhantes de pé atrás do trono do rei e, esperando em sua mesa, notaram as paredes de marfim incrustadas com ouro, os leões de ouro guardando os degraus e os pavões brancos nos terraços de prata.

Então, em vez de responder a Salomão com agradecimentos de sua parte e dizer-lhe que suas palavras de sabedoria eram uma rica recompensa pela sombra que eles haviam feito, os pássaros pediram licença para se consultar e retiraram-se para o telhado do palácio, onde discutiram o que iriam pedir. Finalmente, eles decidiram que gostariam de coroas de ouro, como o próprio rei usava, porque então poderiam retornar aos outros pássaros e reinar sobre eles. Em seguida, os passarinhos desceram com pressa e fizeram seu pedido ao rei enquanto ele caminhava em seu maravilhoso jardim.

– O que o rei disse o rei disse – respondeu Salomão. – O presente que vocês desejam será concedido; mesmo assim, já que me prestaram um verdadeiro serviço, quando quiserem se livrar de suas coroas, vocês podem retornar e trocá-las por sabedoria.

– Não, rei – disseram os passarinhos. – Bem, sabemos que a sabedoria traz grande renome, mas ninguém se curvaria diante de você ou daria atenção às suas palavras se não usasse a sua coroa de ouro. Poderemos repetir suas sábias palavras proveitosamente agora, pois todos nos ouvirão quando virem coroas de ouro em nossas cabeças também.

– Mesmo assim, volte para mim sem medo ou vergonha se as suas coroas não satisfizerem – disse o rei Salomão gentilmente e ordenou que seus ourives fornecessem aos passarinhos coroas do melhor ouro possível.

E lá voaram os passarinhos tolos, com as coroas brilhantes na cabeça, mais orgulhosos do que os pavões e tagarelando mais alto do que os papagaios e as araras. Eles mal podiam esperar para voltar para seus amigos e ouvir suas exclamações. Mas quando os passarinhos informaram a seus amigos que eles eram agora reis do Mundo dos Pássaros, os outros pássaros apenas riram e disseram que estavam bastante satisfeitos com Salomão, e ele era o único rei que desejavam ou precisavam. Em seguida, eles expulsaram os supostos pássaros reis das árvores, pois suas coroas douradas sempre ficavam presas nos galhos e os outros se cansavam de ajudá-los. Entretanto, decididos de que os outros estavam apenas com inveja, os pássaros, um tanto lisonjeados, reuniram-se em volta das lagoas para se admirarem na água.

Logo as pessoas começaram a notar as estranhas travessuras daqueles pássaros enquanto se exibiam para cima e para baixo, inclinando a cabeça primeiro para um lado, depois para outro, até que finalmente um homem pegou um deles e notou a maravilhosa coroa de ouro que ele usava. Ele

correu com o animal para um ourives, que lhe deu um valor tão alto por ele que o homem correu de volta para a lagoa e preparou armadilhas para os outros pássaros, que estavam tão ocupados se admirando que mal olharam para ele.

Então chegou o momento mais triste para os pássaros: os humanos começaram a caçá-los. Os pobres passarinhos não podiam ir para as lagoas e os lagos porque estavam cheios de redes, não podiam ir para os jardins porque os passarinheiros se escondiam atrás das flores para pegá-los, não podiam voar para os telhados porque mesmo ali as pessoas tinham armado armadilhas para eles. Não parecia haver um local na terra onde pudessem descansar e, por fim, os miseráveis passarinhos voaram de volta para o palácio e esperaram até ver o grande rei Salomão vindo ao longo de seu terraço, ouvindo seus cantores enquanto se apresentavam no fresco da noite.

– Oh, rei – disseram eles –, descobrimos que as coroas de ouro são apenas vaidade; não sabemos como evitar ser perseguidos e caçados, por isso, viemos pedir-lhe que as retire de nós.

– Amados passarinhos – disse o rei –, uma coroa à qual se espera que as pessoas se curvem sempre pesa sobre a cabeça e uma coroa que desperta inveja é uma rede para os pés. A única coroa que pode ser usada com conforto é a coroa do serviço e essa coroa deve brotar naturalmente para que ninguém dê atenção a ela.

– Dê-nos a coroa do serviço, ó sábio rei – disseram os pobres pequeninos pássaros muito humildemente, pois eles não queriam nada mais agora do que ser ignorados.

– Que ela lhes abrigue assim como me abrigou – disse o grande rei e, nas cabeças dos pássaros, surgiram coroas de penas. Mas com essas coroas veio um sentimento totalmente novo para eles: eles não desejavam mais governar, mas sim servir.

A lenda árabe conta que Salomão tinha um maravilhoso tapete voador, onde se sentava em um trono dourado com todos os seus assistentes ao seu redor. Ciente da utilidade dos pássaros, ele convocou todos para fazer um dossel voador. Guiado por uma águia e protegido pela sombra formada pelos passarinhos, Salomão, seus amigos e servos levantavam voo e viajavam pelo deserto, mar e terra, com frescor e conforto.

Um dia, no entanto, quando eles estavam no deserto e o sol batia com toda a sua força, um raio de sol passou e atingiu o rosto do rei. Um buraco apareceu no dossel. A águia voou imediatamente para ver o que havia acontecido e percebeu que um dos pássaros estava ausente de seu lugar, deixando um buraco pelo qual o raio de sol entrou. A águia apresentou-se perante Salomão e contou as notícias surpreendentes. O rei ordenou à águia que se apressasse imediatamente e encontrasse o passarinho perdido, que provavelmente havia voado acima das cabeças de todos os outros pássaros para escapar, pois ninguém o vira partir.

A águia foi embora, subindo cada vez mais até que se perdeu de vista nos céus. Mas, embora ninguém na terra pudesse vê-la agora, sua visão era muito aguçada e logo ela avistou uma partícula distante voando pelo deserto e desceu ao encontro do pássaro perdido.

– Onde você esteve? – gritou a águia.

O passarinho respondeu:

“Onde o mármore negro corta o ar,  
Em grandes paredes, todas brilhando nuas,  
Parado à beira da água: lá uma grande rainha eu avistei.  
Banheiras douradas de laranjeiras  
Ficam contra as paredes, mas estas

Não são nem metade tão brilhantes quanto ela,  
Sentada em grande majestade.  
Ela é chamada de rainha Balkis  
E sua terra é um jardim,  
Que fica ali, do outro lado da Arábia.”

O passarinho estava tão emocionado que começou a falar em versos, porque não conseguia expressar seus sentimentos de outra maneira, mas a águia estava terrivelmente zangada. O pássaro parecia não se importar de ter abandonado Salomão e seguiu voando e criando poesia sobre uma rainha como se não tivesse feito nada de errado!

– E, nesse meio tempo, o que você acha que o grande e sábio rei Salomão tem feito? – trovejou a águia. – O rei cuja nobre cabeça você deveria proteger?

– Ah, poupe-me de condenações, eu imploro – disse a pequena ave –, pelo bem de ninguém menos que nosso sábio e nobre rei.

– Poupar você por causa dele? – disse a águia, muito surpresa. – Que misericórdia você merece? E como pode poupar você ajudaria nosso grande rei?

– No entanto, eu digo, poupe-me por causa dele e leve-me de volta com você o mais rápido que puder, pois tenho uma mensagem muito urgente para entregar a ele.

A águia ficou tão surpresa com a ousadia do passarinho que permitiu que ele o acompanhasse de volta ao tapete voador. Chegando ali, o pássaro voou para o braço do trono de Salomão.

– Eu o encontrei no meio do deserto – disse a águia.

Mas, antes que a águia pudesse dizer outra palavra, o passarinho interrompeu:

“Oh, grande rei, além de suas terras  
Um palácio de mármore preto existe  
Com uma rainha maravilhosa nele,  
Uma rainha de cabelos e pele dourados.  
Ela é mais brilhante que uma fruta de ouro,  
E o nome dela é rainha Balkis.”

– E como você foi visitá-la? – perguntou Salomão, muito severamente. – Você não estava trabalhando e não sabe a pena para aqueles que fogem do serviço?

– Peço misericórdia – gritou o passarinho –, assim como algum dia você também pedirá. Sim, grande rei, errei e sei muito bem que mereço um castigo terrível, mas deixe-me contar-lhe as maravilhas que vi e dar a mensagem que me foi dada, antes que me esmague com a mão.

– Por que eu deveria ouvir você? – indagou Salomão.

– Porque você mesmo disse que aquele que dá ouvidos aos conselhos é sábio – respondeu o passarinho. – Saiba que eu tinha ouvido falar da maravilhosa rainha de Sabá por meio de um pássaro que conheci em Meca e, enquanto voávamos pela Arábia, olhei para baixo e vi a terra da qual tanto me haviam falado. Não, eu não tinha ouvido que a rainha que vivia lá era mais rica que até mesmo o grande rei, meu mestre? Portanto, não resisti a voar abaixo do dossel e dar uma olhada. Não foi o grande rei que disse: “O desejo realizado é doce para a alma”?

– Sim, e o caminho do tolo está certo segundo ele mesmo – disse Salomão severamente.

– Ah, grande rei, não me esmague até que eu tenha dado a mensagem – gritou o pássaro. – Até que você tenha ouvido toda a história, você não pode me julgar. Ouça a história da minha visita. Fértil e abundante em especiarias e gomas é a terra de Sabá, mas não pude notar nada admirável no palácio de mármore todo preto que se erguia do centro do reino. No entanto, quando cheguei ao palácio, parei de pensar nisso, pois, sentada em um trono de ébano, estava a mais bela rainha que se pode imaginar, com cabelos dourados ondulando sobre os degraus do trono e sendo abanada por dezenas de servos. Eu perguntei por que eles a estavam abanando e eles disseram que a coroa da rainha estava tão pesada que ela não conseguia suportar o peso de seu próprio cabelo. Voei entre as tranças perfumadas, finas como chuva dourada, e assim cheguei perto dela e a ouvi murmurar que lhe faltava sabedoria e compreensão e não sabia como governar seu reino.

Eu disse então à rainha:

– Ouça o conselho de um passarinho que é servo do rei mais sábio de todo o mundo. Bem, eu sei que Salomão sabe como governar seu reino com sabedoria, pois eu mesmo usei uma coroa e sei como é difícil governar. Mas Salomão me livrou da minha coroa de ouro e me deu esta que eu uso com conforto. Uma coroa para a qual se espera que cada um se curve pesa sobre a cabeça; a única coroa que pode ser usada com facilidade é a coroa do serviço.

– Oh, sábias palavras! – disse a rainha. – Que sorte tens de conhecer o grande rei Salomão. Vá até seu mestre e pergunte se sua sabedoria lhe ensinou bondade e se ele se dignaria a aconselhar uma rainha fraca e triste

que mal tem a coragem de cruzar o deserto e se apresentar diante do trono de alguém que governou seu reino tão bem.

O rei o escutava.

– E agora, qual é a sua resposta, oh, Salomão? – continuou o passarinho. – Devo voltar e dizer que ela pode vir e aprender com sua sabedoria ou você vai esmagar um passarinho em sua mão cujo único defeito é ser muito curioso, um defeito que me levou a voar sobre sua cabeça a primeira vez que nos encontramos.

– Fique tranquilo – disse Salomão. – Pelas palavras faladas a tempo, seu pecado será perdoado. Voe de volta para a rainha, com este anel de sinete, e diga a ela que, a um lugar onde um passarinho não tem medo de ir, uma rainha pode segui-lo com segurança.

Então o passarinho alegremente ergueu-se das mãos de Salomão e voou de volta para a rainha Balkis. Quando a maravilhosa procissão real alcançou com segurança o palácio de Salomão, e a grande rainha Balkis, com sua longa fila de camelos carregados com especiarias, pedras preciosas, ouro, ébano e marfim, ajoelhou-se diante de seu trono, o pequeno pássaro circulou no ar acima de suas cabeças, cantando em sua alegre voz estridente estas palavras que o rei tantas vezes disse:

– Uma palavra bem falada é como maçãs de ouro em pinturas de prata. Como brinco de ouro e ornamento de ouro fino, assim é o repreensor sábio para o ouvido obediente!



## *Seres, animais e lugares mitológicos*

**M**aravilhas das criaturas e das coisas estranhas existentes é um tratado de Zakariya al-Qazwini. Escrito pela primeira vez em árabe no final dos anos 1200 e dedicado ao governador de Bagdá, o texto é provavelmente o exemplo mais conhecido de literatura Aja'ib, um gênero da literatura islâmica clássica que se preocupava com mirabilia, ou seja, tópicos cosmográficos e geográficos que desafiavam a compreensão das pessoas da época.

Esses tópicos iam desde a anatomia humana até estranhas criaturas míticas; de plantas e animais até constelações de estrelas e signos do zodíaco. Esses tópicos eram considerados mirabilia porque, muitas vezes, diziam respeito a coisas que não existem e, outras vezes, porque descreviam fenômenos naturais que ainda não podiam ser explicados.

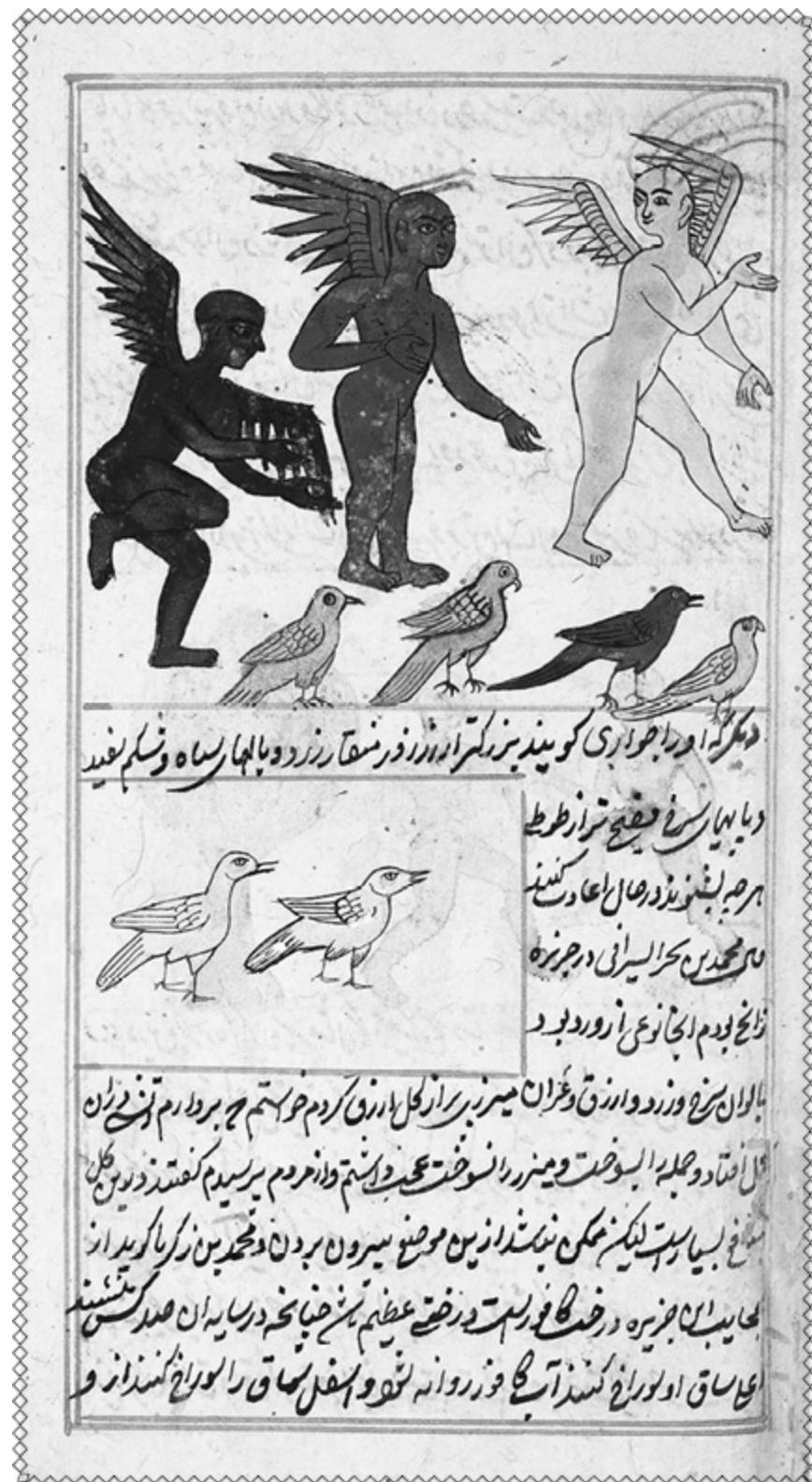
O manuscrito era imensamente popular no mundo islâmico: foi traduzido para o persa e o turco e copiado durante séculos em edições ricamente ilustradas.

Qazwini menciona cinquenta nomes como suas fontes. Os mais importantes eram antigos geógrafos e historiadores, como al-Istakhri, Ibn Fadlan, al-Mas'udi, Ibn Hawqal, al-Biruni, Ibn al-Athir, al-Maqdisi e al-Razi. Apesar de o trabalho de Qazwini ser uma compilação de fontes conhecidas e desconhecidas, ele influenciou trabalhos posteriores da cosmologia islâmica e da geografia islâmica por meio de seu estilo e sua linguagem. A cosmografia de Qazwini não se trata de ciência pura, pois também se

destina a entreter seus leitores, enriquecendo as explicações científicas por meio de histórias e poesia.

A cosmografia de Qazwini é dividida em duas partes. A primeira é a parte celestial, que trata das esferas do céu e de seus habitantes, da cronologia e dos conhecimentos astronômicos, que, como era comum na época, acabavam se misturando com a astrologia. A segunda discute a parte terrestre, como os quatro elementos, os mares e rios, as plantas, os minerais e uma espécie de bestiário. Ele também discute o homem, as faculdades de sua alma, o seu caráter, as suas fraquezas e as suas doenças.

A seguir, serão apresentadas algumas imagens de uma cópia quase completa e bastante ilustrada, provavelmente copiada e ilustrada no Oeste da Índia, da cosmologia composta no século XIII por al-Qazwini.



Criaturas da Ilha de Zaneh.

ایس حیره همچ حیوان لبے را از آن او زیست عظیم رسید بار حل و علده بجا نه می خورد  
 ج اور از قوچه ردار و از بو شکل هار ساخته است بر قی قدر حیون دندرا و بزمیانه  
 یاد رفته اند هزار بیکرد از نفس آن دختر و خزان کو خود شود امکن آن بیکس او را  
 پر در پرسید تا نین باعچ باعچ آنجا رسید از دخدا ران قوم بیهودگی را زان  
 کی در سردار و حیند ایکم تو اند از آن سپر شد بر کیم زند قوه خود نهند و می خورد آن ایکم  
 دیگر از ند نفیه شود **ح** حدیث عجایب نهاده ایج و طایب بجهیه کویند که در زمان کاوه  
 شاهن خوار بیندیار ای ای اند ندر فغار است که دنور دیگار شاهزاده از آن ن در جست  
 بودند حیون نوز بیندیار و نو شیرولان رسید بار حل که خواسته کرد و از دخواهد  
 سر کنند میان بدد و ایکل و ببل و خوار اجابت که دو شیرولان پیغامد تا وصیت  
 ایکم زند از بیار سادگان که هر کزان دیوار خواسته خوار از آن دیوار نیاید خوف  
 سر خسته داد زده سال آنجا همام کرد و سد باب الایور ساخته خوبی نهاده  
 آن فایع نزد سادگان گفت بار حل و علده ایحد و شاکفت علقمیه الایور باب  
 مرآ تو قصه داد که اینچی خوار دلتر همام شی خس محو شت در غربی این گفت  
 در بیخود بینه کویند بر کن ردنیا زده بودند میر قوت ناگاه دند ریان شکل بجهیه کرد  
 چنان بله افق را معرفت  
 شکل عجیب نزد و کلانه  
 بزره کردند کسر رسیده  
 کفر مردم را چه بود  
 ایش کفشد ایکم مریضه کف سدیع بکزد ریزه بار حل و علده ایهام دادند او آن



A serpente do mar.

پندار و که که را نشست من عند اللهم عجیز و نفع دینی پر بید آید و سبیحی بلکه سود و  
 و کویز که مردمی خالید نوزو او را صو معی تو بروزی او را شیعی بسید و در این صوره  
 فیلان عابد و ملیخوند هر هر سب وقت اولیه رسن او چرا غنی و بدهی و حدا فی برانجی طلاق  
 برخان را اذان عجب آمد فاز عابد پر سید که این از کجا است عبارت جواب باشون کرد  
 بروی الحاج که ز عابد گفت هر تی است بکسر سیطانی هر شب این نزد من می آید و تامن  
 کرده است خود حمل کنم خاک روز و ایسم کم کاین سیطان است جن این سخن گفت جماع  
 شد و حزان ن پیدی کلت فضل می تحریر که بن علی السلام در اخبار اور ره اند  
 که در این زمان لد باری تعالی حن را حکم سیاهان علیه السلام کرد چیزی علیه السلام نماد  
 اوازهها بکن وال سیاه طین اجیزو با ذن اللهم تعالی لسنه سیاهان عین دار و علیه السلام  
 پس هم از کوهها و غارها و اریها و صحراء و پیشها پیرون اند و ملا که اینها  
 ایشان را می کنند با بخا له سیاهان علیه السلام بود که درست می ایشان و نزد سیاهان  
 نکاه می کرد و از صورت اسکا ایشان عجیزی باشد لعجنی الون سرخ و لعجنی باز  
 و لعجنی سپید و لعجنی سیاه و لعجنی ابلق بصورت اسپه اشتر و سیر و پلک و خر  
 و خرا طینه مثل قبیل سیاهان علیه الصلوة والسلام باری خل و علام راسی و کرد گفت





صورة ٦٥



Ilustração que descreve a lua na obra de Al-Qazwini.



Ilustração do manuscrito retratando o arcanjo Israfel.



او بیمار شد مردم از او می خواستند سه نفر باشدند از کنی خوشی را با خانه  
 میان مردم بر بودند فرزندان علیه حنفه این بیان علیه السلام از میان مردم  
 کم شدند کویند که باید بی جمل و علاعه عنقا را از میان مردم بجزیره از جزیره  
 محظوظ برداخت خط است احاسی که آدمی آشنازی سر و دران خیزیده خوب است  
 چونی راست چون فیل و حباموس و کرکدن و شیر و ساعت و جوارح طی  
 عنقا از اینها نصیب نکنند زیرا که درخت طاعت او باشدند و صیبه  
 او سه کی عظیم باشد تا لینی با فیل از این بجزیره عیاقی کلیدار و از بر این ساعت  
 و حبوات و جوارح طی که در اطاعت او باشدند و بر بالای شنیده و قلع  
 می کنند بر جوز دان اینها ن چون طی ان کهند و از پرا و احمر از هنوز باشدند  
 بروکه در خان افتد ناسیلی قطبی و کویند که اگر کسی دنگی کم شود  
 عنقا او را باز راه او رود یکی از کجا حکایت کنند که درین دریا کم  
 ناکاه میتواد بی عظیم و هر چون از این ملاحان لفته سخنی داشت  
 جمهوری و چند تا از این میتوان رفند و دعا میکردند و همیغ بیرون و مادر

Simurgh.

## Almiraj

Al-Mi'raj ou Almiraj é um animal mítico que vive em uma ilha misteriosa chamada Jazirah al-Tennyn (Ilha da Serpente do Mar), localizada supostamente dentro dos confins do Oceano Índico.

Acredita-se que o Almiraj se pareça com um coelho, porém com um chifre semelhante ao de um unicórnio e o pelo levemente amarelado. De acordo com a lenda, esse animal foi dado de presente a Alexandre, o Grande, pelos habitantes da ilha depois que ele matou um dragão que estava comendo o gado das pessoas que lá habitavam.

Conta-se que são criaturas tímidas, consideradas, por alguns, imprevisíveis e até mesmo bobas. No entanto, um Almiraj também é corajoso e não conhece o medo. Eles são fáceis de acariciar e domar e incrivelmente fiéis aos seus mestres. Por esse motivo, os feiticeiros frequentemente os procuravam para torná-los seus companheiros.

و عمله و سلطانك لاختلاق دلائل جديدة و جعلها 2 ذلك المكان فرج و ابتلاء باعلى



عاده وعاده الى موعد فاصطدمت النار في حرب وتعلمت الكلاب لاحقا ما خرج منه فالانف صوا  
على اثر لعرفوا اصحاب الفوج بدين مسماها اخافاه  
ذراع الناس يوم ودخلوا الى الاشكندر  
هدى امس جدهم ادأ به مثل اهون اصغر  
الملوك لما قرر اشود لاراه شئ من  
السباع الامير قال له المروي

فصل

فَجِوَانٌ غَيْرُهُ مَذَاجٌ  
فَالْمَاجُ عَمَانٌ دَمَارٌ فِي هَذَا الْمَطَارِ أَسَالَ الْمَنُونَ وَمِنْ مَلَكٍ لَأَبِيهِ وَذَالِكَ إِنَّهُ الْمَعْدُ  
إِذَا كَرِاجَ عَلَيْهِ فَخَانَ مِنْ فَرَاسَةَ عَلَاهَ وَهَيَانَ لِعَتَابِ طَادِ سَعَادَةَ إِنَّهُ الْمَلَدُ فَأَرْدَمَ  
اللَّهُ عَالِيَّ هَذَا الطَّارِ بِأَنْ تَحْرِزَ الْمَغْفِرَةَ إِذَا مَصَّنَكَ الْمَهْارِعَةَ عَرْلَادِ جَهِيَّ بِرَاحِدِيَّهُ مَلَكُ



Página que descreve um Al-Mi'raj com uma serpente, provavelmente da história de Alexandre, o Grande, derrotando a serpente e recebendo o Al-Mi'raj como um presente. Da página 131 do Manuscrito da Baviera.

## Anqa

Na mitologia árabe, a anqa é uma grande ave misteriosa. Diz-se que ela voa para longe e só aparece uma vez na vida. No entanto, conta-se também que ela pode ser encontrada no lugar onde o sol se põe.

A anqa é descrita como uma ave muito bonita e colorida, com um pescoço longo, rosto humano, quatro pares de asas e alguma semelhança com todos os seres vivos.

Em *Maravilhas das criaturas e das coisas estranhas existentes*, Zakariya al-Qazwini fala sobre a anqa como “o parente dos pássaros que viviam sozinhos no Monte Qaf” e “um pássaro sábio com experiência adquirida ao longo de muitas eras e que dá advertências e conselhos morais”. Qazwini também diz que a ave vive mil e setecentos anos. Diz-se que a anqa não come nada, exceto elefantes e peixes grandes.



Manuscrito antigo.

# Atlântida das Areias

O mistério da cidade perdida de Atlântida, imaginada no Oceano Atlântico, é retratado em uma série de livros, filmes e artigos. Em menor escala, a Arábia tem sua própria lenda de uma cidade perdida, a chamada Atlântida das Areias, que tem sido há séculos uma fonte de debate entre historiadores, arqueólogos e exploradores.

A cidade perdida de Atlântida das Areias era supostamente uma antiga cidade da Arábia, que foi destruída e enterrada sob a areia por uma série de desastres naturais enviados por Alá. Vários nomes foram dados a essa cidade ao longo do tempo. Os mais comuns eram: Iram dos Pilares, Ubar e Wabar.

O Alcorão menciona Iram em Surah Al-Fajr (6–14):

- 6: *Você não considerou como seu Senhor lidou com ‘Aad –*
- 7: *[Com] Iram – que tinha pilares elevados,*
- 8: *Pessoas como essas nunca foram criadas nas terras*
- 9: *E [com] Thamud, quem esculpiu as rochas no vale?*
- 10: *E [com] o Faraó, dono das estacas?*
- 11: *[Todos] os que oprimiu dentro das terras*
- 12: *E aumentou aí a corrupção.*
- 13: *Então, o seu Senhor derramou sobre eles um flagelo de punição.*
- 14: *Na verdade, o seu Senhor está em observação.*

Existem várias explicações para a referência a “Iram – que tinha pilares elevados”. Alguns interpretam o termo como uma localização geográfica, uma cidade ou área, enquanto outros acreditam se tratar do nome de uma tribo. Aqueles que a identificaram como uma cidade fizeram várias sugestões sobre onde ou se a cidade tinha existido: os palpites vão desde Alexandria ou Damasco até uma cidade que realmente teria mudado de lugar, tendo sido transferida para outro local.

Uma versão da história conta que Iram era adornada com edifícios elevados e habitada por uma tribo conhecida como Ad. Como eles se afastaram de Alá e levaram uma vida perversa, o profeta Hud foi enviado para convocá-los a retornar às boas práticas. O povo de Iram reagiu com hostilidade e não deu ouvidos às palavras de Hud. Como resultado, a tribo foi punida, e uma tempestade de areia foi enviada contra sua cidade por sete noites e oito dias consecutivos. No final, Iram desapareceu sob as areias como se nunca tivesse existido.

Uma outra versão conta que, construída há quase cinco mil anos, Iram era um centro de processamento e transporte de olíbano, uma resina aromática que crescia nas montanhas próximas de Qara. Usado em cremações, cerimônias religiosas, perfumes e medicamentos, o olíbano era, na época, tão valioso quanto o ouro. Por meio do comércio do item, os governantes de Iram se tornaram ricos e poderosos, e os seus residentes ficaram – de acordo com a lenda islâmica – tão perversos e depravados que, eventualmente, Deus destruiu a cidade, permitindo que ela fosse engolida pelo deserto inquieto.

Por um lado, a história de Iram pode ser tomada apenas como um conto de moralidade, usado para pregar que as pessoas devem obedecer a Alá e não se comportar de maneira arrogante. Por outro, pode haver alguma verdade nessa história, e, de fato, há muitos que acreditam que tal cidade poderia ter existido.

Foi nas *Mil e uma noites* que um relato mais elaborado e detalhado de Iram chegou ao público europeu. Na noite duzentos e setenta e sete, apresenta-se a história de Iram – uma história que então atingiu o auge de sua grandiosidade.

*“Trezentos anos foram gastos na obra e, quando ela foi concluída, os construtores foram até o rei e disseram-lhe que estava feito. Ele então*

*ordenou que construíssem uma grande fortaleza no alto da cidade, ao redor da qual haveria mil palácios, cada um apoiado em mil pilares, que, por sua vez, seriam cada um a residência de um vizir. Os construtores partiram imediatamente e passaram vinte anos na obra, após os quais voltaram a Shaddad e disseram-lhe que haviam feito o que ele queria. Ele então ordenou a seus mil vizires, seus principais oficiais e aos soldados em quem ele confiava que estivessem prontos para viajar a fim de se mudar para Iram, a Cidade dos Pilares... ”*

A introdução de Iram por meio de *Mil e uma noites* para um público ocidental em uma época de expansão colonial criou um grande fervor. Exploradores, escritores, militares, arqueólogos e antropólogos emergentes – campos de estudo relativamente novos na época – voltaram suas atenções para encontrar essa cidade espetacular e para revelar seus muitos milhares de segredos.

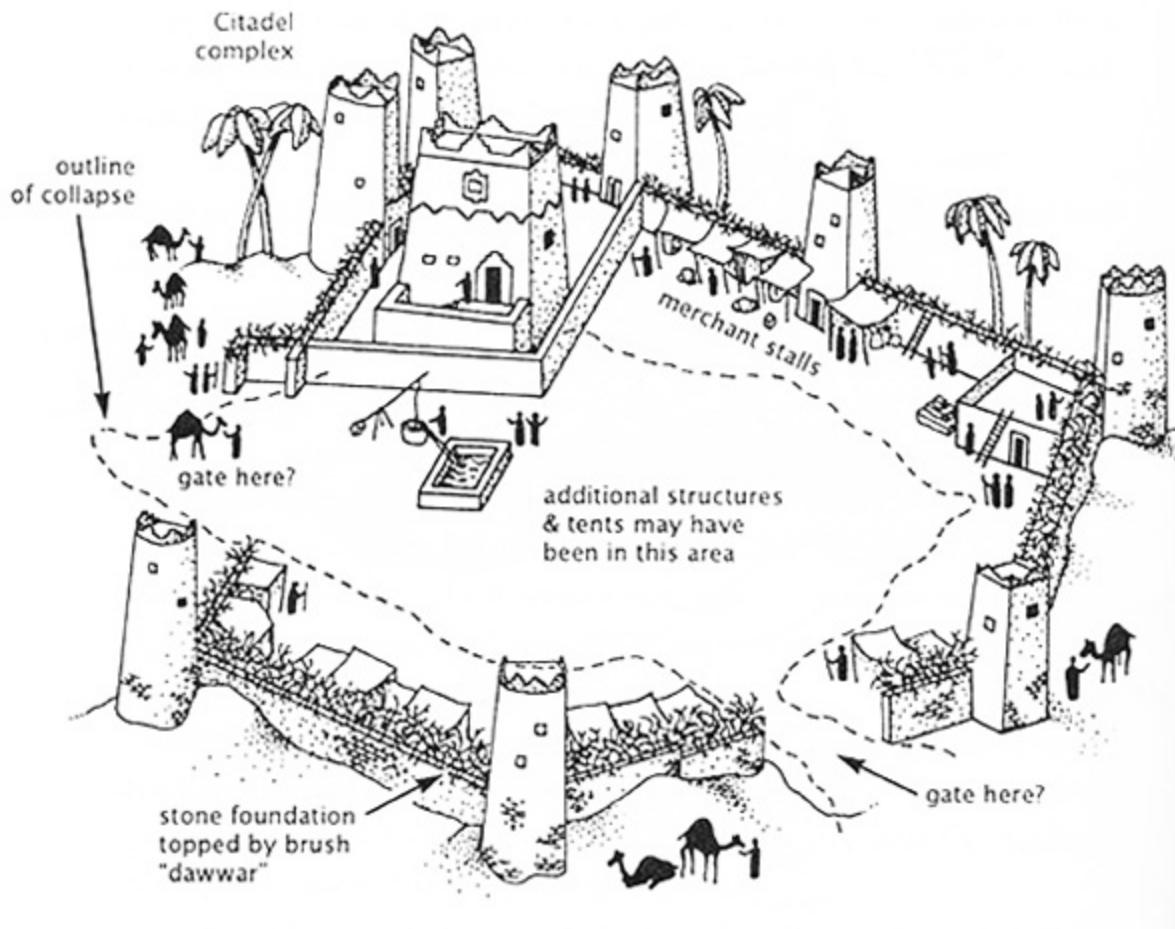
Muitos exploradores continuam a acreditar que a cidade perdida realmente existe e seguem a procurando. Alguns acreditam que ela está localizada em algum lugar nos desertos do Sul do que é hoje a Arábia Saudita.

Os cientistas chegaram até a rastrear a região com um sistema de radar de ônibus espacial, que foi capaz de “ver” através da areia sobrejacente para identificar características geológicas do subsolo. Usando as imagens, a equipe foi capaz de identificar as antigas rotas de comércio, que foram compactadas em superfícies duras devido à passagem de centenas de milhares de camelos. Eles acreditavam que, se a cidade existisse, as junções onde as rotas comerciais convergiam ou se ramificavam poderiam ser locais prováveis para sua localização.

Armados com essa informação, eles convocaram arqueólogos e exploradores. A equipe fez uma breve expedição preliminar a Omã, pesquisando cerca de trinta e cinco locais. Eles encontraram fragmentos de

cerâmica e outras evidências das rotas de comércio, mas nada que mostrasse que tinham encontrado a cidade definitivamente.

Apesar de sua popularidade entre os aventureiros ao longo dos séculos, a história de Iram permanece relativamente desconhecida. Sua associação com a cidade fictícia de Atlântida fez a maioria das pessoas ver Iram como uma lenda, parte do folclore, um conto transmitido de geração em geração, relegado ao reino da pseudo-história. A cidade conquistou, contudo, a imaginação de poetas, viajantes e arqueólogos, e o seu humilde legado perdura até os dias atuais.



Esquema de como seria a cidade de Iram.

## Bahamut e Quyuta

Uma das crenças da cosmologia islâmica primitiva conta que a Terra, quando foi inicialmente criada por Alá, era mole e instável como um navio em um mar tempestuoso.

Para oferecer-lhe sustentação, Ele criou um anjo que a segurava do lado leste ao oeste. A medida ajudou, mas não foi suficiente: como não havia nada abaixo do anjo, então Ele criou uma rocha vermelha com sete mil perfurações para sustentá-lo, sendo que, de cada uma delas, saia um mar cuja largura só Alá conhece.

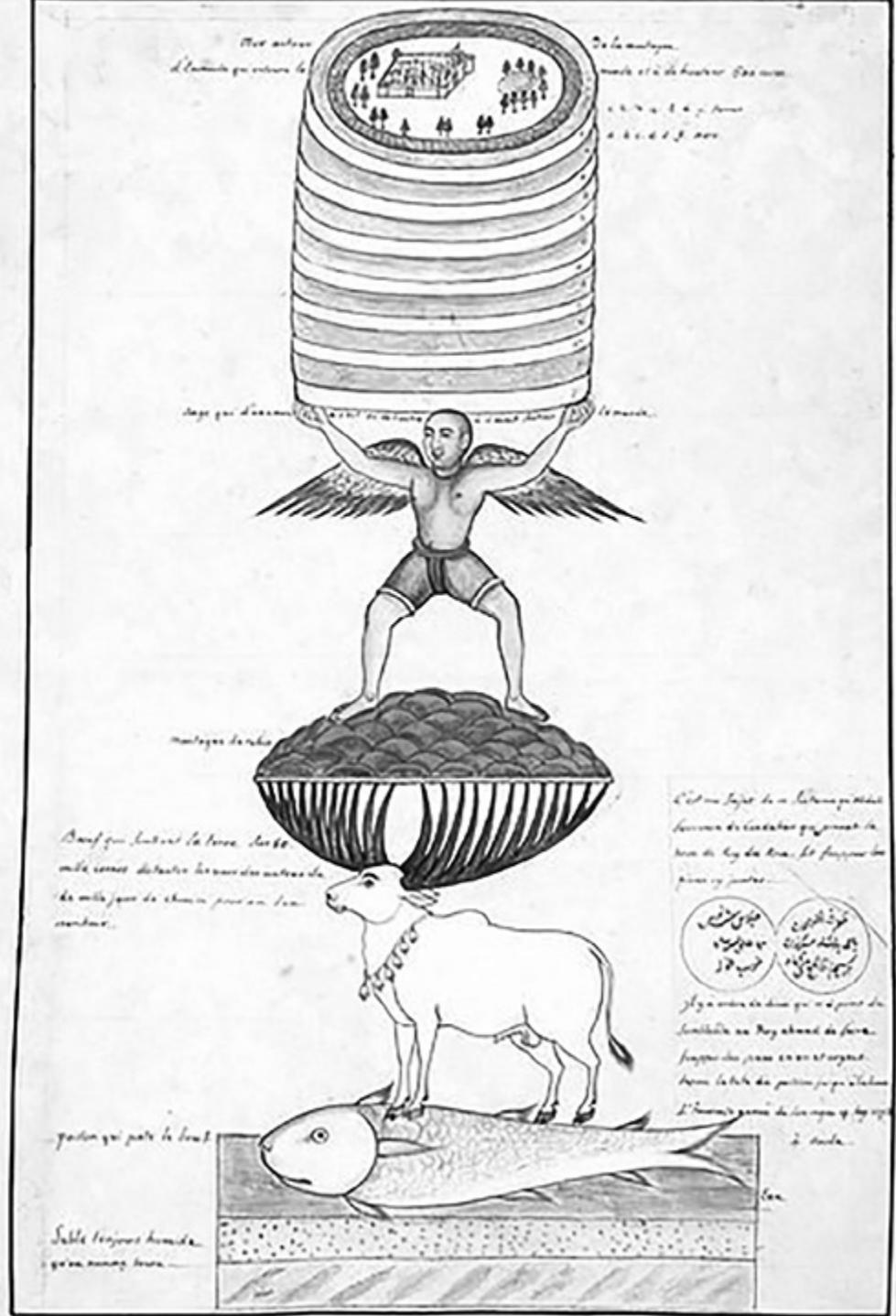
Então Ele criou um grande touro chamado Quyuta para apoiar a rocha. Conta-se que o touro tinha diversos olhos, narizes, orelhas, bocas e pernas, e em algumas versões, chegavam até a quarenta mil. Um homem normal demoraria quinhentos anos para percorrer a distância entre duas de suas pernas. Conta-se também que ele respira duas vezes por dia e, como seu nariz está na água, isso faz as marés subirem ou baixarem. Quando ele muda de posição, o movimento causa terremotos.

O touro segura a pedra nas costas, o qual, por sua vez, fica de pé nas costas de um grande peixe (ou baleia ou serpente do mar, em algumas versões), chamado Bahamut. Este é tão grande que todos os mares seriam como um grão em suas narinas. Abaixo dos peixes, existiam várias combinações de água, terra, vento sufocante, areia, escuridão e névoa, o que é o máximo que o conhecimento humano alcança.

Diferentes versões apresentam algumas discrepâncias em relação à lenda. Na versão de Yaqut al-Hamawi, por exemplo, o touro e o peixe eram considerados os responsáveis por beber a água que escoava da terra para o mar, mantendo o nível básico da água do oceano. No entanto, quando seus

estômagos se enchessem, eles ficariam agitados, o que seria um sinal do advento do Dia do Julgamento.

Sistème du Moule. Selon les Traducteurs de l'éditeur, c'est du livre. Cela est tout à fait exact et du tout au plus juste.



A montanha que sustenta o anjo que se equilibrava no touro com vários chifres. Cosmografia islâmica – Gentil Album (1774), p. 34.

وآخر فرشته يلا وستنده يعني بمواده متعلق طور رقادرة انقد لقان



Diferentes esquemas de visualização do mundo, comuns no século XIII.

## Ghoul

Um ghoul, na lenda popular, é um ser demoníaco que habita cemitérios e outros lugares desertos. No folclore árabe antigo, os ghouls pertencem a uma classe diabólica de jinn (espíritos) e são considerados descendentes de Iblís, o príncipe das trevas no Islã. Eles são capazes de mudar constantemente de forma, mas, em geral, são repugnantemente feios e cheiram à morte, além de sua presença ser sempre reconhecível por seu sinal inalterável: cascós de asno.

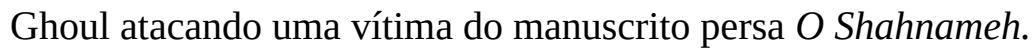
Eles podem se transformar em mulheres bonitas que atacam homens luxuriosos, atraindo-os para uma área isolada, ou em algum animal do deserto, como uma hiena. Acredita-se que eles permaneceriam nessas formas até que tivessem a chance de atacar sua vítima e devorá-la. Acredita-se também que esses carniceiros gostem especialmente de predar viajantes solitários ou pequenos grupos. Algumas histórias afirmam que eles acendem fogueiras em caminhos bem percorridos para atrair um único viajante para uma armadilha e devorá-lo.

O ghoul, como figura vívida na imaginação beduína, apareceu na poesia árabe pré-islâmica, notadamente na de Ta'abbaṭa Sharran. No Norte da África, foi facilmente assimilado por um antigo folclore berbere já rico em demônios e criaturas fantásticas. Os árabes modernos usam o termo “ghoul” para designar um canibal humano ou demoníaco e, com frequência, utilizam a palavra para assustar crianças desobedientes, mas não era esse o sentido da palavra originalmente. Os textos árabes não os identificavam como ladrões de túmulos que comiam mortos. Esse detalhe parece surgir com a tradução francesa de Antoine Galland de *As mil e uma noites* no

início do século XVIII. Galland não apenas tomou liberdades em sua tradução, como também criou e adicionou personagens, como a personagem feminina Amina, que prefere a companhia de ghouls do cemitério à de seu novo marido.

Por causa disso, os carniceiros foram transformados de uma maneira que levou a muitas interpretações modernas da criatura. Anglicizada como ghoul, a palavra entrou na tradição inglesa e foi posteriormente identificada como uma criatura que rouba túmulos e se alimenta de cadáveres e crianças. No Ocidente, esses carniceiros não têm uma imagem específica e foram descritos por Edgar Allan Poe como “nem homem nem mulher... nem bruto nem humano”. Acredita-se que eles usem disfarces, montem em cachorros e lebres e acendam fogueiras à noite para afastar os viajantes das estradas principais.





Ghoul atacando uma vítima do manuscrito persa *O Shahnameh*.

## Ifrit

Ifrit é uma classe de poderosos seres sobrenaturais malévolos da mitologia e do folclore islâmico.

O significado exato do termo “ifrit” nas fontes mais antigas é difícil de determinar: ele não ocorre na poesia pré-islâmica e é usado apenas uma vez no Alcorão, na frase “o ifrit dos jinns” (Alcorão 27:39), que parece falar sobre um membro rebelde dos jinns. A frase é recorrente no Hadith (narrativas contando as palavras, ações ou aprovações de Maomé).

A partir de então, o termo “ifrit” passou a se referir a toda uma classe de seres rebeldes formidáveis. Além desses atributos, as características de um ifrit permaneceram vagas e instáveis, e o termo é, muitas vezes, confundido na literatura posterior com o mārid, outro demônio perverso e rebelde.

Os contos populares geralmente retratam uma enorme criatura alada feita de fumaça, seja macho ou fêmea, que vive no subsolo e frequenta ruínas. Os ifrits vivem em uma sociedade estruturada ao longo de antigas linhas tribais árabes, completas com reis, tribos e clãs. Eles geralmente se casam entre si, mas também podem se casar com humanos. Embora as armas e forças comuns não tenham poder sobre eles, os ifrits são suscetíveis à magia, a qual os humanos podem usar para matá-los ou para capturá-los e escravizá-los. Tal como acontece com os jinns, um ifrit pode ser um crente ou um incrédulo, bom ou mau, mas, na maioria das vezes, são descritos como seres perversos e implacáveis.

Embora os ifrits gostem de aparecer em sua forma poderosa, eles também são capazes de surgir em outras formas. Quando um ifrit aparece em sua

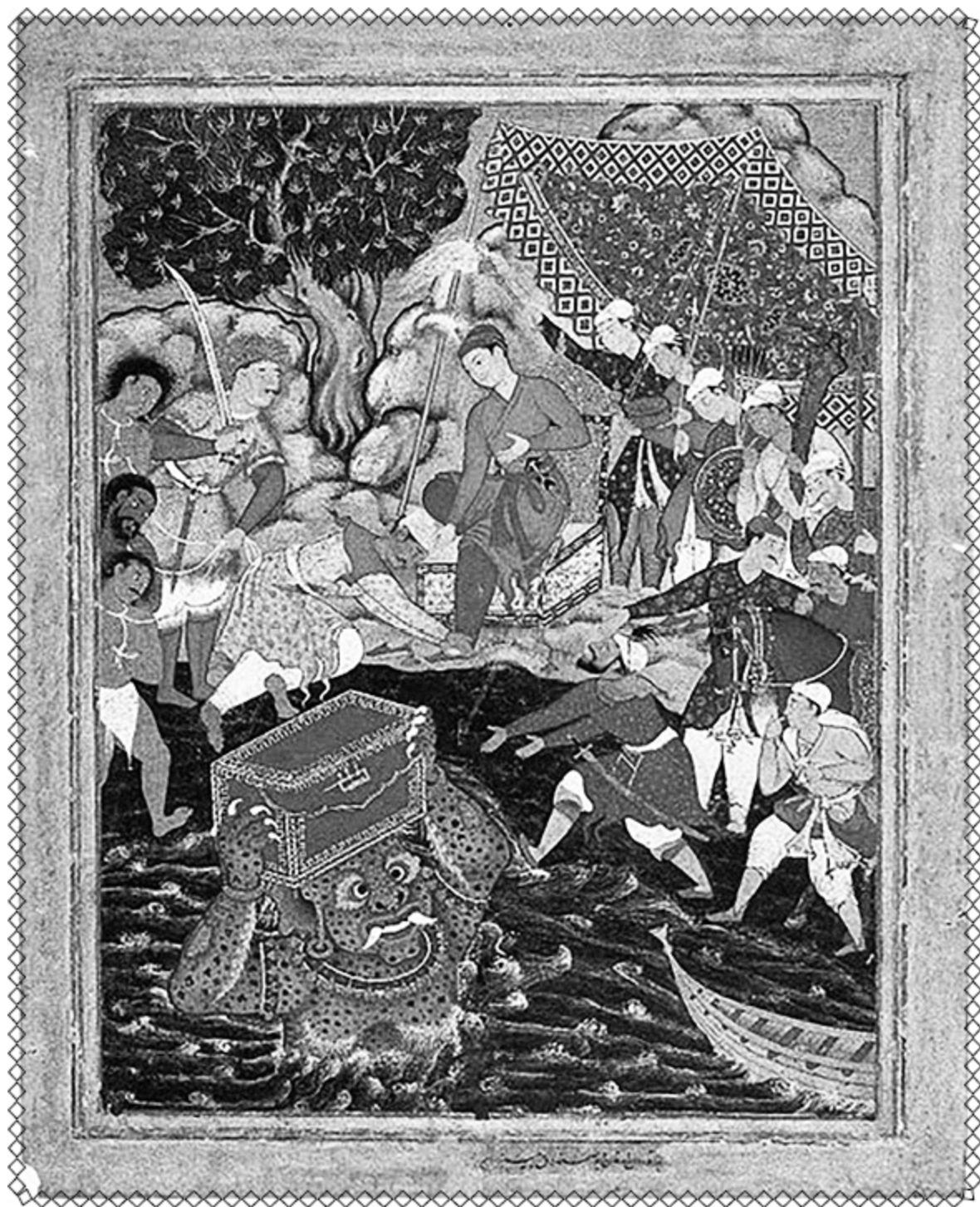
forma natural, são vistos fumaça e fogo. Porém, quando aparecem em uma forma diferente, são capazes de se disfarçar como animais ou humanos comuns. Existem algumas lendas que sugerem que um ifrit na forma humana pode aparecer como pessoas escurecidas pelo fogo. É por isso que muitos africanos eram considerados (ou chamados de) ifrits por aqueles que foram criados na tradição árabe.

Os ifrits são conhecidos por seu imenso poder. Além de sua força, eles têm os mesmos poderes de outros gênios. Isso inclui ser capaz de se transformar em quase qualquer forma desejada e ter a habilidade de lançar feitiços. Eles também são imunes a armas mortais, o que significava que seu grande poder, muitas vezes, não podia ser igualado apenas pelo poder humano.

## Um ifrit pode ser vencido/aniquilado?

Acredita-se que a única maneira de realmente ter poder sobre um ifrit é usar magia. Embora os ifrits sejam muito fortes e resistentes, eles não são seres mágicos. Portanto, o uso da magia apresenta uma oportunidade única para os humanos. Com ela, os humanos são capazes de ferir e matar ifrits, bem como prendê-los à servidão. Aliás, o uso de magia por humanos é a única coisa que os ifrits e outros jinns realmente temem. A magia costumava ser usada para vincular ifrits a objetos. Quem quer que possuísse o objeto vinculado ao ifrit era considerado seu mestre. Acredita-se que, possivelmente, a lenda dos três desejos da lâmpada se originou dessas práticas mágicas.

Embora a magia fosse a forma mais comum conhecida para prejudicar ou capturar um ifrit, havia outras maneiras de se obter poder sobre essas criaturas. Uma das formas mais comuns de um cidadão se proteger do ifrit era simplesmente recitar um du'a, um profundo ato de adoração.



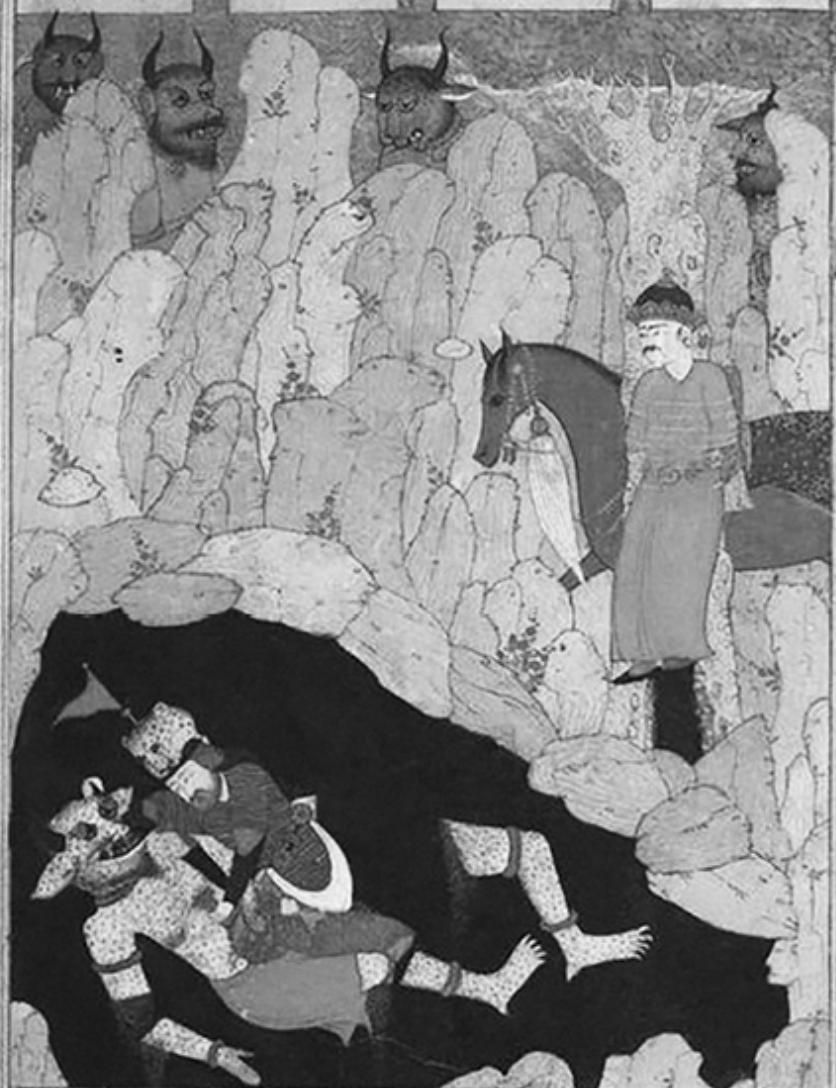
Um ifrit chamado Arghan Div traz o baú de armadura para Hamza. Os olhos flamejantes do ifrit estão ligeiramente cruzados, e a sua pele laranja está manchada por toda parte. Além disso, carrega um baú sobre as águas

em nome de Hamza, o tio do profeta Muhammad, por razões inexplicáveis (ilustração de manuscrito antigo).

اگر زانکه از چنگ این آزاد نباشد  
بس ای خلا، پستم برای زانهای  
نه شیرین محظی شیرین

بریدن پی و بوست میم راه  
بنام جهان آخین گی خداوند  
جانان کردن وی بردن زبان

ند پیشنهادیم باز نهان  
برده بکرد و بکشد آن زیسته  
فرود بخواهشس هم بیه



من خاک سپری کن ششمین داد  
بادلاد دادن کشیده تکید  
نشنای بند تو وارد قدم  
کمکت من هجدهمین داد

جهان بوده بایی خون گشت بود  
سوی شاهزاده نهاده سر  
جنان کرده زیوان کرده نوادگی  
همی باز جهیز نویم ایم

نیزه کی بست آن کیانی گفته  
جنایت شنیع اوریدی بیه  
آمده از گفتگون نیارایی کن  
چیز اتم ام در هم سر هش

کشیده شیرینی و کل منظر دید

Manuscrito árabe.

## Jinns e os gênios da lâmpada

Um jinn, traduzido para o português como “gênio”, é uma criatura sobrenatural na mitologia árabe.

Segundo o Alcorão, eles são feitos de um fogo abrasador sem fumaça, mas isso não impede que eles tenham também sua forma física, podendo interagir de forma tática com pessoas e objetos. Fisicamente, eles apresentam todas as formas e tamanhos: alguns têm cascos, caudas longas e orelhas esvoaçantes; outros têm cabeças sem corpo e corpos sem cabeça.

Um jinn tem o poder de viajar grandes distâncias a uma velocidade incrível, e acredita-se que eles habitem áreas inacessíveis aos humanos, como montanhas, mares, comunidades afastadas ou a própria atmosfera.

De forma semelhante aos humanos, os gênios também serão julgados no Dia do Juízo e serão enviados para o Céu ou Inferno de acordo com suas ações.

Essas criaturas podem ser boas, perversas ou imparcialmente compassivas e agem livremente como os humanos. Como escreveu Amira El-Zein, no livro *Islam, arabs, and the intelligent world of the jinn*: “Como entidades espirituais, os jinns são considerados bidimensionais, com a habilidade de viver e operar tanto no domínio visível quanto no invisível”.

Mas os jinns são muito mais do que demônios ou espíritos: eles são criaturas inteligentes e de vontade própria que vivem perto da natureza e são dotados de poderes mágicos. Alguns são bons, outros são maus e muitos estão em algum lugar entre um e outro, mas todos acabam sendo trapaceiros de alguma forma.

Uma descoberta surpreendente na mitologia dos gênios foi sua semelhança com a sociedade humana: eles teriam reis, cortes, casamentos e rituais de luto.

Os jinns seriam divididos em três classes: aqueles que têm asas e voam no céu, aqueles que se parecem com cobras e cães e aqueles que viajam incessantemente. Acredita-se também que os gênios esporadicamente assumam a aparência humana para enganar e aniquilar as pessoas.

A raça dos jinns está repleta de diferentes tipos de espíritos, cada um com seu próprio lugar no pandemônio, como os ifrits, mārid e qareen, embora a classificação possa variar.

De acordo com a mitologia, os jinns foram criados dois mil anos antes da criação de Adão e tinham uma elevada posição no paraíso, algo similar aos anjos. Contudo, depois que Deus fez Adão, os jinns se recusaram a se curvar perante a nova criatura, sob a liderança do seu orgulhoso líder Iblīs.

Essas criaturas acabaram sendo expulsas do paraíso pela sua má conduta, tornando-se entes perversos e asquerosos. Iblīs, que foi atirado com eles à Terra, tornou-se o equivalente do satanás cristão. Desde então, os gênios só aparecem quando querem incomodar os humanos.

## A origem do gênio da lâmpada

Como os demônios de quatro mil e quinhentos anos evoluíram para os sujeitos amigáveis que aparecem concedendo desejos? Esse processo levou alguns milhares de anos para conquistar as pessoas e foi necessário distorcer o mito para separar o antigo do novo, mas, graças à cultura pop e aos franceses, as criaturas antigas e aterrorizantes do deserto tornaram-se dóceis personagens de desenhos animados.

O francês Antoine Galland foi o primeiro a decodificar a compilação das *Mil e uma noites* para um público europeu, com sua versão para o francês em 1704. Ao ver a palavra jinn no original, ele achou que soava muito como a palavra francesa “génie” e, desde então, essa é a palavra utilizada. Jinn se tornou, então, o gênio da lâmpada. Quando os leitores europeus viram a palavra gênio, não associaram com um demônio antigo, mas com uma criatura simpática que realiza seus desejos, assim, logo depois, já estavam os enfiando em lâmpadas e garrafas. Apesar de as histórias das *Mil e uma noites* já existirem há tempos, a primeira vez que os europeus ouviram falar delas foi com a tradução de Galland, o que permitiu que o tradutor inserisse ou adicionasse algumas peças de autoria própria sem que ninguém notasse.

As histórias mais famosas com o tema do “gênio” moderno são, provavelmente, “Ali Baba e os quarenta ladrões” e “Aladim”, e é nesta última que a ideia do gênio da lâmpada é definida e consolidada.



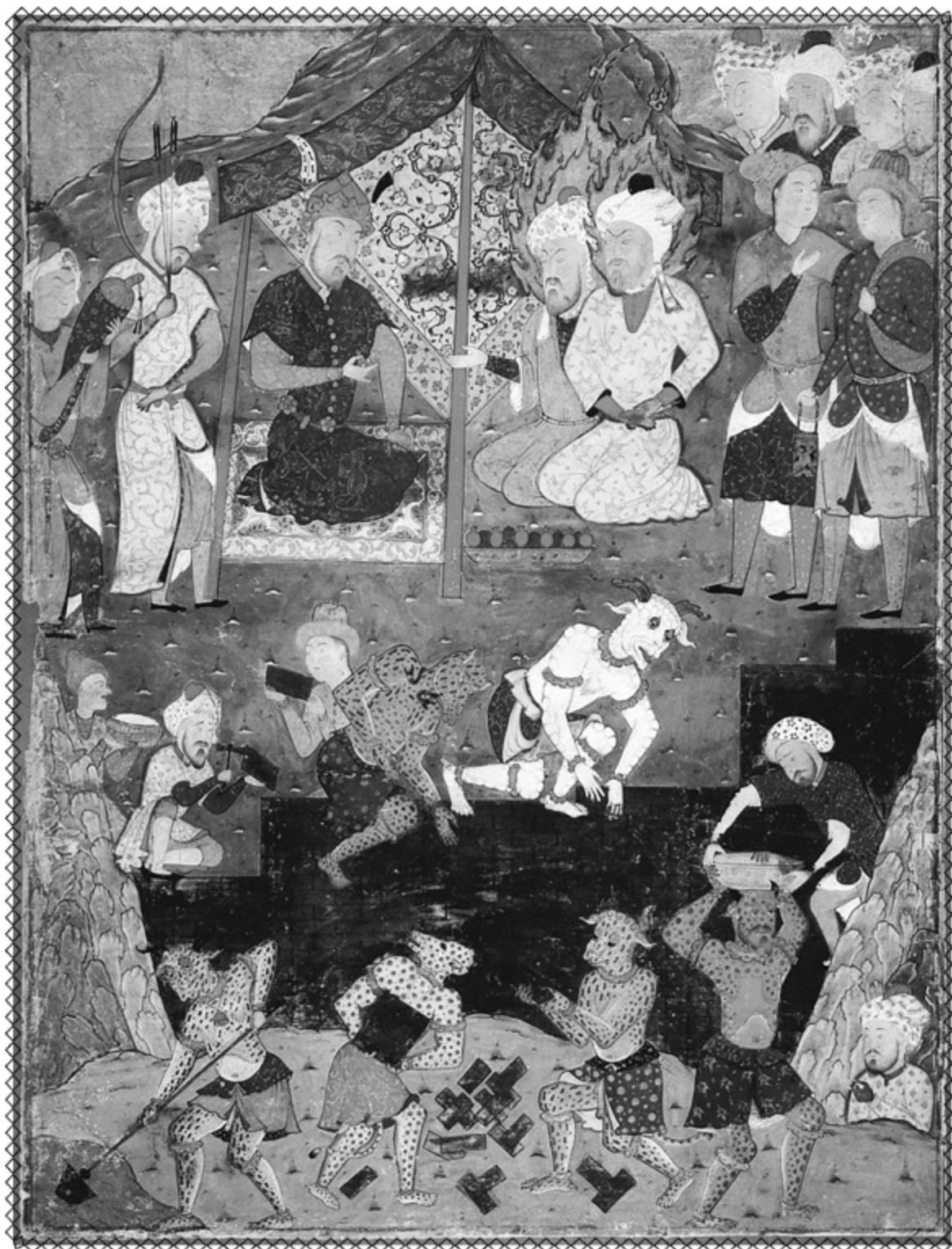
*Arabian Nights Entertainment* por Louis Rhead.

که ذهن رسول صلی الله علیہ و آله و اباہی خانیده ام معاشرت کر رسول صلی الله علیہ و آله و اباہی خانیده بیشنه و نبایینه از مرکا  
 و شیخیم که رسول صلی الله علیہ و آله و اباہی خانیده از خواجہ هنن رسول قبول نکرد و نکش که قبول از مردم و جمیعت ام او بزرگتر  
 کوید که رسول صلی الله علیہ و آله و اباہی خانیده از خواجہ بیشنه و نبایینه اما کاره غصه و نبر و مغمضا ز بهشت و حق تعالی فرمود که قبول اهل را باشند  
 و لرچه با ایام از زمین نمود اشیخ پیر ایهه و لر رسول اذاد عالم نمایشیم اگر عمر مومن بود ای باخت رسول صلی الله علیہ و آله و اباہی در مرغول



امر مؤمن علی علیه السلام و باعابت قول رسول که دی پنجه اش شوار است که زنگ پس زنده با پرعلم باز راه و دیگر سکرده و دیگر ادیجن  
 شد و ایشان را سخن کرد و هم از هم برآمون نان نهادند که درین نجبا که رسول ایشان را کف کرد و ادیجن رو و ایشان را عوت کن کفت که هر چند  
 داش که از اینه لوبنی تعلیم اسلام نمی کرد و این رفاقت نزدیک دیگری شیرین است و باعابت قول رسول نکرهنده چون وفت ایشان

Gravura do século XVI mostrando uma batalha contra os jinns.



Miniatura persa do século XVI mostrando os jinns ajudando na construção de um muro.

## Nasnās

Originários da região do Iêmen, os nasnās são criaturas monstruosas com meio corpo humano: eles têm meia cabeça, meio corpo, um braço e apenas uma perna, com a qual saltam com muita agilidade. Parecem, portanto, um homem que foi cortado ao meio na vertical. Eles são classificados como uma forma inferior de jinn ou djinn (mais conhecidos no mundo ocidental como gênios).

O que diferencia os nasnās dos gênios tradicionais, entretanto, é o fato de eles terem um corpo físico, enquanto os gênios são imateriais e apenas assumem a forma de fantasmas, névoas, sombras ou tempestades de areia provisoriamente. Enquanto os jinns flutuam causando estragos à sua volta, os nasnās estão condenados a simplesmente pular na frente de pessoas que estão passando e atacá-las.

Alguns acreditam que os nasnās se disfarçam de velhos decrepitos para enganar pessoas desavisadas. Eles acenariam pedindo ajuda para cruzar um rio ou lago, mas revelariam sua verdadeira natureza no último minuto, terminando por afogar suas vítimas. Em alguns casos, conta-se que os nasnās espancariam pessoas até a morte com a única mão que têm.

Há rumores, no entanto, de que os habitantes locais que viviam em uma antiga região da Arábia, conhecida como Hadhramaut, desenvolveram uma forma de combater os nasnās comendo-os. Eles literalmente os caçavam e comiam, pois sua carne era supostamente bastante doce.

O que torna os nasnās tão horripilantes é indiscutivelmente sua simplicidade e sua semelhança com os humanos. Na verdade, ele são

basicamente apenas um ser humano normal, que foi dividido ao meio. Usando sua única perna, são capazes de pular com surpreendente agilidade e, muitas vezes, são retratados com uma cauda semelhante à de um cordeiro, o que os ajudaria a manter o equilíbrio enquanto saltam para frente. De acordo com certos relatos, os nasnās que vivem em uma ilha chamada Jábeh (que se acredita ser a moderna Java) no Mar de al-Hind (o Oceano Índico) têm cabeças embutidas no peito, em vez de sobre os ombros. Há também supostamente um tipo de nasnās com asas de morcego que habita a Ilha de Ráij no Mar da Natureza (Mar da China Meridional).

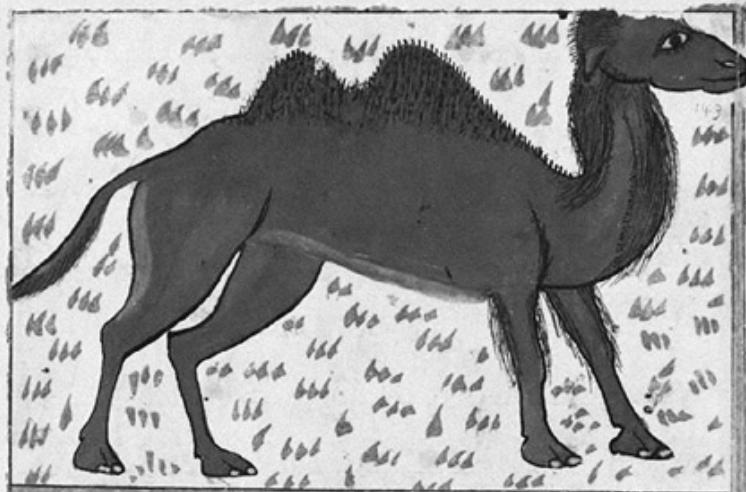
Uma característica particularmente perturbadora dos nasnās é que não conseguem falar, porque não têm metade das cordas vocais. No entanto, são capazes de emitir um ruído estranho, estridente e agudo, que pode ser assustador. Dependendo do volume e do tom dos ruídos, pode-se discernir o estado emocional das criaturas. Existem lendas, no entanto, que sugerem que os nasnās podem, de fato, falar, mas, muitas vezes, optam por não o fazer.

No folclore somali, existe uma criatura conhecida como Xunguruuf ou Hungruf, que se parece muito com os nasnās. Acreditava-se que o Xunguruuf poderia matar um ser humano simplesmente tocando-o e que esse toque de morte faria a carne do corpo da pessoa derreter em segundos.

Em geral, acreditava-se que os nasnās eram descendentes profanos de uma pessoa e uma forma inferior de jinn conhecida como Shiqq, que, por sua vez, era retratada como uma criatura ou ser humano semiformado. Em alguns contos populares árabes, no entanto, conta-se que os nasnās eram originalmente uma tribo de ‘Ād, uma das antigas tribos mencionadas no Alcorão, que foi punida por Deus porque seus integrantes se rebelaram contra o profeta. Deus transformou a todos em nasnās para que pudesse

pular como pássaros e pastar como animais, desumanizando-os por suas transgressões.

Os estudiosos explicam que os nasnás podem ser analisados de duas formas. A primeira é considerá-los criaturas folclóricas, que podem ter sido baseadas em encontros com animais existentes; a segunda é vê-los como uma alusão à degradação moral ou física do homem. Como intermediários entre o animal e o homem, tinham a intenção potencial de simbolizar um dos três atos profanos: a criação em um estado incompleto, a bestialidade e a punição adequada para aqueles que desafiarem a Deus.



رَبَّنْعُ دَهِي وَأَرْدَدَكَ دَسْتَانْ دِيزْلَرْ • نَصِيفَ اِنْفَانْ دِكْلِنْدَهْ بِرَالْ وَبِرَايَا  
 دَنْصَفَ رَأْسَ بِرَايَا بَغِي أَوْزَدَهْ أَوْلَقَدَرْ سَبِيعَ حَرَكَتَ أَيَدَهْ كَكَذِيلَهْ بِرَخَلَونَ  
 جَيْنَ فَرَادَهْ وَأَصْلَ أَولَمَازْ • وَصَرَبَ الْتَّنْ جَهَرَهْ • آيَلَهْ رَيْ وَضَرَبَ أَيَزَدَهْ  
 هَرَبَنَهْ اِمْثَابَتَ أَبَيَتَهْ هَلَكَتَ أَيَدَنْ • اِمَاخَنَتَهْ أَوْلُودَلَرْ • بِرَسَنَهْ مَدُوكَهْ أَوْلُوبَتْ  
 دَلَكَيْخَامِلَهْ أَوْلُودَ • وَبِرَسَنَهْ أَنْتَهْ أَوْلُودَكَذِيدَنَهْ وَلَدَطَوْغَرْ • اِمَانَفَقَهْ لَهِي  
 ٦٦ شَمَكَهْ وَجَرَادَ وَأَفَاعَ حَشَّاتَ أَرَضَدَنَهْ وَهَنَهْ صُورَتَهْ ٦٦



عَوْجَ بَرْعِنْقَهْ دَهَبَ بَرْمِنْهَهْ دَوَيْتَ أَيَدَهْ كَعَوْجَ حَسْنَهْ وَهَجَالَهْ وَنِيَالَهْ وَبِالَّصَّا جِيَا  
 تَأْمِيَهْ أَوْلَقَدَهْ أَيَدِيكَهْ كَهْ وَآيَهْ رَفَعَ أَيَدِيَهْ حَرَادَتَ شَمَسَ طَخَهْ أَيَدِيَهْ كَهْ أَكْلَهْ أَيَدِيَهْ

Um camelo e três nasnās. Manuscrito antigo.

## Qareen

Um qareen é um tipo de criatura semelhante a um gênio, mas que pode ser controlado para cumprir as ordens de um mestre, que está de posse de seu coração. O termo significa literalmente “companhia constante”. Devido à sua natureza fantasmagórica, o qareen é classificado entre as criaturas do tipo jinn, embora não seja, de fato, um.

Existem várias opiniões sobre a natureza exata do qareen. Alguns acreditam que o qareen seja, na verdade, um shaitan, que incita os humanos com sugestões malignas, mas que também pode se tornar bom de acordo com as boas ações dessa pessoa.

Outros acreditam que o termo “qareen” se refere a qualquer tipo de espírito que acompanha os humanos. Dessa forma, o qareen pode se referir a demônios que lançam sugestões malignas, mas também a anjos que aconselham a praticar boas ações.

Além disso, o qareen é descrito como o outro eu: um espírito integral que faz parte da pessoa. Uma discordância entre o qareen interno e o comportamento pode causar os mesmos sintomas da possessão por jinn.

Os qareens são metamorfos e assumirão a forma do desejo mais profundo e sombrio de uma pessoa, seduzindo e depois matando a vítima. Para saber qual é o desejo daquela pessoa, eles leem sua mente, o que fazem com facilidade. Eles conseguem imitar a aparência de alguém perfeitamente, até mesmo suas roupas. O qareen também tem uma força infinita. Além de prender humanos adultos, são capazes de perfurar o peito de uma pessoa e

arrancar seu coração sem esforço. Ele também pode perfurar madeira e até mesmo metal grosso sem nenhum esforço aparente.

A única maneira de matar um qareen é apunhalando seu coração.

## Roc

Quando muitas pessoas pensam em um pássaro mitológico gigante, o primeiro pensamento que vem à mente é geralmente a fênix, uma ave supercolorida e poderosa. Bem, conta-se que um dia existiu um pássaro tão grande e sinistro que sua presença no céu projetaria gigantes sombras na terra abaixo dele e que o bater de suas asas poderia criar rajadas de vento comparáveis a um ciclone.

Na mitologia popular do Oriente Médio, existe uma ave de rapina lendária chamada roc, que foi popularizada nos contos de fadas árabes e no folclore dos marinheiros.

Em geral, ela é descrita como um pássaro de cor branca e catorze metros de comprimento, com penas tão grandes quanto folhas de palmeira. O roc seria tão gigante que seus ovos teriam mais de quarenta e cinco metros de circunferência e, de acordo com a tradição árabe, a criatura pousaria apenas na montanha Qaf, o centro do mundo.

Em fontes antigas, dizia-se que a ave parecia vagamente uma águia, com uma língua longa, fina e bifurcada deslizando para fora entre dentes pontiagudos e afiados. Algumas histórias afirmam que o roc guardava até um tesouro secreto.

Esse pássaro aparece em um total de quatro histórias nas *Mil e uma noites*, duas das quais envolviam Simbad, o Marujo, e as outras duas envolviam Abd al-Rahman. Em uma das histórias de Simbad, o roc, sem saber, carrega Simbad para um lugar seguro após um naufrágio. Simbad ficou então

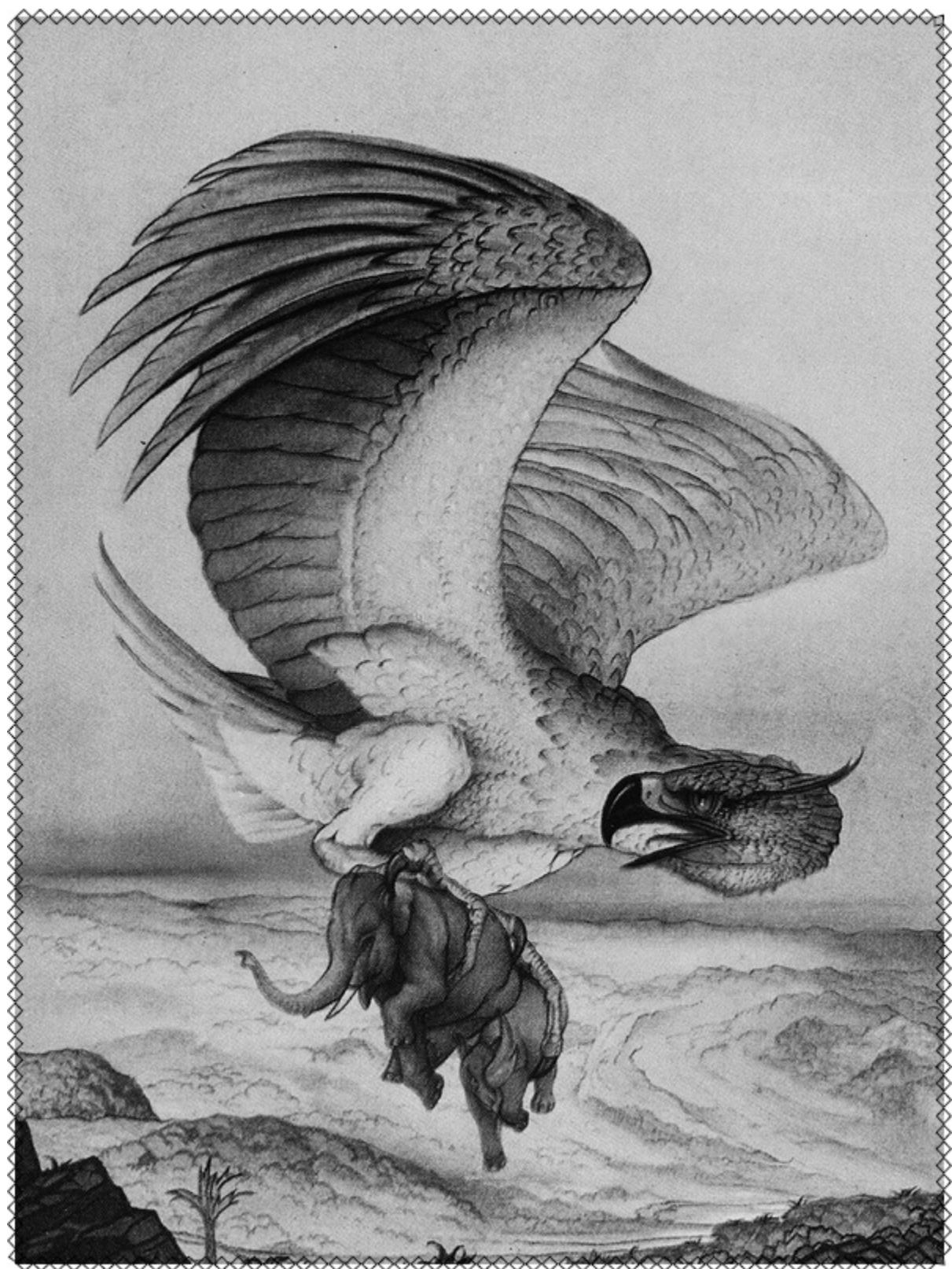
encalhado no ninho do roc no topo de uma montanha, onde encontrou um ovo do tamanho de cento e quarenta e oito ovos de galinha.

Mais tarde, Simbad conseguiu escapar do ninho amarrando-se à perna do animal com o turbante sem que o pássaro percebesse, voando tão alto que perdeu de vista a Terra em certo ponto. Eventualmente, ele conseguiu escapar quando o roc voou para outra ilha.

Como é o caso da maioria das aves de rapina míticas, os pesquisadores modernos acreditam que a lenda do roc pode ter sido iniciada por relatos exagerados de pássaros reais.

Outra teoria, menos aceita, sugere que o roc seja uma alusão a um eclipse solar total. Esta teoria é aparentemente apoiada pelo fato de que o roc é descrito como branco, a cor da coroa solar. Além disso, nas *Mil e uma noites*, é descrito como um pássaro de tamanho enorme, corpo volumoso e asas largas, que, ao voar no ar, ocultava o próprio Sol, possivelmente descrevendo um eclipse solar total.

O famoso explorador Marco Polo afirmou ter realmente visto um roc no século XIII, a caminho da China. Polo relatou que os rocs eram famosos por mergulhar de um voo, agarrar-se a um elefante, voar e, em seguida, soltar o elefante para que ele morresse. O roc então descia e jantava à vontade.



Arte de Edward Julius Detmold.

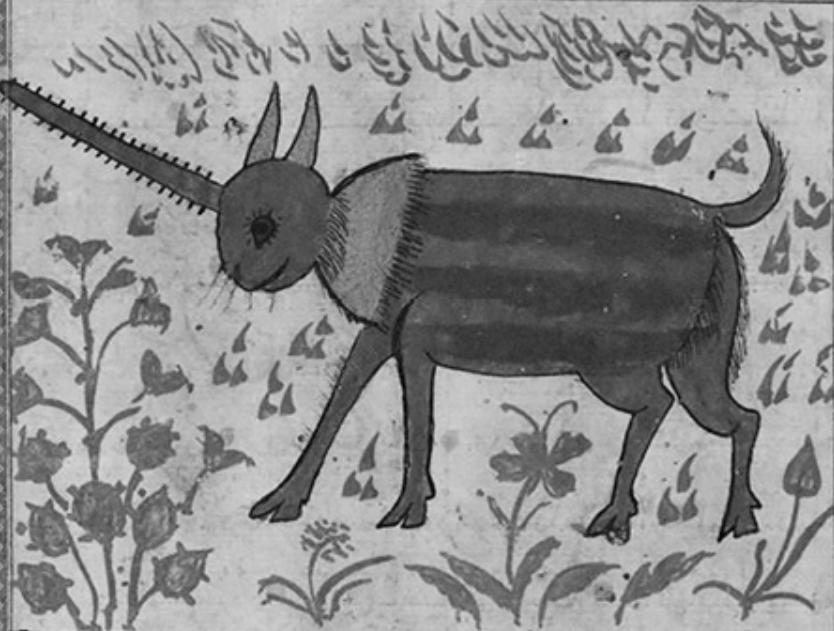
## **Shadhavar**

O shadhavar é um unicórnio encontrado nos escritos de eruditos árabes e persas. O shadhavar se assemelha a uma gazela que tem um único chifre oco com quarenta e dois ramos em sua cabeça. Quando o vento passa pelas frestas desses ramos, ele produz um som agradável, assim, outros animais, percebendo a música, reúnem-se ao redor do shadhavar para apreciar a bela melodia.

Conta-se que os chifres dessas criaturas às vezes eram oferecidos a reis e produziam música na presença do vento. Entretanto, a forma de segurar o chifre determinaria que tipo de som seria produzido: se segurado de uma determinada maneira, a melodia seria alegre e edificante; quando invertido, produziria um canto triste com o potencial de levar os ouvintes às lágrimas.

A descrição desse animal musical pode ser encontrada pela primeira vez nos escritos de Jabir ibn Hayyan, um estudioso árabe do século VIII, que o chama de aras. Segundo ele, o filósofo grego Platão havia capturado um aras, e seu chifre era passado de geração em geração em sua família.

قرق ایکی عُفَدَه دَرْ وَ اپْجِی مُحَوَّدَرْ چَنْ رُوزَکَارَ اسْتَسَه بِرَلَطَفَ صَدَا  
 حَاصِلَ اولُوزْ وَ حَيَوانَاتِ دَبِي اطْرَافَه جَمْعَ اولُورْ اسْتَمَاعَ اینَكِ اپْجُونَه  
 روَایَتَ اولُوزَ کَه قَرْفَه مَامُونَه کَوَدَه يَلَرْ رُوزَکَارَ اسَدِچَه بِرَلَطَفَ نَعَه حَالَه  
 اولُودِیکَه اسْتَمَاعَ ابِدَنَدَ غَائِيَتَ مَسْتَدَذَه اولُودِلَدِیِ چَنْ مَعْكُوسَ قَوْنَلَسَه  
 بِرَصَوتَ حَرَبَنَ حَاصِلَ اولُودِیکَه اسْتَمَاعَ ابِدَنَرْ نَه قَدَرَ طَاشَ قَلْبَلَيِ دَبِي  
 اولُسَه بِاِخْتِيَارِ بَکَا ابِدَرَ لَدِی فَهَذَه صُورَتَه



ضَبَعَ تَوَرِکِیدَه سُوطَلَانِ دِیزَلَرْ كِنْتَيَ ابُو عَامَرَ وَ اسْتَيْ جَعَادَه دَرْ چَبَعَ  
 الْمَفَلَكِرِيَه الْبَنِكِ جَبَيَ الطَّبِيعَ جَوَانَه رَدِيلَه دَرْ سَيَرَه وَ سَهَنَه قَوَدَه  
 بَطَنَه دَرْ سَكَرَه خَادِي قَبُورَبَنِشَ ابِدُونَه اَكْلَه مَوَنَه دَرْ هَمَ ذَكَرِي وَ هَمَ فَرَجَي  
 وَ اَدَه دَرْ بَرَسَنَه مَذَكَه وَ بَرَسَنَه مَوَنَه اولُورْ كَلَبَ اِلَيَه مَابِينَنَه دَيَادَه كِيلَه  
 عَدَآوَتَه وَ اَدَه دَرْ چَنْ كَلَبَ ضَبَعَ كُورَسَه اَصَلَه حَرَكَتَه قَادَه اوَلَه مَازَه كَوَدِه  
 يَرَدَه يَهُوشَ اولُوزَ قَالَه دَرْ تَاَكَلُوبَ ضَبَعَ هَلَكَه ابِدَه دَرْ خَسَتَه اوَلَه كَلَبَ  
 لَهُيَه تَنَاهَلَ ابِهَه صَحَتَ بَلُوزَ ضَبَعَ اِلَيَه قَوَه مَابِينَنَه زَيَادَه بُحَثَه وَهُوهَه

Zakariya ibn Muhammad al-Qazwini – um animal com um chifre chamado aras – Walters W659106A.

## Shaitan – demônios no islã

Na mitologia árabe, o shaitan – também conhecido como sheitan – é uma classe de jinns descrentes. Na crença islâmica, são espíritos malignos que incitam os humanos a pecar por meio de sussurros em seus corações.

O folclore os descreve como criaturas excepcionalmente feias, homens e mulheres que são capazes de assumir a forma humana, embora seus pés sempre tenham cascos. Eles comem excrementos e usam doenças como arma. Além disso, acredita-se que eles se encontram na fronteira entre a luz e as trevas.

A natureza exata dos shaitans, entretanto, é difícil de determinar. Historicamente, entre os árabes pré-islâmicos, eles funcionavam como familiares (um espírito geralmente com forma de animal que oferece ajuda a quem pratica bruxaria), fornecendo inspiração para adivinhos e poetas. Nas histórias de Salomão, os shaitans parecem não ser mais do que jinns/gênios com conhecimentos particulares. No Alcorão, porém, eles assumem o papel do diabo, um empréstimo óbvio da tradição judaica. Embora não sejam necessariamente maus, eles pertencem às hordas comandadas por Iblīs, o diabo, que também é chamado em árabe de ash-Shayṭān. Ele e os shaitans sussurram sugestões malignas nos ouvidos dos homens, mas não têm nenhum poder real sobre eles.

Mencionados oitenta e oito vezes no Alcorão, os shaitans, junto com os anjos, são as entidades sobrenaturais mais mencionadas no livro. Na história de Adão e Eva, um shaitan tenta Adão a comer da árvore proibida, argumentando que Deus apenas proibiu seus frutos. De acordo com o

Alcorão 15: 16–18, os shaitans se levantam contra o céu na tentativa de roubar seus segredos, mas são perseguidos por meteoritos; entretanto, ao contrário dos jinns, eles podem ter sucesso parcial e obter algumas informações. O Alcorão 2:102 menciona os shaitans como professores de feitiçaria e 62–68 descreve os frutos de Zaqqum, a árvore do inferno, como cabeças de shaitan.



Representação de um demônio na mitologia islâmica, século XIV/XV.

## Sila

O sila é um espírito traiçoeiro no folclore árabe. Esses espíritos são classificados por alguns como uma das classes mais maliciosas de jinns. Acredita-se que sejam talentosos e que consigam mudar de forma com facilidade, transformando-se frequentemente em homens e mulheres. Apesar de suas impressionantes habilidades de transformação, eles podem ser descobertos por seus traços híbridos de animais.

Diz-se que os silas vivem nas partes desoladas do deserto, onde conduzem viajantes e nômades para o caminho errado, levando-os à morte. Eles também seduzem e se casam com homens ou até mesmo são capazes de dar à luz um filho de um relacionamento entre humanos e jinns.

## Zarqa ‘al-Yamama

Conta-se que Zarqa ‘al-Yamama era uma mulher de olhos azuis com intuição excepcional, visão aguçada e capacidade de prever eventos antes que eles acontecessem. Ela fazia parte de uma tribo que confiava em seus poderes para detectar inimigos e defender suas terras, pois acreditava-se que ela tinha a capacidade de ver cavaleiros uma semana antes que eles se aproximassesem. Diz a lenda que, em uma tentativa de fugir da visão de Yamama, os rivais de sua tribo se esconderam atrás de árvores que carregavam em direção à aldeia. Yamama percebeu o que eles estavam tentando fazer e tentou alertar o seu povo de que a floresta estava se mexendo, mas ninguém a levou a sério. Achando que ela havia enlouquecido, todos logo desconsideraram o assunto.

Infelizmente, as tropas inimigas finalmente alcançaram sua tribo, mataram todos os homens do acampamento e então arrancaram os olhos de Zarqa e a crucificaram.

Conta-se que estranhas fibras pretas estavam presentes nos globos oculares de Zarqa ‘al-Yamama, o que era devido ao seu uso sempre de pó de antimônio como colírio. Por essa razão, em livros subsequentes de awā’il – um gênero literário de muito sucesso na época islâmica que relatava os nomes da primeira pessoa que havia feito algo relevante ou curioso –, Zarqa ‘al-Yamama seria lembrada como a primeira mulher a usar kajal para os olhos.

Alguns historiadores árabes acreditam que o distrito de Al-Yamama, uma antiga região histórica da Arábia Saudita, recebeu o nome em homenagem a essa misteriosa senhora.

## Zoureg

O zoureg é uma cobra com meio metro de comprimento que vive no deserto da Arábia. Quando se move, atravessa tudo em seu caminho como uma faca quente cortando manteiga. Nem mesmo rochas, árvores, paredes e corpos humanos podem detê-la: qualquer pessoa que passe pelo zoureg morre instantaneamente.

Ele só pode ser morto se alguém o decapitar enquanto dorme.



Shahriyar revelando Shahrazad – 1001 Noites 1839, Gravado por Thompson.



O gênio sai da jarra. Desenho, 1898, de Henry J. Ford para a ‘História do Pescador’ de ‘Arabian Nights’.



Ilustração de uma edição de 1929, por Maxfield Parrish.

## *Referências*

- AL-RAWI, Ahmed K. *The Arabic Ghoul and its Western Transformation*. Folklore, 120:3, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254289317\\_The\\_Arabic\\_Ghoul\\_and\\_its\\_Western\\_Transformation](https://www.researchgate.net/publication/254289317_The_Arabic_Ghoul_and_its_Western_Transformation). Acesso em fevereiro de 2021.
- AL-RAWI, Ahmed. *A Linguistic and Literary Examination of the Rukh Bird in Arab Culture*. Al-'Arabiyya 50. 2017. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/26451398](http://www.jstor.org/stable/26451398)>. Acesso em fevereiro de 2021.
- AL-QAZWINI, ZAKARIYA. The Wonder's of Creation – Manuscrito. Escriba: Muhammad ibn Muhammad Shakir Ruzmah-'i Nathani. Disponível em: <<https://art.thewalters.org/detail/84067/dragon-of-tannin-island-and-horned-rabit/>>. Acesso em fevereiro de 2021.
- AL-QAZWINI, ZAKARIYA. (1868). Die Wunder der Schöpfung. Edição: von Hermann, Ethé. Digitale Bibliothek des Sondersammelgebietes Vorderer Orient. Leipzig (em alemão). Disponível em: <http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/417293>. Acesso em fevereiro de 2021.
- EL-ZEIN, Almira. *Correspondences Between Jinn and Humans*. Em: Islam, Arabs, and the Intelligent world of the Jinn. Syracuse University Press, 2009. <https://muse.jhu.edu/book/12956>: 14.
- JERIES Khoury. *Zarqa' al-Yamama in the Modern Arabic Poetry, A Comparative Reading*. September 2008. Journal of Semitic Studies 53(2).
- LANE, Edward William. Lane-Poole, Stanley (ed.). *Arabian society in the Middle ages: studies from the Thousand and one nights*. London: Chatto & Windus, 1883. Disponível em: <<https://archive.org/details/arabiansocietyin00laneuoft/page/106/mode/2up?view=theater>>. Acesso em fevereiro de 2021.
- RUSTOMJI, Nerina. The Garden and the Fire: Heaven and Hell in Islamic Culture. Columbia University Press, 2013.
- RASSOOL, Hussein G. *Existence and types of Jinn: Evidence from the Qur'an, Sunnah and scholars*. Em: Evil Eye, Jinn Possession, and Mental Health Issues: An Islamic Perspective.

Londres: Routledge, 2018. Disponível em: <Https://doi-org.ezproxy.library.ubc.ca/10.4324/9781315623764>: 121. Acesso em fevereiro de 2021.

## Atlântida das Areias

GLASSÉ, Cyril; Huston Smith. “‘Ad”. *The New Encyclopedia of Islam (Edição revisada)*. AltaMira Press, 2003.

ISLAMICITY. *The People of ‘Ad and Ubar, the Atlantis of the Sands*. Disponível em: <<http://www.islamicity.com/Science/quranandscience/destruction/GeneratedFilesNoFrame/ThePeopleof145AdandUbartheAtlantisoftheSands.htm>>. Acesso em fevereiro de 2021.

NABATAEA. “The Incense Road: Ubar”. Disponível em <[https://nabataea.net/explore/cities\\_and\\_sites/ubar](https://nabataea.net/explore/cities_and_sites/ubar)>. Acesso em fevereiro de 2021.

NEUENKIRCHEN, Paul. Biblical Elements in Koran 89, 6-8 and Its Exegeses: A New Interpretation of “Iram of the Pillars”. 2013, *Arabica* 60/6, pp. 651-700.

SASSON, Jack M. *Civilizations of the Ancient Near East*. Londres: Hendrickson Publishers, 1994.

TRIPZIBIT. 2011. Lost City of Iram. Disponível em: <<http://unmyst3.blogspot.co.uk/2011/06/lost-city-of-iram.html>>. Acesso em fevereiro de 2021.

## Ghouls

AL-RAWI, Ahmed K. “The Arabic Ghoul and its Western Transformation”. *Folklore* 120 (dezembro 2009). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254289317\\_The\\_Arabic\\_Ghoul\\_and\\_its\\_Western\\_Transformation/link/0f31753c4227706c9d000000/download](https://www.researchgate.net/publication/254289317_The_Arabic_Ghoul_and_its_Western_Transformation/link/0f31753c4227706c9d000000/download). Acesso em fevereiro de 2021.

AL-RAWI, Ahmed K. The Mythical Ghoul in Arabic Culture. 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277816715\\_The\\_Mythical\\_Ghoul\\_in\\_Arabic\\_Culture](https://www.researchgate.net/publication/277816715_The_Mythical_Ghoul_in_Arabic_Culture). Acesso em fevereiro de 2021.

REYNOLDS, Dwight. *The Cambridge Companion to Modern Arab Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

## Jinns

LEBLING, Robert. *Legends of the Fire Spirits: Jinn and Genies from Arabia to Zanzibar*. I.B.Tauris.

LUECKE, LARISSA. *Monsters, Myths and Magic: Jinns in the Islamic World*. University of British Columbia, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/42825007/Monsters\\_Myths\\_and\\_Magic\\_Jinns\\_in\\_the\\_Islamic\\_World](https://www.academia.edu/42825007/Monsters_Myths_and_Magic_Jinns_in_the_Islamic_World). Acesso em fevereiro de 2021.

Informações sobre nossas publicações e últimos lançamentos



[instagram.com/pandorgaeditora](https://www.instagram.com/pandorgaeditora)



[facebook.com/pandorgaeditora](https://www.facebook.com/pandorgaeditora)



[editorapandorga.com.br](http://editorapandorga.com.br)